

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIENCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
DEPARTAMENTO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

MARIA MARTHA LUÍZA CINTRA RABELO

**CULTURA E POLÍTICA
EM CUBA SOB O PRISMA DA REVISTA
*“ENCUENTRO DE LA CULTURA CUBANA”***

Goiânia
2006

MARIA MARTHA LUÍZA CINTRA RABELO

**CULTURA E POLÍTICA
EM CUBA SOB O PRISMA DA REVISTA
“*ENCUENTRO DE LA CULTURA CUBANA*”**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em História do Departamento de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal de Goiás para obtenção do título de Mestre em História.

Linha de Pesquisa: Identidades, Fronteiras e Culturas de Migração

Área de concentração: Culturas, Fronteiras e Identidades

Orientadora: Prof^a. Dra. Isabel Ibarra Cabrera

Goiânia
2006
MARIA MARTHA LUÍZA CINTRA RABELO

**CULTURA E POLÍTICA
EM CUBA SOB O PRISMA DA REVISTA
“ENCUENTRO DE LA CULTURA CUBANA”**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em História do Departamento de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal de Goiás para obtenção do título de Mestre em História, aprovada em _____ de _____ de _____, pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes Professores:

Professora Dra. Isabel Ibarra Cabrera - UFG
Presidente da Banca

Professora Dra. Brígida Manuela Pastor Pastor - UFG

Professora Dra. Maria Therezinha Ferraz Negrão de Mello - UnB

A minha mãe, Linda Jorge Cintra, in
memorian, pelo carinho, exemplo de
esforço, dedicação e valor prestados a
toda iniciativa de buscar conhecimento.

Ao meu irmão, Tarcísio Cintra Jorge, in
memorian, que sempre incentivou meus
estudos.

AGRADECIMENTOS

À professora e orientadora desta dissertação, Isabel Ibarra Cabrera, pela confiança e estímulo.

Em especial, agradeço ao companheiro Afonso Rabelo Júnior por sua presença carinhosa, não deixando faltar seu apoio incansável, persistente e decisivo à realização da pesquisa.

As minhas filhas, Mariana e Amanda, pelo incentivo e entusiasmo compartilhados.

A toda minha família que compreendeu inúmeras vezes minha ausência por saber da importância da realização deste projeto.

À Gina Louise pela amiga de sempre e com quem pude trocar idéias acerca do conteúdo do trabalho.

Aos amigos e amigas que acreditaram na concretização desta pesquisa.

Ao CECAB – UFG (Centro de Estudos do Caribe da Universidade Federal de Goiás) pelo suporte material na consulta da revista, em especial, à professora Olga Cabrera em incentivar a seguir adiante. Ao professor e amigo Danilo Rabelo pela motivação e oportunidade de compartilhar sugestões acerca desta dissertação.

“¿Cómo puede seguir uno viviendo
Con dos lenguas, dos casas, dos nostalgias
Dos tentaciones, dos melancolías?”

Heberto Padilla

“Y yo te respondo, Heberto, talmúdicamente:
¿Cómo no seguir viviendo con dos
Lenguas, casas, nostalgias, tentaciones, melancolías?
Porque no puedo apuntarme una lengua,
Ni tumbar una casa
Ni enterrar una melancolía.”

Gustavo Pérez Firmat

RESUMO

O objetivo deste trabalho é retratar o estudo sobre a representação do pensamento cubano atual acerca da coexistência entre cultura e política, no contexto das relações entre Cuba e exílio, sob o enfoque discursivo da revista *Encuentro de la Cultura Cubana*, e de que maneira sua narrativa influi na história presente. Compreender o distanciamento do conteúdo desta representação diante dos discursos comumente conhecidos como o oficial revolucionário dentro de Cuba e os setores mais conservadores da direita de Miami, historicamente situados em pólos extremos de conflito.

O trabalho pretende ainda situar a publicação da revista *Encuentro de la Cultura Cubana* no contexto pós-revolucionário, especialmente após a derrocada dos regimes políticos no Leste Europeu na década de 1990, quando o exílio se diferencia em sua interpretação na narrativa de seus colaboradores, cujo objetivo é apontar a cultura cubana como categoria relevante de um contexto histórico de transformação política e de superação do muro divisor entre os de “dentro” e os de “fora”.

ABSTRACT

The objective of the present work is to portrait the study on the representation of the contemporary Cuban thought on the coexistence between culture and politics, under the relation between Cuba and exile. This study is carried out under the perspective of the discursive vision of the journal *Encuentro de la Cultura Cubana* and how its narrative has influenced in the contemporary history. Another objective is to understand the gap between such representation and the so called revolutionary official discourse inside Cuba, and among the right wing conservative sectors of Miami, both of which in different extreme poles.

Also we aim at understand the positioning the publication of this journal in the post-revolutionary context, in particular after the crash of the east-european regime, when exile had acquired a new meaning in the narrative of its collaborators, whose objectives is to highlight Cuban culture as a relevant category within a historical context of political transformation and the overthrown of a divisor wall between "insiders" and "outsiders".

LISTA DE TABELAS

Número	Descrição	Página
1	Lista dos fundadores e fundadoras da revista <i>Encuentro de la Cultura Cubana</i> com indicação de suas idades, país de origem e residência.	38
2	Distribuição das quantidades e percentuais do total de colaboradores do sexo masculino e feminino.	50
2.1	Derivação da Tabela 2 com a distribuição das quantidades e percentuais de colaboradores do sexo masculino e feminino, cubanos e não-cubanos.	50
2.2	Derivação da Tabela 2 com a distribuição das quantidades e percentuais de colaboradores apenas cubanos do sexo masculino e feminino, exilados e não-exilados.	52
3	Distribuição das quantidades e percentuais dos países de origem dos colaboradores.	54
4	Distribuição das quantidades e percentuais dos países de residência dos colaboradores exilados.	56
5	Distribuição das quantidades e percentuais dos países de residência de todos os colaboradores.	57
6	Distribuição das quantidades e percentuais das profissões declaradas dos colaboradores.	59
7	Distribuição das quantidades e percentuais dos temas dos artigos da revista	61
8	Distribuição das quantidades e percentuais dos tipos de artigos da revista	65

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS.....	9
1. INTRODUÇÃO	11
2. CONTEXTUALIZAÇÃO E PERFIL DA REVISTA <i>ENCUENTRO DE LA CULTURA CUBANA</i>	19
2.1. REFERÊNCIA TEÓRICA	19
2.2. CONTEXTO HISTÓRICO DA CRIAÇÃO DA REVISTA <i>ENCUENTRO DE LA CULTURA CUBANA</i>	25
2.3. A FUNDAÇÃO DA REVISTA <i>ENCUENTRO DE LA CULTURA CUBANA</i>	36
2.4. JESÚS DÍAZ E SUA ÉPOCA	42
2.5. O PERFIL DA <i>ENCUENTRO DE LA CULTURA CUBANA</i>	49
3. AS REPRESENTAÇÕES DA RELAÇÃO CUBA E EXÍLIO NA NARRATIVA DA REVISTA <i>ENCUENTRO DE LA CULTURA CUBANA</i>	67
3.1. INSERÇÃO DOS INTELECTUAIS NA CULTURA E NA POLÍTICA EM CUBA.....	67
3.2. EXÍLIO – A IDENTIDADE DO OUTRO	92
3.3. A TEMÁTICA DA TRANSIÇÃO CUBANA NA REVISTA <i>ENCUENTRO DE LA CULTURA CUBANA</i>	111
4. CARTAS A <i>ENCUENTRO</i>: UMA DIMENSÃO TEÓRICO-HISTÓRICA	123
4.1. O LEITOR COMO SUJEITO NA RELAÇÃO OBRA E PÚBLICO	123
4.2. TEMÁTICA DAS CARTAS	130
4.2.1. COMO A REVISTA <i>ENCUENTRO DE LA CULTURA CUBANA</i> É ADQUIRIDA PELOS CUBANOS	131
4.2.2. CARTAS QUE POLEMIZAM COM OS ARTIGOS DA REVISTA <i>ENCUENTRO DE LA CULTURA CUBANA</i>	137
4.2.3. A REVISTA <i>ENCUENTRO DE LA CULTURA CUBANA</i> COMO FONTE DE ESTUDO NAS UNIVERSIDADES EM DIVERSOS PAÍSES.....	143
4.2.4. A EXPECTATIVA DOS LEITORES DA REVISTA <i>ENCUENTRO DE LA CULTURA CUBANA</i>	148
4.2.4.1. A TEMÁTICA DA IDENTIDADE NAS CARTAS À REVISTA <i>ENCUENTRO DE LA CULTURA CUBANA</i>	150
4.2.4.2. A TEMÁTICA DA RECONCILIAÇÃO NAS CARTAS À REVISTA <i>ENCUENTRO DE LA CULTURA CUBANA</i>	158
5. CONCLUSÃO	166
6. REFERÊNCIAS	171

1. INTRODUÇÃO

Retratar a história de Cuba nos dias atuais se apresenta como uma tarefa complexa, pois suscita, inevitavelmente, posicionamentos que esbarram em posturas ideológicas e políticas, bastante heterogêneas. Este cenário abrange os defensores da revolução, que apóiam a manutenção de Fidel Castro à frente do poder, passando por setores que questionam problemas de estrutura política sem propor, no entanto, a ruptura formal com o regime, até os articuladores da direita de Miami nos EUA, que pretendem claramente recuperar o poder dentro da Ilha, numa postura anexionista à política norte-americana.

Nas representações pontuadas pelos antagonismos – “direita” e “esquerda”, “imperialismo norte-americano” e “socialismo cubano” – as disputas se acirram, configurando uma relação tensa porque estas forças contrárias não se posicionam em campos estanques que as manteriam separadas sem nenhuma possibilidade de contato e atrito. É uma disputa em que os ataques incidem uns sobre os outros e, muitas vezes, se alimentam dos discursos de um grupo e de outro para justificarem suas políticas. Neste aspecto, as posições mais extremadas se evidenciam no campo de batalha, moldam-se pela necessidade de ataques e contra-ataques que dão sentido à defesa obstinada de sua existência para justificar sua perpetuação e, em última instância, atingem a sociedade a cubana.

Mas, diante de uma configuração mundial em que movimentos sociais crescem em manifestações de caráter pacífico – as grandes migrações no mundo globalizado, passeatas pela paz mundial contra a guerra imposta pelos Estados Unidos ao Iraque, paralisações e greves de cunho econômico e político, movimentos de afirmação da cultura negra, dos povos indígenas, a luta das mulheres, homossexuais e minorias étnico-religiosas – sem que contingentes se exponham frontalmente em uma guerra civil aberta e declarada, caracterizam formas alternativas de crítica e de resistência ao domínio de um determinado poder político.

Isto significa dizer que a encenação histórica de conflitos armados, como veículo de transformação social, nem sempre alcançou uma efetiva mudança ulterior capaz de se tornar referência para o desencadeamento de novas e sucessivas transformações nesta perspectiva. Não cabe aqui traçar algum juízo quanto à compreensão desses fenômenos de ação social de massas não-violento, ou apontar qual é o seu efeito teleológico, mas trata-se de dar visibilidade quanto ao seu significado real e simbólico de afirmação política, sócio-

cultural, sua repercussão na transformação cotidiana e de como tais movimentos têm se tornado relevantes em diversos contextos.

A sociedade cubana atual vive o contexto da polarização entre ser favorável ou contrário ao advento da Revolução de 1959, forjado pelos sucessivos discursos pós-revolucionários. A Revolução Cubana de 1959 representou a transição do capitalismo ao socialismo e com ela trouxe as diversidades quanto ao seu rumo. Primeiro, a definição pelo socialismo durante seu primeiro triênio, com as desapropriações dos latifúndios, nacionalizações de empresas de capital nacional e norte-americano, atingindo a classe média alta, a elite cubana e os interesses dos Estados Unidos na Ilha, que praticavam, em represália, atos de sabotagem contra o governo revolucionário. Criou-se uma oposição revolucionária interna e externa que se agrupou na formação do primeiro exílio cubano à Miami, no início dos anos de 1960, simbolizado pela reação mais conservadora e anticastrista (conhecida como comunidade da direita de Miami). O segundo rumo foi diante do enfrentamento às reações internas e ao imperialismo ianque optou-se pelo vínculo definitivo ao bloco soviético e ao leste europeu, o que significou a consolidação do socialismo como ideologia a ser instituída pelo poder revolucionário e o comunismo como meta política, social e cultural a ser alcançada em toda Ilha. Dessa forma, as representações revolucionárias e anti-revolucionárias se encontram nos primórdios da Revolução e foram se multiplicando durante quase meio século de experiência socialista, mas com grandes dificuldades em suplantarem os ultrapassados maniqueísmos e confrontos da Guerra Fria.

Como desdobramento dessa polarização, o fenômeno do exílio adquiriu uma dimensão histórica significativa sinalizando posições que emergem do intervalo entre os pólos dicotômicos assinalados. A motivação por esta pesquisa reside, precisamente, em buscar saber qual é este intervalo discursivo que não esteja delimitado pelas fronteiras ideológicas que sobrevivem nos resquícios históricos da Guerra Fria, mas traduz uma outra história vivida pelos cubanos, de meados da década de 1990 até hoje, residentes “dentro” e “fora”¹ da Ilha.

¹ Os termos “dentro” e “fora” são muito frequentes nos artigos da *Encuentro*, e retratados de forma crítica à imagem estereotipada acerca dos que estão “dentro” como os representantes fiéis à Revolução, e os que estão “fora” como os contra-revolucionários. Esta linha divisória é um desdobramento das palavras de Fidel Castro aos intelectuais em 1961, quando afirmou: “Dentro da Revolução, tudo; contra a Revolução, nada.”

Estes conceitos serão aprofundados no terceiro capítulo desta dissertação, com a presença dos editoriais e artigos que se referem de forma crítica ao binarismo institucionalizado em Cuba. Serão acrescentadas as abordagens teóricas de Reinhart Koselleck sobre as diferentes formas históricas de negação e unilateralidade de uma cultura em relação à outra, retomando a oposição entre “gregos e helenos, cristãos e pagãos, homem e não-homem, super-homem e infra-homem” para analisar a existência destas assimetrias em diversos contextos históricos. A abordagem destes conceitos se encontra em sua obra *Futuro e Pasado*, cap.X, p.205.

Em Édouard Glissant, *Poetics of Relations*, encontra-se a análise sobre o dualismo entre cidadão e estrangeiro onde afirma: “The duality of self-perception (one is citizen or foreigner) has repercussions on one’s

Ou seja, que outros discursos têm sido produzidos fora do âmbito moral das políticas em disputa, e que reflita os paradigmas de um mundo em que os movimentos migratórios refazem a identidade instituída entre “centro” e “periferia”, “nacionalismo” e “imperialismo”, “política” e “cultura”, “ser” ou “não ser” revolucionário, e demais representações que a priori classificam uns e desclassificam outros.

É neste sentido que este trabalho se direciona, para o estudo que venho realizando sobre a revista *Encuentro de la Cultura Cubana*, editada na Espanha pela Asociación Encuentro de la Cultura Cubana desde 1996 até nossos dias, para a qual colaboram intelectuais cubanos exilados e os que residem em Cuba, como também escritores estrangeiros, numa reflexão discursiva sobre as contradições e tensões que a sociedade cubana tem vivido em seu aspecto histórico, cultural e político.

Como a publicação contém inúmeras especificidades de artigos e temáticas, o recorte do *corpus* documental foi definido primeiro quanto aos volumes selecionados devido à sua contínua edição, o que geraria uma infinidade de leituras de difícil especificação e finalização do trabalho. Os volumes então escolhidos se encontram entre o 1 e o 25, por estes corresponderem ao período em que seu fundador, Jesús Díaz, esteve à frente da direção da revista, intervalo compreendido entre os anos de 1996, momento de sua fundação, até 2002, ano de seu falecimento. A seleção do período definida pela presença de Jesús Díaz na revista se fez pelo seu destaque no processo histórico e cultural em Cuba, como intelectual participante da Revolução de 1959 e posteriormente como exilado. Ele teve uma atuação decisiva no exílio em viabilizar o projeto de aglutinação dos cubanos no debate sobre sua cultura e desdobramentos políticos; bem como encaminhou uma nova reflexão sobre a relação entre Cuba e o exílio, fundamentada na supressão dos confrontos entre os extremos e mais direcionada ao diálogo entre todas as forças oriundas da cultura e das tendências políticas. Seu projeto teve como resultado a publicação da revista *Encuentro de la Cultura Cubana*.

Ainda assim, nem todos os volumes foram abarcados em sua totalidade. Outros recortes se tornaram necessários ao longo da leitura dos artigos em função da variedade de temas abordados, sendo, então, feita uma seleção destes que contemplaria a análise mais específica proposta neste trabalho – a temática cultural e política narrada pela *Encuentro de la*

idea of the Other (...) Thought of the Other cannot escape its own dualism until the time when differences become acknowledged.” p.17

Outro estudo importante sobre outridade é *El bárbaro imaginario* de Laënnec Hurbon em que analisa o paradigma da oposição entre bárbaro e civilizado: “La civilización se presenta así como la única realidad, la única verdad, en la ilusión de un autoengendramiento que se apoya en la exterminación potencial o efectiva de toda otredad.” p.206

Cultura Cubana. A reflexão que seus colaboradores fazem sobre cultura e poder, as conexões que estas estabelecem com a identidade fragmentada da sociedade pela ideologia revolucionária no atual contexto histórico da relação entre Cuba e o exílio. A concepção da heterogeneidade cultural cubana que seus colaboradores apresentam tanto pelo que se manifesta dentro de Cuba, quanto no convívio com outras culturas no estrangeiro, fundamenta uma outra cultura política de que o espaço do poder não é exclusividade de uma única tendência política, mas é o espaço das diferenças. A compreensão desta diversidade cultural se transpõe para uma linguagem política das diferenças. Por isto uma nova relação entre Cuba e o exílio é esboçada, pois considera que as diferenças sejam dialogadas num nível que desmantele a intolerância dos extremos.

Esta pesquisa extraiu dos artigos o essencial da proposição da revista, situar-se numa posição diferente na relação entre Cuba e o exílio, e sua correspondência à hipótese a ser analisada sobre a relação entre cultura e política sob o prisma da *Encuentro de la Cultura Cubana*. De que ponto de vista suas redes discursivas discorrem sobre a importância da cultura cubana em sua identidade na relação entre nação e exílio, e de que maneira esta compreensão atinge o processo de transição política. A hipótese se orienta pela idéia da relação que configura o contexto do exílio da década de 1990, pautado pelo desgaste da radicalização dos extremos das décadas anteriores e enuncia, por isto, os paradigmas do diálogo, negociação, reconciliação como outra relação com enfoque na cultura e suas diferenças.

A hipótese consiste precisamente situar a publicação como o discurso relacional alternativo aos discursos dicotômicos, sendo a cultura assinalada como fio condutor de uma relação que não se apresenta como a dialética da tese e antítese – direita e esquerda. Antítese comumente disputada entre partidos políticos que tomam a frente do cenário político em situações eleitorais ou revolucionárias, cujo objetivo final é a tomada do poder, em geral, por uma única representação política. Mas o que se enuncia é a relação entre os elementos significativos de uma cultura que deve se sobrepor às tentativas de totalização política e sobrevive às vicissitudes das disputas ideológicas. O espaço de autonomia do cotidiano social é demarcado pela presença de diferentes modalidades da cultura, desde a popular à intelectualmente produzida, que resiste às tentativas políticas de impedirem a fluência de suas interconexões. A idéia de relação permeia o conjunto do trabalho associada ao significado do próprio nome dado à revista – *Encuentro de la Cultura Cubana* – e o que se pretende com esta semântica. Pois ao enunciar uma nova relação entre Cuba e o exílio, em que a

heterogeneidade cultural e política sejam suas referências, a revista se coloca como um espaço de negociação e sugere um “entre-lugar”² diante da dicotomia.

A *Encuentro de la Cultura Cubana* assinala outra interpretação para a história de Cuba, sobre esse momento peculiar de sua sociedade, ao apresentar a escrita enunciativa do paradigma da relação³ que não corresponde às concepções modernas do Iluminismo – a imagem do homem racional, científico e universal – e do marxismo – homem social e consciente para gerar a igualdade. Tais concepções trazem a idéia de unidade, universalismo e de um determinismo histórico, resultando num comportamento que oculta as diferenças. Os termos de relevância e maioria social fundamentam visões de povo e de estado como totalidades sociais fechadas em torno de uma cultura política monolítica.⁴ O paradigma da relação é apreendido da interpretação e do real da diversidade presente em seus ensaios políticos, análises históricas, poesia, cinema, teatro, que referenciam outra visibilidade histórica de seu atual contexto. Sua narrativa se situa sobre a realidade empírica e conceitual, acenando outra possibilidade de compreensão textual e de interpretação histórica. Entre diversos objetivos a serem alcançados em uma pesquisa histórica, um deles consiste em perseguir o ponto em que uma nova compreensão de mundo é sugerida em suas fontes e em suas análises, de que modo seu discurso é diferenciador e provoca novas reflexões.

Neste sentido, o objeto da pesquisa teve como metodologia o estudo da interpretação histórica exposta por estes intelectuais que contribuem com seus artigos para a revista, constituindo-se na própria fonte documental desta tentativa em compreender a referência criada acerca do que pensam e o que querem os cubanos que se encontram na Ilha e no exílio. Os estudos dos artigos da revista terão como referência teórica as idéias sobre relação, representação, análise de discurso que contribuiram para a compreensão do objeto. Além disso, eles serão esboçados ao longo dos capítulos delineando a visão de mundo narrada pela *Encuentro de la Cultura Cubana*.

A estrutura deste trabalho está dividida em três partes. Sendo que a primeira se encontra no segundo capítulo, o qual introduz a referência teórica que norteará a pesquisa, e acompanhará o trabalho; bem como apresenta a sociedade cubana a partir da segunda metade da década de 1990, momento de fragilização do Estado, dos conflitos entre a Revolução e o exílio; o surgimento da revista *Encuentro de la Cultura Cubana* com um discurso que se propõe diferenciador do exílio, fundamentalmente do tradicional da direita de Miami. As

² BHABHA, Homi K. O local da Cultura. Ed. UFMG. Belo Horizonte. 2001

³ GLISSANT, Edouard. Poetics of Relation. Michigan. The University Michigan Press. 1997

⁴ HENRY, Paget. Caliban's Reason. Introducing Afro-Caribbean Philosophy. Routledge. New York. 2000

especificidades da fundação da revista serão relatadas para que se tenha conhecimento das motivações de sua publicação. Importante também retratar a história de vida de Jesús Díaz como intelectual fundador da revista *Encuentro de la Cultura Cubana* que se destacou na construção de um outro imaginário para o exílio cubano, no sentido proferido por Bronislaw Baczo⁵ sobre imaginário social no enfrentamento de uma ordem dominante, mediante um discurso contestador. Por fim, um banco de dados foi desenvolvido para visualizar o perfil dos colaboradores da revista – de onde são, onde se encontram e o que fazem – e dos temas publicados para que se faça a relação entre estes dados com a linha editorial da revista.

A segunda parte se encontra no capítulo três que compreende a análise dos editoriais e artigos em conjunto que demonstram a presença dos intelectuais na representação histórica de uma identidade cultural e política da sociedade cubana, sua importância na desconstrução de imaginários culturais preconcebidos e nos discursos de transição política. Neste capítulo também se analisa como os artigos justificam o nome dado à revista – *Encuentro de la Cultura Cubana*. A responsabilidade de tal empreendimento no contexto de fragmentação cultural e política se afirma pela visão de mundo que norteia os seus discursos, as idéias de hibridismo cultural e político, questionadoras dos absolutismos, do nacionalismo e das identidades homogêneas, em conexão com o que se pensa sobre nação e exílio como fenômeno de uma outra identidade. E, por fim, como as idéias de transição são apresentadas pelos colaboradores no ponto em que fazem intersecção com uma nova relação entre Cuba e o exílio, e naqueles em que as diferenças são colocadas.

A terceira parte corresponde ao capítulo de número quatro, aonde foram selecionadas as cartas dos leitores trazidas como objeto de interpretação da recepção e da repercussão da revista em Cuba e no contexto internacional. Ao mesmo tempo em que as cartas traduzem uma fonte interpretativa da representação da revista, manifestam o sentido de sujeito ao leitor que dialoga com a publicação e estende a comunicação em diversos territórios e significados. As cartas também seguiram um critério de seleção, tendo em vista sua grande quantidade, sendo, portanto, esboçada uma divisão de temas que refletem as principais questões debatidas pelos autores da revista e sua utilização nos círculos acadêmicos. Os temas das cartas foram selecionados conforme as abordagens sobre a recepção da revista pelos cubanos (dentro e fora de Cuba), polêmicas políticas, a revista como currículo e fonte de estudos em diversas universidades, a expectativa dos leitores sobre identidade e reconciliação entre os cubanos da Ilha e do exílio.

⁵ BACZO, Bronislaw. Imaginação Social. Enciclopédia Einaudi. Porto. Imprensa Nacional-Casa da Moeda. 1996. Vol.5.

Juntamente ao propósito de deter o olhar sobre o ponto de vista da *Encuentro de la Cultura Cubana* a escolha deste trabalho, como objeto e fonte de estudo, se dá também pela possibilidade real de conhecimento da história e da cultura cubana em suas diferentes dimensões temáticas explicitadas em seus artigos. Compreender o ponto de vista veiculado por seus colaboradores é por em relevo a sua subjetividade que compõe um aspecto significativo do imaginário da cultura cubana e incide, como fato histórico, no desdobramento das possíveis transformações em Cuba.

Proponho enfocar a revista *Encuentro de la Cultura Cubana* partindo do princípio de que ela se constitui num dado representacional da realidade da Ilha, no emaranhado mundo das relações concretas e cotidianas explicitadas por seus articulistas, que esboçam o elemento objetivo e subjetivo da história, o contexto e a narrativa histórica. A abordagem da revista revela o inseparável elo entre o mundo das representações e o mundo empírico através do qual a história se move e se transforma. Ainda que a compreensão histórica seja suscetível às representações em conflito que o mundo empírico sugere com suas predisposições discursivas e inclinações políticas, é precisamente delas que a produção historiográfica emana e se adentra ao campo do debate teórico em direção a uma percepção mais elaborada do cotidiano e, portanto, mais crítica.

É preciso esclarecer ainda que a opção pelo estudo da narrativa contida na *Encuentro de la Cultura Cubana* se fez por esta situar de forma diferenciada dos discursos extremos já mencionados, muito conhecidos tanto nos meios acadêmicos, quanto presentes frequentemente na imprensa internacional. Portanto, tais discursos não compõem o objeto desta pesquisa. O objetivo é encontrar o diferencial neste contexto sobrecarregado de polaridades.

O fato de não se enquadrar nem em um e nem em outro, não significa que em sua representação haja pureza imparcial quanto à análise da história atual de Cuba. Em seus apontamentos críticos, como serão discutidos ao longo do trabalho, por meio de seus editoriais e artigos, a revista *Encuentro de la Cultura Cubana* expõe proposições políticas contundentes e profundamente críticas frente a uma ou outra posição, mas tendo como enfoque substancial afirmar a produção cultural e política dos intelectuais cubanos que sobrevivem às vicissitudes do regime castrista internamente ou no exílio.

Neste enfoque há uma ligação entre o que se observa como tendência de um movimento de não confronto aberto ou de não violência, mas significando uma resistência produzida de forma narrativa que transpõe a fronteira entre os campos da cultura e da política. A dimensão que estes campos ganham na esfera do poder e do cotidiano social traduz um

movimento de imagens e reflexões que se cruzam na atmosfera de luta entre forças contrárias e transcendem as representações políticas essencialistas, na perspectiva da revista. Seu discurso se interpõe no caminho da possibilidade de debater concepções de mundo ideologicamente enraizadas, postas em contrapontos, em um nível que os absolutos e os discursos de negação impõem sacrifícios sociais, ainda que sejam reais e determinantes de inúmeros contextos históricos. É nesse trilho de uma visão de mundo em que a dialética da relação é traduzida na abordagem em pensar o político que a *Encuentro de la Cultura Cubana* se apresenta.

Numa pesquisa sobre revista, um indicador importante na definição de seu perfil é o seu próprio nome justificado nos editoriais. O nome *Encuentro de la Cultura Cubana* é argumentado nos editoriais, em diversos artigos e cartas que expressam a possibilidade da cultura cubana ser traduzida num tempo e espaço de encontro entre cubanos distantes geográfica e politicamente. Pretende a experimentação deste momento de encontro e de reconciliação entre Cuba e o exílio, sem a negação de um pelo outro, ainda que as críticas permeiem seus discursos. Propõe o espaço para que uma outra história de Cuba possa ser escrita e se faça uma releitura da nação e de sua identidade cultural. Esse encontro vem sendo enunciado na perspectiva dialógica de um discurso substitutivo dos termos “dentro” e “fora” disseminado no imaginário da sociedade cubana pós-revolucionária.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO E PERFIL DA REVISTA *ENCUENTRO DE LA CULTURA CUBANA*

2.1. REFERÊNCIA TEÓRICA

Ao deparar com a leitura da revista *Encuentro de la Cultura Cubana*, uma questão foi colocada no campo teórico para ser esclarecida, a definição do objeto histórico analisado. Para defini-lo foi preciso refletir sobre a concepção de mundo empírico e mundo subjetivo, sugerida por Hans-Georg Gadamer em que procura mostrar que o ato de compreender pertencente à realidade compreendida. Conforme assinala: “... a compreensão jamais é um comportamento subjetivo frente a um “objeto” dado, mas frente à história efetual, e isto significa, pertence ao ser daquilo que é compreendido.”⁶

Alguns questionamentos iam surgindo em torno desses termos: a dimensão empírica reside na cisão entre o factual e a produção subjetiva, ou na relação entre ambos? Ter a compreensão de cada um destes termos e do que representam para a produção historiográfica têm sido um dos principais esforços para o desenvolvimento desta pesquisa. Pois, o que constitui o mundo empírico? Será uma experiência abstraída do conhecimento de si? Ou será somente real e verdadeiro se for resguardada sua independência em relação à capacidade de pensar sobre ele e à sua interpretação? A esfera do real não contém em si o ato de compreensão e interpretação? Como a história pode ser concebida estabelecendo uma nítida separação entre o que é puramente objetivo do puro subjetivo?

Se o mundo das imagens vem se impondo com uma força objetiva no cotidiano, tornando imperceptível a separação do desenrolar de um fato histórico por si mesmo do envolvimento das relações humanas em suas necessidades, imagens, dramas, sentimentos e interpretações, então, o fato real e a subjetividade contida nele se fundem num mesmo ser da história. A afinidade teórica com que esta pesquisa vem estabelecendo é de considerar que o mundo da representação ou da compreensão da experiência humana compõe o seu objeto, por entender que este não se encontra dissociado do mundo empírico. Há uma proximidade entre o objeto da investigação e o pensar sobre ele. Além do que, o que significa pensar sobre o objeto? Significa pensar sobre o pensamento contido no próprio objeto, na perspectiva da indissociabilidade entre sujeito e objeto. Michel Foucault em sua teoria sobre a análise do

⁶ GADAMER, Hans-Georg. Verdade e Método – Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Ed. Vozes. Petropolis. 1997. p.19

discurso representativo alerta para a questão determinada pelo pensamento moderno, da dificuldade em coexistir, o que ele denomina de “ser do homem” e o “ser da linguagem” ou suas representações:

A única coisa que, por ora, sabemos com toda a certeza é que jamais, na cultura ocidental, o ser do homem e o ser da linguagem puderam coexistir e se articular um com o outro. Sua incompatibilidade foi um dos traços fundamentais de nosso pensamento.⁷

O mundo moderno impõe o antagonismo entre o viver e o pensar, entre ação e representação. A dificuldade em conceber tais situações sob a forma de relação ou de coexistência, coloca-se como desafio para a compreensão da história. Na tentativa em aproximar dessa concepção, esta pesquisa dirigiu seus esforços em buscar refleti-la conforme a narrativa da revista sugere pensar também em termos de conexão. Como seria trabalhar no âmbito da história a publicação da revista *Encuentro de la Cultura Cubana*? Admitindo, então, que seus artigos, poemas, ensaios, entrevistas, homenagens, resenhas, cartas dos leitores se constituiriam no objeto discursivo e interpretativo da sociedade cubana em sua dimensão política e cultural, este seria, então, o eixo a trabalhar. A história a ser investigada seria, portanto, a própria interpretação histórica narrada pelos colaboradores da revista, de suas vivências e representações no contexto histórico da relação entre Cuba e o exílio. A interpretação resulta desta conexão entre o que se vive e o que tem sido representado sobre esta experiência cubana presente na narrativa da *Encuentro de la Cultura Cubana*.

A busca para esta compreensão vem sendo implementada pelo estudo sobre hermenêutica em Hans-Georg Gadamer, *Verdade e Método*, em que analisa o fenômeno da compreensão como decisivo para a consciência histórica e científica. Para ele o ato de “entender e interpretar... pertencem claramente ao todo da experiência do homem no mundo”.⁸ Propõe fazer da compreensão o objeto da reflexão, da investigação científica e sugere que se passe a “comprovar o quanto de acontecimento age em toda compreensão...”⁹ A hermenêutica é a ação de interpretar e compreender pela qual não se aparta a “subjetividade do intérprete da objetividade de sentido”.¹⁰ É no sentido da fusão destes elementos que o conhecimento histórico permite a mediação entre passado e presente, texto e leitor, sujeito e

⁷ FOUCAULT, Michel. As Palavras e as Coisas. Ed. Martins Fontes. São Paulo. 2002. p. 468

⁸ GADAMER, Hans-Georg. Verdade e Método – Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Ed. Vozes. Petropolis. 1997. p.31

⁹ Ibidem. p.34

¹⁰ Ibidem. p.464

objeto, aproxima os elementos aparentemente estranhos entre si. Pois o conhecimento é o ato de aproximação do sujeito com aquilo que até então lhe era alheio. O conhecimento histórico através da escrita e da interpretação que emerge de sua narrativa estabelece as conexões universais que possibilitam identidades surgirem suplantando fronteiras culturais.

O enfoque teórico das representações é apreendido de Roger Chartier ao considerá-las como “matrizes de discursos e de práticas diferenciadas que têm por objetivo a construção do mundo social...”.¹¹ A representação possui uma “função simbólica” em mediar a absorção do mundo real à constituição da consciência em realidade.

As leituras de Terry Eagleton em *Teoria da Literatura, Uma Introdução*, têm sido importantes na definição da relação entre sujeito e objeto na história. Segundo Eagleton, não há antinomia nessa relação, onde pudesse existir um sujeito contemplador de uma realidade como se esta fora um objeto exterior a sua condição. Mas ambos constituem uma mesma existência. Afirma:

O mundo não é um objeto que existe “fora de nós”, a ser analisado racionalmente, contrastado com um sujeito contemplativo: o mundo nunca é algo do qual possamos sair e nos confrontarmos com ele. Surgimos, como sujeitos, de dentro de uma realidade que nunca podemos objetivar plenamente, que abarca tanto “sujeito” quanto “objeto”, que é inesgotável em seus significados e que nos gera tanto quanto nós a geramos.¹²

Reinhart Koselleck oferece um estudo imprescindível em *Futuro pasado – Para una semántica de los tiempos históricos* sobre a crítica ao dualismo em diferentes contextos históricos. Assinala que “a história possui numerosos conceitos contrários que se aplicam para excluir um reconhecimento mútuo”.¹³ O efeito na vida cotidiana destes binarismos é manter a divisão da humanidade em grupos distintos, fortalecer o poder de um por meio da negação de outros. Koselleck também analisa como os grupos que se formam apartados política, ideológica ou religiosamente de outros pretendem a universalidade para si, num projeto homogeneizador da sociedade e se impõem com uma força que desqualifica e renega os que não se enquadram. A bipolaridade ao longo da história vem se reproduzindo por diferentes matizes conforme o contexto e a cultura de cada momento. A própria história repele umas e dá lugar ao surgimento de outras.

¹¹ CHARTIER, Roger. *A História Cultural – Entre Práticas e Representações*. Trad. Maria Manuela Galhardo. Ed. Bertrand Brasil. Rio de Janeiro. 1990. p. 18

¹² EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura – Uma Introdução*. Ed. Martins Fontes. São Paulo. 2003. pp. 85-86

¹³ KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Pasado – Para una semántica de los tiempos históricos*. Ediciones Paidós. Buenos Aires. 1993. pp. 206-7

As referências teóricas sobre estes binarismos que dividem nações e povos de culturas diferentes ou de uma mesma cultura, também foram encontradas em Edward Said, na obra *Cultura e Imperialismo*, na qual analisa a disparidade de poder entre o Ocidente e o não-Ocidente. Argumenta sobre a sobreposição de culturas justificada pela ideologia do mundo civilizado em levar sua cultura aos povos considerados não-civilizados. Said aponta que não há uma totalidade cultural coesa e que por isso aspectos de diversas culturas devem ser absorvidos, permutados e articulados “juntos em contraponto”.¹⁴ Para Said essa é uma concepção que conduz à política: “As conexões mais sombrias estão onde se encontram as conjunturas políticas e culturais interessantes da atualidade”,¹⁵ ao se referir às obras literárias que fazem a junção entre arte e política e são capazes de sensibilizar o gosto estético, provocar um efeito explosivo e transgressor sobre fenômenos sociais de sentido essencialista e fragmentário.

Em Homi Bhabha a ação política é situada como o momento a ser pensado como parte historicamente integrante de sua *escrita*. As transformações sociais têm como referência as diferentes estratégias discursivas, onde uma política afirmativa contém também formas híbridas e ambivalentes de ação. A ação subversiva se constitui na ruptura com posições antitéticas, “teoria” e “prática”, “direita” e “esquerda”, e no trânsito entre um discurso e outro. Segundo Bhabha: “É um sinal de maturidade política aceitar que haja muitas formas de escrita política cujos diferentes efeitos são obscurecidos quando se distingue entre o “teórico” e o “ativista”.”¹⁶ Do que se pode desdobrar para as mais variadas tendências binárias. Esta é uma fonte teórica de compreensão fundamental porque permeia os discursos em geral presentes nos ensaios da *Encuentro de la Cultura Cubana*, sobretudo aqueles que se referem a uma reflexão teórica e política. A tônica dos discursos é o de criar a referência do diálogo, transgredindo a instituição da imagem bipartida entre “esquerda” e “direita”, “revolução” e “reação”, “socialismo” e “capitalismo”, “nação” e “exílio” e, por fim, os de “dentro” e os de “fora” como é mencionado por diversos colaboradores da revista *Encuentro de la Cultura Cubana*.

Essa é uma discussão que remete também aos estudos sobre identidade e nação no contexto da globalização que têm sido abordados de outro modo, os quais apontam para a perspectiva das diferenças culturais, de suas mudanças por meio da relação entre elas num espaço aonde a tradição nacionalista e as identidades fixas têm sido questionadas. São dois

¹⁴ SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. Companhia das Letras. São Paulo. 1995. p.249

¹⁵ Ibidem. p. 379

¹⁶ BHABHA, Homi. *O Local da Cultura*. Ed. UFMG. Belo Horizonte. 2001. p.46

conceitos estudados também em Bhabha, Said, em suas obras já mencionadas; bem como em Stuart Hall (*A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*); Édouard Glissant (*Poetics of Relation* e *Traité du Tout-Monde*); Page Henry (*Caliban's Reason*). Na perspectiva destes teóricos, identidade e nação na modernidade foram concebidas como um ordenamento racional e científico da sociedade que projetaria um novo ser de consciência revolucionária, com pretensão de estendê-lo universalmente. Podendo ser observado historicamente que, tanto o socialismo, como também nas experiências capitalistas houve a implementação de um projeto totalizador do ser, de homogeneidade cultural e de unificação de uma identidade nacional.

O nacionalismo e a idéia de identidade única em torno do ser revolucionário são fenômenos essenciais pelos quais o socialismo cubano estruturou seu poder, seguindo o modelo soviético, para salvaguardar a linha ideológica e única do partido comunista e se defender dos conflitos com o mundo capitalista. Benedict Anderson faz referência ao nacionalismo no mundo socialista concordando com as palavras de Eric Hobsbawn que afirma que “os movimentos e Estados marxistas tenderam a tornar-se nacionais não apenas na forma, mas também na substância, isto é, nacionalistas. Nada indica que essa tendência não persistirá.”¹⁷ Ao estabelecer a identidade nacional como revolucionária, o regime socialista engendrou a criação da identidade do exílio, marcada pela diversidade e pelo contraponto à identidade “unificada” e “estável” como menciona Stuart Hall ao analisar o processo de identificação nas “sociedades da modernidade tardia”.¹⁸ Este estudo se deterá sobre o fenômeno do exílio, retratando circunstâncias específicas de saída por motivação política, como delimitação de fenômenos migratórios mais amplos sem entrar na análise de diferentes condições históricas de migração. O exílio e a projeção de uma outra identidade cultural serão tratados de forma mais detalhada no capítulo três.

Para uma breve relação com o mundo capitalista, o fenômeno nacionalista oscila entre momentos de ditaduras fascistas e do neoliberalismo. Durante o fascismo, o nacionalismo assumiu sua feição mais violenta e totalitária. E a tendência na era da globalização é de que as fronteiras nacionais sejam cada vez mais contestadas no plano econômico incidindo sobre o deslocamento das identidades fechadas em torno de uma cultura nacional.

¹⁷ HOBBSBAWN, Eric. apud ANDERSON, Benedict. Nação e Consciência Nacional. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Editora Ática. São Paulo. 1989. pp. 10-11

¹⁸ HALL, Stuart. A Identidade Cultural na Pós-Modernidade. DP&A Editora. Rio de Janeiro. 2001. p. 12

O momento da globalização apresenta sinais de desmoronamento das fronteiras fechadas, impulsionados, sobretudo, pela força econômica do mercado, mas, por outro lado, eles mantêm práticas ideológicas de xenofobia que são pontuadas no mundo capitalista, impondo sua identidade nacional “civilizadora” de outros povos e culturas por meio de uma sistemática política de hostilidade à identidade dos imigrantes. Stuart Hall analisa a maneira como os países competem entre si no sistema capitalista global para ocuparem o espaço de ricas nações. O nacionalismo é disputado tanto por nações que se emanciparam e pretendem alcançar o status universal do poder Ocidental, como por nações já consolidadas em tradições imperialistas. Dessa forma o nacionalismo se manifesta em países dominados no passado e se apoiaram na idéia de nação como discurso de emancipação, quanto em países que viveram a experiência da dominação imperialista, quando adotam políticas restritivas à interação da população imigrante. Hall cita Immanuel Wallerstein sobre essa contradição do nacionalismo no mundo moderno:

...os nacionalismos do mundo moderno são a expressão ambígua [de um desejo] por... assimilação no universal... e, simultaneamente, por ... adesão ao particular, à reinvenção das diferenças. Na verdade, trata-se de um universalismo através do particularismo e de um particularismo através do universalismo.¹⁹

Diante dessa ambivalente situação em que as culturas se permeiam e se transferem umas às outras em circunstâncias nacionalistas de diversos matizes (no socialismo e no capitalismo), ganha espaço a reflexão sobre a relação entre cultura e poder, apreendida do sentido do contexto das impurezas e misturas culturais. O efeito dos deslocamentos culturais é produzido nas abordagens teóricas e nos posicionamentos políticos que transitam entre as idéias de “tradução” e de “tradição” no sentido de que os teóricos como Glissant, Bhabha e Stuart Hall apontam. A tendência das idéias de identidades fixas em torno de suas origens e tradições é a de serem recolocadas na dimensão transitória quando postas em contato com outras culturas. Na perspectiva destes autores elas são “traduzidas”, concebidas como culturas híbridas que cruzam entre si elementos de suas raízes em múltiplas relações culturais que acenam para outros seres culturais.²⁰

E, por fim, como marco teórico, referente ao quarto capítulo que trata da análise das *Cartas a Encuentro de la Cultura Cubana*, o estudo sobre a recepção da revista se pautou

¹⁹ WALLERSTEIN, Immanuel. The national and the universal. In King, A. (org.). Culture, Globalization and the World System. Londres: Macmillan, 1991 apud HALL, Stuart. A Identidade Cultural na Pós-Modernidade. DP&A Editora. Rio de Janeiro. 2001. p. 57.

²⁰ Ibidem

pela leitura sobre “hermenêutica da recepção” de Hans Robert Jauss, que atribui também ao leitor a função representativa da comunicação com o meio e sujeito da relação entre o texto e a sociedade. Pois ao intervir com sua subjetividade, o sujeito leitor tem participação na difusão de representações e nas mudanças do olhar sobre a realidade. A compreensão de Koselleck sobre experiência e expectativa foi utilizada para relacionar a extensão da revista com a comunicação aos leitores, as possibilidades que se ampliam na discussão de seus temas e as novas expectativas criadas a partir de suas leituras.

2.2. CONTEXTO HISTÓRICO DA CRIAÇÃO DA REVISTA *ENCUENTRO DE LA CULTURA CUBANA*

A especificidade do contexto da revista *Encuentro de la Cultura Cubana* é a do fenômeno do exílio que se intensificou na década de 1990, que será tratada em seguida associada aos diversos fatores da conjuntura internacional e nacional.

Abordando em primeiro lugar a questão internacional, destaca-se nesta conjuntura a crise do sistema socialista com a queda do Muro de Berlim em 1989, deflagrando o fim desta experiência e trazendo uma nova reflexão sobre o sentido fragmentário do mundo bipolarizado pela Guerra Fria. O deslocamento de jovens alemães do lado oriental para o ocidental, rompendo as barreiras do Muro, elucidou a visão simbólica de que as necessidades e carências de vida em seus vínculos culturais, sociais, familiares e de sobrevivência são imperativas numa sociedade e não se sucumbem perante qualquer imposição política e ideológica. Elas podem se encontrar submersas por um período de intensa repressão política, mas funcionam como uma bomba-relógio, prestes a eclodir seu grito de prioridade às conveniências políticas. Mesmo que tenham decorrido décadas para que fosse explosiva a manifestação de ruptura.

Simultaneamente, soma-se a isto, as mudanças no socialismo soviético desde 1985 com a *perestroika* e a *glasnost*, e seu subsequente desmoronamento. A partir de então, a ex-União Soviética, o principal suporte econômico e político de Cuba, se viu na condição primeira de administrar sua crise interna e na impossibilidade de assistir à frágil economia dos países aliados.

Sem dúvida, a perda dos mercados, dos créditos e dos preços acessíveis do Leste Europeu afetou a produção industrial e o consumo interno, pois 80% do comércio cubano dependiam dos antigos países socialistas. No início dos anos 1990, houve uma queda de

aproximadamente 34% do PIB. Diante disto o governo tomou algumas medidas de reforma econômica em 1993, que abriram a economia cubana ao investimento estrangeiro: extensão do trabalho por iniciativa própria; reconhecimento do papel da pequena e média empresa, ainda que com maior participação do setor estatal; autorização do mercado de meios de produção que no conjunto dessas medidas permitiu-se a criação de empregos no momento em que o Estado não podia mais evitar tais mudanças e nem absorver o contingente disponível na sociedade.²¹

Cuba, então, foi fortemente afetada pela perda de seus ex-colaboradores do Leste Europeu, e, ainda tendo que se manter frente ao histórico embargo econômico imposto pelos Estados Unidos. Essa é uma questão também tratada na revista, quanto ao questionamento sobre até que ponto o embargo pode ser responsabilizado pela crise política em Cuba. O bloqueio se tornou o grande inimigo que justifica toda crise econômica interna e a necessidade de endurecimento do regime para combater os opositores, considerados colaboradores da política econômica dos Estados Unidos contra Cuba.

Mas paralelamente à conjuntura internacional, a sociedade cubana a partir dos anos 1990 deparou-se com a intensificação do processo de emigração, por motivação econômica, e do exílio, por perseguição política, e o governo se utilizou desses fenômenos como estratégia de eliminação da dissidência interna e salvaguardar sua estrutura de poder. A continuidade do regime castrista, do ponto de vista governamental, consistia no recrudescimento da defesa frente à adversidade do mundo global e no autoritarismo frente à população cubana. A prática adotada pelo governo para manter coesa a sociedade cubana em relação à ameaça de um retorno à dependência das relações capitalistas, sobretudo em relação aos Estados Unidos, tem sido controlar internamente sua oposição, prendendo-a, silenciando-a ou expulsando-a de seu território.

A emigração nesse momento esteve associada ao exílio, questão muito debatida entre os intelectuais cubanos, pois alguns diferenciam essas noções e até fazem contraposição entre elas por considerar o exílio um fenômeno explicitamente político, enquanto a emigração traz uma noção de neutralidade, devendo ser analisada enquanto fenômeno histórico-cultural de Cuba e de todo o Caribe. Nesse caso, as diferenças ou fronteiras entre exílio e migração podem se constituir pouco precisas, pois as emigrações em balsas podem ser vistas como um exílio voluntário, mesmo que indiretamente forçado pelas condições sociopolíticas. Rafael Rojas, em seu artigo na *Encuentro de la Cultura Cubana*, compreende essa relação utilizando

²¹ GONZALES, Viviana Togores. Cuba: Los Efectos Sociales de la Crisis y el Ajuste Económico de los Año 90. Centro de Estudos de la Economía Cubana. Universidad de la Habana.

o termo “diáspora” para designar o espaço em que emigração e exílio se encontram reunidos e faz referência crítica a alguns autores que discutem essa questão, entre eles Victor Fowler (*Miradas a la identidad de la literatura de la diáspora*, *Revista Temas*, 1996, n. 6) por abordar as noções de emigração e exílio numa contraposição binária, mas a refuta:

No veo, pues, una relación excluyente entre los conceptos de diáspora y exilio, ya que la primera quiere significar el conjunto de todos los espacios migratorios, mientras que el segundo se refiere a un tipo específico de emigración: aquélla que concibe el éxodo como destierro nacional, como viaje hacia la oposición política. Dicho gráficamente: Miami es un lugar de la diáspora, pero la mayoría de sus habitantes aún vive en el exilio.²²

A diáspora é um termo que se origina da história da dispersão judaica. Para Rojas, no contexto da marginalização cultural e política pós-revolucionária, a diáspora compreende um mapa onde não há um território fixo para a emigração, é uma representação que denomina de “desterritorializada”, que vai de um desterro ao cosmopolitismo entremeado por uma fronteira flexível. É todo espaço que abriga os diferentes movimentos migratórios, onde ocorre o descentramento para uma identidade mais aberta e culturalmente heterogênea. E no espaço diaspórico o exílio se encontra, constituindo-se neste “cidadão do não-lugar” que quebra a identidade nacional revolucionária, por isto sua modalidade numa emigração político-cultural, para em outros lugares testemunhar uma identidade híbrida que rompe os limites do nacionalismo.²³ A diáspora não é todo exílio, da mesma forma que o exílio não é toda diáspora. Mas o exílio ocupa o conjunto extraterritorial da diáspora, que conduz sua nacionalidade a espaços nacionais diversos. O espaço extraterritorial é compreendido como todo aquele ocupado pelos cubanos fora de Cuba, onde sua identidade cultural é representada e refeita na produção de novos símbolos e novos sentidos conforme Stuart Hall concebe a identidade: “As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre ‘nação’, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades.”²⁴ E, esta produção de sentido não se dá apenas em circunstâncias limites do território nacional, mas também em condições extraterritoriais.

Como exemplo da emigração cubana, entre 1989 e 1994, 16.778 pessoas partiram de Cuba rumo aos EUA de maneira clandestina, conforme dados apresentados no artigo de

²² ROJAS, Rafael. *Diaspora y literatura*. **Revista Encuentro de la Cultura Cubana**. Madrid. Primavera / Verano de 1999. Vol.12/13. p.140

²³ Ibidem. pp. 136-146

²⁴ HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. DP&A Editora. Rio de Janeiro. 2001. p.51

Holly Ackerman, que aspiravam condições melhores de vida. Elas fugiam em pequenos grupos de familiares e amigos sem vínculos com organização política, apenas queriam suprir suas carências em uma outra forma de sobrevivência fora do país. Esse enfrentamento, que aparentemente se apresentava como sem grandes pretensões políticas, gerou um fato histórico importante conhecido como a “crise dos balseiros”, configurando uma ação social de alcance internacional, e com repercussões políticas para o governo cubano, porque teve que suspender, posteriormente à crise, a repressão da saída dos balseiros para os Estados Unidos. A proibição anterior de saída do país levou à morte de vários balseiros, resultando em um acordo entre Cuba e EUA diante da crise migratória. Este pacto previa a devolução dos balseiros a Cuba, com a permissão aos EUA de fazerem inspeção em território cubano para averiguar denúncias da existência ou não de violação dos direitos humanos. Após o acordo, entre agosto e setembro de 1994, 32.385 pessoas se aceleraram na emigração sob a proteção da guarda costeira americana.²⁵ A crise dos balseiros resultou na conquista política por parte da população junto ao governo cubano em que teve que recuar em sua política de emigração.

Juntamente a esse episódio que acabou por configurar um conflito político entre a população emigrada e o governo cubano somam-se os de ordem econômica que afetam diretamente a planejada economia socialista, ao mesmo tempo em que o Estado se beneficia dela. Na década de 1990, o intenso movimento de emigrantes desencadeou o fenômeno das remessas familiares, que decorre do envio de dinheiro por parte de um contingente humano de trabalho, qualificado e fora do país, a seus familiares em Cuba. A dimensão da transferência de recursos privados externos para as famílias em Cuba tem ganhado relevância, viabilizando a inserção do país na economia internacional e possibilitando a modernização de atividades de iniciativa própria, liderada por setores da sociedade cubana que estão recebendo ajuda de fora.

A economia das remessas familiares é um fenômeno ainda pouco estudado, com dados oficiais de difícil alcance, porém é visível sua contribuição para amenizar o empobrecimento de boa parte da população, pois proporciona a entrada de divisas para a economia, gera investimentos em atividades produtivas que abastecem o mercado interno e movimenta um setor economicamente independente do Estado. Como afirma Pedro Monreal, economista cubano residente em Havana:

La actividad de remesas es por tanto uno de los más importantes sectores de la economía cubana contemporánea en términos de inserción internacional,

²⁵ ACKERMAN, Holly. Protesta social en la Cuba actual: los balseros de 1994. **Revista Encuentro de la Cultura Cubana**. Madrid. Invierno de 1996/1997 Vol.3. p.126.

solamente superada por el turismo y el azúcar, en cuanto al volumen de ingresos brutos en divisas aunque en términos de aporte neto de divisas a la economía, la actividad de remesas es el sector líder.²⁶

Atraindo setores significativos da sociedade cubana, a economia das remessas coloca em evidência a fragilidade do governo para deter seu avanço, obrigando-o a buscar formas alternativas de interação com estes canais de atividade econômica proporcionados pela população emigrada. Reais protagonistas da economia do país, atualmente estes setores têm revelado sua capacidade de inserção na estrutura de poder do sistema planificado de produção e distribuição dos bens dentro de Cuba. Segundo Monreal, a família tem se constituído na unidade econômica decisiva no sistema de remessas, cabendo aos emigrantes o poder de decisão sobre o processo de criação de fundos disponíveis, de fazer ou não fazer remessas, da quantidade a ser remetida e sobre seu uso, onde aplicar ou investir.²⁷

Isto significa que o exílio e a emigração, ou diáspora, segundo Rojas, juntamente com o seu significado político-cultural, representam uma condição econômica a ser resolvida nos países de acolhida, como também é preciso observar a atuação desta população emigrada, no papel de sujeito de uma relação econômica importante que mantêm com o Estado e a sociedade cubana. A fragmentação política tem se tornado obsoleta diante da relevância econômica das remessas familiares, que impõe a necessidade de uma negociação entre Cuba e o exílio. O governo cubano, de uma maneira ou de outra, vem se submetendo ao acordo com o exílio e ao conjunto dos de “fora”, para manter minimamente um equilíbrio sócio-econômico interno. É o efeito colateral do próprio regime. Ao não oferecer autonomia de empreendimento à sociedade em função da meta de totalizar as atividades econômicas pelo Estado, emigrou a capacidade produtiva de seus adversários políticos e, hoje, estes mesmos setores, paradoxalmente, contribuem de forma decisiva para que a sociedade cubana não entre num colapso total. É uma questão de sobrevivência do próprio Estado cubano, ter que negociar inclusive no plano econômico com o exílio.

Do ponto de vista político e cultural, a década de 1990 representa para os intelectuais e escritores cubanos, ainda que os sinais de enfraquecimento do socialismo real sejam visíveis como já foi mencionado, persiste a marginalização política oficialmente instituída e a dificuldade de continuar produzindo suas narrativas no âmbito do território nacional. A alternativa para estes setores representativos de uma interpretação independente

²⁶ MONREAL, Pedro. Las remesas familiares en la economía cubana. Revista Encuentro... Madrid. Otoño de 1999. Volume 14. p.50

²⁷ Ibidem

da cultura cubana tem sido criar significações diferenciadoras e explicativas fora de um contexto de legalidade estatal. Trata-se de um contraponto à institucionalização da concepção materialista da história, de uma ordem metafísica revolucionária que impõe a exclusão de outras formas de identidade cultural e política fora da concepção oficial.

O inconformismo é típico da inquietação intelectual e, precisamente por isto, emerge em situações de aparente generalidade homogênea das representações. Adverte uma existência incomum dentro de uma ordem dominante – em que o ser é metafisicamente construído para que todos o alcancem. Mas ao se deparar com a condição anterior de um ser antropológico, esta inquietação revela o ser impróprio e transgressor de qualquer nivelamento político-cultural. Sob este ponto de vista, o exílio cubano, delimitado neste trabalho pela década de 1990, reage à tentativa de imposição de uma escrita padronizada e uniformizada da Revolução de 1959, resiste ao poder excessivo dos discursos oficiais em seu espaço extraterritorial como também dentro de Cuba, demarcando a heterogeneidade como presença da qual nenhum contexto histórico pode prescindir.

Como exemplo da presença dessa heterogeneidade, mesmo em momentos de imposição de uma homogeneidade política, a história de Cuba tem mostrado, direta ou indiretamente, a capacidade de inserção de seus intelectuais em diferentes contextos. A presença de periódicos e revistas ao longo de sua história, especialmente a partir do século XX, com o advento da República, testemunha a influência na produção de outros imaginários que acenam uma possibilidade nova de compreensão da realidade cubana e de vivenciar sua cultura. Era uma maneira de trazer a cultura como categoria diferenciadora na condução do processo político em geral, tanto no posicionamento social crítico, quanto em situações de reprodução do poder político.

Apenas para mencionar algumas destas publicações, durante a década de 1920, com toda incredulidade dos escritores diante dos problemas de ordem política, foi editada a *Revista de Avance*, como resultado da entidade da Junta Nacional de Renovação Cívica dirigida por Fernando Ortiz, que discorria sobre uma posição contra a ditadura de Gerardo Machado. Duas décadas depois foi lançada a *Revista Orígenes* (1944-1956), encabeçada por José Lezama Lima, que representou uma geração de escritores notadamente niilistas (Cintio Vitier, Eliseo Diego, Fina García Marruz e Octavio Smith), desafetos com os percalços políticos, e que, no entanto, não deixaram de traduzir a intenção de que é a poesia, pela sua imaginação e criatividade, a forma política ideal para reger a cidade, segundo Rafael Rojas.²⁸

²⁸ ROJAS, Rafael. El intelectual y la revolución. Contrapunteo cubano del nihilismo y el civismo. Madrid Primavera/Verano de 2000. Vol. 16/17. pp. 80-88

De 1959 a 1961 foi editado o semanário *Lunes de Revolución*, dirigido por Guillermo Cabrera Infante e Pablo Armando Fernández, que se constituía no suplemento cultural do jornal *Revolución* (1959-1965). A revista *Casa de las Américas*, fundada em 1960 dentro do princípio de se constituir em um centro cultural de Cuba e da América Latina, e representar a cultura revolucionária, continua sua publicação até o momento atual. Em 1966 foi criado o suplemento literário *El Caimán Barbudo* da União dos Jovens Comunistas, fechado no ano seguinte por motivos ideológicos. *Pensamento Crítico*, publicação ligada ao Departamento de Filosofia da Universidade de Havana, foi fundada em 1967 e dirigida por Jesús Díaz.

Outra publicação importante é a do grupo literário cubano no exílio em Miami, pertencente à “generación del Mariel” que surgiu em 1983 com o nome *Mariel*. Esta denominação se refere ao momento em que grande parte de seus editores correspondeu ao êxodo massivo de Cuba aos Estados Unidos em 1980 pelo porto de Mariel. A fuga do regime castrista marcará sua narrativa de busca pela liberdade no exílio. De 1983 a 1985 seu conselho editorial era composto por Reinaldo Arenas, Juan Abreu e Reinaldo García Ramos. Num segundo momento, em 1986, sua direção foi acrescida da participação de Márcia Morgado e Lydia Cabrera. Essas publicações foram citadas apenas para ilustrar a presença dos intelectuais, por meio do veículo comunicativo que dispõem, na intervenção em diferentes contextos históricos, como críticos, contestadores e até de colaboradores com o *status quo*. Mostram ainda que a diversidade cultural e política em Cuba são constitutivas de seu processo histórico e se afirmam como elemento de resistência em situações de poder monolítico.

O surgimento da revista *Encuentro de la Cultura Cubana* está inserido no contexto das características do exílio da década de 1990, em que os intelectuais estão envolvidos na discussão em superar o binarismo dentro/fora próprio das gerações das décadas anteriores do período pós-revolucionário, mesmo considerando a heterogeneidade de posições presente no exílio em seus diferentes momentos.

Uma breve revisão histórica do exílio cubano dos primeiros anos da Revolução de 1959 até os anos de 1990, talvez esclareça o que o exílio mais recente se diferencia dos anteriores. É importante esclarecer que nenhuma das gerações de exilados pós-revolução pode ser caracterizada de forma homogênea, cada período traz diferenças na sua composição, que não cabe detalhar aqui, entretanto será traçado apenas o essencial que caracteriza o perfil político do exílio cubano ao longo desses anos de Revolução.

Madeline Câmara pontua a primeira geração de exilados dos anos de 1960 como sendo marcada pelos representantes dos antigos proprietários e homens de negócios que

perderam seus bens e capitais e buscam recuperá-los, bem como retomar o poder político em Cuba, associando-se à posição do embargo econômico norte-americano junto à Ilha e referendam toda política anti-castrista implementada pelos Estados Unidos. Esses setores considerados mais radicais de uma posição contra-revolucionária criaram no início dos anos 1980 nos Estados Unidos, organizações políticas próprias como a Fundação Cubano-Americana e o Comitê Cubano pela Democracia.²⁹

A segunda geração é constituída de cubanos que saíram de Cuba durante os anos de 1970 e 1980, ainda meninos, que se formaram nos Estados Unidos e buscaram se reorganizar na discussão sobre a democracia em Cuba mediante instituições que garantam eleições e o pluripartidarismo. Essas gerações, segundo Madeline Cámara, marcaram uma história de confrontos entre Cuba e o exílio, que ela assim os caracteriza:

Cierto es que muchos de los que definen la absoluta legitimidad del “adentro” lo hacen con una agenda política ultranacionalista que persigue el mantenimiento del actual modelo de socialismo en Cuba; pero cierto es, además, que la mayoría de quienes optaran por la “salida”, también han convertido la exterioridad en una barricada para defender otra versión (capitalista y democratizada) del nacionalismo.³⁰

Outra referência histórica desse exílio cubano foi encontrada na Internet por Willian M. Leogrande pela NACLA (North American Congresso on Latin American) onde aborda as diferenças da comunidade cubano-americana quanto a seus vínculos familiares com Cuba, e de como essas relações foram se modificando conforme as características do exílio de cada década após a Revolução de 1959.

As divisões dentro da comunidade eram bem delineadas; a geração mais velha de cubanos-americanos que partiu de Cuba nos anos 60 e 70 tende a favorecer uma política de linha dura, muito mais do que a geração mais nova, que partiu nos anos 80 e 90, ou que nasceu nos E.U.A. Os imigrantes que saíram de Cuba mais tarde, da passagem do barco Mariel em diante, eram predominantemente refugiados econômicos, não políticos. Ao contrário daqueles exilados dos anos 60, estes não cultivavam o mesmo nível de animosidade ideológica em relação a Cuba. Estes também eram esmagadoramente a favor de viagens de familiares e de comércio com fins humanitários, ao passo que a geração mais velha se opunha a tais medidas. “Há uma divisão na comunidade cubano-americana entre aqueles que ainda têm parentes em Cuba e aqueles que não os têm”, explica o professor Lisandro Pérez da UIF. “A maior parte da liderança cubano-americana vem da população que veio nos anos 60 e 70. Estes provavelmente não têm mais

²⁹ CÁMARA, Madeline. Hacia una utopia de la resistencia. **Revista Encuentro...**Madrid. 1997. Vol. 4/5. p.151

³⁰ Ibidem

família em Cuba.” Dentre os imigrantes mais recentes “a maior preocupação é de ajudar suas famílias.”³¹

A terceira geração de exilados é formada por jovens que estudaram em Cuba e saíram durante os anos de 1980 e 1990. Segundo Madeline Cámara, são intelectuais, escritores, artistas plásticos que não encontram oportunidade de realização profissional e pessoal dentro de Cuba, “se consideran intelectuales ‘desterritorializados’”.³² É uma geração que buscou durante trinta anos intervir na luta interna por uma democratização do processo revolucionário e apostava na afirmação da heterogeneidade cultural e política dentro de Cuba. São intelectuais que, em geral, participaram da Revolução de 1959, defenderam-na e vivenciaram o esgotamento de suas tentativas em conquistar seu espaço profissional, social e político em Cuba e viram a degradação de uma utopia. Mas levaram consigo para o exílio a continuidade da luta pela diversidade como tema para uma discussão sobre transição política e de uma nova relação entre Cuba e o exílio, sustentada por idéias de tolerância política. A revista *Encuentro de la Cultura Cubana* emerge desse cenário cujo sentido é pronunciado por Pío E. Serrano, um dos fundadores da revista, de “poner fin a los discursos hegemónicos y dar paso a una nueva cultura de la diferencia.”³³

A explanação deste contexto da sociedade cubana, internacional e nacional, em que, evidentemente, nem todos foram abarcados, tem como objetivo procurar entender as circunstâncias mais gerais que pontuaram a criação da revista *Encuentro de la Cultura Cubana*. Ela surge, portanto, face à correlação de confrontos que caracteriza a condição histórica de Cuba hoje – a fragilidade de sua estrutura sócio-econômica associada à política do regime em se impor a qualquer custo, que busca por meio da centralização e do autoritarismo perpetuar-se no poder, tendo como suporte ideológico a defesa e reprodução do discurso revolucionário.

Tanto a emigração quanto o exílio – uma estimativa de dois milhões de cubanos fora do país – representam fatores históricos de extrema relevância, pois projetam o cubano como um sujeito com presença internacional expressiva no mundo contemporâneo, que tem dado continuidade a sua história em outros espaços territoriais, entrecruzando-se com outras culturas, recriando uma identidade na relação com os países de acolhida. E, segundo o propósito da revista, a *Encuentro de la Cultura Cubana* pretende ser este “lugar” de

³¹ LEOGRANDE, William M. Uma política dirigida por políticos: a política cubana de Washington ainda está em pauta, por enquanto. 2000. Disponível em: <http://www.nacla.org>

³² CÁMARA, Madeline. Hacia una utopia de la resistencia. **Revista Encuentro...** Madrid. 1997. Vol. 4/5. p.151

³³ SERRANO, Pío E. Cinco reflexiones sobre la realidad cubana poscastrista. **Revista Encuentro...** Madrid. 1997. Vol.6/7. p. 221

acolhimento da produção narrativa da intelectualidade cubana, resistindo nestes espaços de “dentro” e de “fora” da Ilha, na perspectiva de uma recriação autônoma de sua cultura.

A idéia de resistência pode ser útil para esboçar o movimento dos intelectuais que traduzem a história de Cuba e simbolizam a resposta da cultura à realidade material das condições econômicas, políticas e objetivas. Não se trata de uma resistência nos moldes tradicionais da história projetada por uma organização explicitamente político-partidária, mas traçada por um posicionamento crítico, pela ênfase nos elementos em que a cultura manifesta afirmativamente sua anterioridade e independência ao poder político dominante.

Sobre a relação entre cultura e política, Edward W. Said afirma que “... a cultura é uma espécie de teatro em que várias causas políticas e ideológicas se enfrentam mutuamente. Longe de ser um plácido reino de refinamento apolíneo, a cultura pode até ser um campo de batalha onde as causas se expõem à luz do dia e lutam entre si...”³⁴.

Homi K. Bhabha também ressalta que: “As formas de rebelião e mobilização popular são freqüentemente mais subversivas e transgressivas quando criadas através de práticas culturais oposicionais”.³⁵

Num sentido mais amplo, a cultura pode ser um campo de subversão política. Tanto em sua dimensão antropológica – preservação de cultos religiosos diversos, tradições lingüísticas de grupos étnicos, movimentos musicais, como o jazz, o reggae, a salsa, o samba, enfim, fenômenos especificamente da cultura popular que resistem a uma situação dominante – quanto em sua dimensão de um saber teórico, produzido pela argumentação histórica, sociológica, econômica, política, literária e artística. É mais significativa ainda quando uma transita *entre* a outra – e não *sobre* a outra – fazendo circular a argumentação popular e a teórica, sem que ambas se oponham, ou que uma busque sua preponderância sobre a outra. Portanto, a cultura tanto em sua visão popular quanto teórica acena para um tempo e lugar de interação e relação discursiva onde se constroem representações políticas significativas num contexto de transformação social.

Bhabha discute a relação entre teoria e política, colocando em evidência e como ponto de partida no seio desta o paradigma do hibridismo cultural e histórico do mundo pós-colonial. Este hibridismo situa-se no intervalo das polaridades entre a teoria e a política. Concebe uma visão dialógica do político em que o “evento da teoria torna-se a negociação de instâncias contraditórias e antagônicas, que abrem lugares e objetivos híbridos de luta e

³⁴ SAID, Edward W. Cultura e Imperialismo. Introdução. Companhia das Letras. São Paulo. 1995. p.14

³⁵ BHABHA, Homi K. O Local da Cultura. O Compromisso com a Teoria. Ed. UFMG. Belo Horizonte. 2001. p.44

destroem as polaridades negativas entre o saber e seus objetos, e entre a teoria e a razão prático-política.”³⁶ A importância do fenômeno real e conceitual do hibridismo reside em seu imperativo histórico na “rearticulação, ou tradução de elementos que não são *nem o Um... nem o Outro...*, mas algo a mais, que contesta os termos territórios de ambos.”³⁷ (Grifo do autor)

O princípio de “negociação política” em Bhabha reforça sua crítica às posturas de “negação” sobre representações opostas que, em geral, vêm acompanhadas de moralismo político, resultando num traço de negação cultural e de separação das diferenças culturais. O saber só é político se fundamentado no reconhecimento do trânsito dos elementos discursivos de “alteridade”.³⁸ Nessa abordagem não há binarismo entre teoria e política, representação política e ação de massas, cultura produzida intelectualmente e cultura popular, porém um movimento de transferência de significados.

É importante frisar que os discursos enunciados pela literatura, por ensaios históricos, etnográficos, antropológicos, pela dramaturgia, cinema, teatro, música, artes plásticas, não significam uma neutralidade cultural, o que poderia resultar na legitimação das polarizações ou das posições antitéticas. Mas busca suplantar discursos dicotômicos que simplificam a realidade em tergiversações particularistas e fragmentárias do campo heterogêneo do processo histórico em que, muitas vezes, os pólos extremos elegem para si a capacidade de homogeneizar, do ponto de vista da sua verdade, as diferenças culturais. A ênfase na resistência a partir do discurso afirmativo do que produz o imaginário e a cultura de uma nação pode trazer alcances históricos e teóricos relevantes para o conhecimento desta mesma cultura, bem como para um avanço político no processo de transformação social.

A edição da *Encuentro de la Cultura Cubana* se dá neste contexto da extraterritorialidade, nos diferentes espaços nacionais que habitam os exilados, emigrados e os de “dentro” numa tentativa de aglutiná-los em torno da escrita. Tal escrita tem a presença da angústia em se adaptar ao exílio e, ao mesmo tempo, a relação enriquecedora entre a identidade cultural dos exilados e a cultura de acolhida, retratando a condição transnacional de vida e sua reflexão sobre as contradições do país de origem. A revista, portanto, concretiza a organização dessa cultura, traduzida por intelectuais que buscam a narrativa do diálogo entre os que estão “dentro” e os que estão “fora” da Ilha, trazendo a oportunidade da releitura

³⁶ Ibidem. p. 51

³⁷ Ibidem p. 55

³⁸ Ibidem. p. 49

da identidade cultural cubana para além da concepção fixa do nacionalismo revolucionário ou anti-revolucionário.

Partindo do pressuposto de que seus colaboradores, em sua grande maioria, são cubanos exilados em diversos países e outra parte residente na Ilha, fica claro a condição histórica de quem vive, sente, sofre, pensa, escreve e luta para que a cultura cubana mantenha-se viva e articulada sob alguma forma no exílio e em contato com os que permanecem no país. Dessa forma, a revista simboliza este real histórico da relação entre Cuba e o exílio, com a proposição de efetivar o encontro de uma cultura atingida pela fragmentação ideológica, e que não tem se omitido ao resistir em sua perspectiva cultural aos determinismos políticos.

2.3. A FUNDAÇÃO DA REVISTA *ENCUENTRO DE LA CULTURA CUBANA*

A discussão sobre a publicação da *Encuentro de la Cultura Cubana* teve início em um Seminário realizado em 1994, ano de comemoração do cinquentenário da Revista *Orígenes* – criada por José Lezama Lima em 1944 e editada até o ano de 1956. Esse seminário foi antecedido por uma reunião entre onze escritores cubanos, cinco da Ilha e seis do exílio, realizada em Estocolmo pelo Centro Internacional Olof Palme, cujo evento não se tem dados sobre seus participantes e discussões. Mas resultou no Seminário intitulado “*La Isla Entera*”, em homenagem ao poema de Dulce Maria Loynaz³⁹. Esse evento reuniu escritores cubanos, residentes dentro e fora da Ilha, na Universidad Complutense de Madrid sob a coordenação do escritor exilado Jesús Díaz, com o propósito de editar uma revista em que fossem abordadas as diferentes reflexões sobre a realidade social, política e cultural cubana. A referida homenagem aconteceu em função da impossibilidade da escritora estar presente no evento e, por isto, contribuiu enviando seu poema que traduzia o sentimento dos escritores cubanos em superar a imagem que os dividiu entre os de “dentro” e os de “fora”. O poema simboliza o desejo do cubano em ver seu país sendo reconhecido por inteiro, sem recortá-lo ou dividi-lo, por isso o nome *La Isla Entera*, como também expressa o anseio do

³⁹ Dulce María Loynaz nasceu em Havana, em 1902. Formou-se em Direito atuando como advogada até 1961. Mas desde jovem vê seus poemas publicados no jornal cubano *La Nación*, *Invierno de almas* e *Vesperal*. É reconhecida internacionalmente com inúmeras de suas obras publicadas em inglês e francês e premiada por diversas vezes. Em 1993 recebeu o Premio de Literatura Miguel de Cervantes na Espanha. Autora de *Poesias escogidas*, *Bestiarium*, *Últimos días de una casa* e *Un verano en Tenerife*, estes dois últimos preferidos por ela. Aos 95 anos de idade, aparece pela última vez em público, 15 de abril de 1997, por ocasião da homenagem feita pela Embaixada Espanhola de frente a sua casa, em função de sua enfermidade, falecendo em 27 de abril deste mesmo ano.

sujeito por ser aceito em suas diferenças e contrastes sem o temor da separação, ou sem a angústia da ameaça em ser apartado de sua cultura. Segue abaixo o poema que ilustra o ato fundador da revista:

Si me quieres, quíereme toda:
No por zonas de luz o sombra.
Quíereme día;
Quíereme noche...
¡Y madrugada en la ventana abierta!
Si me quieres, no me recortes:
Quíereme toda...
O no me quieras. .⁴⁰

Dulce María Loynaz finaliza saudando o encontro realizado em Madrid: “Aquí va mi saludo a todos los escritores cubanos que van a unirse bajo el lema de *Isla Entera*. ”⁴¹

A iniciativa de Jesús Díaz para implementação do projeto da revista foi decisiva, pois aglutinou os setores do exílio cubano que se identificavam com o anseio de debater e narrar livremente a cultura de seu país numa perspectiva não reducionista. Devido a importância de Jesús Díaz naquele evento, momentos de sua trajetória de vida serão relatados adiante nesta dissertação.

Segundo dados da *encuentro en la red*, o evento contou com a presença de vários escritores cubanos, tais como: Gaston Baquero, Guillermo Rodríguez Rivera, Manuel Díaz Martínez, Rafael Alcides, Felipe Lázaro, José Prats Sariol, Alberto Lauro, Cleve Solís, Mario Parajon, Jorge Luis Arcos, Efraín Rodríguez Santana, Pablo Armando Fernández, César López, Orlando Rodríguez Sardiña, Heberto Padilla, Enrique Saíenz, Pio E. Serrano, José Kozar, José Triana, Reina María Rodríguez, Nivaria Tejera, Bladimir Zamora e Leon de la Hoz.⁴²

A tabela abaixo apresenta a relação dos escritores cubanos que participaram do projeto inicial da publicação da revista. Alguns itens não foram possíveis de serem preenchidos pela ausência de dados, mas observa-se que dentre os vinte escritores cubanos fundadores da revista, doze se encontravam no exílio e oito residiam na Ilha. Interessante observar que a grande maioria dos escritores fez parte da geração que viveu o momento histórico da Revolução de 1959, colaborou com o processo revolucionário e, posteriormente, viu suas expectativas malogradas.

⁴⁰ LOYNAZ, Dulce María. *Isla Entera*. **Revista Encuentro...** Madrid.1997. Vol.4/5. p.7

⁴¹ Ibidem.

⁴² cubaencuentro.com. *Encuentro en la Red*. Diario independiente de asuntos cubanos. Financiación, totalitarismo y democracia. 2004.

Tabela 1: Fundadores da Revista *Encuentro de la Cultura Cubana*

Fundadores	Sexo	Nasc.	Morte	Idade	Origem	Residência
ALBERTO LAURO	M	1959		47	CUBA	ESPANHA
CÉSAR LÓPEZ	M	1.933		73	CUBA	CUBA
EFRAÍN RODRIGUEZ SANTANA	M	1953		53	CUBA	CUBA
ENRIQUE SAÍNZ	M	1.941		65	CUBA	CUBA
FELIPE LÁZARO	M	1948		58	CUBA	ESTADOS UNIDOS
GASTÓN BAQUERO	M	1.918	1.997	79	CUBA	ESPANHA
GUILLERMO RODRÍGUEZ RIVERA	M	1.943		63	CUBA	CUBA
HEBERTO PADILLA	M	1.932	1.999	67	CUBA	ESTADOS UNIDOS
JESÚS DÍAZ	M	1.941	2.002	61	CUBA	ESPANHA
JORGE LUIS ARCOS	M	1956		50	CUBA	CUBA
JOSÉ KOZER	M	1.940		65	CUBA	ESTADOS UNIDOS
JOSÉ PRATS SARIOL	M	1.946		60	CUBA	CUBA
JOSÉ TRIANA	M	1.931		74	CUBA	FRANÇA
MANUEL DIAZ MARTINEZ	M	1.936		69	CUBA	ESPANHA
MARIO PARAJÓN	M	1929		77	CUBA	ESPANHA
NIVARIA TEJERA	F	1.933		72	CUBA	FRANÇA
LEÓN DE LA HOZ	M	1.957		48	CUBA	ESPANHA
PÍO E. SERRANO	M	1941		65	CUBA	ESPANHA
RAFAEL ALCIDES	M	1.933		72	CUBA	CUBA
REINA MARIA RODRÍGUEZ	F	1.952		53	CUBA	CUBA

Fonte: cubaencuentro.com. Encuentro en la Red

Em 1995, a Asociación Encuentro de la Cultura Cubana foi criada como suporte legal para subvencionar o projeto de publicação da revista, o qual foi concluído no verão de 1996 com a edição de seu primeiro número. Jesús Díaz esteve à frente da publicação da revista, como diretor, até seu falecimento em maio de 2002 e, desde então, a direção se encontra sob a responsabilidade de Rafael Rojas e Manuel Díaz Martínez. Atualmente, a *Encuentro de la Cultura Cubana* está em seu quadragésimo volume correspondente ao período da Primavera de 2006, prosseguindo sua linha editorial que reafirma o propósito em reiterar o contato e o diálogo entre diferentes concepções acerca da cultura cubana.

Conforme dados do portal *cubaencuentro.com*, a Asociación Encuentro de la Cultura Cubana é uma organização sem fins lucrativos com sede em Madri e para receber contribuições dos Estados Unidos possui registro no Estado da Flórida. Sua direção é composta por Annabelle Rodríguez, presidente, Beatriz Bernal, vice-presidente e Pablo Díaz Espí, secretário, todos residem em Madri. O objetivo principal da Asociación encontra exposto no portal citado e afirma:

...contribuir al desarrollo de una cultura de la democracia, para que Cuba pueda transitar pacíficamente hacia una sociedad abierta, plural y respetuosa de los Derechos Humanos. Ello implica la necesidad de establecer relaciones fluidas entre los ciudadanos de la Isla y de la diáspora a través de la libre circulación de ideas e información.⁴³

A Asociación Encuentro de la Cultura Cubana para implementar o objetivo assinalado, tem desenvolvido quatro projetos. O Diário Digital *encuentro en la red*; o portal *cubaencuentro.com*; a organização de Seminários, Conferências e oficinas de trabalho e, por fim, a publicação da Revista *Encuentro de la Cultura Cubana*.

O diário digital *Encuentro en la Red* oferece informações e análises diárias por meio da Internet, uma comunicação mais acessível aos cubanos da Ilha e de outras localidades.

O portal *cubaencuentro.com* constitui num centro de referência *on line* de documentação e informação que abre canais para formação de comunidades virtuais. Um dos seus objetivos é mapear os profissionais cubanos interessados em desenvolver projetos presenciais ou virtuais.

Os seminários, conferências e oficinas de trabalho correspondem a eventos que a Asociación promove para reunir profissionais cubanos e estrangeiros de diversas áreas para debater temas sobre cultura, economia e política cubana, ou ainda participa como convidada em eventos de outras instituições. Os trabalhos apresentados nestes eventos, em geral, são publicados na revista *Encuentro de la Cultura Cubana*.

A publicação da revista *Encuentro de la Cultura Cubana*, um dos projetos da Asociación, tem como finalidade constituir-se num espaço de comunicação entre os cubanos da Ilha e da diáspora para discutir seu passado, presente e futuro. Os dados de *cubaencuentro.comunidad* informam sobre a tiragem da revista e dos setores sociais que a recebem em Cuba e outros países:

Encuentro tiene una tirada de 4.500 ejemplares, de los que 2.000 se envían gratuitamente a Cuba. Éstos se distribuyen principalmente entre académicos, estudiantes, investigadores, economistas, historiadores, sociólogos, escritores, artistas plásticos, de teatro, cineastas, medios eclesiásticos, funcionarios estatales, etc. Es decir, entre las capas de mayor formación cultural y política, las que se pueden considerar formadoras de opinión y probables protagonistas de una futura transición política del país. Los 2.500 ejemplares restantes cubren pedidos de bibliotecas, universidades, instituciones culturales y centros de investigación, principalmente en Europa, Estados Unidos y América Latina, así como de los lectores cubanos

⁴³ Portalcubaencuentro.com

de la diáspora y otros especialistas o interesados en cualquiera de los múltiples aspectos de la realidad y la cultura de Cuba.⁴⁴

O projeto da revista, segundo dados do volume 25 em sua *Introducción*, materializou-se com o apoio da Agência Espanhola de Cooperação Internacional do Ministério De Assuntos Exteriores (AECI) e Fundação Ortega y Gasset, inicialmente. E as adesões foram se ampliando com a participação da Fundação Pablo Iglesias do PSOE (Partido Socialista Operário Espanhol), Centro Internacional Olof Palm (Suécia), National Endowment for Democracy (NED-Estados Unidos), Partido Social Democrata Sueco, Fundação Caja Madri, Fundação Ford, Direção Geral do Livro do Ministério de Educação e Cultura da Espanha, Junta de Andalucía, Instituto Open Society (EUA), Fundação ICO (Espanha) e União Européia. Outras instituições internacionais também patrocinam a publicação da revista: Casa de América, Universidade Complutense de Madri, Sociedade Geral de Autores da Espanha (SGAE), Círculo de Belas Artes de Madri, Centro de Cultura Contemporânea (Barcelona), Centro Juan Carlos da Universidade de Nova York, Revista *Letras Livres*, Palácio Nacional de Belas Artes (México), Centro Cultural Espanhol e o Teatro Tower (Miami) e a Casa de Cólón, em Las Palmas de Gran Canária, onde a *Encuentro de la Cultura Cubana* realiza seminários e conferências.⁴⁵

Cabe ressaltar que esta lista de patrocinadores das mais variadas instituições e de diversos países demonstra o suporte financeiro recebido pela revista, o que lhe permite a envergadura de sua publicação com qualidade estética na apresentação, na regularidade da entrega de seus volumes (com periodicidade de três em três meses), e na produção textual. Sem essa subvenção, talvez a revista não se sustentasse, pois conta com 50% dos recursos oriundos de suas assinaturas, tendo em vista que quase a metade da tiragem da publicação é distribuída gratuitamente em Cuba. O valor da assinatura anual é de 26 euros para Espanha, 40 para o restante da Europa e Ásia, 62 para América, Ásia e Oceania. Não há dados sobre a distribuição de assinaturas em outros países. Pelas cartas dos leitores percebe-se a sua presença em diversos países, o que não significa que todos eles sejam assinantes. Muitos leitores a conseguem por meio de amigos, conforme veremos no quarto capítulo.

Outro aspecto a ser analisado sobre esse apoio é se há uma suposta dependência intelectual de sua produção às entidades financiadoras. Para o governo de Fidel Castro isto é motivo suficiente para caracterizar a revista como mais uma articulação dissidente forjada

⁴⁴ Portalcubaencuentro.com

⁴⁵ Introducción. **Revista Encuentro...** Madrid. 2002. Vol. 25. p.4

pelos interesses da CIA, via Fundação Ford e a NED. E, do ponto de vista da revista, isto não tem significado seu condicionamento a alguma forma de dependência ideológica. As contribuições são recebidas resguardando a autonomia de sua textualidade. A variedade de subvenções é fator indicativo de uma ajuda plural no sentido econômico, de difícil vínculo ideológico e político a um ou outro órgão financiador internacional em especial.

O volume 28/29 apresenta um dossier intitulado *Un ejercicio de infamia* em que analisa essa questão do financiamento criticado pelas autoridades cubanas como publicação colaboradora da CIA. A posição dos colaboradores é de afirmar a independência da revista pela própria heterogeneidade das fontes, conforme expõe o dossier:

Esa diversidad, por si misma, haría imposible ‘obedecer’ ningún dictado de nuestros patrocinadores. Y, por supuesto, ninguna de estas instituciones jamás se habría atrevido a insinuar siquiera la menor sugerencia sobre nuestra línea editorial, hecho inconcebible en el mundo democrático.⁴⁶

Associada à crítica sobre o financiamento está a questão em que se vincula crítica política a um suporte partidário. É importante ressaltar a visão editorial quanto à discussão sobre o vínculo partidário da revista. Conforme é anunciado, a *Encuentro de la Cultura Cubana* não se propõe a ser alternativa de poder em Cuba. Ela não está vinculada a nenhum partido político, mas atua sobre perspectivas de mudança, de transição política, por meio do debate intelectual e do diálogo. O mesmo dossier reitera:

Dos de los principios fundacionales de Encuentro de la cultura cubana, fueron su independencia y su apertura a todas las voces, tendencias y geografías, conciliando en un solo espacio de diálogo las hasta entonces antitéticas nociones de “nosotros” y “ellos”, “adentro” y “afuera”.⁴⁷

Na apresentação do primeiro volume diz-se que: “Encuentro de la cultura cubana no representa ni está vinculada en modo alguno a ningún partido u organización política de Cuba o del exilio.”⁴⁸ Fundamentalmente o que deve ser salientado é que, até o presente momento, a revista não tem se constituído em veículo de difusão e representação de um pensamento político-partidário em especial. Ela está vinculada à Asociación Encuentro de la Cultura Cubana com sede em Madri, como já foi mencionado.

⁴⁶ Dossier: Financiación, totalitarismo y democracia. Un ejercicio de infamia. **Revista Encuentro...** Madrid. Primavera/Verano de 2003. Vol.28/29. p. 249.

⁴⁷ Ibidem. p. 249

⁴⁸ Presentación **Revista Encuentro...** Madrid. Verano de 1996. Vol. 1. p.3

2.4. JESÚS DÍAZ E SUA ÉPOCA

A vida de Jesús Díaz merece um destaque neste trabalho, pois sua atuação em trinta e dois anos após a Revolução dentro de Cuba como colaborador, mas também crítico do percurso revolucionário, e mais onze anos fora, em intensa atividade cultural, confere-lhe uma trajetória histórica que se confunde com a própria história do exílio cubano da década de 1990, em que dificilmente uma pode ser escrita sem a outra. Foi uma personalidade polêmica durante estes quarenta e três anos, tanto por forças “pró”, quanto “contra-revolucionárias”. Sua produção narrativa ganhou expressão no processo interno da Revolução, mesmo respaldando-a manteve uma textualidade controversa porque já apresentava elementos de reflexão ao dogmatismo oficial já nos seus primeiros anos. O exílio assume outra representação pela narrativa articulada por Jesús Díaz quando toma a frente da publicação da revista *Encuentro de la Cultura Cubana*. No início da década de 1990, em sua estadia definitiva em Madri, assumiu uma linha de ruptura à política oficial dentro de Cuba e de independência aos setores mais radicais anti-castristas, fora de Cuba.

As fontes consultadas para o relato da vida de Jesús Díaz foram extraídas da própria revista *Encuentro de la Cultura Cubana*. Boa parte do volume 25 em que lhe é atribuída homenagem póstuma, traz vários artigos com informações relevantes de sua história dentro e fora de Cuba. Outros volumes contêm artigos do próprio Jesús Díaz, que fornecem depoimentos de reflexão e de autobiografia quanto a sua relação com o governo. Ainda foram consultadas informações pela Internet que complementaram dados sobre sua participação na Revolução e produção de suas obras literárias.

A contribuição de Jesús Díaz residiu em transformar a dispersão dos intelectuais cubanos, exilados em diferentes países, numa convergência de espaço onde a cultura cubana materializasse seu encontro para debater, confrontar sua identidade num contato imprescindível com os cubanos de dentro da Ilha e recriá-la pela presença de sua extraterritorialidade. A publicação simboliza esse lugar, onde uma outra história de Cuba é vivenciada e escrita pela comunidade do exílio e da Ilha que se identificam por pensar de forma independente. E parte do exílio, como também dos cubanos de “dentro” ocupam essa territorialidade simbólica, que se aglutinam no território da escrita, onde o “não lugar” do exílio a que Rafael Rojas menciona se situa, entre outros, no lugar de encontro de uma outra

representação que a revista propõe. Como diz Julio Ortega ⁴⁹ no volume dedicado a homenagear Jesús Díaz: “Esta revista se convirtió en la esfera pública de una república cubana del exilio.” ⁵⁰

Desde sua participação no processo revolucionário até o ano de sua morte em 2002, Jesús Díaz foi controverso e alvo de ataques e críticas que Manuel Díaz Martínez pronunciou “... tanto peso le reventó la salud.” ⁵¹

Jesús Díaz nasceu em outubro de 1941 na cidade de Havana. Desde jovem, participou ativamente da luta estudantil contra a ditadura de Fulgêncio Batista e teve atuação como capitão na guerrilha iniciada em Sierra Maestra. Em 1961, participou da luta contra os “contra-revolucionários” na Sierra del Escambray (Las Villas). No ano seguinte, foi membro da seção América Latina do Instituto Cubano de Amizade aos Povos (ICAP) que instruía as milícias revolucionárias. Desde o triunfo da Revolução em 1959, foi incorporado à Escola de Filosofia e Letras da Universidade de Havana, sendo professor de filosofia de 1963 a 1971. ⁵²

Entre 1965 e 1966, Jesús Díaz dirigiu o jornal *Juventude Rebelde*, órgão da União dos Jovens Comunistas (UJC), assumindo seu suplemento literário chamado *El Caimán Barbudo*, fundado por Raúl Rivero e, neste ínterim, sua vocação literária se despontou. Segundo Jesús Díaz, o objetivo de “*El Caimán* era crear un suplemento literario y una revista de ciencias sociales que le facilitaran a la revolución cubana a seguir un estilo propio, distinto y distante del soviético”. ⁵³ Esta é uma afirmação recente, extraída de um artigo seu, publicado na *Encuentro de la Cultura Cubana* em 2000. Revela, após 34 anos de sua fundação, uma posição de quem, nos primórdios da Revolução, colaborou com sua construção, mas, desde então, um anseio era expresso de que seguisse um curso diferente do modelo soviético.

Uma presença literária e da cultura popular cubana no processo revolucionário, era sonhada por boa parte da intelectualidade cubana, latino-americana e a esquerda europeia. Tratava-se de um momento em que as conquistas revolucionárias e a riqueza literária eram compreendidas como situações de um mesmo fenômeno. A concepção de que a Revolução proporcionava as condições áureas da produção literária e do desenvolvimento científico se reproduzia no meio social, sobretudo entre os intelectuais cubanos e estrangeiros. E, para

⁴⁹ Julio Ortega nasceu em 1942 no Peru. É colaborador da *Encuentro de la Cultura Cubana*, autor do livro “*Relato de la Utopía*” e professor de literatura latino-americana na Universidade de Brown, situada na cidade de Providence, capital de Rhode Island (EUA)

⁵⁰ ORTEGA, Julio. Concurrencias de Jesús Díaz. **Revista Encuentro...** Madrid. 2002. Vol. 25. p.26.

⁵¹ MARTÍNEZ, Manuel Díaz. Jesús. **Revista Encuentro...** Madrid. 2002. Vol. 25. p.8

⁵² GUIBLIN, Marc. Approche de l’oeuvre de Jesús Díaz (Cuba). Disponível em: perso.club-internet.fr/mguiblin/Díazcobert.htm. Université de Tours. França. 2003

⁵³ DÍAZ, Jesús. El fin de otra ilusión. **Revista Encuentro...** Madrid. 2000. Vol. 16/17. p.106

ilustrar a presença dessa concepção no contexto dos anos 1960, o próprio suplemento *El Caimán Barbudo* ⁵⁴ foi traduzido por Jesús Díaz como *Cuba Revolucionária*, ou seja, seus colaboradores pretendiam uma literatura engajada, voltada para o contexto revolucionário, porém diferenciado do modelo soviético. ⁵⁵

Jesús Díaz e demais membros do *El Caimán* foram destituídos em 1967 pela direção da União da Juventude Comunista, que na época revisava os artigos desse suplemento e os acusava de “diversionismo ideológico” e “opiniones conflictivas”, como relata Jesús Díaz. São denominações características, do ponto de vista do governo, de divergências de cunho anti-revolucionário, que justificavam as represálias contra qualquer pensamento diferente da Revolução.

Contribuiu para este desfecho, a persistência de Jesús em publicar no suplemento *El Caimán* um artigo de Heberto Padilla, tecendo elogios ao livro *Tres Tristes Tigres* de Guillermo Cabrera Infante – um dos primeiros escritores cubanos de grande destaque internacional na literatura a romper com o castrismo – e, em contrapartida, criticava a novela *Pasión de Urbino* de Lisandro Otero, o então Ministro da Cultura do Estado Cubano. ⁵⁶ Esse episódio tenha sido talvez o primeiro dos desacordos que Jesús Díaz viria enfrentar com o regime de Fidel Castro, pois criou um fato político ao divulgar uma literatura dissidente e tecer críticas à literatura engajada. ⁵⁷

Aos 24 anos, Jesús Díaz, recebeu o Prêmio Casa de las Américas com a publicação de seu livro de contos *Los años duros* (1966). Neste livro, Jesús Díaz procurou estabelecer uma relação entre literatura e sua influência no campo da luta política, como ele

⁵⁴ *El Caimán Barbudo* fez parte de uma das tentativas dos escritores cubanos, no início da Revolução, em apresentar um discurso inovador e distinto do realismo socialista. Surgiu logo após o fechamento pelo governo do editorial *El Puente*, em 1965, por propor um espaço aberto ao debate e às polêmicas. Mas, em 1967, o governo decretou a troca do conselho editorial, permanecendo a publicação até os dias de hoje com o mesmo nome, sob a direção oficial.

Outra iniciativa dos intelectuais cubanos, anterior ao *El Caimán*, em participar de modo diferenciado e crítico foi a publicação do suplemento *Lunes de Revolución*, quatro meses após a Revolução, que contava com a participação de intelectuais cubanos e estrangeiros. *Lunes* também sofreu a ação repressiva do governo em 1961 em nome do programa cultural nacional que, segundo o governo, deveria priorizar as necessidades do povo. O fechamento de *Lunes de Revolución* levou ao pronunciamento de Fidel Castro aos escritores cubanos, conhecido como *Palabras a los intelectuales*. Nesse discurso Fidel demarca a posição que os intelectuais cubanos devem assumir na sociedade (discurso mencionado na nota de rodapé da Introdução, p. 12, e citado no capítulo três desta dissertação, pp. 71-72).

⁵⁵ DÍAZ, Jesús. El fin de otra ilusión. **Revista Encuentro...** vol. 16/17. Madrid. 2000. p.107

⁵⁶ ROJAS, Rafael. In memoriam. Jesús Díaz: el intelectual redimido. Disponível em: istor.cide.edu/archivos/num. 2002.

⁵⁷ DÍAZ, Jesús. El fin de otra ilusión. **Revista Encuentro...** Madrid. 2000. Vol. 16/17. p.110

mesmo afirmou em seu artigo *El lugar imposible*: “Pretendíamos vincular la literatura a una vocación liberadora universal en el terreno político.”⁵⁸

Esse pronunciamento configura sua adesão literária e política à Revolução Cubana, que Gustavo Guerrero compreende como uma fase de “ilusión” de sua narrativa: “*Los años duros* fue el tributo literario de su temprana adhesión a la Revolución cubana: un libro en el cual los aciertos y los desaciertos traducen por igual la fe y las ilusiones del muchacho que lo escribió.”⁵⁹ E o próprio Jesús Díaz faz uma autocrítica acerca deste livro, julgando-o “juvenil” e “prescindível” em um artigo do ano de 2000 na *Encuentro de la Cultura Cubana*.⁶⁰

Durante o período de 1967 a 1971, Jesús Díaz foi membro do conselho de redação da revista teórica *Pensamento Crítico*. Em 1967 ele foi convidado a participar do cinquentenário da Revolução de Outubro em Moscou pela União de Escritores Soviéticos e, em 1968, tornou-se membro do Partido Comunista de Cuba. Colaborou com diferentes publicações culturais como *Casa de las Américas*, *Bohemia*, *OCLAE* (Cuba), *La Rosa Blindada* (Argentina), *Partisans*, *Les Lettres Françaises* (França).

Pensamento Crítico surgiu no Departamento de Filosofia da Universidade de Havana dirigida por Fernando Martínez juntamente com Jesús Díaz, Aurélio Alonso, Ugo Azcuy e José Bell Lara. A revista, nas palavras de Díaz:

consistia en contribuir a rescatar la riqueza original del marxismo para conectarla con sus desarrollos históricos y contemporáneos en Europa y también con las culturas cubana y latinoamericana, y utilizar el resultado como un arma “cargada de futuro.”⁶¹

Por ser uma publicação do departamento de Filosofia da Universidade de Havana, ela poderia possuir certa autonomia em suas produções, pois não estava vinculada a nenhuma instância direta do Partido Comunista Cubano. Entretanto, o que se veiculava era de que a Revolução deveria ter revistas representativas de seus ideais e subentendia-se que *Pensamento Crítico* seria sua porta-voz, porque era custeada pelo Estado por intermédio da Universidade. Mesmo mantida ou financiada pelo Estado e sob a inspeção de assessores soviéticos, a publicação buscou preservar sua autonomia durante os cinco anos de sua edição, conforme

⁵⁸ DÍAZ, Jesús. El lugar imposible. Jesús Díaz: ilusión y desilusión. Gustavo Guerrero. **Revista Encuentro...** Madrid. 2002. Vol. 25. p.10

⁵⁹ GUERERO, Gustavo. Jesús Díaz: ilusión y desilusión. **Revista Encuentro...** Madrid. 2002. Vol.25. p.13

⁶⁰ DÍAZ, Jesús. El fin de otra ilusión. **Revista Encuentro...** Madrid. 2000. Vol. 16/17. p.106

⁶¹ Ibidem. p.113

aspiravam seus colaboradores. Mas Jesús Díaz declarou sentir-se envergonhado perante os intelectuais cubanos por avaliar essa geração como a “geração do silêncio”. Ele considerou que *Pensamento Crítico* poderia ter produzido análises mais diretas e críticas acerca da Revolução Cubana. Ainda assim, em 1971, o comitê central do Partido Comunista Cubano ordenou o fechamento não só da revista, mas também do Departamento de Filosofia, acusados novamente de “diversionismo ideológico”.

Logo após o fechamento do Departamento de Filosofia da Universidade de Havana e da revista *Pensamento Crítico*, Jesús Díaz integrou-se ao ICAIC (Instituto Cubano de Artes e Indústria Cinematográfica) como roteirista e diretor de filmes, num momento em que a censura se intensificou. Com o mesmo espírito problematizador da complexidade da sociedade cubana, presente em sua literatura, ele transpôs para a linguagem cinematográfica o retrato de situações conflituosas do contexto revolucionário, associado à tendência de burocratização do poder a partir de 1959, segundo Paulo Paranaguá ⁶² em seu artigo na *Encuentro de la Cultura Cubana*.

Como produtor, Jesús Díaz participou do filme *Viva la República!* (1972) de Pastor Vega, *Ustedes tienen la palabra* (1973) de Manuel Octavio Gómez. Seus primeiros curtas-metragem apareceram em 1975, com *Cambiar la vida* e, em 1976, *Canción de Puerto Rico*. Ele também investiu na produção de documentários como *55 hermanos* (1978), que segundo Paranaguá “replantea la cuestión de la nacionalidad en nuevos términos, desvinculándola de la geografía y todavía más de los determinismos ideológicos” e filmou o documentário sobre a Nicarágua, *En tierra de Sandino* (1980). Em 1981, veio seu longa-metragem *Polvo Rojo*, evocando o problema da emigração desde os primeiros anos da Revolução. *Lejania* de 1985 discute o tema da nacionalidade cubana no processo da diáspora. Projetou, por fim, *Alicia en el pueblo de Maravillas* de Daniel Díaz Torres (1991), proibido em Cuba pela sua crítica direta à Fidel Castro e ao burocratismo. Para Paulo Paranaguá, Jesús Díaz juntamente com Tomás Gutiérrez Alea tiveram uma presença destacada e crítica no ICAIC, num contexto quase impossível de se manter uma produção cultural independente e, sobretudo, questionadora dentro de Cuba. A postura do diálogo e da reconciliação nos personagens de seus filmes traduzem o desejo de mudança do burocratismo da Revolução e uma nova relação entre Cuba e o exílio. ⁶³

⁶² PARANAGUÁ, Paulo Antônio. Diálogo y contemporaneidad e el cine de Jesús Díaz. **Revista Encuentro...** Madrid. 2002. Vol.25. p.28-33. Paulo Antônio Paranaguá é brasileiro e crítico de cinema, reside em Paris.

⁶³ Ibidem.

Contribuiu também no terreno da dramaturgia com a peça *Unos hombres y otros* escrita em 1966, no mesmo ano de *Los años duros*, recriando alguns elementos deste para a peça. E sinaliza por meio de seus personagens que as ações humanas devem estar acima das convicções ideológicas e políticas. Uma visão antecipadamente crítica para o que se configuraria mais tarde como necessária a uma realidade sustentada por discursos e símbolos ideologicamente inquestionáveis.

Durante vinte anos, paralelamente aos trabalhos junto ao ICAIC, dedicou-se com a mesma intensidade à literatura, narrando o cotidiano da sociedade cubana em suas novelas. A primeira *Las iniciales de la tierra* (1973), escrita ainda em Cuba e só publicada no ano de 1987 em Havana. *Las palabras perdidas* (1992) foi escrita já no exílio em Madri, *La piel y la máscara* (1996) escrita na Alemanha, *Dime algo sobre Cuba* (1998), *Siberiana* (2000) e *Las cuatro fugas de Manuel* em 2002, sendo as três últimas escritas em Madri.

Em março de 1991, Jesús Díaz segue para Alemanha com sua família em função de uma bolsa adquirida pela Escola de Cinema de Berlim e logo se tornou professor da mesma instituição. Alguns fatores podem ter contribuído para o exílio de Jesús Díaz. Não há um pronunciamento declarado acerca de que condição específica o levou a esta opção. Ao longo desta trajetória literária e política buscou um veio que afirmasse a autonomia da identidade cultural cubana frente às inversões do processo revolucionário cubano que se impunham pelo marxismo soviético, reproduzido pelo castrismo.

Um dos possíveis fatores de seu exílio foi o desgaste junto ao governo no momento da realização do Congresso da UNEAC (União Nacional dos Escritores e Artistas Cubanos) em 1988, do qual Jesús Díaz, que era membro do Partido Comunista Cubano neste período, se negou a participar do evento, que contaria com a presença de Fidel Castro. Segundo Elizabeth Burgos, Jesús Díaz enviou uma carta ao Partido, anterior ao Congresso da UNEAC, fazendo uma análise crítica à situação do país e a necessidade de mudanças, como não houve retorno de sua apreciação, ele considerou que não havia mais o que ser feito e evitou um possível confronto aberto com Fidel Castro, não comparecendo, portanto, ao evento. A não participação de Jesús Díaz nesse Congresso custou-lhe fortes críticas por parte do Ministério da Cultura, presidido por Armando Hart, porque a ausência de qualquer outro escritor poderia ser justificada, mas um membro do Partido e autor de *Los años duros* era inaceitável!⁶⁴

⁶⁴ BURGOS, Elizabeth. La carta que nunca te envié. **Revista Encuentro...** Madrid. 2002. Vol. 25. p.56.

Outro fator relevante para sua decisão ao exílio foi a proibição do filme *Alicia en el pueblo de Maravillas* após sua estréia em 1991, o que possivelmente tenha lhe feito repensar sobre seu retorno a Cuba quando se encontrava na Alemanha. Essa viagem não tinha configurado ainda uma ruptura com o regime, pois era membro do PCC junto ao ICAIC. E, como membro do próprio Instituto de Cinema, ver sua produção sendo vetada, suscitou-lhe “o fim de outra ilusão”, como sugere o título de seu artigo, a um projeto cultural independente dentro de Cuba. Jesús Díaz permaneceu na Alemanha durante um ano e seguiu para Espanha, onde fixou seu exílio e publicou o artigo, *Los anillos de la serpiente*, em 12 de março de 1992 no jornal *El País* de Madri, assumindo sua ruptura definitiva. A decisão ocorreu num momento em que ele não vislumbrava mais uma mudança que surgisse de dentro da estrutura de poder em Cuba, dos contrapontos estabelecidos em seu interior, ou de um diálogo possível com o regime.⁶⁵

Em 1994, já estabelecido em Madri desde 1992, Jesús Díaz organizou o seminário *La Isla Entera* culminando dois anos depois no grande projeto de sua vida após a saída definitiva de Cuba, a publicação da revista *Encuentro de la Cultura Cubana*. Dirigiu a revista desde sua fundação em 1996 até o ano de seu falecimento em 2002, perfazendo seis anos de publicação, com 24 números editados. No vigésimo quinto volume foi-lhe dedicada uma homenagem especial, em razão de sua morte, trazendo considerações acerca de seu protagonismo na produção literária e política durante o período revolucionário em Cuba. E no exílio contribuiu para uma nova representação da cultura cubana, crítica aos dogmatismos políticos.

Do ponto de vista oficial, Jesús Díaz era visto como traidor e revisionista. Mas um outro extremo, considerava-o como agente secreto do regime de Fidel Castro, pois se acreditava que sua narrativa crítica, enquanto esteve dentro de Cuba, caracterizava a permissão de uma voz questionadora, e isto justificava, na concepção do exílio mais conservador, a propaganda oficial de um governo democrático. Mas entre uma e outra posição, o que, enfim, deve ser constatado é que, sua atuação como escritor, cineasta, diretor de teatro, ensaísta e crítico político veio gerar um fato histórico no contexto da sociedade cubana atual. Ela deu visibilidade internacional a uma outra representação da cultura cubana para os que residem dentro e fora de Cuba e a trouxe para um campo que possibilitasse seu encontro com outro paradigma de leitura e narrativa sobre Cuba. Contribuiu com uma nova maneira de pensar o processo político, suplantando a difícil construção maniqueísta de uma

⁶⁵ Ibidem.

ordem racional, e traduzindo a teoria para um espaço político não de “negação”, mas de “negociação” – no sentido que Bhabha atribui a estes termos.

2.5. O PERFIL DA *ENCUENTRO DE LA CULTURA CUBANA*

Para se obter o perfil da revista esta pesquisa contou como fonte documental seus próprios artigos, editoriais, cartas e informações sobre os autores. Foi realizado um estudo de dados essenciais à compreensão de sua linha editorial, sem entrar no mérito das questões específicas da teoria da comunicação, detendo-se apenas nos elementos delineadores de uma concepção de mundo e de história. O traçado de quem são os colaboradores dessa publicação se estabeleceu a partir de um levantamento estatístico do quantitativo e percentual de escritores cubanos residentes na Ilha e no estrangeiro, participação de intelectuais não-cubanos, de mulheres e homens, profissão dos autores, tipos de artigos e qual a frequência dos temas abordados. Um banco de dados foi estruturado para mapear sua composição e clarear o perfil temático da revista. O objetivo é estabelecer a relação ou a correspondência dos dados levantados com o delineamento editorial proposto no conjunto dos artigos da revista.

É importante esclarecer que o levantamento dos dados, muito embora possa ser extenuante sua leitura, foi decisivo na definição do tema desta pesquisa. Permitiu uma visão panorâmica da formação dos autores, dos temas abordados, da interdisciplinaridade sugerida pelos artigos, da distribuição nos territórios de dentro e fora da Ilha de seus colaboradores e, ainda, a participação de intelectuais estrangeiros. A partir desta visão, o cruzamento entre os temas cultura e política foram sendo apontados como reflexão da situação dos cubanos no contexto atual e encaminhados para selecionar os artigos que seriam utilizados à reflexão desta temática.

A revista se encontra no quadragésimo volume do ano de 2006, no entanto, os dados aqui apresentados correspondem ao cadastro dos volumes 1 ao 25, referentes aos anos de 1996 a 2002, delimitação já explicitada anteriormente. Sua publicação é trimestral, sendo que, três vezes ao ano são lançados três volumes únicos e uma vez, um volume duplo. Os volumes cadastrados perfazem um total de 499 colaboradores e 694 artigos, evidenciando que um mesmo escritor possui vários artigos publicados. Os dados que serão apresentados a seguir, foram todos extraídos da própria revista, pelas informações biográficas sucintas sobre os colaboradores, contidas na última página de cada volume.

As tabelas abaixo mostrarão o quantitativo do total dos colaboradores homens e mulheres; dos cubanos e não cubanos; cubanos exilados e não exilados; países de origem do total dos autores; países de residência dos cubanos exilados; países de residência do total de colaboradores; profissões dos colaboradores, temas e tipos de artigos. Cada tabela será analisada separadamente, para melhor visualização e compreensão dos dados.

A tabela 2 apresenta o total de 499 colaboradores cubanos e estrangeiros, mostrando a participação de homens e mulheres, com predominância de colaboradores do sexo masculino, 409 (81,96%) diante dos 90 (18,04 %) do sexo feminino.

Tabela 2: Colaboradores - Sexo

Sexo	Qde.	%
Mulheres	90	18,04
Homens	409	81,96
Total	499	100,00

Fonte: Revista Encuentro de la Cultura Cubana (Vol. 01 ao 25)

O percentual majoritário de homens, 409 (81,96%) num total de 499, em relação a quantidade de mulheres, 90 (18,04%), é representativo das duas origens, de cubanos e estrangeiros. Isto equivale a dizer que a participação das mulheres em ambas as situações tem uma presença menor, possivelmente, em função de sua inserção na produção acadêmica ainda ser de difícil alcance tanto para as cubanas, quanto às estrangeiras.

As tabelas 2.1 e 2.2 são subdivisões da tabela 2 porque prosseguem no desdobramento comparativo da participação de homens e mulheres na produção da revista; e foram desmembradas em função de vários dados se encontrarem reunidos para análise sobre quantidade e percentual de colaboradores cubanos e não cubanos, subdivididos entre mulheres e homens; percentual entre mulheres cubanas e não cubanas, da mesma forma com os colaboradores homens; quantitativo sobre o total dos autores não exilados e exilados e percentuais por sexo em relação ao exílio. Estas discussões são próximas, mas configurá-las em tabelas subdividas foi o meio mais eficaz de evidenciá-las.

Tabela 2.1: Colaboradores (Cubanos / Não Cubanos)

Descrição	Mulheres		Homens		Total	
	Qde	%	Qde	%	Qde	%
Cubanos	67	17,3	320	82,7	387	77,6
Não Cubanos	23	20,5	89	79,5	112	22,4
Totais	90	18,04	409	81,96	499	100

Fonte: Revista Encuentro de la Cultura Cubana (Vol. 01 ao 25)

Dentre os 499 autores de ambos os sexos incluindo cubanos e não cubanos, 387 (77,6%) são cubanos e 112 (22,4%) não-cubanos, como mostra a tabela 2.1 na coluna do total em quantidade e percentual. São dados significativos que retratam a abertura à contribuição de intelectuais estrangeiros, constatada pelos números, mesmo que a temática da revista seja cubana, por isto uma participação maior dos próprios cubanos. Há um percentual considerável da participação de intelectuais estrangeiros, que se identificam com o debate suscitado pela revista. Ainda que a difusão da publicação atinja um público mais seletivo, restrito ao meio acadêmico e literário e, por outro lado, boa parte da intelectualidade estrangeira também oscila entre os discursos entre ser “contra” ou “favor” da Revolução, há uma interação entre cubanos e estrangeiros na discussão de temas sobre a realidade cubana, mas também sobre processos históricos diversos como o da Venezuela, Estados Unidos, Leste Europeu, Espanha, entre outros e de que maneira diferentes contextos podem ser expostos em análise comparativa.

Seguindo a leitura da primeira linha horizontal da tabela 2.1 os dados se referem aos autores cubanos, sendo que 67 (17,3%) são mulheres e 320 (82,7%) são homens. A linha horizontal abaixo mostra a proporção de mulheres e homens não cubanos, sendo colaboradoras não cubanas 23 (20,5%) e 89 (79,5%) os não cubanos.

Se calcularmos a diferença entre o percentual da participação de cubanos homens (82,7%) e mulheres (17,3%), obteremos o resultado de 65,4%. E continuando o cálculo da diferença entre não cubanos homens (79,5%) e mulheres (20,5%) chegaremos ao percentual de 59%. Comparando estes dois resultados a conclusão é de que a diferença entre homens e mulheres para os colaboradores cubanos é maior que os não cubanos. Em ambas as situações, as diferenças ultrapassam os 50%, mas revela proporcionalmente uma participação um pouco maior das mulheres estrangeiras em relação às cubanas. Considerando que a mulher em outros países também vive em dificuldades de condições sócio-culturais e econômicas, de qualquer modo, seu alcance na esfera profissional tem sido mais evidenciado e seus canais de reivindicação mais abertos para conquistas trabalhistas. E, conforme apresentam os dados, em Cuba, as diferenças de gênero se encontram mais acentuadas.

A tabela 2.2 a seguir, trata dos colaboradores cubanos, quanto aos que residem em Cuba e aos que se encontram no exílio, descritos como “não exilados” e “exilados”.

Tabela 2.2: Colaboradores Cubanos (Não Exilados / Exilados)

Descrição	Mulheres		Homens		Total	
	Qde	%	Qde	%	Qde	%
Não Exilados	24	18,8	104	81,2	128	33,1
Exilados	43	16,6	216	83,4	259	66,9
Totais	67	17,3	320	82,7	387	100.0

Fonte: Revista Encuentro de la Cultura Cubana (Vol. 01 ao 25)

A tabela acima na coluna do total apresenta 128 (33.1%) cubanos não exilados que escrevem para a revista e 259 (66,9%) exilados. Um dado que revela uma quantidade importante de intelectuais cubanos no exílio, um pouco mais que o dobro que os que se encontram dentro de Cuba, criando um espaço de referência para o contato e discussão da identidade cultural cubana. Esses números contribuem para a compreensão do perfil da revista *Encuentro de la Cultura Cubana*, pois sinalizam a relevância que o exílio tem desempenhado no atual contexto histórico de Cuba, quando parte significativa de seus intelectuais busca em outros territórios um meio de “falar a verdade ao poder”, função que Edward Said atribui aos intelectuais.⁶⁶ Os dados apontam também a relação entre a produção do exílio externo e interno (que será abordada no capítulo três). Pois é considerável o número de colaboradores intelectuais dentro de Cuba que diverge do Estado e se submete ao risco de perseguições políticas, mas resiste ao isolamento e à marginalização em seu próprio país, participa com persistente interesse dessa interação narrativa. Esses dados caracterizam ainda o contexto do exílio da década de 1990 em que as condições para uma saída por meio do discurso do diálogo ganham força e convicção entre um número crescente de intelectuais cubanos de “fora” e de “dentro”. O discurso da relação entre Cuba e o exílio se confirma pela participação efetiva desses intelectuais, oriundos de ambos os territórios, na produção da revista que abre a possibilidade de identificação cultural cubana sem a culpa de não ser revolucionário.

Seguindo na análise da tabela 2.2, a primeira linha horizontal apresenta os não exilados, 24 (18,8%) mulheres e 104 (81,2%) homens. Na segunda linha mostra os colaboradores exilados, sendo 43 (16,6%) mulheres e 216 (83,4%) homens. Tanto em Cuba, quanto no exílio, os autores cubanos homens são maioria em relação às mulheres. A diferença em termos percentuais entre colaboradores homens e mulheres que residem em Cuba (62,4%) é menor que a diferença entre os que se encontram no exílio (66,8%). A diferença caberia um estudo mais detalhado acerca das condições de exílio para esses intelectuais, mulheres e

⁶⁶ SAID, Edward. Representações do Intelectual. As conferências Reith de 1993. Companhia das Letras. São Paulo. 2005. p.11

homens, que não estão no objeto desta pesquisa, mas serve apenas para indicar que até para se deslocar para fora de seu país, há uma diferença em prejuízo às mulheres. Para as mulheres, o exílio implica em enfrentar duplamente o autoritarismo – o da burocracia estatal e o que se manifesta nas relações familiares e pessoais. Os vínculos sociais que têm que abandonar e as expectativas de sobrevivência no exílio, pesam sobre sua decisão num mundo onde as questões de gênero oferecem mais inseguranças às mulheres em enfrentá-los.

Estas tabelas apontam dados significativos do reflexo das desigualdades de uma sociedade que ainda apresenta dificuldades às mulheres em desempenhar funções de alcance acadêmico e intelectual. Se o advento do socialismo, do ponto de vista do materialismo histórico, a questão das mulheres e demais minorias era secundária, ou somente seria resolvida com a solução do imperativo de um problema considerado maior – como o da desigualdade entre capital e trabalho – estes números são indícios de que há uma história ainda a ser trilhada pelas mulheres na conquista de um espaço profissional e pela valorização de seu trabalho. Pode-se observar que, ainda que o problema considerado de maior relevância na experiência socialista buscou ser resolvido, porém não foi o bastante. Não houve uma transferência ou solução automática dos problemas considerados secundários, o que seria uma decorrência natural ao eliminar as diferenças de classes, mas persistem em ser relegados a segundo plano na prática. E que, sob o socialismo, as mulheres continuaram e continuam enfrentando as limitações de uma cultura autoritária, onde o privilégio do conhecimento, do trabalho especializado e melhor remunerado é facilitado aos homens.

Isabel Holgado Fernández, antropóloga e pesquisadora de temas sobre gênero, nascida em Barcelona, mostra como o agravamento da crise econômica dos anos 1990 em Cuba afetou a população feminina. Segundo ela, as mulheres se concentram em atividades de pouca remuneração nos órgãos do Estado, em geral complementam com trabalho doméstico por conta própria, ou em atividades em casa, como cabeleireiras, manicuras, massagistas para suprir o sustento familiar. Isabel Holgado Fernández afirma:

Pero las mujeres se concentran en los niveles inferiores de la escala de promoción y, por ende, de menor remuneración. Es cierto que el Gobierno asegura igual salario a igual trabajo, pero la segregación ocupacional introduce una brecha de género que 38 años de Revolución no han sabido solventar.

... una parte de la población femenina no abandona el trabajo remunerado, pero lo realiza desde las “cuatro paredes” de su hogar, extendiendo a la

sociedad una de sus principales labores domésticas, esto es, proveer y alimentar a los miembros de la familia.⁶⁷

Todavía, outro problema que tem se agravado é a prostituição das mulheres cubanas com os turistas como fonte de abastecimento às famílias ou como forma de sair do país. Isabel Holgado prossegue:

...la nueva estrategia femenina que mayor trascendencia tiene es el jineterismo o prostitución con los turistas, no sólo por las implicaciones a nivel individual y social, sino también porque ha puesto al Estado cubano e el punto de mira de la internacional. ...Prácticamente todas, implícita o explícitamente, tienen como principal objetivo enamorar a un extranjero que las saque del país o se convierta en su pigmalión particular. La franja de edad es amplia, aunque los turistas cada vez las solicitan más jóvenes y, en su totalidad, son las principales, si no las únicas, proveedoras de sus familias.⁶⁸

A análise de Isabel Holgado Fernandez é de que o papel das mulheres no exílio representa a dificuldade que elas encontram na ascensão social, há uma lacuna acadêmica que resulta da assimetria entre gêneros associada à condição de “homogeneización impuesta oficialmente”.⁶⁹

A seguir serão configurados os países de origem do total dos colaboradores da revista (cubanos e estrangeiros) representados na tabela 3, confirmando a maioria de autores cubanos, 387 (77,6%), e 112 (22,4%) não cubanos do total de 499 colaboradores como demonstra a tabela 2.1..

Tabela 3: Colaboradores / Países de Origem

Países	Qtde.	%
ALEMANHA	4	0,8
ARÁBIA	1	0,2
ARGENTINA	6	1,2
BOLÍVIA	1	0,2
BRASIL	2	0,4
BULGÁRIA	2	0,4
CHILE	4	0,8
COLÔMBIA	3	0,6
CUBA	387	77,6

⁶⁷ FERNÁNDEZ, Isabel Holgado. Estrategias laborales y domésticas de las mujeres cubanas en el período especial. **Revista Encuentro...** Madrid. Primavera/Verano de 1998. Vol. 8/9. pp.222-223

⁶⁸ Ibidem. p. 224

⁶⁹ Ibidem. pp. 226-227

ESPAÑA	36	7,2
ESTADOS UNIDOS	12	2,4
FRANÇA	6	1,2
GUATEMALA	1	0,2
HAITI	1	0,2
HUNGRIA	1	0,2
ÍNDIA	1	0,2
INGLATERRA	2	0,4
MÉXICO	11	2,2
NICARÁGUA	1	0,2
PALESTINA	1	0,2
PERU	1	0,2
POLÓNIA	4	0,8
PORTO RICO	5	1,0
PORTUGAL	1	0,2
SUÉCIA	2	0,4
SUÍÇA	1	0,2
VENEZUELA	2	0,4
Total	499	100,0

Fonte: Revista Encuentro de la Cultura Cubana (Vol. 01 ao 25)

Do total de 499 autores, além dos originários de Cuba, que são maioria, com 387 (77,56%), os países com maior número de colaboradores são Espanha com 36 (7,21%), Estados Unidos com 12 (2,4%) e México com 11 (2,2%), apenas para ilustrar os países de maior número de autores. Embora a contribuição de autores cubanos seja predominante, é interessante observar o envolvimento de intelectuais dos outros 26 países cadastrados, o que denota uma identificação que a publicação provoca em boa parte do mundo desde a América, Europa até a Ásia, na discussão da realidade cubana que traz relações com experiências diversas. Os dados acima corroboram o discurso que enuncia o objetivo da revista em dimensionar internacionalmente a cultura cubana pelo diálogo entre exílio, Cuba e outros países suplantando a discussão restrita de uma visão “nacionalista estrecha, sectária y excluyente” como é evocada em vários editoriais escritos por Jesús Díaz:

En todos los números nos han acompañado también autores no cubanos que sienten nuestros problemas como propios, y cuyos juicios y experiencias sobre Cuba están enriquecidos además por una cierta distancia saludable.⁷⁰

Desde el primer número nos hemos curado en salud de los terribles peligros que implica una mirada nacionalista estrecha, sectaria y excluyente; de ahí que tantos escritores no cubanos hayan encontrado cabida en nuestras páginas.⁷¹

⁷⁰ DÍAZ, Jesús. Un año de Encuentro. **Revista Encuentro...** Madrid. 1997. Vol.4/5. p.3

⁷¹ DÍAZ, Jesús. Introducción **Revista Encuentro...** Madrid. 1999. Vol.12/13. p.3

En nuestras páginas hallarán cabida tanto contribuciones de cubanos que viven en la Isla como de aquellos que residen en otros países, y también, desde luego, reflexiones de intelectuales extranjeros sobre nuestro país y su circunstancia.⁷²

A tabela 4 a seguir apresenta os países de residência dos colaboradores cubanos exilados, distribuídos em 19 países.

Tabela 4: Países de Residência dos Exilados

Países	<u>Qde</u>	<u>%</u>
ÁFRICA DO SUL	1	0,39
ALEMANHA	3	1,16
ARGENTINA	2	0,77
ÁUSTRIA	1	0,39
BRASIL	3	1,16
CANADÁ	2	0,77
CHILE	2	0,77
ESPAÑA	78	30,12
ESTADOS UNIDOS	125	48,26
FRANÇA	12	4,63
INGLATERRA	2	0,77
ITÁLIA	2	0,77
MÉXICO	15	5,79
PORTO RICO	3	1,16
PORTUGAL	1	0,39
REPÚBLICA DOMINICANA	1	0,39
SUÉCIA	2	0,77
SUIÇA	2	0,77
VENEZUELA	2	0,77
Total	259	100

Fonte: Revista Encuentro de la Cultura Cubana (Vol. 01 ao 25)

A tabela 4 mostra que quase a metade dos autores cubanos exilados se encontra nos Estados Unidos com 125 (48,26 %) do total de 259 colaboradores. A Espanha é o segundo país a compor o exílio destes autores com 78 (30,12%) de seus representantes. Segue o México com 15 (5,79%) e a França com 12 (4,63%). A soma dos colaboradores destes países (Espanha, México e França), extraindo os Estados Unidos, corresponde a 105, um quantitativo muito próximo aos residentes nos Estados Unidos. Aprofundar na análise desses dados demandaria mais elementos de pesquisa que essa dissertação não tem como objetivo se estender. Mas os mais evidentes que talvez possam ser inferidos são: a proximidade geográfica associada às possibilidades dos EUA oferecerem condições de trabalho a um

⁷² DÍAZ, Jesús. Cinco años de Encuentro. **Revista Encuentro...** Madrid. 2001. Vol.20. p.3

contingente academicamente qualificado; o caráter histórico e cultural da emigração cubana para os EUA desde fins do século XIX, o que configura a existência de uma comunidade cubana importante já estabelecida em território norte-americano, capaz de abrigar novos imigrantes. Muito embora sejam relativas as facilidades dos emigrados cubanos em entrar nos Estados Unidos, pois o governo norte-americano muitas vezes contém essa migração como propaganda ideológica ao bloqueio continental a Cuba. Já a Espanha, o segundo país de acolhida, pode ser explicado, sobretudo pelo vínculo cultural e lingüístico estabelecido desde o processo de colonização, e ainda mantido por instituições de intercâmbio cultural, bem como pelo fato de Madri ser a sede oficial da revista e local de sua publicação. Isso é também evidenciado na próxima tabela. O México, em seguida, representa a proximidade geográfica e histórica com Cuba, e pela oportunidade de trabalho aos intelectuais em instituições de ensino superior. A França também pela oportunidade de trabalho acadêmico e cultural.

Logo abaixo a tabela 5 apresenta um demonstrativo do país de residência da totalidade dos autores, incluindo cubanos e não-cubanos, homens e mulheres correspondendo a um total de 26 países.

Tabela 5: Países de Residência de Colaboradores

Países	Qde.	%
ÁFRICA DO SUL	1	0,20
ALEMANHA	7	1,40
ARGENTINA	5	1,00
ÁUSTRIA	2	0,40
BOLÍVIA	1	0,20
BRASIL	4	0,80
CANADÁ	3	0,60
CHILE	2	0,40
CUBA	129	25,85
ESPAÑA	117	23,45
ESTADOS UNIDOS	147	29,46
FRANÇA	22	4,41
GUATEMALA	1	0,20
ÍNDIA	1	0,20
INGLATERRA	4	0,80
ITÁLIA	2	0,40
MARROCOS	1	0,20
MÉXICO	27	5,41
NICARÁGUA	1	0,20
POLÔNIA	4	0,80
PORTO RICO	4	0,80
PORTUGAL	2	0,40
REPÚBLICA DOMINICANA	1	0,20
SUÉCIA	3	0,60
SUÍÇA	5	1,00

VENEZUELA	3	0,60
Total	499	100

Fonte: Revista Encuentro de la Cultura Cubana (Vol. 01 ao 25)

Tem-se aqui a visão de que do total de 499 colaboradores, seguindo a ordem do maior ao menor, 147 (29,46%) se encontram nos Estados Unidos, 129 (25,85%) em Cuba, 117 (23,45%) na Espanha, 27 (5,41%) no México, 22 (4,41%) na França e os demais países com menos de 7.

Vimos que a publicação da revista se realiza na Espanha e, ainda, a maior parte dos colaboradores reside nos Estados Unidos. Isso se explica pelo momento histórico que se encontra Cuba, a representação política do exílio cubano que configura a revista *Encuentro de la Cultura Cubana* é de uma posição crítica ao regime de Fidel Castro e à tradicional articulação política de Miami. A Espanha talvez simbolize territorial e politicamente o lugar de intermediação entre as posições políticas extremas.

Contudo, se cruzarmos os dados da tabela 3, países de origem dos escritores, com os da tabela 4, países de residência dos exilados, percebe-se que o maior quantitativo de autores residentes nos EUA, 147 (29,46%), se explica obviamente pela grande quantidade de cubanos exilados ali situados, 125 (48,26%). Os escritores norte-americanos não constituem a maioria dos colaboradores estrangeiros, que somam um total de 12 (2,4%), mas sim a Espanha com 36 autores (7,21%), como mostra a tabela 4 da origem dos colaboradores.

Entretanto, o importante é que este triângulo geográfico majoritário da residência dos autores apresentado pela tabela 5 (EUA, Cuba, Espanha) sugere a compreensão de que nas condições políticas atuais de Cuba, a diáspora cultural sinaliza uma outra dimensão de nacionalidade além de uma circunscrição do limite territorial, político e ideológico. Stuart Hall analisa a complexidade da diáspora cultural caribenha e é significativa para a compreensão da diáspora cubana onde outra imagem de nação é construída e onde elas se tornam múltiplas.⁷³ Hall argumenta sobre um conceito de diáspora em que a identidade cultural seja um “lugar de passagem”, de “sincretismos”, de “posições relacionais” ao invés do “conceito fechado de diáspora”:

O conceito fechado de diáspora se apóia sobre uma concepção binária de diferença. Está fundado sobre a construção de uma fronteira de exclusão e depende da construção de um “Outro” e de uma oposição rígida entre o dentro e o fora.⁷⁴

⁷³ HALL, Stuart. Da Diáspora, Identidades e Mediações Culturais. Editora UFMG. Belo Horizonte. 2003. p. 26

⁷⁴ Ibidem. p. 33

A visão de nação tem sido esboçada pelos discursos da revista associada a uma concepção de identidade que aborda a cultura cubana em seu desdobramento com a questão da emigração, do exílio, do que é ser cubano na Ilha e fora de suas fronteiras. Ainda Stuart Hall afirma “... as culturas sempre se recusaram a ser perfeitamente encurraladas dentro das fronteiras nacionais. Elas transgridem os limites políticos.”⁷⁵ Uma perspectiva além das fronteiras nacionais traz a discussão de uma identidade constantemente renovada pelos deslocamentos populacionais e pela relação com as diferenças culturais nos países que acolhem o exílio. Também assinala a crítica a uma concepção de identidade cerrada pela visão ideológica e linear, de um discurso nacionalista sedimentado pela tradição revolucionária. Enfim, a nacionalidade cubana põe sua cultura em constante diálogo internacional com outras culturas no exílio e os dados do local de residência dos autores da revista *Encuentro de la Cultura Cubana* ressaltam que é nos territórios (Cuba, Estados Unidos e Espanha) onde, pode-se dizer, o exílio interno e externo se concentra, é também onde são evidenciados os discursos por negociação.

Na tabela 6 tem-se o demonstrativo das profissões declaradas pela própria revista ao final da página de cada volume, que permite visualizar a formação dos colaboradores da revista.

Tabela 6: Profissões declaradas dos Colaboradores

Profissões	Qde.	%
ADVOGADO	5	1,00
ANTROPÓLOGO(A)	2	0,40
ARQUITETO (A)	6	1,20
ARTISTA PLÁSTICO	28	5,61
ATOR/ATRIZ	1	0,20
BIÓLOGO	1	0,20
CARICATURISTA	1	0,20
CINEASTA	5	1,00
ECONOMISTA	21	4,21
ESCRITOR (A) ⁷⁶	249	49,90
ESTUDANTE	1	0,20
FILÓLOGO (A)	3	0,60
FILÓSOFO (A)	2	0,40
FOTÓGRAFO (A)	3	0,60

⁷⁵ Ibidem. p. 35-36

⁷⁶ A classificação de escritores se apresentou de forma ampla, pois grande parte está assim identificada por exercer especificamente esta atividade, e outra parcela era acrescida de poetas, narradores e ensaístas. Com isto a quantidade de escritores ficou numericamente relevante em relação às demais. Eles representam a metade do perfil do conjunto dos colaboradores. Mas foram seguidos os dados que, em geral, colocavam o termo “escritor” tanto como única profissão como reunida das acima citadas, conforme eram apresentados na revista.

GEÓGRAFO	1	0,20
HISTORIADOR(A)	34	6,81
INTÉRPRETE	1	0,20
JORNALISTA	37	7,41
MÉDICO	3	0,60
MÚSICO	5	1,00
POLÍTICO (A)	13	2,61
CIENT. POLITICO	4	0,80
PROFESSOR (A)	43	8,62
PSICÓLOGO (A)	1	0,20
RELIGIOSO (A)	5	1,00
SEXÓLOGO (A)	1	0,20
SOCIÓLOGO (A)	10	2,00
TEATRÓLOGO(A)	4	0,80
NÃO DECLARADA	9	1,80
Total	499	100

Fonte: Revista Encuentro de la Cultura Cubana (Vol. 01 ao 25)

Ao todo são 29 profissões, reunindo um número maior na profissão ‘escritor’ que apresenta o total de 249 (49,9%) dentre os 499 colaboradores. Um dado significativo da quantidade de escritores cubanos que compõem e definem o perfil da revista. Seguem-se 43 (8,62%) professores, 37 (7,41%) jornalistas, 34 (6,81%) historiadores, 28 (5,61%) artistas plásticos, 21 (4,21%) economistas e demais profissões apresentam menos de 3% .

Há uma maior concentração em profissões provenientes da área de ciências humanas. E se juntarmos aleatoriamente as profissões que envolvem as artes, como artes plásticas, ator/atriz, caricaturista, cinema, fotografia, música e teatro, teremos 47 (9,41%) colaboradores – grande maioria de cubanos – representando um número também importante e revelador de uma participação ativa desses setores no debate sobre cultura e política em Cuba.

Os dados profissionais contribuem para clarear a especificidade da linguagem e dos discursos da publicação e remetem imediatamente aos sujeitos enunciadoreis. Uma linguagem e um discurso que pressupõem formação acadêmica e artística. Eles indicam autores de um discurso que possuem poder para representar uma concepção diferente do mundo que alcança um nível de luta, de inserção cultural e política no país, capaz de refletir sobre a alteração de uma determinada ordem. Em “*A Ordem do Discurso*” Michel Foucault afirma que a produção do discurso não é apenas aquilo que se manifesta, mas o que é o objeto representado: “... o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar.”⁷⁷

⁷⁷ MICHEL, Foucault. *A Ordem do Discurso*. Edições Loyola. São Paulo. 1996. p. 10

Neste sentido, a linguagem representa o poder de luta sobre uma dada realidade, da qual as motivações questionadoras são geradas exercendo sua influência social.

A seguir a tabela 7 configura o conjunto de temáticas dos artigos publicados na revista, selecionados por meio da leitura dos mesmos à medida que o seu conteúdo era identificado. São 28 temáticas levantadas:

Tabela 7: Temática dos Artigos

Tipo de Artigo	Qde.	%
ARQUITETURA	5	1,00
ARTES	15	3,01
CÁRCERE	2	0,40
CINEMA	3	0,60
CONTO	41	8,22
ECONOMIA	12	2,40
EDUCAÇÃO	1	0,20
ESPORTE	5	1,00
FESTAS	1	0,20
FILOSOFIA	5	1,00
FOTOGRAFIA	2	0,40
GEOGRAFIA	5	1,00
HISTÓRIA	31	6,21
IMPrensa	2	0,40
JURÍDICO	8	1,60
LINGUÍSTICA	4	0,80
LITERATURA	78	15,63
MILITARISMO	4	0,80
MULHER	8	1,60
MÚSICA	28	5,61
NEGRO	5	1,00
POESIA	83	16,63
POLÍTICA	127	25,45
RELIGIÃO	9	1,80
SAÚDE PÚBLICA	1	0,20
SEXO	1	0,20
TEATRO	13	2,61
Total:	499	100,00

Fonte: Revista Encuentro de la Cultura Cubana (Vol. 01 ao 25)

Esses dados foram importantes para o desenvolvimento do tema desta dissertação, pois sua classificação permitiu a seleção dos artigos relacionados ao tema cultura e política na rede discursiva produzida pela revista *Encuentro de la Cultura Cubana*, já que não é o propósito do trabalho a análise da totalidade dos artigos. O levantamento desses dados ofereceu um panorama dos assuntos abordados pela revista e, ao separá-los por temas, possibilitou visualizar sua estruturação e de como seriam trabalhados. A classificação por

temas dos artigos levou à compreensão de que a relação entre estes era muito próxima, como veremos na análise dos dados logo em seguida, portanto a dissertação não discorreria sobre tema por tema, mas sim sobre o essencial do pensamento de seus colaboradores extraído dos diversos temas e de como estão relacionados na abordagem cultural e política.

A tabela 7 apresenta o somatório de 499 artigos. As temáticas que mais se destacam pela ordem de ocorrência são: “política” que contribui com 127 (25,45%) dos artigos, “poesias” com 83 (16,63%) e literatura com 78 (15,63%).

O item “política”, num primeiro olhar, destaca-se pelo maior número de publicações, tomado individualmente entre todos os demais itens, o que se poderia considerar como o tema de maior abordagem pelos autores. Entretanto, os dados não podem ser analisados separadamente e depois totalizados apenas em seu aspecto quantitativo, como se fosse um somatório de diferentes parcelas. É preciso considerá-los uns em relação aos outros, até porque cada forma textual traz diferentes temáticas através de diversas áreas da linguagem. O tema “política” foi assim definido, considerando os artigos que tratam mais diretamente de uma análise das relações de poder entre Estado e sociedade, questões sobre transição, democracia, autoritarismo. Isto não significa que os demais temas não contenham reflexões políticas importantes, até porque eles podem adquirir uma ressonância social mais compreensível. Como por exemplo, o item ‘festa’ apresenta apenas um artigo publicado na revista e, no entanto, traz significados da linguagem literária, da poesia, da religiosidade, da música, do cotidiano social, bem como da política. O artigo *Fiestas cubanas* de Roberto González Echevaría ilustra bem este entrelace dos temas e de como um elemento da cultura popular pode ser um campo fértil na compreensão e no questionamento do poder de uma autoridade, no desmantelamento de tradições:

La fiesta también se monta sobre la posibilidad del caos, la dispersión, la victoria de las fuerzas centrífugas en el interior de los grupos. Es aquí donde acceden las fiestas a la política y constituyen no sólo un elemento conservador de tradiciones, sino también disgregador de éstas. Se juega al desmoronamiento de la autoridad, a su escarnio y destrucción, para fundar una nueva que garantice otro orden futuro que ni siquiera se plantea.

...Por todas estas características – lo lúdico, el cuestionamiento de la autoridad, su carácter provisional y efímero, e ser un orden ficticio al que se juega – la literatura, que las comparte, se complace en incorporar la fiesta a su repertorio de tópicos, cuando no es ya parte de ella.⁷⁸

⁷⁸ ECHEVARÍA, Roberto González. *Fiestas Cubanas*: Villaverde, Ortiz, Carpentie. **Revista Encuentro...** Madrid. 2001. Vol.20. pp.58-59

Isto indica que os dados devem ser observados no aspecto quantitativo que podem representar, mas não considerados como absolutos, isolados uns dos outros, e sim pelo conteúdo apresentado e pelo que enunciam. Pois, trazem a intertextualidade dos diferentes temas e mostram como os artigos dialogam entre si. A discussão política, como pode ser observada, está contida em outros artigos, que não sejam os especificamente escolhidos como políticos. Com isto temos um entrecruzamento de linguagens e temas que configuram um perfil da revista que não pode ser apreendido unicamente e nem mesmo selecionar um dentre outros como majoritário.

Observamos os itens ‘poesia’ com 83 (16,63 %) publicações, ‘literatura’ 78 (15,63 %), ‘conto’ 41 (8,22%). Analisando a sequência de acordo com a ordem dos mais publicados, observa-se um resultado expressivo da atuação dos colaboradores com textos literários. E se agruparmos aleatoriamente outros itens, que em quantidade possuem menos publicações – como ‘música’ 28 (5,61%), ‘artes’ 15 (3,01%), ‘teatro’ 13 (2,61%), ‘religião’ 9 (1,80%), ‘mulher’ 8 (1,60%), ‘negro’ 5 (1 %), ‘cinema’ 3 (0,60%), ‘fotografia’ 2 (0,40%), ‘festa’ 1 (0,20%) – aos mencionados acima em uma classificação tradicional como ‘cultura’, veremos ultrapassar em muito esta classificação em relação ao item ‘política’.

Esses dados são relevantes porque, ainda que estejam quantificados e distribuídos em tipologias separadas, sugerem a existência de uma flexibilidade na estrutura de sua composição, proveniente da concepção que se tem sobre cada item e da relação que se estabelece entre eles. Isto fica demonstrado na tênue fronteira entre a abordagem cultural e a política, quando os temas mulher, negro, religião, festa, artes plásticas, música, teatro, cinema, fotografia podem se encontrar na categoria cultura, significando ao mesmo tempo a reflexão de uma condição política dada. A relação, então, entre cultura e política pode ser visualizada na interpretação desses dados e confirmadas pelas leituras dos artigos. Pois o tema “política” incide sobre a cultura de um povo, seja para manipulá-la ou referendá-la, e do mesmo modo, há uma cultura que reflete na política, caracterizando uma determinada nação por suas tradições de autoritarismo, de democracia, da capacidade de sua diversidade cultural pressionar e influir nas decisões políticas.

Os artigos de áreas científicas específicas possuem também uma participação importante como mostra ainda a tabela 7. Foram publicados 31 (6,21%) artigos de história, 12 (2,40%) de economia, 8 (1,60%) jurídicos, 5 (1%) de geografia, 5 (1%) de arquitetura e 5 (1%) filosofia, 4 (0,80%) de lingüística e 1 (0,20%) de educação.

De um modo geral, os dados acima contribuem para a compreensão da abordagem da revista, de como a identidade cultural cubana vem sendo debatida pelos ensaios políticos, produções acadêmicas, literatura, cinema, música, teatro, artes plásticas, entre vários já mencionados. De que maneira essa identidade transcende à dispersão em diferentes espaços e às barreiras político-ideológicas. Os dados apontam, ainda, o caminho para se encontrar os elementos à análise dos discursos pós-revolucionários por meio de diferentes modalidades de textos, por uma grande quantidade de colaboradores que debatem entre si a diversidade da cultura e da política cubanas.

Observa-se pelo ponto de vista dos autores, ao proporem a diversidade cultural e o cotidiano como norte das relações políticas, a presença do pensamento teórico que se contrapõe a uma visão absoluta da história, ao essencialismo da racionalidade moderna, tanto o universalismo iluminista, quanto o materialismo histórico, que disputam o imaginário social. Concluindo, é importante citar um artigo de Rafael Rojas em *Encuentro en la Red* – revista eletrônica da Asociación Encuentro de la Cultura Cubana – que ilustra esta visão teórica, seu desdobramento no terreno das relações sociais e políticas, quando discute categorias de pureza e impureza que comandam o pensamento moderno e racional, sustentando “ideologías extremas”:

En regímenes políticos dominados por valores revolucionarios, como el cubano, todavía se encarcela o se deporta a opositores pacíficos en nombre de la pureza. Pero como advierte Moore, la intransigencia política, basada en mitos o valores de ideologías extremas, tiene la misteriosa capacidad de transferir su propio radicalismo al campo opositor.

No es raro que en la oposición cubana, lo mismo en La Habana que en Madrid, en México que en Miami, en Washington que en París, todavía se escuchen voces que demandan pureza contrarrevolucionaria o, lo que es más trasnochado aún, anticomunismo puro. Unos y otros, los puros castristas y los anticastristas puros han logrado algo que provoca una admiración perversa: detener la historia de Cuba en aquel intenso año de 1989.⁷⁹

Rafael Rojas chama a atenção para uma nova compreensão do processo político, que se desvencilhe de modelos fechados, homogêneos e puros, pois ao se firmarem em posições rígidas se igualam aos outros modelos de oposição extrema. Dessa forma, o purismo revolucionário e o contra-revolucionário, comunismo e anticomunismo se estruturam sobre os mesmos fundamentos de coerência e unidade política, tentam moldar a cultura dentro de um

⁷⁹ ROJAS, Rafael. *El vicio de la pureza*. Encuentro en la Red. Diario independiente de asuntos cubanos. Disponível em: cubaencuentro.com. 2004

universo coeso que pressupõe exclusividade e anulação das diferenças. E quando Rafael Rojas afirma que os “puros castritas” e os “anti-castristas” pretendem deter a história de Cuba no intenso ano de 1989, está se referindo ao contexto histórico mundial da queda do Muro de Berlim, do fim da Guerra Fria, e que a década de 1990 para os cubanos pode assinalar a possibilidade de uma outra configuração histórica em que uma transição negociada, sem exclusão de qualquer tendência política, tem sido intensamente debatida e apontada como uma saída democrática sem traumas e revanchismos.

A tabela 8 a seguir distribui os artigos em suas diferentes modalidades de texto e não de tema, denominadas de “tipos de artigos”, pois cada modalidade traz em si diferentes temas e, por isto, foi estruturada separadamente da tabela 7, que se refere à classificação por temas. Podemos verificar esta constatação a partir do item “resenha” com 271 (58,15 %) publicações com uma variedade de temas em função também da diversidade de conteúdos contidos nos livros que são analisados. Essa mesma lógica se aplica aos demais itens.

Tabela 8: Tipos de Artigos

Tipo de Artigo	Qde.	%
CARTA	34	7,30
DOCUMENTO	1	0,21
EDITORIAL	15	3,22
ENSAIO	11	2,36
ENTREVISTA	19	4,08
HOMENAGEM	67	14,38
RELATOS	48	10,30
RESENHA	271	58,15
Total:	466	100,00

Fonte: Revista Encuentro de la Cultura Cubana (Vol. 01 ao 25)

É interessante observar nesse quantitativo de resenhas que há uma correspondência à intensa publicação de livros sobre a realidade cubana na década de 1990, pois a maioria das obras resenhadas se refere à sociedade cubana. Isto significa um interesse em pensar, escrever e gerar reflexões sobre o atual contexto histórico de Cuba por parte dos autores dos livros, como dos autores que resenham as obras publicadas. Tanto a esfera de produção dessas obras quanto de sua recepção nas resenhas se amplia no espaço plural de idéias por meio da revista, assim como são encaminhadas para novos leitores. Numericamente isto representa 271 livros publicados durante seis anos, de 1996 a 2002, em que esses dados foram levantados. A necessidade de entender, explicar e apontar saídas para o

contexto cubano atual está registrada por esses escritores e intelectuais que dão testemunho de suas experiências e do momento histórico que vivem dentro e fora da Ilha.

O item “homenagem” apresenta na tabela 8 como o segundo mais freqüente na revista com 67 (14,38 %) publicações em 25 volumes cadastrados. As homenagens ultrapassam a quantidade de volumes, o que representa o valor que lhe é dado na revista. Em geral as homenagens são dedicadas a escritor, artista plástico, músico, historiador, economista, arquiteto, a República, a “Geração Mariel” entre outros.

Em seguida vem os “relatos” com 48 (10,30%) publicações que tratam de memórias descritas pelos autores de vivências e convivências na sociedade cubana. Logo após o item “carta” com 34 (7,30 %) publicações, entrevista 19 (4,08 %), editorial 15 (3,22 %), ensaio 11 (2,36 %) e documento 1 (0,21 %). Percebe-se que o número de editoriais é menor que a quantidade de revistas cadastradas, pois alguns volumes iniciam sua apresentação a partir de homenagens a um escritor acompanhada da publicação de um poema.

Esse capítulo buscou traçar o contexto histórico da sociedade cubana dos anos de 1990, que caracteriza o surgimento da revista *Encuentro de la Cultura Cubana*, o papel de Jesús Díaz nesse empreendimento, o perfil de seus colaboradores e das temáticas desenvolvidas, demonstrando seu contorno intelectual ativo no contexto da sociedade cubana atual. Dessa compreensão resultou a definição do tema a ser trabalhado no capítulo em seguida sobre a posição dos intelectuais na cultura e na política em Cuba na década de 1990, como pensam o exílio e sua relação com Cuba e os discursos sobre transição política.

3. AS REPRESENTAÇÕES DA RELAÇÃO CUBA E EXÍLIO NA NARRATIVA DA REVISTA *ENCUENTRO DE LA CULTURA CUBANA*

O pensamento da intelectualidade cubana dentro e fora da Ilha, reunido na *Encuentro de la Cultura Cubana*, foi estudado tendo como fonte os editoriais e artigos ilustrativos do discurso do diálogo entre as duas dimensões territoriais em que se encontram os cubanos. Como a cultura pode ser a referência desse diálogo, um fator aglutinador da dispersão, debatendo a identidade na perspectiva da relação entre a nação em sua dimensão interna e a que se encontra no exílio, e de como a negociação entre esses espaços culturais e nacionais é pensada como transição política.

3.1. INSERÇÃO DOS INTELECTUAIS NA CULTURA E NA POLÍTICA EM CUBA

O ponto de partida para o reconhecimento da especificidade do pensamento reunido na revista *Encuentro de la Cultura Cubana* é ter claro quem são os autores e receptores, quem produz e para quem se direciona sua escrita, bem como as possíveis posições dos sujeitos diante dos discursos produzidos. Dessa forma, o banco de dados apresentado fornece um mapa que demonstra quem são os sujeitos desta intervenção narrativa. Um universo de intelectuais cubanos e estrangeiros que refletem sobre o contexto cultural e político em Cuba, tendo como referência o exílio em sua dimensão política interna e externa, dado o próprio lócus da publicação da revista – Madri, um dos principais territórios do exílio cubano. Por outro lado, na leitura das *Cartas a Encuentro*, obtém-se a visão do sujeito-receptor da revista. Composição social também de leitores cubanos intelectuais dentro e fora da Ilha, estrangeiros e os próprios colaboradores da revista.

A densidade da linguagem também é indicadora desse meio em que circulam seus volumes. Os intelectuais desempenham função representativa de uma imagem do mundo e de si mesmos, juntamente com a tentativa de falar a um público o mais amplo possível. Antonio Gramsci nos *Cadernos do Cárcere* refere-se aos intelectuais articulados e não tanto às classes sociais como categoria mobilizadora de novas situações e mudanças de mentalidade. Cabe aqui sua acepção a respeito do “intelectual orgânico” que emerge da sociedade civil para

mediar uma representação cultural e política autônoma frente ao aparelho de Estado.⁸⁰ Para Gramsci todos somos intelectuais ou filósofos, mesmo que não nos dediquemos especificamente a estas atividades. Mas o fato de pensarmos e termos uma concepção de mundo, compomos uma consciência, ou várias consciências do cotidiano, do “pensamento popular” que se traduzem na cultura de um povo. E esta se constitui em um campo de luta importante na medida em que uma teoria política ou trabalho intelectual organizado seja capaz de elevar seu pensamento. O intelectual possui uma responsabilidade especial na circulação de idéias, na difusão da cultura e na luta ideológica. É dessa função que Gramsci define o intelectual “tradicional” que se alinha à manutenção de um pensamento social já existente, e o intelectual “orgânico” que se posiciona na elaboração de idéias de transformação, de compromisso com novas formas de pensamento e atuação social. A contribuição importante de Gramsci é quanto à diversidade de pensamentos presente nas esferas de atuação dos intelectuais.⁸¹

Em *Representações do Intelectual*, Edward Said considera que um dos deveres do intelectual é possuir independência e dissentir contra representações dominadoras. Afirma: “Daí minhas caracterizações do intelectual como um exilado e marginal, como amador e autor de uma linguagem que tenta falar a verdade ao poder.”⁸² Ser “exilado” e “marginal” para Said, significa assumir uma condição de vida sob sacrifício social e familiar que se impõe quando se pensa diferente de uma ordem estabelecida. Para o intelectual a dissensão lhe custa ser posto à margem da sociedade, é carregar a imagem da culpa que lhe é atribuída por não colaborar ou se conformar com uma situação já definida. “Falar a verdade ao poder” é ser visto como um diferente que deve ser excluído, é um “Outro” que vai ser marginalizado e exilado e, ainda, assumir a culpa pela dissensão.

Numa visão mais completa da postura combativa e denunciadora dos intelectuais que Said defende é encontrada neste trecho:

A questão central para mim, penso, é o fato de o intelectual ser um indivíduo dotado de uma vocação para representar, dar corpo e articular uma mensagem, um ponto de vista, uma atitude, filosofia ou opinião para (e também por) um público. E esse papel encerra uma certa agudeza, pois não pode ser desempenhado sem a consciência de ser alguém cuja função é levantar publicamente questões embaraçosas, confrontar ortodoxias e dogmas (mais do que produzi-los); isto é, alguém que não pode ser

⁸⁰ GRAMSCI, Antonio. Cadernos do Cárcere. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro. 2001

⁸¹ Ibidem.

⁸² SAID, Edward. Representações do Intelectual. As conferências Reith de 1993. Companhia das Letras. São Paulo. 2005. p.15

facilmente cooptado por governos ou corporações, e cuja *raison d'être* é representar todas as pessoas e todos os problemas que são sistematicamente esquecidos ou varridos para debaixo do tapete.⁸³

A reflexão sobre a intelectualidade cubana é um tema que envolve a discussão sobre o papel do intelectual e sua responsabilidade social. Não há, em princípio, uma determinação sobre as opções que fazem um intelectual frente às lutas sociais, seja por cooptação ou por espontaneidade de posicionamento, sua presença na história se faz a partir do momento em que seu pensamento se transforma em escrita e esta, por sua vez, atua na esfera social como referência teórico-prática. A grande questão é suscitar debates, gerar pensamentos outros e atitudes sociais diferenciadas, mais do que uma pretensão em conduzir uma ação de massa. Enrico Mario Santí faz uma reflexão na revista a respeito dos intelectuais cubanos diante do regime atual:

Reconocer el contexto histórico y actuar en él incluye, por cierto, la responsabilidad ante las generaciones futuras: esa cultura cubana que ya va hacia el nuevo milenio. Sin la reflexión de ese intelectual, esa cultura quedará gravemente mutilada, sujeta a la repetición inconsciente del mismo fenómeno que cometió. ...

...Creo profundamente que el intelectual cubano existe, creo en su probidad intelectual y creo en su capacidad de reflexión. No creo, en cambio, ni en las soluciones colectivas ni en los llamados a discusiones en masa.⁸⁴

Enrico Mario Santí atribui, então, ao intelectual a capacidade em testemunhar a autonomia da cultura e de atuar em sua defesa. Desta forma o intelectual assume o papel de transgressor de uma ordem dominante e se compromete com as gerações futuras, na medida em que lança iniciativa de um luta para ser recriada em momentos posteriores. Seguindo a presença contestadora do intelectual na sociedade, Efraín Rodrigues Santana, um dos fundadores da *Encuentro de la Cultura Cubana*, cita Antón Arrufat⁸⁵ a respeito de seu livro *Virgilio Piñera: entre él y yo* (La Habana, 1994). Segundo Efraín, nesta obra Antón Arrufat

⁸³ Ibidem. pp. 25-26

⁸⁴ SANTÍ, Enrico Mario. Cuba y los intelectuales: una reflexión necesaria. **Revista Encuentro...** Madrid. Invierno de 1996/1997. Vol. 3. p.94. Enrico Mario Santí é escritor e professor universitário, reside nos Estados Unidos.

⁸⁵ Antón Arrufat nasceu em Santiago de Cuba, em 1935. Dramaturgo, romancista, contista, poeta e ensaísta, entre suas obras se encontram, no teatro: *Todos los domingos* (1965), a coleção de peças *Teatro* (1963) e *La tierra permanente* (1987); poesia: *Repaso final* (1963), *Escrito en las puertas* (1967), *La huella en la arena* (1986); narrativa: *La caja cerrada* (novela, 1984) e *¿Qué harás después de mí?* (cuentos, 1988). Em março de 2000, na Feira Internacional do Livro em Havana, recebeu o prêmio Alejo Carpentier de Novela pelo livro *La noche del aguafiestas*. Em 1968 apresentou sua peça *Los Siete contra Tebas* censurada pela crítica ao socialismo cubano. Foi chefe de redação da revista *Casa de las Américas* (1960-1965). Em 2005 ganhou o IV Prêmio Iberoamericano de Cuento Julio Cortázar, com o relato *El envés de la trama*.

reflete sobre o caráter transgressor de Virgilio Piñera que “fazia do absurdo, da truculência e do sobredimensional, material idôneo de sua existência e de sua literatura.”⁸⁶ E Efraín ressalta ainda em sua análise da obra de Arrufat a linguagem literária como contestadora e irônica ao comportamento político dominador.

Carlo Ginsburg afirma que é na literatura da imaginação que o paradigma indiciário se afirma. O método dos indícios, do pormenor pode revelar grandes fenômenos. Ao mesmo tempo em que é utilizado no controle social e ideológico, pode também ser utilizado no conhecimento que dissolva o obscurantismo das ideologias dominantes.⁸⁷ E neste sentido, Antón Arrufat descreve as circunstâncias adversas em que a literatura cubana resistia e de como os escritores cubanos foram submetidos nos anos de 1970 e, de modo semelhante nos anos de 1990 ao controle político do governo revolucionário:

Nuestros libros dejaron de publicarse, los publicados fueron recogidos de las librerías y subrepticamente retirados de los estantes de las bibliotecas públicas. Las piezas teatrales que habíamos escrito desaparecieron de los escenarios. Nuestros nombres dejaron de pronunciarse en conferencias y clases universitarias, se borraron de las antologías y de las historias de la literatura cubana compuestas en esa década funesta. No sólo estábamos muertos en vida: parecíamos no haber nacido ni escrito nunca. Las nuevas generaciones fueran educadas en el desprecio a cuanto habíamos hecho o en su ignorancia. Fuimos sacados de nuestros empleos y enviados a trabajar donde nadie nos conociera, en biblioteca alejadas de la ciudad, imprentas de textos escolares y fundiciones de acero. Piñera se convirtió por decisión de un funcionario, en un traductor de literatura africana de lengua francesa.⁸⁸

Segundo a visão de Arrufat, a intelectualidade foi reduzida a situações de nulidade e impossibilidade de expressão independente, pressupondo uma hierarquia de funções estabelecidas pelos valores da conveniência oficial. Tal conveniência não permite o incômodo crítico e, principalmente, os instrumentos de sua difusão. Cabe-lhe, então, julgar a ocupação apropriada da inconveniência conforme os critérios da hierarquia funcional. A ocupação apropriada significa adequar-se a um trabalho que não tenha repercussão política e nem inviabilize o curso normal da condução de um projeto revolucionário, que deveria ser tacitamente aceito por toda a sociedade. Ou se põe à serviço da construção da revolução, ou

⁸⁶ SANTANA, Efraín Rodríguez. Virgilio Piñera: la vida vive. **Revista Encuentro...** Verano de 1996. Vol.1. p. 116. Efraín nasceu em Palma Soriano em 1953 e reside em Havana. É poeta e ensaísta, autor do livro de poemas *Otro día va comenzar*.

⁸⁷ GINSBURG, Carlo. Mitos, Emblemas, Sinais: Morfología e Historia. Companhia das Letras. São Paulo. 1991. pp.143-179

⁸⁸ ARRUFAT, Antón. Virgilio Piñera: entre él y yo. Ediciones Unión, La Habana, 1994 apud SANTANA, Efraín Rodríguez. Virgilio Piñera: la vida vive. **Revista Encuentro...** Verano de 1996. Vol.1. p.116

não há lugar adequado na sociedade à sua sobrevivência. Toda a cultura se reduz a instrumentalizar e alimentar a política revolucionária.

No artigo de Carlos Monsivais, intitulado “*Revolución Cubana: los años del consenso*”, cita um discurso de Fidel Castro, proferido em 1968 no Congresso Cultural de La Habana, acerca da posição dos intelectuais e da cultura em Cuba após a Revolução, traduzindo a utilização da cultura como veículo de difusão ideológica: “... que los intelectuales adoptan una posición cada vez más combativa”. E, em outra citação Fidel afirma: “La cultura es hija de la Revolución.”⁸⁹ A história veio assinalar a interpretação de que essa concepção de cultura é o resultado da igualdade entre Revolução, nação, estado, poder, governo e o socialismo. O verdadeiro intelectual é aquele que, antes de tudo, assume a condição e as tarefas revolucionárias na acepção de Fidel, fora dessa condição não há aceitação social e política. É pertinente citar aqui trechos de outro discurso de Fidel Castro (mencionado na Introdução desta dissertação) numa reunião em junho de 1961 com escritores e intelectuais cubanos, que culminou no fechamento da publicação *Lunes de Revolución* e na convocação do Congresso que criou a União dos Escritores e Artistas Cubanos (UNEAC). Esse discurso é ilustrativo da política cultural que seria definida a partir de então pelo governo revolucionário e instituída até o momento, mas com a presença heterogênea e resistente dos intelectuais ao longo do processo revolucionário:

El problema que aquí se ha estado discutiendo y vamos a abordar, es el problema de la libertad de los escritores y artistas para expresarse. Se habló aquí de la libertad formal. Todo el mundo estuvo de acuerdo en que se respete la libertad formal. Creo que no hay duda acerca de este problema. La cuestión se hace más sutil y se convierte verdaderamente en el punto esencial de la discusión cuando se trata de la libertad de contenido. Es el punto más sutil porque es el que está expuesto a las más diversas interpretaciones. El punto más polémico de esta cuestión es si debe haber o no una absoluta libertad de contenido en la expresión artística. [...]

Permítanme decirles en primer lugar que la Revolución defiende la libertad; que la Revolución ha traído al país una suma muy grande de libertades; que la Revolución no puede ser por esencia enemiga de las libertades; que si la preocupación de alguno es que la Revolución vaya a asfixiar su espíritu creador, [...] esa preocupación es innecesaria, [...] esa preocupación no tiene razón de ser.

...dentro de la Revolución, todo; contra la Revolución, nada. Contra la Revolución nada, porque la Revolución tiene también sus derechos y el primer derecho de la Revolución es el derecho a existir, y frente al derecho de la Revolución de ser y de existir, nadie, por cuanto la Revolución comprende los intereses del pueblo, por cuanto la Revolución significa los

⁸⁹ MONSIVAIS, Carlos. La revolución cubana: los años del consenso. **Revista Encuentro...** Madrid. 2000. Vol. 16/17. p.76

intereses de la nación entera, nadie puede alegar con razón un derecho contra ella.

Creo que esto es bien claro. ¿Cuáles son los derechos de los escritores y de los artistas revolucionarios o no revolucionarios? Dentro de la Revolución, todo; contra la Revolución, ningún derecho.⁹⁰

Pode-se observar das palavras de Fidel Castro que a liberdade de conteúdo considerada essencial à expressão dos escritores e artistas se traduz naquela em que se encontre nos limites da Revolução. É dado o direito de somente à Revolução existir, portanto, toda liberdade dentro dela é permitida; mas fora dela esse direito já não existe e nenhuma liberdade é consentida, como enfatiza, sobretudo, no último parágrafo. Liberdade dentro da Revolução significa que a cultura passa a ser política controlada pelo Estado. E segundo Arrufat, “Donde toda actividad cultural es una actividad del Estado, ser marginado por el propio Estado constituye casi un destino.”⁹¹

Para o intelectual, ser deslocado de sua atividade criadora e desempenhar funções que a restringem é uma situação que representa não só a falta de reconhecimento por parte do poder público, mas a inviabilidade de ser conhecido perante a sociedade e de dialogar com os interlocutores de uma comunicação social mais ampla. É impor-lhe a ruptura com a sociedade, tanto do ponto de vista profissional quanto em suas relações sociais mais próximas. Afasta-o de seus vínculos culturais para deslegitimá-lo de todas as formas de manifestação da própria cultura, seja a popular ou a considerada intelectualmente produzida. Enfim, é impor-lhe o exílio interno. O intelectual, em geral, ocupa no quadro social o lugar entre o poder e a sociedade, sendo porta-voz desta na compreensão crítica de uma estrutura dominante. Como também, pode se constituir num sustentáculo teórico de uma posição oficial. Mas seu desempenho tem relevância social na medida em que dinamiza e recria as idéias que circulam na sociedade, sinaliza mudanças e põe em movimento as representações sócio-culturais. Edward Said afirma que: “Uma das tarefas do intelectual reside no esforço em derrubar os estereótipos e as categorias redutoras que tanto limitam o pensamento humano e a comunicação”.⁹²

O apoio que a intelectualidade cubana, a latino-americana e européia dedicaram à Revolução Cubana, numa expectativa de que o desenvolvimento social adviria de um projeto coletivo, de uma consciência revolucionária e não dependente das forças capitalistas de

⁹⁰ Citado por Roberto Fernández Retamar em Cuarenta años después. Disponível em:

<http://www.oceanbooks.com.au/espanol/puntos/pun37>

⁹¹ *Op. cit.* p. 117

⁹² SAID, Edward. Representações do Intelectual: as Conferências Reith de 1993. Companhia das Letras. São Paulo. 2005. p. 10

produção foi gradativamente frustrando parcelas significativas desses setores. Um fato ilustrador desta mudança de olhar de boa parte dos intelectuais para com a Revolução foi o manifesto de intelectuais da América Latina e Europa contra a condenação à prisão de Heberto Padilla em 1971, pela publicação de seu livro *Fuera del Juego*, vencedor do prêmio da União Nacional de Escritores y Artistas de Cuba (UNEAC). Essa condenação lhe rendeu uma autocrítica pública e um reconhecimento de desculpas, em que ele mesmo considerou as páginas de seu livro uma posição contra-revolucionária. A confissão causou um novo repúdio de escritores com uma segunda carta endereçada a Fidel Castro, fazendo com que Mario Vargas Llosa renunciasse ao Conselho da Revista *Casa de las Américas*.

Dessa forma, a década de 1990 reviveu o drama de uma intelectualidade posta à margem da produção cultural interna. O exílio tornou-se um processo intensamente freqüente em Cuba neste período, devido à falta de perspectiva de parte dos intelectuais em intervir internamente na viabilização de uma “mudança **no** regime político ou **de** regime político”, conforme discute Carmelo Mesa-Lago.⁹³ (Grifo do autor)

É uma visão pela qual os intelectuais atuam e influem na sociedade com seus questionamentos e diferentes representações. A compreensão da história por meio das representações do social contribui para este estudo na medida em que as percepções que se concretizam em forma de narrativa traduzem não unicamente uma escrita em si, mas também uma ação que responde a um contexto histórico presente. A linguagem escrita ou o discurso narrativo adquire uma força resposta e uma dimensão prática social na luta entre as diferentes visões de mundo.

Conforme concebe Roger Chartier em seu livro *História Cultural – Entre Práticas e Representações*, as representações enunciam o meio de ação e “não são de forma alguma discursos neutros”. Ressalta a importância das representações coletivas como abordagem histórica por identificar a maneira como a “realidade social é construída, pensada e dada a ler” por diferentes grupos e em diferentes lugares:

as lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus e o seu domínio.⁹⁴

⁹³ MESA-LAGO, Carmelo. Cambio de régimen o cambio en el régimen? **Revista Encuentro...** Madrid. Vol. 6/7. pp. 36-43

⁹⁴ CHARTIER, Roger. A História Cultural – Entre práticas e representações. Lisboa. Difel. 1988. p. 17

Na perspectiva da chamada história cultural, as representações do mundo social assinalam as formas simbólicas pelas quais os sujeitos constroem-no do modo como o pensam, interpretam e desejam num universo plural de concepções. Os discursos são formulados conforme a apreensão e interesse extraídos da realidade e designam uma determinada postura frente ao mundo. Retratam a semântica do poder de submeter, resistir, transgredir ou de simplesmente compreender e explicar uma dada realidade. Dessa forma, os discursos da *Encuentro de la Cultura Cubana* se delineiam por uma das narrativas da sociedade cubana, sobretudo pelos setores do exílio externo e interno (aquele que, apesar de se encontrar em seu território, o silêncio lhe é imposto) que lida com uma outra percepção sobre o esgotamento do regime político em Cuba e as novas expectativas de mudanças criadas.

O enfoque cultural não significa uma condição de neutralidade para evitar qualquer posicionamento configurador de uma contestação política, seja de que âmbito for. Mas representa uma outra maneira de enfrentamento a um contexto histórico de autoritarismo e centralização do poder. Possibilita uma reflexão aplicada tanto a uma sociedade de experiência capitalista, quanto socialista, guardada as especificidades do processo histórico de cada uma delas, pois não está em cena um grande movimento articulado sob a vanguarda de partidos políticos, mas um espaço onde expectativas individuais e coletivas são traduzidas em diferentes linguagens, a artística, acadêmica e popular que somam no processo de diferenciação das transformações políticas.

Neste sentido, torna-se um caminho politicamente subversivo, pois pretende que a cultura seja o espaço para que as diferenças se exponham livremente e seja a referência de uma luta que a faça ser compreendida como anterior, concomitante e posterior a um projeto político de poder. Não se entende aqui uma condução cultural linear, pois mesmo em suas transformações que lhe são próprias, a cultura propicia à sociedade caminhar de maneira autônoma, resistir aos mecanismos do poder e não se sucumbir aos mesmos.

A presença de uma cultura que faz a conexão entre passado e presente em processo constante de transformação, e a qualquer momento emerge de forma inesperada, contrastando a um contexto de homogeneidade política, pode ser observada no artigo *Los paradigmas perdidos: la manigua del significado* de Alan West, poeta e professor cubano residente nos EUA. Para ele, é como se a cultura fosse um espectro a introduzir seu sentido em momentos mais antagônicos e nos advertisse para ressignificá-los. Diante das forças políticas que dividem a sociedade – revolução e exílio – “se encuentra la influencia mediadora

de la cultura cubana.”⁹⁵ Lança mão do termo *manigua* (o sentido literal em espanhol se refere a um terreno úmido coberto por ervas daninhas) no sentido metafórico da busca de um outro lugar, de retorno do “outro” neste momento de sua história, que nada mais é do que tudo aquilo que potencializa a cultura cubana – orixás, *el choteo*⁹⁶, a literatura, o ritmo, o sincretismo. Esse é o ponto em que o paradigma do diálogo é argumentado e desafia o monolitismo político-cultural. Alan West descreve sobre esse lugar, os elementos culturais presentes nesse terreno e seu significado:

La manigua presenta un matorral donde la significación penetra en profundidad y donde la historia se puede tragar completa para traerla nuevamente al propiciar la contingencia, el mito, la generosidad, la memoria y la metáfora.⁹⁷

É sobre os referenciais da heterogeneidade, do sincretismo e da contradição que o autor procura traçar uma outra história de Cuba. Um diálogo que redefine a cultura e a política:

...si una nación es como un ser, entonces no será estable, sólida y permanente sino que dependerá del diálogo, de los actos, del consenso y de la interpretación.⁹⁸
En su intenso cuestionamiento de las verdades establecidas los cubanos están redefiniendo críticamente muchos términos: el de nación, el de historia, el de clase, la cubanía, y la relación entre el arte y la política.⁹⁹

Nessa mesma direção em que as aparições culturais interpenetram em momentos de crise política, Antonio Benítez Rojo¹⁰⁰, estudioso da cultura caribenha e autor de *La isla*

⁹⁵ WEST, Alan. Los paradigmas perdidos: la manigua del significado. **Revista Encuentro...** Madrid. Primavera / Verano de 1997. Vol.4/5. p.156

⁹⁶ Cf. Colección Pensadores Cubanos de hoy por Felix Valdés García. Del choteo cubano a la idea del Gran Caribe. Disponível em: <http://www.filosofia.cu/contemp/fvg011.htm> *El choteo*: expressão característica da identidade cubana que se origina da psicologia da cultura negra. Tem como peculiaridade conduzir a vida de maneira leve, não encarar situações demasiadamente sérias. Esta atitude diante da vida é tratada como estudo fenomenológico por autores como Fernando Ortiz (*Contrapunteo del tabaco y el azúcar*, 1940) e Jorge Mañach (*Indagación del Choteo*, 1928) em que o vêem como mecanismo de escape à dominação. Trata-se de um comportamento cultural e político de carnavalização e ridicularização diante da opressão. A atualidade do *choteo* se encontra na criação do *son* a partir do século XX como música originária da *guaracha*, que aborda temas como a mulata cubana e crítica ao governo.

⁹⁷ *Op. cit.* p. 171

⁹⁸ *Op. cit.* p.159

⁹⁹ *Op. cit.* p. 161

¹⁰⁰ Antonio Benítez Rojo nasceu em 1931 e faleceu em janeiro de 2005. Logo após o triunfo da Revolução foi nomeado diretor de Estatística do Ministério do Trabalho. Foi membro do Conselho Nacional de Cultura, *Revista Cuba*, chefe editorial da *Revista Casa de las Américas* e Centro de Estudos do Caribe. Em 1967 ganhou o prêmio Casa de las Américas pelo livro *Tute de reyes* que se transformou em filme *Los sobrevivientes* sob a direção de

que se repite (1989), explicita a densidade cultural cubana pelo entrecruzamento ou choque entre várias visões de mundo, sobretudo a africana e espanhola. Em seu artigo “*La cultura cubana hacia el nuevo milenio*” publicado na *Encuentro de la Cultura Cubana*, volume 20, elucida esta discussão sobre o lugar e o tempo que a cultura ocupa na história de um povo:

...me gustaría hacer más las palabras de Fernand Braudel con relación al sistema de la cultura, y éstas son, que de los cuatro sistemas en que podemos estudiar los cambios de los pueblos del mundo – es decir, el político, el social, el económico y el cultural –, el que más se resiste a las transformaciones es el sistema cultural. ... Si nos sentimos cubanos es, precisamente, porque el ajiaco es un plato que existe entre nosotros desde el siglo XVI. Así, podemos pensar que por mucho que cambien los escenarios políticos, sociales y económicos de Cuba, tanto el ajiaco como el culto a la Virgen de la Caridad, como la conga, el bolero, la rumba y la coexistencia de la religión católica con las creencias afrocubanas, continuarán presentes en nuestro mapa cultural.¹⁰¹

E, quaisquer que sejam as alternativas políticas que se apresentem num processo de transição, as expectativas sociais, em geral, elas são de negociação com os elementos representativos e criativos da cultura em âmbito popular, acadêmico, artístico e fundamentalmente na relação entre si. A política, em situações de poder autoritário, dificulta a dinâmica criativa dos elementos culturais, instrumentaliza-os e os submete em benefício de interesses ideológicos circunstanciais. Mas é significativa a presença dos porta-vozes da cultura na resistência política tanto espontânea, em sua dimensão popular, quanto articulada quando intelectualmente trabalhada na perspectiva de Gramsci, conforme foi discorrido no início deste capítulo.

Um dos principais focos discursivos da *Encuentro de la Cultura Cubana* é a desconstrução do imaginário binário que divide a população cubana entre os que vivem na Ilha e os que se encontram no exílio. O eixo desconstrutor desta suposta irreconciliável condição é a afirmação e preponderância do elemento cultural sobre as condições políticas autoritárias redutoras de idéias, posicionamentos e identidades. Essa é uma concepção

Tomás Gutierrez Allea. A UNEAC (União de Escritores e Artistas Cubanos) premiou em 1969 sua coleção de contos, intitulado *El escudo de hojas secas*. Durante a década de 1970, viveu o não reconhecimento de suas obras dentro de Cuba, o contexto da oficialidade cultural denominada de *quinquenio gris*. Em 1980 se deslocou para os EUA, onde ministrou cursos de literatura cubana e caribenha em Amherst College, Massachusetts e onde viveu até os últimos dias de sua vida. Benítez Rojo colaborou com a *Encuentro* desde sua fundação. O volume 23 (2001-02) dedicou-lhe uma homenagem em vida com a publicação de uma entrevista e vários artigos que analisam suas obras literárias.

¹⁰¹ ROJO, Antonio Benítez. “La cultura cubana hacia el nuevo milenio”. **Revista Encuentro...** Madrid. Primavera de 2001. Vol.20. p.77

presente na linha editorial da revista, em que a cultura seja o lugar de encontro de diversas experiências criativas e, ainda, garanta o espaço à democracia por meio da convivência e debate de diferentes tendências políticas. Segundo o que se apresenta de seus objetivos, a *Encuentro de la Cultura Cubana* acredita ser a cultura o caminho por onde as transformações sociais e inclusive políticas possam ser operadas.

Os editoriais deixam claro o propósito da revista em se posicionar além das polêmicas dicotômicas entre serem pró-Fidel os que permanecem na Ilha, ou anti-Fidel os que estão fora. Refletem ainda as circunstâncias em que a história se processa por esses embates, situando a revista como outra força emergente desse campo que não se submete às ideologias superpostas à dinâmica sócio-cultural. Neste sentido, a revista esboça uma postura política, pois proporciona às vozes da cultura um espaço em que seus diferentes naipes façam coro à identidade cultural cubana, presente tanto na Ilha quanto no exílio, e que se vêem hostilizadas quando se diferenciam da ótica oficial revolucionária ou da perspectiva mais conservadora.

O nome dado à revista, *Encuentro de la Cultura Cubana*, atenta para a simbologia dessa comunidade que, por se situar no exílio, pretende materializar sua identidade de alguma maneira além da fronteira geográfica nacional ou de uma visão de nacionalidade determinada por delimitação ideológica. A *Encuentro de la Cultura Cubana*, em suas entrelinhas discursivas, se inscreve no lugar simbólico de uma escrita, acenando a existência de sujeitos que representam a diferença, ou as diferenças, mas que dão continuidade à sua identidade cultural fora de seu país na relação com os que permanecem dentro. Esses sujeitos transformam sua identidade em condições adaptadas ao exílio, estabelecendo outras leituras sobre nação, identidade, exílio e migração, que são temas freqüentes em seus artigos e muito interligados.

Gastón Baquero (1918-1997)¹⁰², considerado patriarca da poesia cubana, colaborador da fundação da revista, traduz o sentido do termo “encuentro” que orienta esta publicação em seu primeiro volume:

(...) Los encuentros de artistas, escritores y demás elementos ligados a la actividad cultural, ofrecen el más seguro y el mejor de los caminos. (...)

¹⁰² Gastón Baquero nasceu em 1918, em Banes, antiga região oriental e atual província de Holguin. Fez parte do grupo *Orígenes* junto a José Lezama Lima. Já nos primeiros meses da Revolução foi para o exílio em Madri, onde permaneceu até sua morte em 1997. Em 1991, recebeu o Prêmio Nacional de Literatura na Espanha com a publicação de *Poemas Invisibles*. Em Cuba foram proibidas suas publicações, e somente em 1994 foi convidado para uma Conferência na Universidade de Havana para explanar sobre sua obra poética. Nos volumes 1 e 2 da *Encuentro* contêm artigos e poemas de Gastón Baquero, sendo que no segundo foi-lhe dedicado uma homenagem com uma entrevista realizada por Efraín Rodríguez Santana

Nuestra aspiración es abrir una plaza más, por modesta y sencilla que pueda ser, a la urgente necesidad de “deslocalizar” las manifestaciones y la difusión de una cultura viva que por sí misma supo situarse siempre por encima de las banderías políticas y de los sectarismos estéticos y éticos de cualquier tipo. (...) ¹⁰³

Nesse mesmo editorial, Gastón Baquero afirmou a “necesidad de promover y realizar encuentros entre los escritores y artistas cubanos residentes en las dos grandes áreas que hoy los albergan – la nacional y la extranjera...” ¹⁰⁴ Reiterou que a revista é um lugar de encontro dos protagonistas da cultura cubana numa comunicação possível que supere o distanciamento geográfico e restabeleça a convivência mesmo sob páginas impressas. É uma necessidade de manter viva a identidade cultural num contexto de diversidade geográfica e de divergências políticas.

Os editoriais abordam como princípio o encontro revelador da diversidade cultural cubana, possibilitando a manifestação das diferenças, tanto na Ilha quanto fora, tornando-se, assim, um espaço aberto ao debate sobre a realidade nacional e sua transição política. Conforme o editorial do primeiro volume, a *Encuentro de la Cultura Cubana* afirma:

...la cultura cubana es una...
 ...tendrá (...) constituirse en un espacio abierto al examen de la realidad nacional.
 ...hallarán cabida tanto contribuciones de cubanos que viven en la Isla como de aquellos que residen en otros países,..., reflexiones de intelectuales extranjeros sobre nuestro país y su circunstancia ¹⁰⁵

Neste editorial, a concepção de cultura que se apresenta como “una” talvez esboce um sentido utópico, mas exprime um contraponto à divisão disseminada entre a cultura revolucionária e o seu oposto conservador, que aparta politicamente a sociedade cubana. Fundamentalmente se direciona ao projeto cultural hegemônico implementado pela Revolução de 1959, que internamente se coloca como único a toda sociedade.

O sentido de “cultura una” talvez não seja aqui a idéia de uma identidade cultural única, contrária ao sentido antropológico do reconhecimento das diferenças culturais. Mas, pelo contexto em que os discursos na revista são enunciados, é precisamente porque estas existem que a perspectiva de “cultura una” possa significar a relação ou a convivência entre seus diferentes, e não a perpetuação da fragmentação entre os que se enquadram ou não nos

¹⁰³ BAQUERO, Gastón. La cultura nacional es un lugar de encuentro. **Revista Encuentro...** Madrid. Verano de 1996. Vol. 1. p.4

¹⁰⁴ Ibidem

¹⁰⁵ Presentación. **Revista Encuentro...** Madrid. Verano de 1996. Vol. 1. p.3

valores da concepção político-cultural que a Revolução de 1959 impôs do “homem novo”. O conceito de “cultura única” não admite a existência e nem a convivência entre as diferenças. Estabelece-se um padrão único cultural para que aquelas sejam invisibilizadas ou eliminadas. Numa compreensão contextual, o editorial traz a visão de compartilhar as diferenças e não de afastá-las. Trata-se de uma alerta recorrente em diversos artigos, sobre a imagem de que aqueles que estão “fora” não são menos cubanos que os que se encontram “dentro”. Segundo essa afirmação, ambos podem contribuir ao “exame da realidade nacional” e compõem a identidade cultural cubana em suas diferenças das quais pretendem compartilhar, porém, não em sua unicidade. É uma estratégia discursiva que estrutura a visão de negociação que permeia a linha editorial da revista.

A compreensão de “cultura una” esboçada pelo editorial se aproxima da concepção de “comunidade imaginada” de Benedict Anderson ao assim definir a nação como espaço que comporta múltiplas falas que representam o modo como as pessoas pensam os seus locais e de como estão ligadas por símbolos, afeições e experiências comuns. Segundo Anderson, existem “artefatos culturais”, como a língua, que por meio dela “reconstituem-se os passados, imaginam-se solidariedades, sonham-se futuros”¹⁰⁶, assim como outros elementos da cultura, a religião, a literatura, a música, as datas comemorativas, a alimentação, os hábitos que aproximam as pessoas em torno dessa comunidade imaginada. É pela “legitimidade emocional”, “fraternidade”, “companheirismo profundo e horizontal” que uma nação é concebida.¹⁰⁷ Dessa forma, a nação ou comunidade imaginada é entendida como representação ou como produção discursiva. E, conforme Mikhail Bakhtin, todo discurso é dialógico, pois sempre um se encontra com o outro, e em todos os caminhos é viva sua interação.¹⁰⁸ Essa interação não pressupõe cultura monolítica, ou diálogo entre iguais, mas um cruzamento participativo das diferenças. Na mesma direção Stuart Hall compreende as identidades culturais como transição e “tradução” pelo deslocamento de fronteiras em que as pessoas são “dispersadas” de suas origens, porém ele afirma:

Essas pessoas retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado.(...) Elas carregam os traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias particulares pelas quais foram marcadas. A diferença é que elas não são e nunca serão unificadas no velho sentido, porque elas são, irrevogavelmente, o produto de

¹⁰⁶ ANDERSON, Benedict. Nação e Consciência Nacional. São Paulo. Editora Ática. 1989. p. 168

¹⁰⁷ Ibidem. p. 12, 16.

¹⁰⁸ BAKHTIN, Mikhail. Questões de Literatura e de Estética. A teoria do romance. São Paulo, Unesp/Hucitec, 1988.

várias histórias e culturas interconectadas, pertencem a uma e, ao mesmo tempo, a várias “casas” (e não a uma “casa” particular).¹⁰⁹

Nessa mesma perspectiva da referência de uma cultura cubana una é encontrada também na entrevista a José Triana em sua explanação sobre o teatro cubano:

Se trata de mostrar que el teatro cubano es uno, es teatro cubano en el interior como en el exterior. Es necesario que se reconozca que lo que se escribe en el extranjero es tan importante como lo escrito dentro de la isla y sigue siendo auténticamente cubano. **Sea en Cuba, en Nueva York, o en Paris, hay una manera particular de contar, un quehacer propio.**¹¹⁰
(Grifo meu)

A cultura adquire mais do que uma representação utópica, uma representação histórica dada que movimenta as relações sociais em contextos de diversidade ideológica e política. Pois, mesmo em regimes de repressão e autoritarismo, onde a cultura é manipulada pelos canais de domínio ideológico, ela persiste em sua trajetória autônoma, assume sua própria linguagem de liberdade, da qual não é somente aquela que se pretende alcançar em um tempo futuro, mas que no dia-a-dia se materializa em seus próprios veículos de auto-afirmação, difusão e resistência. A cultura, em sua liberdade intrínseca, não é um projeto, mas uma realidade presente em sua forma própria de vivenciar uma democracia pelo sincretismo e pelas misturas. Apresenta-se mais como o tempo presente de um passado recriado do que uma perspectiva futura de liberdade.

Deixar que a cultura seja indicadora de uma recriação daquilo que a sociedade acumulou em sua trajetória histórica é um discurso freqüente em diversos autores da revista. E é justificado, em parte, pela memória trazida do grupo *Orígenes*, que tinha como princípio a poesia governando a cidade, conforme apontava José Lezama Lima, seu fundador. Muito embora, os intelectuais das décadas de 1940 e 1950 fossem mais contundentes no distanciamento das discussões políticas. A abordagem da *Encuentro de la Cultura Cubana* resgata a ênfase cultural de seus antecessores, mas a tensão entre cultura e política é redimensionada nas possibilidades de suas conexões.

Esta concepção de cultura é importante ser esclarecida, porque ela se depara com a diversidade da visão de “homem novo” que se estabeleceu com o projeto socialista. Para o

¹⁰⁹ HALL, Stuart. A Identidade Cultural na pós-modernidade. DP&A Editora. Rio de Janeiro. 2001.pp. 88-89

¹¹⁰ TRIANA, José. Entrevisto por Christilla Vasserot. Siempre fui y seré un exiliado. **Revista Encuentro....** Madrid. Primavera / Verano de 1997. Vol.4/5. p. 36. José Triana é um dos fundadores da *Encuentro de la Cultura Cubana*, é escritor e autor de peças teatrais, atualmente reside em Paris.

socialismo, a cultura teria o papel relevante na formação do ideal de homem, consciente da libertação das condições de exploração do trabalho no capitalismo e pronto para a formação de uma nova sociedade. As condições objetivas – fim da divisão entre capital e trabalho – e as subjetivas – homem livre, consciente e, portanto, superior – seriam proporcionadas pelas conquistas do poder socialista. O “homem novo”, então, seria a vivência plena de ambas as condições.

A realização do “homem novo” se torna um projeto de alcance futuro por meio dos avanços sociais e econômicos pretendidos pelo regime socialista. Todo empenho e sacrifício social eram despendidos no alcance desta realização. E a cultura desempenharia um papel relevante na formação do ser revolucionário que, em última instância, era um projeto extensivo a toda sociedade. Ela cumpriria a função educativa de elevar o homem ao nível superior de organização social, respaldaria a razão revolucionária e a propagaria, em uma espécie de promessa redentora de uma sociedade de iguais, onde todos os sacrifícios individuais e sociais seriam justificados pela causa futura rumo à sociedade comunista.

A atuação do partido comunista na esfera cultural era preponderante no cumprimento de tal tarefa revolucionária. Apenas para ilustrar um aspecto dessa concepção, o discurso de Che Guevara em uma carta a Carlos Quijano, em 1965, de Montevideu, afirma:

No hay artistas de gran autoridad que, a su vez, tengan gran autoridad revolucionaria. Los hombres del Partido deben tomar esa tarea entre las manos y buscar el logro del objetivo principal: educar al pueblo. ...la culpabilidad de muchos de nuestros intelectuales y artistas reside en su pecado original; no son auténticamente revolucionarios. En nuestra sociedad, juegan un papel la juventud y el Partido. Particularmente importante es la primera, por ser la arcilla maleable con que se puede construir al hombre nuevo sin ninguna de las taras anteriores. Ella recibe un trato acorde con nuestras ambiciones.¹¹¹

O conceito de “homem novo” alude a uma visão de unidade política que põe em construção a idéia de homem universal ou sociedade humana universal, baseada numa essência que iguala todos homens. O poder se estrutura em função da viabilização de uma nova etapa da história de conquista da satisfação das necessidades básicas e criativas dos homens. Mas no intuito de se alcançar uma realização plena da essência humana, desenvolve-

¹¹¹ GUEVARA, Che. Texto dirigido a Carlos Quijano, del semanario *"Marcha"*, Montevideo, marzo de 1965. Leopoldo Zea, Editor. "Ideas en torno de Latinoamérica". Vol. I. México: UNAM, 1986. Disponível em: <http://www.fmmeduacion.com.ar/Historia/Documentoshist/1965elhombrenuevoche.htm>

se a estigmatização de seu oposto num imaginário segregacionista de quem não corresponde à concepção universal de homem. A alteridade estigmatizada se torna, então, o anti-homem. Aquele que afronta esse projeto em interesse que não seja o definido como universal, está contrariando a condição humana, portanto, é inimigo da sociedade ou da própria natureza humana.

Esta análise se encontra em Koselleck em que afirma que na pretensa idéia de universalidade do homem ou na formulação de uma humanidade única, há o pressuposto para a construção semântica dos dualismos na história.¹¹² O limite do humano é definido pelo seu oposto – o comportamento anti-humano. Desse modo, o conceito de humanidade está intimamente ligado a uma concepção política que toma para si a tarefa de promover sua extensão e unidade a todos os homens, ao mesmo tempo em que os divide na construção do referencial do humano e do não humano. Quando se pretende estendê-lo, prontifica-se uma visão única a ser seguida de tal modo a alcançar a sintonia ou a igualdade de consciência e de comportamento dentro da sociedade.

Para Koselleck o conceito de homem universal se valeu ao longo da história para discriminar, julgar outros grupos de homens e, ainda, para manipular conforme determinados interesses políticos.¹¹³ Koselleck cita alguns exemplos na história acerca da construção desta concepção assimétrica, como “gregos e bárbaros”, “cristãos e pagãos”, “iluministas e não iluministas”, “arianos e não arianos”. São denominações que Koselleck as reúne nos conceitos mais amplos de “superhomem” e “infrahomem”, utilizados para sobrepor uma cultura sobre outra ou uma ideologia se impor sobre o conjunto da sociedade. Tais classificações arbitram sobre posturas individuais e sociais, em que determinados grupos de homens se tornam mais do que humanos, ou um tipo superior de homem, e desta visão se deriva o homem criado para ser negado, marginalizado como “infrahomem”. O desdobramento político desses conceitos é observado por Koselleck: “El concepto total de humanidad produjo, una vez manipulado políticamente, consecuencias totalitarias.”¹¹⁴

O mesmo autor analisa em Marx sua formulação do ideal de homem e o cita: “su lugar ocupará en el futuro el hombre total, que no es sólo un proyecto personal perfecto, sino un tipo de mundo libre de dominación y producido socialmente.”¹¹⁵ Depreende-se que dos

¹¹² KOSELLECK, Reinhart. *Futuro pasado. Para una semántica de los tiempos históricos*. Ed. Paidós Básica. 1993. Espanha. p. 236. Cf. também *Poetics of Relation* de Edouard Glissant; *Caliban's Reason* de Paget Henry; *O Local da Cultura* de Homi K. Bhabha; *El bárbaro imaginario* de Laënnec Hurbon sobre a crítica à razão dualista em diferentes contextos históricos.

¹¹³ Ibidem. p. 243

¹¹⁴ Ibidem. p. 244

¹¹⁵ Ibidem. p. 247

conceitos antitéticos esboçados anteriormente, com referência na análise de Koselleck, podem ser associados à experiência que concebe o “homem novo” projetado para ser superior ao que toda história já construiu no passado, superar os conflitos da velha ordem social, libertar-se da dominação no plano pessoal e coletivo. O objetivo final é conquistar o homem do futuro, o “homem total” e fazê-lo chegar à totalidade dos homens. No socialismo esse projeto buscou sua efetivação política, pelos mecanismos institucionais, impondo a condição de equivalência entre “homem novo” e “ser revolucionário” à totalidade social. Sobre tal condição logrou-se a divisão da sociedade cubana na desigualdade entre os “autenticamente revolucionários” e os “não-revolucionários”, aqueles que não cumpriam o projeto do “homem novo” e por isso lhes foi negado o pertencimento à história de seu país. A carta de Che Guevara é ilustrativa de como as instituições políticas deveriam encaminhar a “seleção natural” entre os “revolucionários” e os “não-revolucionários” segundo a argumentação de que “não há vida fora da Revolução”.¹¹⁶

Los dirigentes de la Revolución tienen hijos que en sus primeros balbuceos, no aprenden a nombrar al padre; mujeres que deben ser parte del sacrificio general de su vida para llevar la Revolución a su destino; el marco de los amigos responde estrictamente al marco de los compañeros de Revolución. No hay vida fuera de ella.

Todo esto entraña, para su éxito total, la necesidad de una serie de mecanismos, las instituciones revolucionarias. En la imagen de las multitudes marchando hacia el futuro, encaja el concepto de institucionalización como el de un conjunto armónico de canales, escalones, represas, aparatos bien aceitados que permitan esa marcha, que permitan la selección natural de los destinados a caminar en la vanguardia y que adjudiquen el premio y el castigo a los que cumplen o atentan contra la sociedad en construcción.¹¹⁷

Esse discurso ainda é atual e reproduzido juntamente com o proferido por Fidel Castro aos intelectuais em 1961, *Palabras a los Intelectuales* (já citado no início deste capítulo), que Armando Hart o reitera com fidelidade em 1996:

Cuando se creó el Ministerio de Cultura, en diciembre de 1976, entendí que se me había situado en esta responsabilidad para aplicar los principios enunciados por Fidel Castro en “Palabras a los intelectuales” y para desterrar radicalmente la debilidades y los errores que habían surgido en la instrumentación de esa política. Consideré que sólo era posible hacer más

¹¹⁶ GUEVARA, Che. Texto dirigido a Carlos Quijano, del semanario “*Marcha*”, Montevideo, marzo de 1965. Leopoldo Zea, Editor. “Ideas en torno de Latinoamérica”. Vol. I. México: UNAM, 1986. Disponível em: <http://www.fmmeducacion.com.ar/Historia/Documentoshist/1965elhombrenuevoche.htm>

¹¹⁷ Ibidem

efectiva mi gestión promoviendo la identidad nacional cubana, que se había articulado en nuestro siglo con el pensamiento socialista. Aprecié que para este empeño era necesario emplear, en el campo sutil y delicado del arte y de la cultura, los estilos políticos de Martí y Fidel.¹¹⁸

As citações acima correspondem a um imaginário que sobrevive entre os cubanos e veementemente abordado pelos intelectuais que, em geral, vivenciaram a pressão desta cultura oficial em tentar atrelar a “identidade nacional cubana” ao “pensamento socialista”, conforme expressa Armando Hart, e se colocam na luta pela desconstrução do discurso de uma cultura institucionalizada por um aparato burocrático do Estado, que censura a produção artística e intelectual à margem das instituições oficiais. E a escrita no exílio, representada pela *Encuentro de la Cultura Cubana*, tem apontado para a desobstrução do processo cultural subordinado às instituições oficiais.

Como exemplo dessa iniciativa de desconstrução da cultura oficial, temos a carta aberta escrita por Ricardo Alberto Pérez e Rolando Sánchez Mejías, por ocasião da entrega de uma mostra de poesia cubana à direção da revista *Cúpulas* do Instituto Superior de Arte de Havana, em que os textos de Rolando Sánchez Mejías foram eliminados pela direção, sob a alegação de razões políticas. Essa carta é contundente quanto ao questionamento da institucionalização da cultura. A concepção de que a cultura é produto de uma instituição, impôs uma clausura cultural que fomentou o fenômeno do exílio, abordado pelos autores como único caminho a promover os artistas e escritores cubanos, como se vê pelo que eles indagam:

Para qué crear tantas instituciones culturales, escuelas de arte, etc., si finalmente la censura y la vigilancia sobre la producción artística e intelectual se imponen; si el exilio – “blando” o “duro” – va siendo el único camino para gran parte de las nuevas promociones e artista y escritores cubanos?¹¹⁹

Outro questionamento é feito a partir de um olhar estrangeiro, tendo como parâmetro inicial a imagem de Cuba antes da Revolução como um país subdesenvolvido, com

¹¹⁸ Citado por Roberto Fernández Retamar. Cuarenta años después. Disponível em: www.oceanbooks.com.au/espanhol/puntos/pun

Armando Hart foi Ministro da Educação em Cuba nos primeiros anos da Revolução. Em 1976 foi designado a criar o Ministério da Cultura e o dirigiu até o ano de 1997. Desde então é membro do Conselho de Estado da República de Cuba e preside a Sociedade Cultural José Martí

¹¹⁹ Pérez, Ricardo Alberto. Mejías, Rolando Sánchez. Carta abierta: Ser intelectual en Cuba: ficción (o realidad). *Revista Encuentro...* Madrid. Otoño de 1996. Vol.2. p.96

alto índice de analfabetismo, prostíbulo dos Estados Unidos e miséria. Então, a Revolução viria erradicar os problemas sociais básicos. Mihály Dês, escritor húngaro, residente em Barcelona, onde dirige a revista *Lateral*, atribui em seu ensaio *La Isla Continental* à imagem acima descrita como um construto do próprio regime castrista que estabelecia um marco divisório entre Cuba de Batista e de Fidel. O intuito era de demarcar a revolução como o tempo novo que inauguraria uma sociedade igualitária e justa. Ele reafirma a crise política e repressiva durante a ditadura de Batista, mas questiona o discurso oficial sobre a crise econômica deste período, pois sustenta que Cuba durante a década de 1950 ocupou o segundo lugar no PIB entre os países da América Latina, perdendo apenas para Venezuela. E, ainda, assinala que a economia cubana dependeu mais da União Soviética durante o governo de Fidel Castro do que da norte-americana no período de Batista.¹²⁰ É claro que nem sempre dados sobre o PIB vêm acompanhados aos índices de desenvolvimento social, pois uma nação pode apresentar um PIB alto e uma intensa desigualdade social, cujo artigo não estabelece os parâmetros sociais de antes e após a Revolução. Mas a escolha desse artigo teve o propósito em observar o olhar de um escritor que viveu em um país socialista do Leste Europeu, admitindo que durante um tempo sua imagem era de vislumbamento do socialismo cubano por se diferenciar no referencial cultural dos trópicos, porém só o conhecimento o fez refletir sobre o que havia idealizado:

...en aquel entonces ya había leído, fascinado, a Guillén. Y también a Carpentier. Yo tenía mis dudas respecto de los regímenes marxistas-leninistas. Pero si en Cuba se podían escribir libros tan sutiles sobre las contradicciones y las fuerzas destructoras de las revoluciones como *El siglo de las luces* y *El reino de este mundo*, de Carpentier, la cosa no debía estar tan mal. Además, y sobre todo, el régimen comunista cubano no lo percibimos como tal, sino como una revolución diferente, más espontánea y popular, que buscaba una solución propia a una situación intolerable: miseria, subdesarrollo, esclavitud, enfermedades, explotación...
En fin, no sabía nada, pero actuaba como quien lo tiene todo claro.¹²¹

Todavia o que ainda tem resistido a um projeto de nivelamento político-cultural são os enunciados culturais que persistentemente fazem as diferenças se tornarem históricas e visíveis em momentos de crise política. A cultura não institucionalizada, mas vivida e sentida ao toque do son, da rumba, do tambor, essa mistura de poesia e música africana com as influências da cultura espanhola, da espontaneidade do deixar incorporar diferentes culturas,

¹²⁰ DÊS, Mihály. *La Isla Continental*. La Cuba que vi fuera de Cuba. **Revista Encuentro...** Madrid. Otoño de 1996. Vol.2.p. 98

¹²¹ Ibidem. pp. 101-102

atitude fundamentalmente própria da cultura negra, é que inspira uma outra atmosfera do porvir para esses intelectuais.

Do ponto de vista dos autores da *Encuentro de la Cultura Cubana*, o discurso é elucidativo da tentativa em resgatar a ambivalência cultural cubana e de romper com o dualismo político-ideológico que impõe a fragmentação como uma imagem a ser incorporada por toda a sociedade. A experiência histórica vem demonstrando o terror e ao mesmo tempo a fragilidade com que as disputas binárias vêm causando ao mundo em âmbito cultural, religioso e político. Por outro lado é exposto um movimento global que põe em contato diferentes culturas e políticas, exigindo uma nova postura frente aos pares dicotômicos que se radicalizam cada qual em suas essências fechadas.

É nesta linha de pensamento que Jesús Díaz, idealizador e um dos fundadores da revista, afirmou no editorial do volume 4/5 que um dos objetivos principais da cultura cubana no momento atual é “impedir que a fragmentação... se imponha como definitiva”, e que “desde sus orígenes la cultura cubana se alimenta de sí y del mundo.” E continua: “Cuba es hoy por hoy el país más internacional del planeta.” Mas, segundo o próprio Jesús Díaz, os riscos da fragmentação são visíveis:

El debilitamiento resultante de la distancia y la falta de confrontaciones y contactos. El riesgo de que la separación entre los cubanos ‘de adentro’ y los ‘de fuera’ involucre hacia formas abiertas o encubiertas de hostilidad e incluso de ruptura. Y la posibilidad de que esta fragmentación nos induzca a encerrarnos en un nacionalismo de aldeano vanidoso, o bien a perdernos en el vacío atroz de quien resulta incapaz de identificar sus raíces.¹²²

No editorial acima citado há duas questões interligadas. Primeiro, quanto à afirmação da cultura cubana que se formou por si e pela relação com outras culturas, numa visão crítica ao purismo nacionalista, e que desde a sua origem a diversidade e entrecruzamento cultural percorreram sua história. A segunda, fundamentada na identidade cubana pela história da relação entre culturas diferentes e alerta de maneira crítica para a proximidade entre nacionalismo e fragmentação. Stuart Hall assinala como alguns estados nacionais tentam construir “entidades políticas em torno de identidades homogêneas”. E ainda afirma: “... existem também fortes tentativas para se reconstruírem identidades

¹²² DÍAZ, Jesús. Un Año de Encuentro. **Revista Encuentro...** Madrid. Primavera / Verano de 1997. Vol.4/5. p.3

purificadas, para se restaurar a coesão, o “fechamento” e a Tradição, frente ao hibridismo e à diversidade.”¹²³

Uma revolução política não delimita ou não pode delimitar, conforme um grupo de ideólogos pretende que seja, o modo como os sujeitos da cultura devam agir em suas diferentes concepções e esferas sociais, como a música, a dança, a religião, política, festas populares, literatura, cinema, teatro, artes plásticas e, enfim, como vivem, pensam e narram seu cotidiano.

A barreira nacionalista envolve os de “dentro” como sendo os seguidores fiéis à pátria, afinados à unidade cultural revolucionária, portanto eles devem deslocar para “fora” os que renegam a Revolução e, por extensão sua nacionalidade. Nesse caso, a idéia de nação e cultura se identifica com a de Revolução. Em decorrência da pretensão de unidade de ação emerge o discurso divisor apontado no editorial, como aquele que difunde a fragmentação da cultura em revolucionária e não revolucionária, comumente associada aos termos “dentro” e “fora”.

Essa fragmentação fundamentada por uma política hostil ao diverso é rechaçada num discurso comum entre os colaboradores, mesmo nas divergências de enfoque político. Da mesma maneira, a crítica se dirige a uma parcela do exílio de Miami que reproduz o discurso divisionista em relação ao governo cubano, mas, de qualquer modo, atinge à sociedade como um todo. O trecho citado abaixo é extraído de um comentário acerca do relatório *U.S.-Cuban Relations in the 21st Century* do Conselho de Relações Internacionais (Council on Foreign Relations)¹²⁴ e reproduz uma das maneiras em que a chamada direita cubana nos Estados Unidos concebe as relações entre os Estados Unidos e Cuba. Pode-se observar que esse discurso representa a idéia de que a relação comercial entre os dois países (no caso, o incremento do turismo) reforça o poder ditatorial e econômico de Fidel Castro. Esse discurso parte do princípio de que um intercâmbio político e econômico com Cuba realimenta o poder castrista, para o qual os setores representativos dessa posição não querem colaborar. Por outro lado, vê-se que, nesse ponto de vista, a sociedade cubana e suas necessidades materiais são ignoradas face à disputa prioritária em liquidar o governo de Fidel Castro:

¹²³ HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na pós-modernidade*. DP&A Editora. Rio de Janeiro. 2001. pp.92-93

¹²⁴ O Conselho de Relações Exteriores é uma instituição privada de política exterior nos Estados Unidos. Ela representa o “establishment” e congrega homens de negócio, banqueiros, líderes trabalhistas, diplomatas e especialistas em política exterior em todo o mundo.

“With the Cold War over and new security threats -- terrorists armed with weapons of mass destruction, narco-traffickers acting like independent states and others -- emerging, it is fitting to reappraise the U.S.-Cuban military relationship, characterized until now by hostility. The report makes a fundamental point: “Joint measures between U.S. and Cuban agencies help legitimize the role of the Cuban military and, worse, the Castro regime's internal security apparatus (...) the report endorses the type of initiatives that (...) American participation in Castro's “apartheid tourism” in hotels whose employees' hard-currency, i.e., dollar wages, are 95 percent confiscated by the government to official contacts with the military, which protects the dictator from an increasingly bitter population.”¹²⁵

No editorial do volume 18, Jesús Díaz apresenta o dossiê dedicado à literatura cubana contemporânea em Miami com a finalidade de romper com o imaginário da intolerância e do ódio do cubano miamense em relação a Cuba e vice-versa:

... Las afirmaciones anteriores no pretenden negar la existencia de un cúmulo de incomprendiones, miedos y prejuicios mutuos entre Cuba y el Miami cubano. Ese muro existe, es alimentado permanentemente desde el gobierno de la isla, que utiliza el “miedo a Miami” como un espantajo, y retroalimentado por los sectores más intolerantes del exilio, que suelen calificar a quienes viven en Cuba como cómplices de la dictadura...
... El futuro de la isla depende en gran medida de que los cubanos seamos capaces de derribar ese muro de miedo, odio, prejuicio e intolerancia... En esa dirección se mueve la literatura escrita por nuestros compatriotas en Miami...
....el Miami cubano es parte indisoluble de Cuba...¹²⁶

A apresentação do artigo de Jesús Silva-Herzog na abertura da Feira do Livro de Guadalajara no México em dezembro de 2002, homenageia o fundador da revista, Jesús Díaz, e afirma:

Será incorrecto decir que Encuentro es una revista de oposición. No lo es porque a mi juicio no se trata, en un sentido estrecho, de una revista política. La política aparece, por supuesto, en las páginas de la revista. Aparece con frecuencia. Pero no es otra publicación de denuncia. Encuentro no emplea la invectiva acusatoria, sino el lenguaje de la crítica, que no es complacencia ni paliza. Me parece revelador descubrir en ese sentido que la palabra que más se repite en las portadas de la revista sea “homenaje”. Si: homenaje. Homenaje a la república, a Martí, a un novelista, a un poeta, a un

¹²⁵ CALZON, Frank. A dissenting analysis of Cuba relations. Miami Herald. Janeiro de 2001. Disponível em: <http://www.fiu.edu/~fcf/diss11001.html>

¹²⁶ DÍAZ, Jesús. Introducción. **Revista Encuentro...** Madrid. Otoño del 2000. Vol.18. pp 7-8.

arquitecto.... Ese líquido crítico que la revista esparce es, a mi juicio, la única sustancia que puede disolver el discurso de los demonios y de los héroes.¹²⁷

Na afirmação acima sugere uma discussão sobre que dimensão é dada à política dentro dos objetivos da revista. Segundo Silva-Herzog a política aparece como linguagem de crítica sem que se produzam heróis e vilões, defesas e combates obstinados. Mas através da memória e homenagem aos escritores e artistas é demonstrada a presença da cultura que se destaca ao longo da história de Cuba e, inevitavelmente, repercute em mudanças no âmbito político. A presença da discussão política na revista *Encuentro de la Cultura Cubana* é clara, como foi demonstrado pelo banco de dados no capítulo dois desta dissertação, o discurso de Silva-Herzog apresenta uma estratégia de defesa da revista em função das críticas oficiais em caracterizá-la como mais uma publicação da dissidência no exílio. Dessa forma, o pronunciamento de Silva-Herzog é uma resposta política que tem bem definido o seu direcionamento, o governo cubano. É certo que há uma preocupação em que o político não seja abordado numa perspectiva maniqueísta e simplista diante da complexidade das relações de poder, que, de um modo geral, reflete a indissociabilidade entre cultura e política presente na revista, na medida em que reforça a visão de que a cultura seja a “substância” protagonizadora em dismantelar o embate político entre “heróis” e “demônios”.

Como relata Jesús Silva-Herzog acerca das homenagens presentes na publicação, grande parte dos volumes da *Encuentro de la Cultura Cubana* apresenta uma série destas aos escritores cubanos, contendo, cada qual, inúmeros artigos destacando as letras cubanas no cenário histórico nacional e da literatura internacional. Dentre as homenagens, algumas apenas serão mencionadas para que se perceba o essencial do discurso que vê na interseção cultural o eixo condutor da relação entre as diferenças e da minimização do apartheid político.

Logo no segundo volume da revista, a homenagem é feita a Gastón Baquero. Em entrevista aberta, sob o título *La poesía es como un viaje*, o entrevistador Efraín Rodríguez Santana deixa o entrevistado discorrer livremente sobre questões relativas à poesia. O poeta expressa seu modo de entender a poesia como a busca pela explicação do mundo, uma viagem na qual o ser está presente aqui e ali e de “como se manifiesta ese ser relacionándose con el mundo y expresándose.”¹²⁸ A poesia é, portanto, entendimento e expressão das coisas, e para

¹²⁷ SILVA-HERZOG, Jesús. “El Encuentro de Jesús Díaz”. Cubaencuentro.com. Encuentro en la red. Diario independiente de asuntos cubanos.. 2002.

¹²⁸ BAQUERO, Gastón. La poesía es como una viaje. Entrevista por Efraín Rodríguez Santana. **Revista Encuentro...** Otoño de 1996. Vol. 2. p.8

Gastón Baquero interessa como estas se relacionam por mais opostas que possam parecer. Efraín Rodríguez Santana, em seu artigo, cita Gastón que diz ser o poeta o único a “relacionar iluminativamente las cosas entre si.”¹²⁹ E afirma que, esse momento de Cuba, “la presencia de los poetas es determinante” por visualizar no real os sinais ocultos de sua subversão, o da relação entre situações opostas.¹³⁰

No terceiro volume a homenagem é dedicada à Eliseo Diego, nascido em 1920 em Cuba e morto em 1994 no México. Poeta, narrador e ensaísta, Eliseo Diego foi um dos membros fundadores do grupo *Orígenes*, autor de *En la calzada de Jesús del Monte*, entre diversas obras. Ele recebeu o prêmio Juan Rulfo em 1993, no México por sua antologia *La sed de lo perdido*. Rafael Almanza, escritor e economista cubano residente em Camagüey, numa análise do conjunto da obra de Eliseo Diego no artigo “*Exterior, representación y juego en Eliseo Diego*” o define como poeta religioso e *origenista* que concebe o mundo dentro de uma ordem divina na qual o poeta nomeia as coisas ao seu redor e dimensiona a relação entre elas. Mas segundo Almanza, para Eliseo

nombrar las cosas no puede ser catalogarlas o encerrarlas, sino, desde luego, relacionarlas. Pues su nombre, su ser y su poder, es esencialmente relación. Un sólo objeto parcial o la suma de los objetos es nada, es la nada; pero la forma en que esos objetos están dispuestos por el Creador o el modo en que pueden ser graciosamente ordenados por el hombre como imágenes de la Creación, constituyen la única posesión verdadera en el ámbito de la vigilia y la culpa.¹³¹

No volume 18 o arquiteto e urbanista Nicolás Quintana é homenageado junto a outros artistas cubanos residentes em Miami. Em 1960 Quintana mudou-se para os Estados Unidos. Ele fez da arquitetura uma maneira de expressar a identidade cubana, estabelecendo a relação entre “arquitetura e sociedade” e, segundo suas próprias palavras, “la búsqueda incesante de cubanía” trouxe um urbanismo livre dos “esteticismos internacionales”.¹³² Para ele, a cidade é a imagem de sua “plataforma cultural” só enriquecida em condições de liberdade para a recriação do que denomina de signos do “esencial-cubano”.¹³³ Nicolás

¹²⁹ SANTANA, Efraín Rodríguez. La primera mirada – Apuntes de un lector deslumbrado. **Revista Encuentro...** Otoño de 1996. Vol.2. p.20

¹³⁰ BAQUERO, Gastón. La poesía es como un viaje. Entrevista por Efraín Rodríguez Santana. **Revista Encuentro...** Otoño de 1996. Vol. 2. p.13

¹³¹ ALMANZA, Rafael. Exterior, representación y juego en Eliseo Diego. **Revista Encuentro...** Madrid. Invierno de 1996/1997. Vol.3. p.22

¹³² QUINTANA, Nicolás. Cuba en su arquitectura y urbanismo. **Revista Encuentro...** Madrid. Otoño de 2000. Vol.18. p.19

¹³³ Ibidem. p.20

Quintana concebe esses signos dentro de uma nova visão de cidade, onde os de “dentro” e os de “fora” se radiquem numa “união simbiótica”:

La ciudad prototípica que debemos repensar los cubanos creará un *continuum* histórico con lo mejor de lo que existió y de lo que hoy existe, pues esas imágenes constituyen, precisamente, la plataforma cultural, desde la cual interpretar la ciudad futura que yace latente en la imaginación y en la inteligencia nacional. Será el producto creativo de la simbiosis de la experiencia interna – *del cubano en Cuba*, con la experiencia externa – *del cubano en la diáspora*... hermanos ambos.¹³⁴

A escolha dessas homenagens vai de encontro à idéia de relação que norteia o princípio da revista e se associa ao enfoque teórico da pesquisa em evidenciar as leituras que trazem uma visão de mundo pautado nas idéias de relação que envolvem temas sobre identidade, cultura e política. A exemplo de *Poetics of Relation* de Glissant:

I began wondering if we did not still need such founding works today, ones that would use a similar dialectics of rerouting, asserting, for example, political strength but, simultaneously, the rhizome of a multiple relationship with the Other and basing every community's reasons for existence on a modern form of the sacred, which would be, all in all, a Poetics of Relation.¹³⁵

A perspectiva de trabalho apresentada por Glissant é de um “redirecionamento” político em que considera a multiplicidade a ser estabelecida na relação de alteridade. Nessa perspectiva, sua compreensão está presente implicitamente nos discursos culturais e políticos dos colaboradores da revista, na medida em que termos por ele analisados como diferença, tolerância, relação, supressão dos dualismos, das visões de totalidade, de identidade única são colocadas também em discussão na publicação. Neste capítulo, até aqui foi analisada a presença dos intelectuais na intervenção da cultura e política em Cuba do ponto de vista dos autores da revista *Encuentro de la Cultura Cubana*. Em seguida, será percorrida a compreensão do exílio cubano como a construção de outra identidade e as discussões sobre nacionalidade que os envolvem. O último item abordará como os colaboradores da revista pensam uma transição para Cuba.

¹³⁴ Ibidem. p.21

¹³⁵ GLISSANT, Édouard. *Poetics of Relation*. The University of Michigan Press. 1997. p. 16

3.2. EXÍLIO – A IDENTIDADE DO OUTRO

As narrativas do exílio nos mostram como conceitos de identidade, exílio e nação se entrelaçam compondo uma mesma história. Grande parte dos autores da *Encuentro de la Cultura Cubana* vive o contexto do exílio, tendo que se incorporar aos sentidos de outridade, ou aos outros modos de viver em relação ao seu próprio, da mesma maneira um novo sentido de nacionalidade. Pois, o nacionalismo atrelado ao oficialismo revolucionário engendrou uma condição de exílio interno e externo na medida em que as necessidades de criar, produzir e se expressar fora da equação nação igual à revolução eram manifestas e reprimidas. Benedict Anderson assim analisa a revolução e o nacionalismo oficial na condição de poder do Estado:

...o modelo do nacionalismo oficial adquire relevância, acima de tudo, no momento em que os revolucionários são bem-sucedidos em assumir o controle do Estado, e, pela primeira vez, encontram-se em condições de utilizar o poder do Estado na busca de suas visões. A relevância é tanto maior na medida em que mesmo os revolucionários mais resolutamente radicais herdaram, até certo ponto, o Estado do regime que tombou.¹³⁶

Ao assumirem o poder de Estado, segundo Benedict Anderson, os revolucionários adquirem as condições de determinarem sua visão de nação à sociedade, reproduzindo “até certo ponto”, métodos utilizados pelo Estado autoritário que lhe antecedeu e o derrubou. É nessa direção que regimes autoritários lançam mão do nacionalismo em defesa do território, de sua ideologia e do poder e projetam a negação do diferente, da alteridade em que se encontra o exilado, marcado como aquele que não se enquadra na visão imposta pelo Estado. Não se afinar às condições revolucionárias dentro do território nacional significa não pertencer à nação. É encontrar-se deslocado no próprio país. A identidade negada no território de origem é tão ou mais asfixiante do que buscá-la em outros espaços numa tentativa de acolhida por outras culturas, mesmo que estas últimas apresentem situações de estranhamento. José Triana menciona essa dupla condição do exílio:

En Cuba también viví en el exilio. El regreso no es una cosa que me seduzca tanto porque siempre estamos exilados. Hay un exilio terrible... en el cual vivimos, aun cuando estemos dentro del país.
Exilarse no es fácil. Es, uno, revisión de tu pasado; dos, ¿qué es lo que tú quieres, qué vas a hacer con tu vida? Tienes que responsabilizarte con todo lo vivido anteriormente y al mismo tiempo instalar nuevas perspectivas para

¹³⁶ ANDERSON, Benedict. Nação e Consciência Nacional. Editora Ática. Sao Paulo. 1989. p.174

ti y ver cómo te vas desarrollando lentamente dentro de una sociedad que no te ha pedido que tú estés ahí, en la cual eres un extraño.¹³⁷

Radhis Curí Quevedo no ensaio sobre a literatura cubana no exílio traça o isolamento e a melancolia em que o escritor envereda em seu exílio interno e busca na poesia o escape da marginalização de seu entorno social. Ele lembra José Lezama Lima como a expressão desse exílio interior pela incompreensão de sua obra dentro de Cuba. Radhis Curí Quevedo expõe sua maneira de entender o exílio interior:

Hay otro exilio todavía más severo, el exilio interior: esa clase de ensimismamiento fatídico en el que cae el poeta dentro de su propio país. Para esta poesía no existe ni tiempo ni espacio. El poeta está sumido en otro lugar infinitamente misterioso. La equivalencia lírica se valora entonces en la sensación de asfixia, en el creerse sitiados en su propio entorno y en el hecho de que la poesía, a pesar de la censura, es la única vía posible de escape.¹³⁸

Por outro lado, o outro exílio que provoca a separação do sujeito de seu país, confere uma adaptação complexa do exilado, porque carrega consigo a responsabilidade com a história de seu país, com o que foi produzido individual e socialmente e com o que se tem para oferecer em outros países. Pois como toda condição de emigrado, as relações psíquicas de trabalho e de sociabilidade são postas a um novo aprendizado. E o exílio traz o compromisso que o sujeito, como indivíduo e membro de uma cultura, possui com seu passado, seu presente e as expectativas que as novas relações sociais serão formadas, muito em função de seu posicionamento político no país de origem. Será, porém, mais observado no território do exílio quanto à sua sobrevivência e atuação junto à nova comunidade.

O exílio, ainda com todos os sacrifícios que impõe aos que recorrem a ele, dimensiona outros territórios, rompe com o limite do território nacional, desloca fronteiras simbólicas num processo de extensão e trânsito de identidades culturais. Para Ivan de la Nuez, “los cubanos en los últimos 40 años han cancelado el contrato entre cultura nacional – sea esto lo que sea – y territorio.”¹³⁹ O que quer dizer que há uma transterritorialidade cultural cubana presente no mapa mundial que dissolve os discursos fundadores da nação como centro

¹³⁷ TRIANA, José. Entrevisto por Christilla Vasserot. Siempre fui y seré un exiliado. **Revista Encuentro...** Madrid. Primavera / Verano de 1997. Vol.4/5. pp.42-44

¹³⁸ QUEVEDO, Radhis Curí. Destierros y exilios interiores. **Revista Encuentro....** Madrid. Otoño de 1999. Vol.14. p. 180

¹³⁹ NUEZ, Ivan de la. El destierro de Calibán. **Revista Encuentro....** Madrid. Primavera/Verano de 1997. Vol.4/5. p. 139

territorial e identitário único. Avalia o nacionalismo como epistemologia que move os discursos tanto da Revolução quanto do exílio: “Ambos tienen la llave maestra para excluir, censurar, expulsar de La Nación.” Considera que a identidade cubana se encontra num estado de transitoriedade, numa espécie de “fuga” e este é o modo de viver e reproduzir sua cultura, pois o exílio configura mais uma noção de espaço cultural e político do que de tempo. O exílio não tem definido o tempo para o ulterior regresso, quase impossível de precisar. Mas trata-se de um espaço a ser construído com novas perspectivas de vida.¹⁴⁰

Em *Pensando a Diáspora*, Stuart Hall teoriza sobre o hibridismo que permeia as identidades culturais caribenhas na diáspora e se associa aqui à compreensão sobre as idéias de relação entre nação e exílio, aos termos dentro e fora que configuram o significado cultural e político da “différance”:

... as configurações sincretizadas da identidade cultural caribenha requerem a noção derridiana de *différance* – uma diferença que não funciona através de binarismos, fronteiras veladas que não separam finalmente, mas são também *places de passage*, e significados que são posicionais e relacionais, sempre em deslize ao longo de um espectro sem começo nem fim. A diferença, sabemos, é essencial ao significado, e o significado é essencial à cultura.¹⁴¹

É inconcebível o exílio cubano sem relacioná-lo à identidade que transcorre em outras histórias e culturas. Isto porque o exílio criou uma identidade cultural diaspórica – como Stuart Hall concebe, do mesmo modo que alguns colaboradores da revista mencionam – e articulada que encontra nele o espaço de expressão das diferentes comunidades culturais em Cuba e testemunham o legado nacional junto às mudanças disseminadas nos territórios do exílio. Rafael Rojas propõe uma “relectura de la nación” na medida em que a intelectualidade acena um discurso às margens da “ordem simbólica da Revolução” e nos anos 1990 tem caminhado em direção a um espaço mais aberto à poética e à narrativa das diferenças.¹⁴² O mesmo José Triana diz que “Escribir es lo único que me ha permitido sobrevivir al dolor.”¹⁴³ O ato literário traz consigo a bagagem de identidade que sua cultura lhe proporciona no processo de criação e de contato com outra cultura, faz sentir-se cubano interagido em outras convivências. Trata-se de uma maneira de se refazer ou de renascer, pois o exílio produz um tipo de renascimento. Ilan Stavans faz referência ao exílio nos Estados Unidos do escritor

¹⁴⁰ NUEZ, Ivan de la. El destierro de Calibán. **Revista Encuentro...** Madrid. Primavera/Verano de 1997. Vol.4/5. pp. 137-144.

¹⁴¹ HALL, Stuart. Da Diáspora. Identidades e Mediações Culturais. Ed. UFMG. Belo Horizonte. 2003. p.33

¹⁴² ROJAS, Rafael. La relectura de la nación. **Revista Encuentro...** Madrid. Verano de 1996. Vol.1. p.43

¹⁴³ TRIANA, José. Entrevisto por Christilla Vasserot. Siempre fui y seré un exiliado. **Revista Encuentro...** Madrid. Primavera/Verano de 1997. Vol.4/5 p.41

Antonio Benítez Rojo, afirmando que “para sobrevivir,..., no habrá otro camino que el de reinventarse a sí mismo; y así lo hizo.”¹⁴⁴

Edward Said diz que “...poetas e escritores exilados conferem dignidade a uma condição criada para negar a dignidade – e a identidade às pessoas.”¹⁴⁵ Nesta linha, Jesús Díaz desenvolve seu artigo *Otra pelea cubana contra los demonios*, numa alusão à obra de Fernando Ortiz, *Historia de una pelea cubana contra los demônios*, e ao filme homônimo de Tomás Gutiérrez Alea. Para ele, “todo proceso demonizador empieza por negar la condición humana del demonizado.”¹⁴⁶ Consiste em afastar o diferente e em identificá-lo como a origem de todo o mal. A história de Cuba, segundo Díaz, da colonização à atualidade é marcada pela luta e resistência de sua cultura contra a “síndrome da demonização”¹⁴⁷ – dos infiéis à Igreja Católica, dos judeus, dos negros, dos dissidentes, como também dos revolucionários. Conforme Jesús Díaz, uma dentre várias dessas conquistas contra a “demonização” foi a afirmação sobrevivente da identidade negra na cultura cubana quando diz que “nuestra gran religión popular no es el catolicismo sino la santería”.¹⁴⁸ Do mesmo modo, o exílio em Miami tornou a identidade cubana digna pela sua presença cultural no crescimento da cidade: “Haber reivindicado y conservado su condición de cubanos en medio de una cultura extraña es otra razón para sentirse orgulloso”.¹⁴⁹

O fenômeno da migração em Cuba e, em geral, no Caribe é histórico e constitutivo daquelas sociedades por razões de território limitado, identidade lingüística entre algumas regiões e por processos colonizadores historicamente próximos, ainda que distintos quanto à sua cultura de origem – espanhola, inglesa, francesa e holandesa. Stuart Hall afirma que: “A cultura caribenha é essencialmente impelida por uma estética diaspórica. Em termos antropológicos, suas culturas são irremediavelmente “impuras”. ”¹⁵⁰ Contudo em Cuba, após a Revolução de 1959 e de forma mais intensificada nos anos de 1990, o padrão migratório adquiriu, além das questões históricas e econômica de sobrevivência, a feição político-ideológica que repercutiu no exterior com uma expressão cultural influente, em decorrência de sua intensa composição de artistas e intelectuais. Essa cultura assim denominada de diaspórica redimensiona uma outra compreensão de nação e de cultura dentro e fora do país a

¹⁴⁴ STAVANS, Ilan. Crónica de una amistad. **Revista Encuentro....** Madrid. Invierno de 2001-2002. Vol.23. p. 25

¹⁴⁵ SAID, Edward. Reflexões sobre o Exílio e outros ensaios. Companhia das Letras. São Paulo. 2003. p.48

¹⁴⁶ DÍAZ, Jesús. Otra pelea contra los demonios. **Revista Encuentro....** Madrid. Otoño / invierno de 1.997 Vol. 6/7 p. 203

¹⁴⁷ Ibidem

¹⁴⁸ Ibidem

¹⁴⁹ Ibidem. p.209

¹⁵⁰ HALL, Stuart. Da Diáspora. Identidades e Mediações Culturais. Ed. UFMG. Belo Horizonte. 2003. p. 34

partir do movimento de emigrados e exilados, fazendo circular em diferentes esferas nacionais, identidades que interagem um espaço mundializado.

Tal compreensão põe em questão a presença de um poder que forja uma fronteira divisora entre os que estão “dentro” e os que estão “fora” do país, conforme se observou anteriormente. Pois a fronteira não é simplesmente física, mas fundamentalmente política e atinge substancialmente a diversidade cultural em sua expressão interna e externa. Além disso, ela se circunscreve num círculo de representações que coloca em campos opostos os que estão dentro de Cuba e os que estão fora como se cada um retratasse uma homogeneidade, o que torna frágil a tentativa em conceber os extremos como posições monolíticas. A unidade só se manifesta quando é necessário negar o outro, neste sentido a relação é de equivalência entre os “pró-revolucionários” e os “contra-revolucionários”. Os que permanecem na ilha são representantes da “cubanía”, pertencentes a uma coletividade correspondente ao projeto social e oficial da Revolução. Eles apresentam uma postura negadora daqueles que estão no exílio, considerados porta-vozes da articulação imperialista norte-americana contra Cuba. Do outro lado, um contingente fora de Cuba expressa uma posição política hostil a quem permanece no país que, por sua vez, é considerado porta-voz da política oficial castrista.

A simplificação de representações tem criado dificuldades na análise da cultura cubana contemporânea, na compreensão da diversidade contida nelas e no enfrentamento de um debate desarmado das pré-classificações, onde a cultura pudesse interagir com a política não na condição de reprodutora de uma homogeneização de qualquer que seja a posição, mas que reflita as diferenças no interior de cada uma delas que se manifestam e se cruzam na sociedade. E as diferenças, objetivamente, estão sendo colocadas num contexto real que independe das polarizações dualistas e binárias, conforme Bhabha analisa as condições políticas do mundo pós-colonial. Em sua análise no capítulo sobre “O Compromisso com a Teoria” Bhabha questiona a polêmica arbitrada pela polarização:

Será preciso sempre polarizar para polemizar? Estaremos presos a uma política de combate onde a representação dos antagonismos sociais e contradições históricas não podem tomar outra forma senão a do binarismo teoria versus política? Pode a meta da liberdade de conhecimento ser a simples inversão da relação opressor e oprimido, centro e periferia, imagem negativa e imagem positiva? Será que nossa única saída de tal dualismo é a adoção de uma oposicionalidade implacável ou a invenção de um contra-mito originário da pureza radical? Deverá o projeto de nossa estética liberacionista ser para sempre parte de uma visão utópica totalizante do Ser e da História que tenta transcender as contradições e ambivalências que

constituem a própria estrutura da subjetividade humana e seus sistemas de representação cultural?¹⁵¹

A experiência cubana tem configurado esses antagonismos. De um lado, a potência norte-americana impondo ao mundo a imagem de sua cultura representativa da ideologia neoliberal e democrática. E no momento em que o bloco socialista se desfaz, com a queda do Leste Europeu, uma das experiências socialistas que procura manter os princípios do socialismo, sobretudo no que se refere à combinação entre estrutura sócio-econômica e a essência ideológica, tem sido a nação cubana. Neste sentido, a política norte-americana perpetua o embargo, buscando fragilizar a economia cubana, ao mesmo tempo em que oscila na política de imigração cubana conforme sua conveniência na contrapropaganda em desmoralizar as condições políticas de Cuba e reforçar a imagem de um país democrático e flexível. Por outro lado, a política oficial de Cuba procura “proteger” a nação com o discurso de defesa da Revolução contra o embargo, contra a ação imperialista norte-americana, direcionando para o exterior todo o foco da crise social e econômica interna. São discursos que se veiculam, dicotomizando o imaginário social não só internamente, como também fora de Cuba e impõem a barreira de uma comunicação mais aberta entre estes espaços.

Vêm-se, então, imagens que se produzem e fazem circular o jogo internacional das polaridades de essências nacionalistas. Porém, no jogo persistente da dualidade entre nação e exílio, a *Encuentro de la Cultura Cubana* reitera o discurso de independência da identidade cultural e política cubana. Rafael Rojas, levanta a questão sobre a territorialidade cubana, tendo em vista a dispersão literária e intelectual nas atuais condições, definindo-a como diaspórica. Ele questiona e responde sobre tal posição emergente: “Cuál es, entonces, el territorio de la literatura cubana? Ni más ni menos aquel que, en su dispersión, comparten todos los escritores cubanos que viven en la Isla y en la diáspora.”¹⁵²

A produção literária cubana está presente em um vasto território, que enfrenta as fronteiras políticas do isolamento e da fragmentação na busca de um mútuo reconhecimento entre os diversos espaços representativos de sua cultura. O território diaspórico põe em relevo o que é viver e escrever no exílio, a necessidade do reconhecimento do sujeito que reivindica sua identidade, o direito à diferença e a luta por compor à mesa do diálogo nacional.

¹⁵¹ BHABHA, Homi K. O Local da Cultura. Tradução de M. Ávila, E.L. de Lima Reis, G.R. Gonçalves. Belo Horizonte. Editora UFMG. 2001. p. 43

¹⁵² ROJAS, Rafael. ¿Qué es la literatura cubana? cubaencuentro.com. Encuentro en la red- Diario independiente de asuntos cubanos. Ano IV. Edición 541. Vienes, 24 enero 2003

Enfim, o que está sendo ressignificado é a dimensão do território nacional por meio da extraterritorialidade configurada pelo exílio. Pois esse exílio proporcionou a compreensão de que mais do que estar dentro ou fora do território nacional, o que se busca é dignificar-se com sua história em condições adversas. Pode-se dizer que o exílio dimensionou a internacionalização da cultura cubana em maiores proporções que, paradoxalmente, as tentativas de uma revolução proletária internacional. Uma ironia histórica em que aquilo que deveria ser uma internacionalização desencadeada pelo socialismo, conforme seus princípios, produziu outro fenômeno internacionalista. Pois, ao se fechar no nacionalismo defensivo repeliu as forças contrárias, provocando uma emigração forçada que habita o mundo com um contingente importante de sua cultura. O efeito colateral do exílio provocado pela versão totalizadora do socialismo foi o internacionalismo em outras dimensões. Não para expandir o socialismo em outros territórios nacionais, mas sua cultura independente que transita o espaço internacional. Portanto, uma nova concepção de nacionalidade terá que admitir e reconhecer as representações do exílio como a identidade do Outro a ser contemplada em um processo de transição.

Em Édouard Glissant encontra-se a análise imprescindível sobre exílio, identidade, outridade e nacionalismo. Na diferenciação que faz entre identidade na concepção de raiz única e identidade rizomática está delineada a cisão que o Ocidente estabeleceu entre Nação – como centro de civilização e território que se expande – e o Outro mundo que restou – os bárbaros para serem conduzidos pelo mundo civilizado. A idéia de raiz única é a da ordem de uma razão superior, de uma civilização que pretende se impor à outra, fundamenta-se na fixação territorial que nutre o nacionalismo de uma totalidade arrebatadora do Outro. O pensamento rizomático é uma rede extensiva de raízes que enfrenta a raiz totalitária, onde a identidade é dada na relação com o Outro. O rizoma é o princípio que norteia sua *Poetics of Relation*. Afirma: “Rhizomatic thought is the principle behind what I call the Poetics of Relation, in which each and every identity is extended through a relationship with the Other.”¹⁵³

No momento em que o Ocidente associou identidade, nação e território num projeto de nacionalismo expansivo e imperialista forjou também a intolerância que se estende e se reproduz por todos os povos, inclusive os dominados, mesmo quando libertados. O dualismo entre cidadão e estrangeiro é reforçado e se estende à experiência da dualidade entre nação e exílio. Para Glissant, o exilado se torna o Outro com a identidade desgastada pela

¹⁵³ GLISSANT, Édouard. *Poetics of Relation*. The University of Michigan Press. Michigan. 1997. p. 11

dificuldade de comunicação e relação com sua própria cultura. Entretanto, o exílio pode traduzir uma quebra da concepção de totalidade do nacionalismo, quando vivido na experiência da relação com o Outro. E o imaginário totalitário se fragiliza porque cria desvios que rompem com o seu cerco. Pois quando afasta o diferente para outros territórios, ele construirá outras histórias em contato com outras culturas, desfazendo fronteiras e inter-relacionando nações. Nas palavras de Glissant:

In this context uprooting can work toward identity, and exile can be seen as beneficial, when these are experienced as a search for the Other ...rather than as an expansion of territory ...Totality's imaginary allows the detours that lead away from anything totalitarian.¹⁵⁴

O discurso da *Encuentro de la Cultura Cubana* quando reivindica a identidade dialogada entre representações de Cuba e do exílio busca transcender a fronteira que tem dividido a nação e se apresenta como uma narrativa desta relação. Rafael Rojas chama a atenção para os políticos e intelectuais do século XXI acerca desta idéia de nação a partir do diálogo entre a Ilha e a diáspora:

¿Cómo articular el espacio público de un campo intelectual tan refractario y centrífugo? ¿Cómo lograr comunicación y diálogo entre sujetos culturales tan crispados y emotivos? ¿Habrá que desechar la idea de que la cultura cubana posea una sede nacional, abierta y tolerante, donde quepan todos los actores? ¿O habrá, por el contrario, que imaginar una dialéctica postnacional, que administre los conflictos simbólicos entre la Isla y la diáspora? Estas son preguntas ineludibles para los políticos e intelectuales cubanos del siglo XXI.¹⁵⁵

O alcance desta compreensão passa pelo enfrentamento do jogo polarizador do poder que exclui os sujeitos em contradição social a partir de prerrogativas de uma autoridade sobreposta ao processo social. Pré-define quem pertence ou não pertence à comunidade nacional como se fosse possível estabelecer uma finitude sobre a extensão da cultura, da nação e de seu território, mantendo uma imaginária comunidade coesa, só sendo factível tal

¹⁵⁴ Ibidem. p. 18

¹⁵⁵ ROJAS, Rafael. ¿Qué es la literatura cubana? cubaencuentro.com. Encuentro en la red- Diário independente de assuntos cubanos. Ano IV. Edición 541. Vienes, 24 enero 2003

empreendimento limitador por quem tem em mãos o controle da nação, ou que pelo menos tem historicamente tentado construí-lo.

O limite da cultura nacional vai até onde os sujeitos sociais colaboram com a coesão nacional e tal coesão significa ser pró-castrista ou então permanecer na neutralidade que conforma a condição do projeto nacional cubano socialista nos moldes traçados pelo poder oficial. Os discursos que põem em questão a concepção de nação como única encontram-se fora da finitude da coesão nacional, são os desclassificados, política e culturalmente, e compõem uma estatística numerosa de exilados. É um contingente importante que tem conquistado respeito de outras territorialidades nacionais, pela intervenção de seu trabalho, seu idioma, sua dança, sua capacidade literária, cinematográfica, musical, artística e de interação com a cultura estrangeira.

Juntamente com a respeitabilidade internacional que esse contingente de exilados cubanos conquistou, adversidades também são encontradas no mundo exterior, por vezes com a hostilidade de uma xenofobia de ordem política, própria de parte do pensamento hegemônico norte-americano em relação a um mundo ideologicamente oposto. Marc Guiblin analisa a obra de Jesús Díaz *De la Patria y el Exilio* publicada em 1979 em que narra momentos de dificuldade de integração cubana em seu exílio nos Estados Unidos, junto aos cubanos já estabelecidos na Flórida, acentuando questões de ordem psíquica no encontro entre estes últimos com os cubanos que chegam. Pois uma parcela dos cubanos já instalados nos Estados Unidos se apropriou do sentimento de rejeição que a política oficial norte-americana impôs, criando problemas de identidade entre os próprios cubanos, como pode ser observado no trecho abaixo:

Lês codes de comportement social ont élaboré dès mécanismes de défense (de la part de l'exilé aux Etats-Unis ou du Cubain qui accueille cette Brigade), un sentiment de culpabilité qui se traduit par un rejet du pays d'accueil (atavisme) où il se sent étranger, un sentiment de souffrance, une sorte d'automarginalisation concrétisée par un rassemblement dans un milieu de rencontre essentiellement constitué par des Cubains (la Florida). Tous ces points ne peuvent répondre efficacement à la question de l'identité posée par Jesús Díaz: '¿Hubo un momento en el que ustedes se perdieron como cubanos?' ¹⁵⁶

¹⁵⁶ GUIBLIN, Marc. Approche de l'oeuvre de Jesús Díaz (Cuba). Disponível em: www.perso.club-internet.fr/mguiblin/DiazIndice.htm. p.7

Madeline Cámara, numa citação de Amy Kaminsk ¹⁵⁷ refere-se também ao estado psíquico do exílio em outra dimensão, o da complexidade que representa a condição subjetiva do sair desejando ficar, ou lutar fora, ou simplesmente esquecer:

Anhelos, nostalgia, deseo de regreso y miedo de regresar son todas marcas del exilio. Aún más el exilio político, que es a la vez quedarse fuera y sobrevivir, implica y una compleja relación con los que quedaron en la Patria. Sentimientos de culpa por haber sobrevivido abandonando a los demás, y un sentido de responsabilidad por mantener la cultura natal viva y seguir luchando contra la opresión, a menudo coexisten con deseos de olvidarse de todo y descansar. Exilio es a la vez dislocación física y síquica.¹⁵⁸

A citação acima envolve todo um estado de perturbação interior em que vive um exilado. Seus sentimentos percorrem diferentes caminhos e se confundem entre a saudade, o desejo de regressar e o receio de ser estigmatizado em seu retorno; o da culpa por ter saído e conseguido se estabelecer fora, deixando seus familiares e amigos enfrentando todo tipo de adversidade, como se fosse um abandono; o compromisso que carrega em continuar a luta política e levar sua cultura adiante fora do país.

Outro elemento subjetivo que o exílio traz quanto ao sentimento de culpa no que se refere à maioria dos fundadores da revista *Encuentro de la Cultura Cubana*, é de ter colaborado com a luta revolucionária de 1959 e ter participado de sua construção até os anos de 1990, mesmo travando uma luta interna. Porém, para o exilado livrar-se da culpa que se manifesta no momento em que sai do país, renunciando àquilo que ajudou construir e ver ruírem suas expectativas, frustrarem suas tentativas de uma mudança de rumo político, e do que isto significa para quem fica e continua lutando, é também um esforço psíquico de superação. Pois sua saída, representa uma ruptura na resistência interna e talvez esteja reforçando ou contribuindo em manter o modelo político de seu país, na visão de quem permanece. Por isso a caracterização do exílio do período mencionado é de uma posição de tolerância, que busque a aproximação entre quem fica e quem sai, sendo a heterogeneidade, presente em ambos os lados, o elemento de negociação capaz de minimizar os confrontos abertos e as angústias que têm marcado a história da relação entre Cuba e o exílio.

¹⁵⁷ Amy Kaminsky é especialista em teoria literária feminista, em filmes latino-americanos, literatura hispânica e latino-americana e possui várias pesquisas sobre exílio e identidade nacional. É professora pela University of Minnesota em Minneapolis (EUA).

¹⁵⁸ KAMINSK, Amy. "The presence in Absence of Exile". *Reading the Body Politic: Feminist Criticism and Latin American Women Writers*. Minneapolis: Minnesota UP, 1993: 27-47. apud: CÁMARA, Madeline. Hacia una utopía de la resistencia. **Revista Encuentro...** Madrid. Primavera/Verano de 1997. Vol. 4/5. p.152

Raul Rivero¹⁵⁹ expressa um outro sentimento em *Irse es un desastre*, de que os cubanos tiveram que conviver durante quarenta anos com a despedida e a separação de algo e de alguém, e no olhar de quem fica “en el espacio que existe entre irse y volver hay que fundar la permanencia, porque permanecer siempre será un antídoto contra el desencanto. Y un veneno para el olvido.” Permanecer, num estado psíquico de exílio interno, significa existir num contraponto à absolutização de um domínio que ele chama “... el trabajo científico de un grupo de especialistas del horror...”. É sobreviver com a dignidade de que o país não é somente a história de um comandante, mas outras histórias são vividas na contramão do “desencanto”, pois afirma “Irse es un desastre...una catástrofe íntima.”¹⁶⁰

A confirmação desse sentimento é observada nas palavras de Nicolás Quintana em seu exílio. Não esconde a triste condição de não estar próximo de sua gente sorrindo, cantando, brincando diante do que Cuba vive hoje, dois mundos contrapostos:

...en medio de una destrucción absoluta, en medio de la miseria, en un mundo Kafkiano, la gente se está riendo, los niños están jugando, y la música está sonando. Esa es Cuba, y eso son los cubanos. A veces siento que los tristes somos nosotros porque no estamos en Cuba.¹⁶¹

O problema de se criar um novo enraizamento traz conflitos oriundos de um desenraizamento preliminar buscando uma nova identificação cultural no exterior para que se tenha um reconhecimento e aceitação social na outra cultura. Porque, ainda segundo Bhabha, o “existir é ser chamado à existência em relação a uma alteridade, seu olhar ou lócus. É uma demanda que se estende em direção a um objeto externo...”¹⁶²

Questões de identidade cultural refletem o embate político de superestruturas nacionais essencialmente radicadas em ideologias, impondo barreiras psíquicas das identidades diferenciadas. O estranhamento associado à estrangeirização e acrescido ainda do problema de ordem política evoca a análise de Homi Bhabha sobre identidade quando vivenciada sob princípios de tradição, de auto-afirmação histórica e de culto à sua origem

¹⁵⁹ Raul Rivero: jornalista, escritor e um dos maiores poetas cubanos nascido em Morón, em 1945. Praticou o jornalismo independente em Cuba. Mas em 2003, no episódio “Primavera Negra”, foi condenado com mais 27 colegas a vinte anos de prisão por oposição ao Fidel Castro. Foi libertado em novembro de 2004 em função da pressão internacional. Vive atualmente no exílio em Madrid.

¹⁶⁰ RIVERO, Raúl. *Irse es un desastre*. **Revista Encuentro...** Madrid. Invierno de 1998. Vol.11. pp. 146-7

¹⁶¹ QUINTANA, Nicolás. *El gran burgués*. **Revista Encuentro...** Madrid. Otoño del 2000. Vol.18. p. 24

¹⁶² BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura*. Tradução de M. Ávila, E.L. de Lima Reis, G.R. Gonçalves. Belo Horizonte. Editora UFMG. 2001. p. 75

onde se projeta uma imagem narcisista na relação cotidiana negadora de outras culturas. Cada qual totalizada em seu interior sob a concepção de Homem Universal.

E, muitas vezes o problema de identidade se encontra desde o local de origem, pela renúncia anterior de uma identidade pessoal em nome de uma identidade coletiva. O processo de similitude social se absolutiza de tal forma nos discursos de um poder concentrador da representação social que resulta em se sobrepor ao desejo psíquico de uma manifestação de individualidade. Esses conflitos de identidade são transpostos com a emigração e recriados no exterior com as novas circunstâncias de estranhamento e adaptação social. O que nos remete novamente à pergunta de Jesús Díaz, em sua obra *A Pátria e o Exílio*: “¿Hubo un momento en que ustedes se perdieron como cubanos?” citado anteriormente.

A identidade se torna um objeto pelo qual a nação projeta a produção de seus iguais. A força do discurso da igualdade molda o persistente ideal de poder social para legitimar a real idéia de poder único. Uma concepção de identidade nacional que “converte o Povo em Um”, numa tentativa de homogeneizar as diferenças culturais, segundo Bhabha.¹⁶³ Tal concepção mune o poder de um determinismo político, nivelando os indivíduos por meio da produção de seres impessoais em favor de uma idéia ilusória de coletividade nacional.

Essas reflexões são importantes nas condições atuais de Cuba, pois remetem ao problema do historicismo ou de um transcendentalismo histórico no qual a cultura se vê submetida ao jogo das disputas teleológicas e das narrativas totalizadoras de nação. Em *Caliban's Reason*, Paget Henry analisa o marxismo caribenho em suas estratégias discursivas de unidade e coerência. Elas se fundamentam nas idéias de igualdade e totalidade como metáfora “ilusória” e “opressiva” para manter uma aparente igualdade de identidade entre condições desiguais e diferentes. A supressão das diferenças pela concepção universalista e totalizadora direciona o indivíduo a uma ação prática que culmine na transformação socialista. Para Henry, o discurso da igualdade camufla a “semiótica das diferenças”¹⁶⁴ e tem sido objeto de crítica dos estudos pós-estruturalistas, conforme sua própria afirmação:

Given poststructuralism's subtextual view of the self, it should come as no surprise that it takes a similar view of closely related discursive formations, such as universals, closed systems of thought, teleologies, and transformative totalizations such as historicism, humanism, or socialism.

¹⁶³ Ibidem. p. 211

¹⁶⁴ HENRY, Paget. *Caliban's Reason: Introducing Afro-Caribbean Philosophy*. New York. Routledge. 2000. pp. 221-272

These formations have all been objects of deconstructive critiques and declared primarily “empty space” from this quantum perspective.¹⁶⁵

Tal visão de mundo holística não foi rompida pelas experiências socialistas e, particularmente, sobrevive em Cuba sustentada pela legitimidade do poder construído na idéia originária da Revolução, na qual toda história cubana subsequente a 1959 produziria uma cultura social nova. A política e a ideologia revolucionárias se apresentam como esferas sobrepostas à heterogeneidade cultural forjando uma unicidade na qual deve culminar no ideal de homem identificado com a nova racionalidade social em construção. Um novo projeto de nação sobre bases socialistas se põe em confronto ao nacionalismo burguês buscando a homogeneidade em seu padrão econômico e cultural. Cabe aqui recorrer aos estudos sobre “tradição inventada”¹⁶⁶ apresentados por Eric Hobsbawn, quando os remete à história das transformações ou revoluções sociais, nas quais os elementos das velhas tradições se tornam incompatíveis com as novas visões. Portanto, há a necessidade de inventar novas tradições a se tornarem símbolos de valores nacionais criados, que vão estruturar as instituições para que estas modelem o comportamento social conforme as aspirações políticas e ideológicas que governam a sociedade, mesmo que métodos passados sejam reproduzidos para justificarem determinados interesses de poder. No sentido mais amplo, Eric Hobsbawn assim define o termo “tradição inventada”:

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado apropriado.¹⁶⁷

As conquistas materiais no campo da educação, saúde, esporte e minimização das diferenças sociais têm simbolizado o envolvimento da sociedade em torno delas e impulsionado a construção de um projeto único de nação, tendo a Revolução como suporte para uma luta que seria do conjunto da população e não apenas uma exclusividade do líder Fidel Castro. A idéia de pertencimento a um novo projeto nacional e revolucionário contribui para que a nação, uma nova “tradição inventada” na perspectiva de Hobsbawn, se envolva

¹⁶⁵ Ibidem. p. 238

¹⁶⁶ HOBSEBAWN, Eric; RANGER, Terence. *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro. Ed. Paz e Terra. 2002. p. 9-23

¹⁶⁷ Ibidem. p. 9

com sua cota de sacrifícios e de colaboração para se construir outra sociedade, alcançando o ideal de “homem novo” e encorajando a posição de uma nação combativa e resistente à luta internacional antiimperialista.

Para remodelar esse novo projeto nacional e manter estável sua estrutura ideológica, o governo cubano tem persuadido o desejo social de perenidade revolucionária, valorizando uma existência coletiva em sua unicidade e totalidade. Reforça-se, então, o discurso oficial que busca administrá-la numa perspectiva de construção identitária de um ser “social”, “coletivo”, comprometido com a Revolução. Mas como a heterogeneidade é uma condição histórica real, então é inevitável sua elucidação em diversos contextos. Não há, portanto, como destruí-la por completo.

A apropriação de uma história presente presa ao passado, justificadora dos atos oficiais pela perpetuação da idéia originária da Revolução, lembra uma reflexão significativa de Édouard Glissant sobre os movimentos da colonização do mundo que colocaram em contato “culturas atávicas”, cada uma estabelecida por uma idéia de “Gênese”, de “Criação” ou um “Mito” fundador de sua cultura. Tais culturas fundamentam sua legitimidade por pretender principiar um processo histórico que o tomam como exclusividade originária e absoluta e procuram estender sua dominação, impondo às demais sua autoridade. Ainda que, refira-se ao contexto da colonização, ao embate que esta provocou entre as culturas “superiores” e “inferiores”, aos olhos do colonialismo, sua repercussão na heterogeneidade cultural atual é oportuna para o que nos interessa mencionar neste estudo, a visão de uma cultura regida pelo princípio de totalidade com base numa conquista histórica passada. Em seu capítulo “Répétitions”, Glissant diz:

L'idée de l'appartenance atavique aide à supporter la misère et renforce le courage qu'on met à combattre la servitude et l'oppression. Dans une société composite où les éléments de culture sont hiérarchisés, où l'un d'entre eux est infériorisé par rapport aux autres, le réflexe naturel et le seul possible est valoriser cet élément sur ce mode atavique, à la recherche d'un équilibre, d'une certitude, d'une pérenité.¹⁶⁸

A “idéia de pertencimento atávico” descrito por Glissant se encontra em parte no imaginário cubano, que tem a Revolução como esteio para aglutinar a sociedade, manter seu equilíbrio em torno de uma conquista que se transformou em mito que protege a nação de

¹⁶⁸ GLISSANT, Édouard. *Traité du Tout-Monde. Poétique IV*. Gallimard. France. 1997, pp. 36-37

qualquer ameaça de um possível retorno de invasão e opressão norte-americana. Mantém-se uma supremacia política sustentada por esse mito unificador da identidade nacional cubana. E, paradoxalmente, a nação se fragiliza por ter que sobreviver sob o temor de tal risco, sendo perseguida, persistentemente, pelos mecanismos oficiais de propaganda, ao mesmo tempo em que os Estados Unidos perpetuam, por outro lado, sua ação política exterior de terrorismo, reforçando o temor não só dentro de Cuba, mas mundialmente. Uma outra versão de atavismo que reproduz a idéia de nação “superior”. Para sustentar o equilíbrio nacional há que se apoderar de uma certeza política e eternizá-la.

Novamente, é importante citar Bhabha quando aborda o aprendizado pela experiência da dominação, da diáspora, do deslocamento, dos refugiados, da migração das regiões periféricas no mundo para os grandes centros metropolitanos. No capítulo “O Pós-Colonial e o Pós-Moderno” ele afirma:

... toda uma gama de teorias críticas contemporâneas sugere que é com aqueles que sofreram o sentenciamento da história – subjugação, dominação, diáspora, deslocamento – que aprendemos nossas lições mais duradouras de vida e pensamento.
... A dimensão transnacional da transformação cultural – migração, diáspora, deslocamento, relocação – torna o processo de tradução cultural uma forma complexa de significação.¹⁶⁹

A abordagem da tradução cultural defendida por Bhabha nos sugere uma outra perspectiva de compreensão dos conflitos mundiais em que sejam superadas as formas políticas oposicionais e tradicionalmente binárias. Traduz a complexidade das chamadas culturas transnacionais, a flexibilidade das fronteiras culturais que tem encenado as mudanças nas experiências históricas do mundo moderno, tanto o capitalismo quanto o socialismo – história dos hibridismos culturais, das migrações, dos exílios e das minorias. É conceber a cultura não como um processo completo, fechado e pré-definido por conceitos nacionalistas, mas aberto às circunstâncias históricas não convencionais e à possibilidade da tolerância e solidariedade transnacional.

Como exemplificação da história aprendida pelos exilados e demais minorias a que Bhabha menciona, e de como a revista *Encuentro de la Cultura Cubana* representa um espaço para que os intelectuais exilados narrem suas experiências, dois artigos serão abordados em seguida. Primeiro, a descrição por Manuel Díaz Martínez de seu exílio, e

¹⁶⁹ BHABHA, Homi K. O Local da Cultura. Tradução de M. Ávila, E.L. de Lima Reis, G.R. Gonçalves. Belo Horizonte. Editora UFMG. 2001. p. 240-241

segundo como representação das mulheres no exílio, a análise de Madeline Cámara sobre a resistência feminina na poesia de Maria Elena Cruz Varela em seu livro *El Angel Agotado*.

Manuel Díaz Martínez¹⁷⁰ de Las Palmas de Gran Canária, narra para a *Encuentro de la Cultura Cubana* em 1996 o episódio de seu exílio e o inicia por situar a tentativa dos intelectuais cubanos em estabelecer uma negociação com o governo acerca da crise política. A referida tentativa foi encaminhada na entrega da *Declaración de Intelectuales Cubanos* em maio de 1991 ao Conselho de Estado e ao Comitê Central do Partido Comunista Cubano.¹⁷¹

Reivindicava-se na *Declaración* um diálogo entre as diferentes tendências políticas, eleições diretas e com voto secreto para deputados da Assembléia Nacional, liberdade para os presos políticos, para os camponeses produzirem por iniciativa própria, entrada e saída livre dos cidadãos de Cuba. A *Declaración* foi batizada por jornalistas de *Carta de los Diez*.¹⁷² Segundo Manuel Díaz, a repercussão na imprensa cubana foi imediata. Em 15 de junho, o editorial do jornal oficial *Granma* responde à *Carta* com o título “Una nueva maniobra de la CIA” e o autor cita trechos ilustrativos da reação oficial, como “los herederos ideológicos del anexionismo”, “traición” e “abyecta colaboración con los enemigos históricos de la nación cubana”. Em seguida, o Conselho Nacional da UNEAC confirma a posição do *Granma* dirigindo-se aos assinantes da *Carta* um pronunciamento em que traz expressões semelhantes: “ejecutores de una operación enemiga”, “el ejercicio de la traición” e “un expediente fuera de Cuba”. Esse pronunciamento resultou na expulsão de Manuel Díaz Martínez da UNEAC, gerando uma polêmica entre seus membros, em função de muitos declararem não assinantes do documento. Portanto, para o escritor, uma manobra oficial foi arquitetada contra os autores da *Carta de los Diez*. Além de expulso da UNEAC, Manuel Díaz foi demitido da Radio Enciclopédia, emissora na qual trabalhava como jornalista e diretor de programas musicais. Os demais assinantes foram também destituídos de suas funções, além de prisões, policiamento, invasões a domicílio, vigilância política denominada de “hermano de la costa” explicada por Martínez:

¹⁷⁰ Manuel Díaz Martínez é poeta e jornalista nascido em Santa Clara (Cuba, 1936), é colaborador da revista desde o primeiro número e, após a morte de Jesús Díaz em 2002, assumiu junto com Rafael Rojas a direção da *Encuentro de la Cultura Cubana*.

¹⁷¹ MARTÍNEZ, Manuel Díaz. La carta de los diez. **Revista Encuentro...** Madrid. Otoño de 1996. Vol.2. pp. 22-30.

¹⁷² Entre os assinantes da *Carta*, Martínez menciona a poeta Maria Elena Cruz Varela (exilada na Espanha); o poeta e jornalista Raúl Rivero (permaneceu em Cuba até o ano de 2004., colaborador da *Encuentro*); o jornalista Fernando Velásquez Medina; o jornalista Víctor Manuel Serpa (exilado nos EUA); o escritor Roberto Luque Escalona (não encontrado o local de exílio); a redatora da revista *Mujeres* Nancy Estrada Galbán (exilada nos EUA); o novelista Manuel Granados (exilado na França); o novelista José Lorenzo Fuentes (exilado nos EUA); poeta e narrador Bernardo Marqués Ravelo, esposo de Nancy Estrada (exilado nos EUA); o subdiretor do Teatro Musical de la Habana Angel Mas Betancourt (não encontrado o local de exílio); o tradutor e germanista Jorge Pomar Montavo (não encontrado o local de exílio).

En Cuba, cada escritor o artista de alguna significación tiene asignado un policía, un “psiquiatra”, especie de confesor a domicilio, por lo general con grado de teniente, que vigila, analiza y orienta a su oveja para salvaguardarla de las seducciones del lobo contrarrevolucionario. De vez en cuando, este “hermano de la costa” – que así también los llamamos – confía alguna misión sencilla a su pupilo o pupila para comprobar su fidelidad a la patria, es decir, a Fidel, ya se sabe.¹⁷³

O exílio foi uma condição para Martínez, como para a maioria dos assinantes da *Carta*, de sobreviver com sua família, manter em atividade sua escrita e ainda apresentar em outras terras uma outra face da cultura cubana. Com a oportunidade do convite pela Universidade de Cádiz para coordenar um seminário sobre poesia cubana, Martínez percorre os labirintos oficiais da saída de Cuba, na condição de dissidente político. Em fevereiro de 1992 emigra para Las Palmas de Gran Canária. Martínez relata que sua saída sem o “ato de repúdio”¹⁷⁴, comumente organizado pela Segurança do Estado e Comitês de Defesa da Revolução (CDR), foi devido à presença de jornalistas italianos em sua casa para uma entrevista, porque a *Carta* já havia adquirido repercussão na imprensa internacional, e por ser membro da Real Academia Española, o “ato” foi cancelado pelo próprio CDR.

O segundo artigo a ser tratado aqui se refere à escrita das mulheres na luta pelo reconhecimento de sua identidade neste contexto de fragmentação, apresentada por Madeline Cámara, professora cubana residente em Miami. Em sua tese de doutorado *Vocación de Casandra: poesía femenina cubana contemporánea como discurso subversivo. Estudio de la poética de Maria Elena Cruz Varela*, analisa a obra poética de Cruz Varela¹⁷⁵ sobre o processo de emancipação ético-estética e ideológica das mulheres, na ênfase ao resgate da dignidade nacional a partir da luta pela dignidade pessoal. Cámara ressalta que em sua poesia “El desarrollo de la dignidad individual como proyecto de emancipación colectiva,..., es también una estrategia que el feminismo validaría.”¹⁷⁶ E que, para Cruz Varela, o machismo e o totalitarismo se sustentam na utilização da razão que instrumentaliza o controle sobre o

¹⁷³ MARTINEZ, Manuel Díaz. La carta de los diez. **Revista Encuentro...** Madrid. Otoño de 1996. Vol.2. p. 26

¹⁷⁴ Cfr:Diccionario de términos “revolucionarios”. Por Mario J. Torres. “acto de repudio” = Agresiva protesta en forma de pequeña manifestación organizada por el régimen dirigida a aquellos que hayan decidido abandonar el país en la cual huevos y piedras son tirados a las casas de los futuros emigrantes y donde muchos de los manifestantes también se irían del país más tarde. Disponível em: www.cartadecuba.org/diccionario_de_la_revolucion.htm

¹⁷⁵ Maria Elena Cruz Varela é poeta cubana, autora de *El Angel Agotado* entre outras obras. É membro da organização política *Critério Alternativo*, foi uma das autoras e assinantes da *Carta de los Diez* em 1991, o que a levou ao exílio no mesmo ano na Espanha e trabalha no diário *ABC* de Madrid. O volume 21/22 publicou uma resenha de sua autoria sobre os *Poemas de la Rue de Zurich* de Rodolfo Häsler, poeta cubano que saiu de Cuba com 11 anos de idade.

¹⁷⁶ CÁMARA, Madeline. Hacia una utopía de resistencia. **Revista Encuentro...** Madrid. Primavera / Verano de 1997. Vol.4/5. p.148

Outro. A “utopia da resistência” na poesia de Cruz Varela, sintetizada por Cámara, é a conquista de um espaço de comunicação com o outro, nas relações intersubjetivas. É pela “ética individual”, ou no aperfeiçoamento do indivíduo que uma atitude coletiva pode ser modificada. “Toda acción política colectiva deberá ser también una respuesta individualmente motivada.”¹⁷⁷

Madeline Cámara observa os limites desta perspectiva ética centrada no indivíduo em função da incapacidade deste Outro ser reconhecido como tal numa sociedade onde o poder se estrutura exatamente para que o Outro não seja incorporado. Sua proposição é de que caberiam às instituições e organizações de massa viabilizar a forma pela qual o Outro possa se relacionar livremente na sociedade. Um outro limite ponderado por Madeline é sobre a condição da escrita de Cruz Varela se encontrar fora de Cuba em sua participação semanal com comentários políticos no diário *ABC* de Madri, conhecido por representar um pensamento conservador na Espanha. Isto “... puede afectar la autonomía de su voz”¹⁷⁸ tanto em Cuba, quanto no exílio. Trata-se de um questionamento que se diferencia dos objetivos propostos pela revista *Encuentro de la Cultura Cubana*, na medida em que se tem como relevância dar voz às diferenças, inclusive às do exílio.

Sem aprofundar no mérito do debate entre a escrita política e a poética, uma das questões a ser extraída da leitura deste ensaio é a percepção de diferentes discursos no exílio. Este ensaio desperta o leitor para uma compreensão sobre suas variações, sem incorrer na atitude de formação de privilégio ou hegemonia de uma tendência sobre outra no exílio, o que resultaria na formação de grupos ou pequenos nacionalismos em disputa fora do território nacional. Nem tampouco o contrário, de que cada outra representação ocupe seu próprio lugar, sem contatos ou possibilidades de relação, numa atmosfera de situações postas em espaços distintos e não entrepostas.

Edward Said afirma que “o exílio é uma condição ciumenta”. Dois sentimentos se dispõem nesse terreno: o da “solidariedade de grupo” e o “da hostilidade aos de fora do grupo”. Cria-se uma espécie de exílio dentro do exílio: “... ser exilados por exilados...”¹⁷⁹. Nacionalismo e exílio são dois fenômenos indissociáveis alicerçados na fronteira entre “nós” e os “outros”. Afirma “que os dois termos incluem tudo, do mais coletivo dos sentimentos à

¹⁷⁷ Ibidem

¹⁷⁸ Ibidem. p.151

¹⁷⁹ SAID, Edward. Reflexões sobre o Exílio e outros Ensaio. Tradução: Pedro Maia Soares. Companhia das Letras. São Paulo. 2003. p.51

mais privada das emoções privadas...”.¹⁸⁰ São elucidativas as indagações feitas por Said sobre esta relação entre nacionalismo e exílio na questão sobre a formação de grupos:

...Como, então, alguém supera a solidão do exílio sem cair na linguagem abrangente e latejante do orgulho nacional, dos sentimentos coletivos, das paixões grupais? O que vale a pena salvar e defender entre os extremos do exílio, de um lado, e as afirmações amiúde teimosas e obstinadas do nacionalismo, de outro? O nacionalismo e o exílio possuem atributos intrínsecos? São eles apenas duas variedades conflitantes de paranóia?¹⁸¹

Duas questões se apresentam não para serem concluídas, mas para serem pensadas na análise do ensaio de Madeline Cámara. Primeiro, a possibilidade de um enfrentamento político pelo caminho das transformações do indivíduo. Em segundo, que neste caso, o indivíduo considerado é a mulher. A mulher situada na hierarquia que segue regime político autoritário, relações sócio-culturais machistas, transferidas para sua sobrevivência e escrita no exílio, isto é, três situações postas como desafio à resistência das mulheres. Por isso o esforço de resistência tenha que atuar nas duas dimensões, tanto nas relações individuais quanto em movimentos sociais organizados.

Conclui-se que, as resistências individuais e coletivas, ambas contribuem para que o reconhecimento e a auto-afirmação do Outro sejam recolocados no convívio familiar, social, institucional e internacional. Se as mudanças partirem do indivíduo unicamente, as estruturas institucionais se encarregam facilmente de colocá-lo à margem do processo social. Se partirem de uma ação coletiva unicamente, corre-se o risco de não contemplar as contradições intersubjetivas no processo e levá-las ao esquecimento, à sua perpetuação, impondo uma situação de irrelevância num contexto mais amplo de luta. Portanto, nem subjetivismo individual e nem objetividade social podem se apresentar como condições alternativas, mas sim as relações em que esses discursos devem ser enunciados e as práticas sociais efetivadas para superar a marca da marginalização da mulher não somente nesta experiência histórica, mas em qualquer realidade em que a questão de gênero ainda é polemizada.

Estas reflexões valem também para o reconhecimento da identidade do exilado, que busca tanto a superação individual e psíquica dos transtornos provocados pela separação de seu país, bem como quando busca um espaço social de articulação para o que é capaz de pensar, escrever, viver e compartilhar outras experiências fora do seu território de origem.

¹⁸⁰ Ibidem. p. 50

¹⁸¹ Ibidem. p. 50

3.3. A TEMÁTICA DA TRANSIÇÃO CUBANA NA REVISTA *ENCUENTRO DE LA CULTURA CUBANA*

A transição em Cuba é debatida por vários dos colaboradores da *Encuentro de la Cultura Cubana* e tem como eixo principal tratá-la na perspectiva de uma saída pacífica para os problemas relativos à centralização do poder político. Serão registrados aqui alguns dos artigos que se referem à maneira como é concebida a transição na perspectiva do enfoque essencial apontado pela relação entre Cuba e exílio. E mesmo que essa seja a linha que orienta inúmeros artigos, existem diferenças quanto à ênfase em determinados discursos críticos. Portanto, serão citados aqueles que esclarecem tanto o eixo discursivo principal quanto aqueles que trazem variedade de pontos de vistas.

O termo transição é utilizado como passagem de um regime concebido como totalitário para um democrático. Nesse sentido, sua proposição, do ponto de vista da revista, põe em questionamento a totalidade orgânica de uma representação social e política; os determinismos que regem o poder de Estado, as leis, a educação, a cultura, a nação; a identificação da sociedade em torno de uma unidade acima das diferenças.

Como totalitarismo moderno edificado pelas experiências socialistas, Claude Lefort concebe-o como um poder instituído por um partido único que se diz representante das necessidades do povo, coloca-se acima das leis e tenta eliminar toda forma de oposição. O partido empreende a fusão entre Estado e sociedade civil num projeto de “socialização artificial” em que ele descreve:

Uma lógica de identificação se põe à obra, comandada pela representação de um poder encarnador. O proletariado confunde-se com o povo, o Partido com o proletariado e, finalmente, o *bureau* político e o *egocrata* com o Partido. Enquanto floresce a representação de uma sociedade homogênea e transparente a si mesma, representação do povo-Um, a divisão social, em todos os seus modos, é negada, ao mesmo tempo em que são recusados todos os sinais que diferenciam as crenças, opiniões, costumes.¹⁸²

No contraponto aos determinismos de um regime totalitarista, a transição democrática, para Claude Lefort, pressupõe a indeterminação e a ambigüidade como condição para uma política das diferenças.¹⁸³ Pode-se deduzir que os colaboradores da revista

¹⁸² LEFORT, Claude. *Pensando o Político. Ensaio sobre democracia, revolução e liberdade*. Ed. Paz e Terra. 1991. p. 28.

¹⁸³ *Ibidem*. pp. 23-36

Encuentro de la Cultura Cubana compartilham com a concepção de Claude Lefort ao pensarem uma transição política não nos moldes institucionais tradicionais, mas pelo veículo aberto para as diferenças culturais, ao cotidiano das opiniões, das crenças, dos indivíduos, da literatura, da música e da ciência. A transição nos discursos da *Encuentro de la Cultura Cubana*, em geral, não se encontram delimitados na visão de como será uma nova instituição do poder, mas parte de uma concepção de cultura política híbrida, que não se situa nem no lugar dos discursos oficialistas nem anti-oficialistas, mas no “meio”, ou no “entre-lugar”, como espaço de negociação delineado por Bhabha.

Para ilustrar a forma com que o discurso de transição na revista é enunciado, Orlando Márquez Hidalgo, diretor das publicações “*Palavra Nueva*” y “*Vivarium*” da Arquidiocese de Havana, onde reside, reivindica em seu artigo “*Del cubano y la sociedad*” a necessidade de uma vivência democrática em Cuba, partindo da análise de que desde a colonização, a história de Cuba foi marcada por uma condução política ditatorial, e cada contexto de autoritarismo emergia uma alternativa messiânica de libertação, que na verdade se transformava na substituição ulterior de uma situação autoritária por outra.

... Abundan así, a lo largo de nuestra historia en el presente siglo, los ejemplos de hombres y mujeres mesiánicos, “elegidos”, caudillos y predestinados, “enviados” del bien, tropicales ángeles de guarda, “encargados” de salvar al país de los males que otros “ángeles”, considerados entonces “caídos”, habían traído.

... el autoritarismo y la suficiencia en Cuba pocas veces han dejado espacio para el consenso, la diferencia, el voto dividido, la tolerancia interpartidista e intrapartidista, la crítica y el consejo, en fin, para la democracia.¹⁸⁴

Orlando Márquez Hidalgo não acredita em alternativas sustentadas por confrontos, pois seu êxito pode ser apenas imediato na derrubada de um regime e logo se esgota no exercício exclusivo do poder por uma única facção política, seja por não contemplar a participação efetiva das organizações de massas, ou por fechar o espaço às diferenças políticas. Ressalta o papel relevante de uma nova concepção e prática da sociedade civil organizada “...más allá de los esquemáticos moldes de capitalismo y socialismo, ... superior a las ideologías, los partidos, los grupos financieros o los modernos intereses globalizantes.”¹⁸⁵ Como membro de uma instituição religiosa católica, em sua visão cristã imagina uma comunidade humana em que as instituições sociais tenham como “principio, sujeto y fin” o

¹⁸⁴ HIDALGO, Orlando Márquez. *Del cubano y la sociedad*. **Revista Encuentro...** Madrid. Otoño de 1996. Vol.2. p. 69

¹⁸⁵ Ibidem. p. 75

homem.¹⁸⁶ Uma referência importante de Benedict Anderson acerca de como as “lideranças revolucionárias” acabam herdando velhos mecanismos de controle estatal ao assumirem o poder se encontra nesse trecho: “...não nos deveria surpreender muito que as *lideranças* revolucionárias, consciente ou inconscientemente, venham a desempenhar o papel de senhor feudal.”¹⁸⁷ (Grifo do autor que o justifica considerando que são as lideranças e não o povo que herdam tais mecanismos)

Outra argumentação crítica à conduta política messiânica é sustentada por Emilio Ichikawa¹⁸⁸ em seu ensaio *Três notas sobre la transición* em que faz uma observação sobre os sinais implícitos da evolução política cubana:

Si hay entre todo una señal inequívoca en el horizonte: las faenas políticas se vuelven cada día más administrativas y menos mesiánicas. Rectificando una analogía de Habermas, podemos decir que aunque lo fuimos un día, hoy somos progresivamente menos contemporáneos de los jóvenes hegelianos. La política se trivializa y a la larga será ella quien tenga que amoldarse a la lógica de lo cotidiano.¹⁸⁹

Emilio Ichikawa avalia que não há possibilidade de sucessão carismática em Cuba, tendo em vista o contexto histórico cubano e mundial de esgotamento de grandes carismas políticos, ou de algum líder “reencarnar el messianismo político”.¹⁹⁰ Desse modo o contexto é marcado pelo “fin de las ‘ingenuidades’ totalizantes”¹⁹¹ que se transformaram em trágicas experiências de poder, desacreditando desta forma as grandes metas na história em governar uma sociedade. Ichikawa ainda afirma: “El futuro político cubano no podrá ser un ‘anti’ sino sencillamente un ‘post’;...” e aponta a possibilidade de uma transição por meio de “direção colegiada”¹⁹² em que o cotidiano revele as formas de superação política da negação, do deixar de ser “anti” diante dos conflitos políticos para traduzir as diferenças geradas pós-revolução. Sem lançar claramente uma visão de democracia em seu artigo, Emilio Ichikawa deixa implícita esta idéia quando vislumbra uma “direção colegiada” a assumir uma transição, pressupondo a coordenação das forças políticas pós-revolucionárias.

¹⁸⁶ Ibidem.

¹⁸⁷ Ibidem. p.175

¹⁸⁸ Emilio Ichikawa nasceu em 1962 na cidade de Bauta (Cuba) onde reside, pertence a uma geração pós-revolucionária. É professor de Filosofia da Universidade de Havana e autor do livro *El pensamiento agônico*.

¹⁸⁹ ICHIKAWA, Emilio. Tres notas sobre la transición. **Revista Encuentro...** Madrid. Primavera/Verano de 1998. Vol. 8/9. p. 11

¹⁹⁰ Ibidem. p. 13

¹⁹¹ Ibidem. p. 14

¹⁹² Ibidem. p. 15

Em uma resenha produzida por Manuel Iglesia-Caruncho – economista espanhol e Coordenador Geral da Cooperação Espanhola em Cuba, na crítica à publicação de dois livros, *Sociedad Civil en Cuba*, de Ricardo Puerta, e *Sociedad Civil, control social y estructura de poder en Cuba*, de Maida Donate (1996) – os termos “intramuros” e “extramuros” são apontados como equivalentes aos de “dentro” e aos de “fora”, cujos elementos devem ser conduzidos a um processo de transição por meio da síntese entre o que de melhor foi produzido pela Revolução e a melhor contribuição trazida do exílio e superar sua divisão:

...Esta síntesis se encuentra en algún lugar intermedio entre lo que anhelan los sectores moderados y dialogantes de dentro y de fuera – los que son sistemáticamente descalificados como “blandengues”, dentro, y como “dialogueros”, fuera. Estos sectores, aunque, en general, no pueden expresar todavía con toda claridad su pensamiento y sus anhelos – ni intramuros ni extramuros – son los llamados probablemente a protagonizar una transición pacífica y sin revanchismos.... Esta síntesis está en algún lugar indeterminado entre el mercado y el Estado, entre los derechos individuales y los colectivos, entre la eficacia y la equidad. ...¹⁹³

No trecho acima pode se observar que o economista destaca a importância dos setores sociais existentes tanto dentro quanto fora de Cuba, que têm buscado uma posição de diálogo e, provavelmente, poderão estar à frente de uma “transição pacífica e sem revanchismo” para os problemas enfrentados pelos cubanos. Esse é um discurso que reflete a posição intermediária entre as forças que gravitam em torno dos extremos já mencionados e reflete o paradigma predominante nos artigos da *Encuentro de la Cultura Cubana*. A posição intermediária é apontada para diversos aspectos, como da estrutura social, política e econômica. Nem só Estado, nem só mercado, nem só direitos coletivos, nem só direitos individuais, talvez nem socialismo e nem capitalismo, mas uma reflexão sobre um futuro que transite entre estas condições. O desgaste de um desenfreado mercado competitivo concentrador de rendas imposto pelo mundo capitalista, bem como a estatização absoluta da economia socialista associada ao centralismo político provocam a reflexão do esgotamento dessas alternativas. É inevitável direcionar o pensamento em que tais condições históricas não sejam reproduzidas, mas outra relação entre Estado e sociedade possa ser estabelecida.

¹⁹³ IGLESIA-CARUNCHO, Manuel. Ensayos sobre la Sociedad Civil Cubana. **Revista Encuentro...** Madrid. Ed. Invierno, 1996-97. Vol.3. pp.160-161.

Sobre uma transição negociada entre setores médios da sociedade cubana e do próprio governo é exposta por Marifeli Pérez-Stable¹⁹⁴ no artigo *La Cuba posible*. Ela considera que isto pode ser alcançado se a postura de reconciliação também predominasse no exílio, o que facilitaria uma mudança nas relações com os Estados Unidos, pois somaria aos esforços da comunidade interna na luta pelo fim do embargo. As forças representativas de um pacto social são apontadas pela autora: de um lado, os setores médios que compreendem os profissionais graduados, professores, intelectuais, artistas, jornalistas, dirigentes sindicais, religiosos, empresários que estão em formação; de outro lado, os setores do governo que já admitem Cuba sem Fidel Castro. Nesse aspecto trata-se de um discurso diferenciador, pois aqui está sendo pensada para quem se direciona a responsabilidade da tarefa de um possível pacto, o que chama de setores médios e do governo. Ela reafirma a visão de reconciliação, mas de um modo geral, os artigos da revista não apontam claramente quais os grupos sociais determinados a encaminharem uma transição. Essa questão é discutida em âmbito de idéias de diálogo, negociação e reconciliação entre Cuba e exílio sem determinar ou nomear o setor social apto ou qualificado, como foi designado por Marifeli Pérez-Stable de “*intelligentsia*”, para assumir a frente de um novo poder:

Los sectores medios bien podrían ser los portadores de la delicada transformación que el país necesita urgentemente. Esta amplia *intelligentsia* – profesionales, administradores, maestros, intelectuales, artistas, periodistas, dirigentes sindicales, religiosos, empresarios en ciernes, políticos – está integrada por todos los que, en su quehacer cotidiano, podrían pensar y articular una Cuba capaz de afrontar los mandatos del nuevo siglo.¹⁹⁵

O volume 6/7 da revista apresenta em seu editorial a entrega especial das publicações dos conferencistas que participaram do Seminário Internacional *Cuba a la luz de otras transiciones* organizado pela *Encuentro de la Cultura Cubana* e Instituto de Estudios Cubanos realizado junto aos Cursos de Verão da Universidade Complutense de Madri, de 28 de julho a 1 de agosto de 1997. As referidas publicações trazem essencialmente a discussão sobre a transição em Cuba a partir da década de 1990 por intelectuais cubanos e estrangeiros. Importante destacar, em síntese, tais artigos publicados, pois situam as perspectivas com as quais estes intelectuais cubanos atuam no exílio. Foram selecionadas as publicações que se

¹⁹⁴ Marifeli Pérez-Stable é membro do Conselho de Redação da revista *Encuentro de la Cultura Cubana*. Este artigo foi publicado no jornal *El País*, Madri, em 23 de janeiro de 1997.

¹⁹⁵ PÉREZ-STABLE, Marifeli. *La Cuba posible*. **Revista Encuentro...** Primavera /Verano de 1997. Vol.4/5. p.189.

referem diretamente à experiência cubana. Muitas contribuições foram feitas acerca de uma análise comparada entre o caso cubano e o processo de democratização da América Latina, Espanha, Portugal e o Leste Europeu. Entretanto, para evitar prolongadas análises e citações a seleção se baseou nos artigos que traduziam especificamente a transição negociada, em que se busca a reconciliação entre Cuba e o exílio como tema fundamental.

Jorge I. Domínguez¹⁹⁶ participou do Seminário com o artigo *Comienza una transición hacia el autoritarismo en Cuba?* Sua reflexão se inicia por demonstrar que o autoritarismo em Cuba persiste, mas a partir dos anos de 1990 a sociedade cubana apresenta sinais de mudança. O processo de “desideologização” tem sido marcado pela falta de entusiasmo de boa parte da população em prosseguir legitimando o regime. As Forças Armadas Revolucionárias (FAR) têm reduzido sua função política internacional e nacional, além do deslocamento de militares para trabalhos empresariais (por exemplo, empresas turísticas), revelando o desgaste deste setor em permanecer ao lado do governo revolucionário. A dolarização da economia, a presença de uma “segunda economia” por meio do trabalho por conta própria, autorização de aluguéis de apartamento e de uma economia informal têm demonstrado quanto o Estado se fragilizou para impedir o avanço de tais frentes de trabalho. A população já não teme tanto o Estado como em décadas anteriores, a exemplo do Concílio Cubano reunido em outubro de 1995, formado por uma coalizão entre 140 grupos políticos dissidentes que reivindicavam mudanças políticas, mesmo com a repressão do governo. A Igreja Católica adquire espaço com a realização do Encontro Nacional Eclesial Cubano (ENEC) em 1986, assim como a presença de cultos africanos. Para ilustrar a conquista do espaço religioso, após um ano da realização desse Seminário, portanto da publicação do artigo de Jorge Domínguez, Cuba recebe a visita do papa João Paulo II em 1998 propondo que “Cuba se abra para o mundo; e o mundo se abra para Cuba”. Enfim, esse contexto demonstra que a sociedade cubana tem adquirido um comportamento menos temeroso e mais autônomo nos anos de 1990.

Jorge Domínguez avalia que há uma perda da capacidade de governar, ainda que o desejo do governo é de seguir uma conduta repressiva. Ele conclui que: “Existe un Estado más débil que el que imperaba durante las tres décadas anteriores. Pierde poder y se le pierde miedo.”¹⁹⁷ A dificuldade do Estado em manter o mesmo nível de autoritarismo de décadas anteriores reflete em sua conduta de hostilidade ao exílio, pois este se transformou num

¹⁹⁶ Jorge I. Domínguez é professor e diretor do Centro de Relações Internacionais da Universidade de Harvard e reside em Cambridge.

¹⁹⁷ DOMÍNGUEZ, Jorge I. ¿Comienza una transición hacia el autoritarismo en Cuba? **Revista Encuentro...** Madrid. Otoño / Invierno de 1997. Vol.6/7. p.22

componente de pressão política importante do qual o governo pode hostilizar, mas não pode ignorar sua capacidade de negociação para uma transição democrática do ponto de vista econômico e político, segundo Jorge Domínguez.

Políticas Invisibles é o título do artigo de Rafael Rojas, num discurso mais crítico, no qual assinala que para haver uma transição em Cuba é preciso que se inicie pela exposição clara das políticas no cenário atual, em todas as suas vertentes. Ele fundamenta seu pressuposto na análise de que “En Cuba ninguna política es plenamente visible.”¹⁹⁸ Desde a política oficial, passando pela oposição interna até o exílio, Rojas avalia que um regime totalitário engendra o ocultamento das práticas políticas. Nesse regime a fusão entre povo, governo, estado e nação prescinde da necessidade de qualquer organização autônoma da sociedade civil e desvinculada das instituições oficiais. Pois se o governo é o próprio povo não há o que se criar além dos organismos estatais existentes na sociedade. Há aqui a projeção de uma sociedade rousseauiana assentada nos princípios do *Contrato Social*, em que a “vontade geral” e “vontade do povo” se confundem e se constituem no próprio Estado, portanto toda necessidade individual ou de grupo não se diferencia da totalidade social e se encontra plenamente satisfeita no coletivo de Estado.¹⁹⁹ O Estado absorve as necessidades individuais de tal modo que suprime qualquer singularidade diferenciadora do corpo social.

Para Rafael Rojas, a invisibilidade que impera sobre as relações políticas em Cuba parte do princípio da razão do segredo de Estado como recurso de controle sócio-político. Então, nem as decisões oficiais são publicamente debatidas, nem tampouco as discussões provenientes de organizações de massas e clandestinas se abrem ao enfrentamento político. Tais políticas existem, mas são invisibilizadas e ele menciona como Fidel assimilou a reflexão de Maquiavel em *O Príncipe*: “el buen político es el que sabe ocultar sus fines”. Tal político se torna “bom” por ser capaz de conduzir ao disfarce todas as diferenças, primeiro a sua própria posição para que assim sua liberdade de manobra sobre os rumos políticos seja exercida; e segundo, toda posição distinta do poder institucional, por não ter liberdade em se posicionar, recorre à clandestinidade. A crítica de Rojas é mais aguda quanto ao que considera ausência de um enfrentamento mais aberto entre as diferenças políticas, chamando à responsabilidade também os intelectuais que aderem ao governo, os dissidentes internos e os exilados. Sua indignação se dirige ao silêncio que considera presente em todos os setores

¹⁹⁸ ROJAS, Rafael. Políticas Invisibles. **Revista Encuentro...** Madrid. Otoño / Invierno de 1997. Vol.6/7. p. 24

¹⁹⁹ ROUSSEAU, Jean-Jacques. *O Contrato Social*. São Paulo. Editora Nova Cultural Ltda. Coleção “Os Pensadores”. 1999

mencionados. Há um trecho em seu artigo que esta compreensão se encontra de forma explícita:

Mucho más podríamos hablar de ese ocultismo que está en la raíz de la política cubana; (...) de la fusión institucional de lo policíaco y lo político, del mutismo que rodeó a la reforma constitucional de 1992, del silencio en torno a la transición al comunismo entre 1959 y 1961 o de otro silencio muy similar que vivimos en nuestros días: el silencio que envuelve el actual proceso de reconversión al capitalismo. Pero más que esta tecnología del secreto, nos interesa observar cómo la invisibilidad política se transmite del Estado a la sociedad civil y de la política oficial a otras políticas marginales o resistentes, como son las políticas de la intelectualidad, de la disidencia interna y del exilio.²⁰⁰

Uma postura cautelosa sobre enfrentamento radical e suas consequências é descrita por Luis Yáñez-Barnuevo²⁰¹. Ele sugere uma saída pacífica por meio do diálogo por acreditar que é também a vontade da maioria dos cubanos. Como os discursos de Havana e de Miami se igualam e se justificam na intolerância, seus riscos podem afetar mais ainda as condições de vida dos cubanos. Luis Yáñez-Barnuevo propõe uma renúncia por parte das posições políticas extremas para que se estabeleça uma transição o menos traumática para a sociedade. Mas pondera sobre a gravidade de um confronto:

Los que no están, o no estamos, ni con unos ni con otros, dentro o fuera de Cuba, sentimos cómo en esta década nuestro margen de maniobra se estrechó, que los que apostamos por la transición económica y política, pacífica, pactada, basada en la reconciliación y en el fin del embargo, fuimos desplazados por la política del garrote y la confrontación. Y sin embargo estoy convencido, aunque no pueda probarlo, que la inmensa mayoría de los cubanos desea aquella vía y no ésta. Que el pueblo cubano intuye que las situaciones malas son siempre susceptibles de empeorar y eso es lo puede ocurrir en Cuba si se impone definitivamente la política del enfrentamiento.²⁰²

Francisco León, economista cubano que reside no Chile e vice-presidente do Instituto de Estudios Cubanos, defende em seu artigo *La negociación de la transición* uma transição política em que governo, comunidade nacional e internacional estejam envolvidos

²⁰⁰ Ibidem. p. 27

²⁰¹ Luis Yáñez-Barnuevo García: nasceu em 1943 em Sevilla. De 1979 a 1985 foi presidente do PSOE (Partido Socialista Operário Espanhol). Em 1982 foi presidente do ICI (Instituto de Cooperación Iberoamericana). Membro da Assembléia Parlamentar do Conselho da Europa (1999-2004) e atualmente exerce a profissão de médico ginecologista. Possui publicações em diversos jornais e revistas.

²⁰² YÁÑEZ-BARNUEVO, Luis. Cuba en la década de los noventa. **Revista Encuentro...** Madrid. Otoño / Invierno de 1997. Vol.6/7. pp. 44-45.

numa negociação pautada por reformas econômicas. Tais reformas passam por temas como organização e autonomia aos representantes dos camponeses, trabalhadores dos setores estatais e em *joint-venture*, aos emergentes setores privados que vivem sob a tutela do Estado, negociação sobre remessas familiares, investimento estrangeiro em atividades turísticas e comércio livre com a União Européia, Canadá e América Latina.²⁰³

Na mesma perspectiva analisam Eusébio Mujal-León, professor cubano de Ciência Política da Universidade de Georgetown, e Jorge Saavedra, cientista político chileno pela mesma instituição. A mudança do regime em Cuba depende da evolução das condições pluralistas da economia. Uma economia aberta ou de mercado é incompatível com o “pós-totalitarismo carismático” do regime atual, e pode ser o fator impulsionador da democratização do país. Mas o medo de uma mudança se constitui no fator importante de aglutinação e legitimação do regime. O que leva à “exacerbação do elemento carismático como una importante fuente de legitimidad” como compensação ao enfraquecimento ideológico.²⁰⁴ Mujal-León e Saavedra sustentam a visão de que em Cuba o regime se caracteriza por um “pós-totalitarismo carismático” por entenderem que o totalitarismo definido como “controle total” do Estado sobre a sociedade em todas as esferas – econômica, política, cultural, educacional, religiosa – tem apresentado sinais de mudança na mesma linha em que Jorge Domínguez analisa. Por isso denominam de “pós-totalitarismo”, porque o totalitarismo ainda não foi suprimido, sobrevivendo por meio de uma acentuada presença do poder carismático do líder. Para esses autores, a liderança carismática analisada por Max Weber se baseia na confiança, nas qualidades e virtudes pessoais do líder. Eles consideram que o “controle total” em Cuba vem sendo atenuado em favor de uma liderança de tipo totalitário. Eles deixam claro não acreditarem em uma transição democrática com Fidel, mas também consideram que “no hay forma de saber qué tipo de dinámica generaría la muerte del líder.”²⁰⁵

O discurso mais acentuado de uma saída que tenha como ponto de partida a tolerância entre todos os elementos que compõem a história e a identidade cubana é transcrito no referido Seminário por Jesús Díaz. Sua ênfase é dada a uma compreensão sem pretensões de conteúdo científico em que ele mesmo justifica:

²⁰³ LEÓN, Francisco. La negociación de la transición. **Revista Encuentro....** Madrid. Otoño / Invierno de 1997. Vol.6/7. pp. 74-84

²⁰⁴ MUJAL-LEÓN, Eusebio. SAAVEDRA, Jorge. El posttotalitarismo-carismático y el cambio de régimen: Cuba en perspectiva comparada. **Revista Encuentro...** Madrid. Otoño / Invierno de 1997. Vol.6/7. p. 119

²⁰⁵ Ibidem. p. 123

...Cuba es un país gravemente enfermo, necesitado de una intensa cura de reconciliación y amor. Quizás estas palabras suenen un tanto extrañas en este cónclave de sociólogos, politólogos y economistas, pero estoy firmemente convencido de que no habrá solución social, política ni económica para el país si éstas no van precedidas y acompañadas de grandes dosis de comprensión y perdón mutuo....²⁰⁶

...Con los once millones de cubanos que habitan en la Isla, negros y blancos, occidentales y orientales, militantes del Partido Comunista y disidentes, santeros y católicos, miembros del ejército y presos políticos, que son los destinados a decidir el futuro inmediato del país, y con los casi dos millones que viven el exilio, ya sea en Miami o en las lejanas brumas de Alemania, de cuyo capital, experiencia y conocimientos Cuba no podrá prescindir para reconstruirse.²⁰⁷

Em momento anterior, no volume 3 da *Encuentro de la Cultura Cubana*, Jesús Díaz em seu artigo “*Una delicada bomba del tiempo*” (publicado no diário *El País*, em 30 de novembro de 1996), já afirmava que um renascimento em Cuba passa pelas diversas leituras sobre nação, incluindo comunistas, militares, diferentes setores do exílio, e sobretudo os negros sem os quais não haverá democracia, pois esta só se efetivará por uma composição étnica ou “no será” democracia, como frisa. O futuro de Cuba depende da oportunidade de coexistência

desde los que hoy viven y trabajan en la isla, incluido el Ejército y los militantes del partido comunista, hasta los miembros de la Cuban American National Foundation y de la Fundación Hispano-Cubana.

... Cuba necesita un nuevo contrato social, la democracia cubana del futuro será también étnica o no será. No puede ni debe prescindir de la inteligencia, el patriotismo y el capital del exilio....²⁰⁸

Ambos os discursos ampliam a semântica das identidades culturais e políticas diferenciadas como reflexão teórico-prática de uma saída que não contempla um setor ou outro capaz de representar toda a sociedade, mas que todas as diferenças sejam reconhecidas e sejam os próprios agentes de uma transição. Quando essas diferenças são colocadas como sujeitos imprescindíveis na composição de uma transformação, subentende-se que há uma ruptura da concepção hierárquica, em que uma determinada elite, seja ela econômica, social, política ou intelectual, venha falar em nome de outro, assumir o discurso do outro por supor que este mesmo não o tenha, e por isso se considera representante legítimo de toda sociedade,

²⁰⁶ DÍAZ, Jesús. Otra pelea cubana contra los demonios. **Revista Encuentro...** Madrid. Otoño / Invierno de 1997. Vol. 6/7. p. 208

²⁰⁷ Ibidem. p. 210

²⁰⁸ Díaz, Jesús. Una delicada bomba del tiempo. **Revista Encuentro...** Madrid. Invierno de 1996/1997. Vol.3..p.133

possuidor de uma consciência transformadora. Ao assumir o discurso das diferenças, há uma proposição em se desvencilhar de seu próprio poder discursivo sobre o outro e admitir a relação como condição em que a heterogeneidade fale e aja por si mesma. Michel Foucault numa conversa com Gilles Deleuze sobre os *Intelectuais e o Poder*, trata do poder discursivo dos intelectuais e qual seu papel:

O papel do intelectual não é mais o de se colocar “um pouco na frente ou um pouco de lado” para dizer a muda verdade de todos; é antes o de lutar contra as formas de poder exatamente onde ele é, ao mesmo tempo, o objeto e o instrumento: na ordem do saber, da “verdade”, da “consciência”, do discurso.²⁰⁹

O grande desafio intelectual talvez esteja na sua capacidade em entender que seu poder discursivo deve começar pela desconstrução de sua autoridade de consciência em relação ao outro, de sua representação como sujeito detentor de um saber e construtor de certezas a serem reproduzidas por outros. Mas ao contrário, reconhecer o poder de seu discurso dentro de possibilidades abertas de conhecimento, na perspectiva de que conhecer implica em estabelecer relações e convivências.

Como desfecho para este capítulo o artigo de Paulo Antonio Paranaguá sobre o cinema de Tomás Gutiérrez Alea foi selecionado por sintetizar três pontos aqui estudados: a posição dos intelectuais em Cuba; o exílio e a discussão sobre identidade e uma transição política. O título de seu artigo é *Tomás Gutiérrez Alea (1928-1996) – Tensión y Reconciliación* no qual Paulo Paranaguá analisa os filmes de Alea, que segundo ele, trazem uma importante crítica ao realismo socialista, apontam as diferenças e contradições como sinais de vitalidade social presentes na obra do cineasta. Paranaguá afirma: “...para él el intelectual no puede conformarse con el escepticismo, el fatalismo, la impotencia, el pesimismo.”²¹⁰ A ênfase na heterogeneidade e heterodoxia de Alea polemiza com as posturas tanto dogmáticas quanto com as radicais hereges. E a identidade cubana é concebida pela complexidade da relação entre o “cubano” e o “universal”, o “nacional” e o “importado”, o “autêntico” e o “postigo”. Ele mostra como que para Alea as tensões sociais não podem ser resolvidas eliminando de forma maniqueísta os extremos em conflito e, em seus filmes, ao mostrar essas tensões, sugere a reconciliação entre os cubanos.²¹¹

²⁰⁹ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Ed. Graal. Rio de Janeiro. 1979. p.71

²¹⁰ PARANAGUÁ, Paulo Antonio. Tomás Gutiérrez Alea (1928-1996) – Tensión y Reconciliación. **Revista Encuentro...** Madrid. Verano de 1996. Vol. 1. p. 86.

²¹¹ Ibidem. pp. 77-88

Numa entrevista a Tomás Gutiérrez Alea por Michael Chanan, Alea expressa seu ponto de vista sobre a sociedade cubana pós-revolução:

Yo creo que siempre ha habido por parte de la dirección de la revolución una ambiciosa idea de mantener la pureza ideológica, de evitar la contaminación con el exterior, y transformar al hombre a partir de su conciencia, no a partir de las relaciones materiales. Todo eso tiene como consecuencia el paternalismo, el esquematismo, el idealismo y todo lo que hemos estado sufriendo durante todos estos años.²¹²

No trecho acima, Tomás Gutiérrez Alea deixa clara a idéia de uma educação revolucionária que tenta se impor sobre as diferenças culturais, por meio de uma visão de “pureza ideológica”, na qual o homem será movido pela sua consciência e não pelas relações sociais e culturais. Ao mesmo tempo em que compreende que é por meio destas que uma sociedade se transforma e não por uma consciência transcendente às contradições sociais. É neste sentido que Paulo Paranaguá analisa o cinema de Alea, no qual busca a reconciliação entre os cubanos considerando a heterogeneidade de sua cultura e não por uma unidade superior ao cotidiano que resulta na política do “paternalismo”, do “esquematismo”, do “idealismo”, nas palavras de Alea, como também no autoritarismo. É nessa perspectiva que uma transição política em Cuba é pensada, em termos heterodoxos extraídos da compreensão do cotidiano e não ideologicamente ortodoxos.

O próximo capítulo abordará a recepção da revista *Encuentro de la Cultura Cubana* entre os cubanos e estrangeiros, as expectativas dos leitores quanto ao discurso enunciado sobre a identidade cultural cubana e as possibilidades de reconciliação entre os cubanos, do ponto de vista dos leitores.

²¹² CHANAN, Michael. Tomás Gutiérrez Alea: Entrevista. Estamos perdiendo todos los valores. **Revista Encuentro...** Madrid. Verano de 1996. Vol. 1. p. 75.

4. CARTAS A *ENCUENTRO*: UMA DIMENSÃO TEÓRICO-HISTÓRICA

4.1. O LEITOR COMO SUJEITO NA RELAÇÃO OBRA E PÚBLICO

Neste capítulo serão apresentadas as cartas como ilustrativas, no conjunto da revista, da história atual de Cuba vivida pelos leitores, cubanos em sua maioria, e outra parcela significativa de estrangeiros interessados pela cultura cubana, que a compartilham com os colaboradores da *Encuentro de la Cultura Cubana*, numa experiência dialogada entre os que escrevem e os que lêem. As cartas traduzem a reciprocidade de uma “história possível”²¹³ para os cubanos, no atual contexto da institucionalização da dupla condição de suas vidas, transcorrido por um imaginário das relações estabelecidas entre “ser” e “não ser” revolucionário. E essa “história possível” é a pretendida pela representação que vivencia a fragmentação do que é ser cubano na Ilha e o que é ser cubano no exílio e busca superá-la com o discurso desmistificador do antagonismo imposto.

A experiência compartilhada pelos leitores com a revista aponta a perspectiva de uma nova vida para si e uma nova história para Cuba. Esse é um dado no qual a *Encuentro de la Cultura Cubana* tem ganhado ressonância em seus apontamentos reflexivos e críticos sobre a nova geografia política da sociedade cubana, o espaço da Ilha e o espaço da diáspora. São gerações distintas, pré-revolucionárias e pós-revolucionárias, tanto entre os autores, quanto leitores, que entrecruzam suas experiências por meio da comunicação narrativa, tornando-as condição real, concreta e histórica no conjunto das representações sobre Cuba hoje. As experiências são narradas, polemizadas e se convertem em expectativas de um porvir. Sem que tal porvir seja claramente delineado numa visão teleológica, mas o sentido de uma sociedade plural plenamente aceita, dentro e fora de Cuba, compõe o anseio dessa comunidade de escritores e leitores, que somam experiências e acenam expectativas diversas.

Para a relação entre experiência e expectativa podemos encontrar em Reinhart Koselleck, *Futuro Passado*, sua elaboração teórica mais aprofundada, perfilando o “espaço de experiência e horizonte de expectativa” como categorias históricas que fundamentam a “possibilidade histórica” e não tanto a história propriamente dita. Isto significa que tais

²¹³ KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Pasado*. Para una semántica de los tiempos históricos. Ediciones Paidós. Barcelona, 1993. P. 332

categorias mais do que mencionarem uma dada realidade concreta e acabada, como por exemplo, a “Revolução Cubana”, trazendo nesse conceito toda uma situação histórica determinada; elas indicam a “condição humana universal”, o seu sentido “antropológico” em tornar possível o desenrolar da história, significando nesse exemplo, as experiências vividas, as expectativas vislumbradas e /ou frustradas que figuraram e ainda figuram o processo revolucionário cubano. ²¹⁴

Em um acontecimento histórico dado, a condição de uma “história possível” para Koselleck é coordenada pela relação entre “esperanza y el recuerdo, expectativa e experiência”, e que, por sua vez, norteia a compreensão e o conhecimento da ciência histórica. E isto é o que configura o sentido antropológico e meta-histórico da temporalidade na história, pois o que faz o passado e futuro se entrecruzarem são as experiências e expectativas humanas que dão sentido à condução da história e a modifica. ²¹⁵

Na relação entre expectativa e experiência apresentada por Koselleck, deve-se observar que nem sempre a expectativa se deduz da experiência, da mesma maneira que não se pode entender a expectativa sem se basear na experiência. A aporia que se estabelece dessa relação só se resolve no decurso do tempo histórico, na medida em que passado e futuro se interconectam no hoje, fazendo as correspondências e não correspondências entre tais categorias. O presente se torna o momento pelo qual o conflito entre passado e presente é enfrentado e podem se reconciliar quando as expectativas são trazidas para o campo real das transformações e convivem com a dinâmica das experiências.

A abordagem destas categorias é relevante para a análise do que se pretende neste trabalho, pois a experiência revolucionária pós-59 em Cuba trouxe a possibilidade para os cubanos de se tornarem condutores de um processo histórico que abriria não só um campo de expectativas, mas a realização de um “homem novo”, consciente de um ser coletivo e dos rumos de uma sociedade socialista. Mas, no transcorrer histórico da Revolução, a áurea do “homem novo” se institucionalizou servindo de norte ao comportamento social. Tratava-se, então, da oficialização de uma experiência revolucionária que, pelo exercício do poder, impunha-se uma totalidade social como verdade maior e determinante sobre as identidades culturais. As experiências individuais e sociais se submeteriam às de essência revolucionária.

A conduta oficial de socialização como renúncia do indivíduo ao projeto social, não somente em seu aspecto econômico e político, mas também cultural, se sobrepôs à experiência espontânea e cotidiana da sociedade, procurando homogeneizar as expectativas

²¹⁴ Ibidem. p. 334

²¹⁵ Ibidem. pp. 336-337

individuais em torno de uma realidade social determinante. Entretanto, as diferenças representacionais despontam como práticas contrapostas, tornando-as relativas à experiência oficial ou à não-oficial e conduzindo-as fora desses signos fechados. Dito de outro modo, quando a Revolução Cubana pretendeu se eternizar, ela buscou encerrar o fluxo de novas expectativas, tornou o futuro uma realidade presente de perpetuação do passado, a partir da qual nada poderia advir ou se desviar. A expectativa social se transformou em oficial, já estava conquistada, não havia o que contestá-la e nem intencionar outras, pois o futuro já se materializava no poder socialista. A reprodução do imaginário bipartido era fomentada pela inversão da representação do real, para assim a validar. Os valores revolucionários deveriam ser perenes para dimensionarem um real futuro-presente, entretanto, as expectativas revolucionárias constituíram-se em ausência de sentido para demais representações que se insurgiam no seio da sociedade.

Mas conforme Koselleck, a “experiência” e a “expectativa” são antropológicamente dadas, então, podemos sugerir que do movimento dessas categorias no tempo histórico as ações humanas individuais se transformam configurando novos comportamentos sociais. Do que pode ser entendido que, não há poder capaz de usurpar de forma absoluta a manifestação da “condição humana universal” em suas diferentes experiências e expectativas individuais e sociais. Se a expectativa revolucionária se reproduzia frustrando a experiência em si, ainda assim, não determinou o impedimento total de que novas expectativas surgissem do interior de um descontentamento historicamente acumulado. Sob esse ponto de vista, as experiências alternativas em Cuba foram emergindo da saturação de uma realidade oficial e criaram novos “horizontes de expectativas”.

As diferentes escritas e leituras da Revolução despontavam como experiências destacadas e diferenciadas do comportamento previsível da ótica oficial, colocando um questionamento imperativo e empírico para o campo teórico e filosófico da relação indivíduo e sociedade. A renúncia do indivíduo ao determinismo social tem sido empiricamente problematizada e contestada em sua dimensão teórica. O indivíduo adquire uma nova dimensão no conjunto das relações sociais, insere-se num contexto na condição de sujeito tradutor de novas possibilidades históricas.

Carlo Ginsburg a respeito do social e do indivíduo, como categorias de conhecimento científico, contribuiu com os estudos sobre a polêmica entre o método experimental ou galileano e o método indiciário. Afirma que o grande problema do paradigma galileano é a negligência quanto aos fatos individuais em favor dos fatos sociais relevantes, no qual as leis gerais podem ser estabelecidas por meio de sua repetição e quantificação. Mas

diante da impossibilidade da quantificação há a ineliminável presença do qualitativo, do individual e das diferenças na sociedade. Ginsburg assinala que é preciso um novo paradigma, uma nova cientificidade fundada no conhecimento científico individual. O conhecimento é sempre antropocêntrico. Esse é o método indiciário em que as disciplinas são qualitativas e têm por objeto de estudo os casos, situações casuais, conjeturas, documentos individuais, mesmo que o indivíduo seja um grupo social ou uma sociedade inteira. Os pressupostos são a diversidade e a singularidade inimitável das escritas individuais. Isto não significa abandonar os fenômenos gerais, mas por meio dos indícios e dos pormenores podem ser estabelecidas conexões importantes com contextos mais amplos.²¹⁶

Essa referência teórica como introdução à leitura das cartas, esclarece o propósito de utilizá-las como recurso de compreensão de um contexto ilustrativo da experiência que compartilha o desgaste do socialismo real, enquanto estrutura sócio-cultural e política de poder, de como isto afetou a cultura cubana, a vida dentro e fora da Ilha, a psicologia e a subjetividade de gerações que convivem com o poder vitalício de um líder. Além de uma experiência compartilhada, as cartas revelam uma expectativa diferente de vida, em que a identidade cubana seja livremente expressada em suas diferenças. Mostram como os leitores encontram na revista o destemor em se posicionar sobre a cultura e política de seu país. Para os leitores cubanos tem sido relevante a existência de um eco de vozes em que outras esperanças possam ser destemidamente pronunciadas, que seja devolvida sua identidade, reconhecida sua cultura e que eles possam se auto-afirmar enquanto cubanos em diferentes territórios, sem o estereótipo do revolucionário ou da dissidência, do amigo ou inimigo da Revolução, mas simplesmente cubano.

As cartas em seu conjunto representam uma comunidade de leitores que estabelece a interlocução com a publicação e conseqüentemente com seus autores, mas não se restringe ao espaço interior e delimitado pela revista, pois essa comunidade estende sua interlocução como uma força centrífuga a novos leitores que multiplicam sua difusão comunicativa, investigativa e produtora de sentido. Ela dimensiona a significação de narrativas identificadas com o cotidiano de um contexto histórico internacional e multicultural da sociedade cubana.

Na perspectiva de um gênero epistolar, as cartas são um meio de comunicação, e comunicar significa “por em comum” algo com o semelhante. Não cabe traçar aqui o estudo da história da epistolografia desde a Antiguidade Clássica, aos estudos bíblicos, renascentistas

²¹⁶ GINZBURG, Carlo. *Mitos, Emblemas e Sinais: Morfologia e História*. Tradução de Frederico Carotti. Companhia das Letras. São Paulo. 1989.

até sua evolução no século XIX, como estratégia ficcional da narrativa, da poesia e enfim, de sua concepção teórica literária mais recente. Mas delimitar sua dimensão estética e reflexiva em que democratiza a relação autor e leitor, posicionando-os num mesmo plano em que se desmistifica o inalcançável. Tem-se uma comunicação em que estabelece a troca narrativa, o encontro de vivências numa linguagem de aproximação de espaço, de idéias e de divergências. Trata-se também de uma dimensão estética em que a recepção faz conexão com a produção da obra, na medida em que o diálogo com esta última traz as múltiplas comunicações percorridas entre leitores e não leitores diretos da revista.

A conexão entre a revista e o leitor se fundamenta nos estudos formulados pela teoria da recepção na década de 1960, da “Escola de Constanza” na Alemanha, especialmente por Hans Robert Jauss, que debatia com os filólogos da Universidade de Constanza acerca de uma nova teoria literária orientada para a “estética da recepção e do efeito”. Em *Experiencia Estetica y Hermeneutica Literaria* (1977), Jauss desenvolve a teoria da “hermenêutica da recepção” partindo da função representativa não só da criação do autor ou de sua obra, mas ganha importância o sujeito-leitor que ressignifica o texto na interpretação comunicativa e na difusão. Traz a correspondência entre as atividades produtivas, receptivas e comunicativas. Sendo que a natureza da recepção confere a condição de sentido da produção da experiência humana em sua ação comunicativa.

A experiência estética resulta da dinâmica da intersubjetividade em comunicação, interagindo indivíduo e sociedade o que Jauss chama de “práxis estética”. Fundamenta o sentido de liberdade tanto na produção (ou no ato da criação) quanto na recepção que se manifesta sob a forma transgressora no “entorno” da relação texto-leitor. Considerando entorno como o contexto histórico onde a repercussão da comunicação ocorre.²¹⁷

A relação entre autores e leitores da *Encuentro de la Cultura Cubana*, conforme se apresenta, oferece por meio da linguagem literária e científica social a visibilidade de uma vida interposta entre os cubanos que habitam diferentes territórios que possibilita a significação de uma outra história, com outra narrativa e outra interpretação de seu cotidiano. Esta interposição de vidas projeta o sentir-se cubano nas duas dimensões inter cruzadas. O cubano que está dentro da Ilha, nas condições de impossibilidade de livre expressão, identifica-se com os anseios e a linguagem do cubano que se encontra fora pelas mesmas razões de limitação oficial da linguagem. Desse modo as identificações se permeiam pela oportunidade do trânsito da comunicação.

²¹⁷ JAUSS, Hans Robert. *Experiencia Estética y Hermenéutica Literaria – Ensayos en el campo de la experiencia estética*. Ed. Taurus. 1977. pp. 17-18

Essa correlação configura uma “experiência estética” – fazendo uma ponte com as reflexões de Jauss – que se efetiva por meio da narrativa sociológica, histórica, antropológica, literária e artística que possibilita o indivíduo reconhecer-se a si mesmo e sua história, vislumbrar uma realidade da qual não possui o controle sobre ela e busca por meio da palavra exercer algum domínio de seu cotidiano. O indivíduo encontra na experiência estética uma forma de inserção que interrompe a expressão reprimida, o silêncio imposto, e estimula o efeito “catarse”, que para Jauss “(...) echa mano de experiencias futuras y abre el abanico de formas posibles de actuación; (...)” A ação catártica seria a mudança da experiência estética na relação escritor-leitor da qual emerge uma nova leitura e escrita produtora de novas identificações simbólicas transgressoras. Segundo Jauss, o diálogo entre obra e público possibilita que as instâncias da sociedade tenham “participación activa en la formación y transformación de los significados, que es lo que hace que una obra viva historicamente”.²¹⁸

Nesse sentido o trabalho com as cartas adquire sua importância na medida em que o diálogo entre os cubanos se efetiva tendo como obra referência a revista *Encuentro de la Cultura Cubana* na produção comunicativa com os leitores, que se identificam pelo encontro narrativo, interação com suas interpretações, observações críticas e a difundem no contexto de expectativas de mudanças. Eles externam sua compreensão interessada e crítica nos temas abordados pelos colaboradores e anseiam por um canal em que o isolamento da Ilha possa ser suplantado.

Tal compreensão dos leitores corresponde ao nível de “identificação primária”, como a “admiração, emoção, o rir-se com, o chorar-se com”, abordado por Jauss numa crítica à concepção estética de Adorno. Por sua vez, Adorno qualifica de “frívola” esta forma de identificação porque é explorada pela indústria cultural e se conforma ideologicamente com os interesses do poder, portanto, a reflexão estética deve-se dar num nível além do prazer para que a autonomia lhe seja atestada. E no que toca a experiência estética em sua produção, recepção e comunicação, Jauss considera que é precisamente o “prazer” da identificação provocado pela arte ou por outra obra de criação que constitui o “objeto da reflexão estética”. O prazer tem o efeito impulsionador da identificação, da autonomia comunicativa e da recriação no entorno histórico. Valoriza, então, a “identificação primária” como condição relevante para a atuação transgressora, pois o ato de se emocionar com a obra traz a

²¹⁸ Ibidem. pp. 40 e 55

proximidade com determinadas produções de sentido que alimentam no indivíduo a ação de recriar, capaz de estabelecer relações novas com o contexto social.²¹⁹

A relevância da concepção de Jauss reside em situar o receptor, que a propósito é o leitor da revista *Encuentro de la Cultura Cubana*, como integrante da obra na função comunicativa social. O leitor não é mero espectador, mas um sujeito também autônomo junto à obra, compondo um universo de relações simbólicas interpretativas, subversivas e atuantes. É nessa perspectiva teórica que a visão dos leitores foi trazida à análise desse trabalho, porque através das cartas se vê representada nessa experiência e participa em sua identificação com a obra exposta.

A análise das cartas percorrerá um campo mais subjetivo, com uma seleção que possa oferecer discussão acerca do posicionamento do leitor perante a concepção da revista, tendo em vista que é imprecisa a abordagem quantitativa dos dados, porque oferecem poucas informações para um detalhamento objetivo do perfil do leitor, sobretudo quando não é um dos colaboradores da revista. Dados como profissão, por exemplo, não são declarados, tornando difícil definir com exatidão quem é o leitor. A origem do leitor é circunstancialmente apresentada, seus dados se restringem ao nome e à cidade onde reside. Podemos obter algumas informações quando a cidade cubana é identificada e o próprio leitor se apresenta como cubano, ou quando reside fora de Cuba, refere-se no contexto da carta como pertencente à sociedade cubana, mas nem sempre é possível precisar a origem, porque não está explicitamente colocada na totalidade das correspondências. Portanto, não foi feita sua tabulação, porque tais dados são pontualmente expressos.

Mas, a maioria dos leitores é de cubanos residentes em Cuba e no estrangeiro, contando também com uma quantidade importante de leitores de outras nacionalidades interessados pela cultura cubana como poderá ser observado pelas cartas. O que demonstra que o debate sobre a cultura cubana traz possibilidades de compreensão teórica no campo das ciências humanas não só restrita ao contexto histórico cubano, mas de estabelecer relações entre diferentes experiências culturais e políticas.

Pelo conteúdo, pela forma ou linguagem das cartas percebe-se que os leitores apresentam um perfil intelectual e acadêmico que provavelmente encontram nessa leitura a ressonância de uma experiência que se materializa no debate cultural e político sobre Cuba. Muitos colaboradores da revista também enviam cartas dialogando com um artigo ou outro como será observado. Os dados do portal *cubaencuentro.com*, citados no

²¹⁹ Ibidem. pp. 54 e 57

segundo capítulo, também confirmam o perfil dos leitores quando mencionam a distribuição da revista em Cuba aos “acadêmicos, estudantes, investigadores, economistas, historiadores, sociólogos, escritores, artistas plásticos, de teatro, cineastas, medios eclesiásticos, funcionarios estatales, etc.” Esse é um dado importante, pois deixa claro o setor social abarcado pela revista *Encuentro de la Cultura Cubana*.

4.2. TEMÁTICA DAS CARTAS

As cartas de leitores de periódicos são previamente escolhidas pelos editores que as publicam conforme as afinidades apresentadas em seu conteúdo. Desse modo a análise das cartas refletirá a seleção definida pelos colaboradores da revista. Nas cartas a *Encuentro de la Cultura Cubana* há uma variedade de temas abordados, em geral sintonizados com a concepção da revista. Mas também há cartas que levantam pontos críticos que serão mencionadas especificamente.

Neste estudo, a leitura das cartas suscitou uma seleção conforme a aproximação de conteúdos entre uma e outra. Os pontos comuns foram agrupados em diferentes temáticas que analisam as cartas tanto em bloco, conforme cada tema, quanto uma a uma quando necessário. Foram selecionados quatro itens temáticos, que trazem citações das cartas na íntegra ou trechos para que se tenha acesso ao conteúdo e escrita dos leitores, de maneira que seu sentido não seja fraturado. Este critério foi escolhido em função de que alguns pontos relevantes e coincidentes entre umas e outras traziam a curiosidade investigativa acerca da preferência do leitor ou a concentração em discutir determinados aspectos da sociedade cubana. E, sobretudo, porque traduzem o nível de sintonia de parcela dos cubanos acerca da produção cultural e das proposições políticas alternativas e reflexivas de seu país.

A freqüente citação das cartas tem o caráter metodológico de dar voz aos leitores em sua expressão a mais transparente possível, tendo em vista que o objetivo deste capítulo é compreender a participação dos leitores como sujeito dialógico da produção da revista, perceber as condições e os sujeitos da recepção dos discursos da *Encuentro de la Cultura Cubana* por meio das cartas que são o corpus documental que permitem essa análise.

As cartas foram delimitadas pelo intervalo entre os volumes 2 e 25 da revista. E os temas selecionados corresponderam, em primeiro lugar, às abordagens de como a *Encuentro de la Cultura Cubana* é recebida pelos cubanos que residem na Ilha, qual o acesso dos cubanos à publicação, tendo em vista que a revista é tratada pelo governo cubano como

dissidente e também sua recepção entre os cubanos do exílio. O segundo tema das cartas se refere ao posicionamento crítico dos leitores em relação a determinados artigos. O terceiro tema traz informações sobre o uso da revista como fonte de estudo em universidades de diversos países. E, por fim, o quarto tema trata da expectativa dos leitores diante das questões debatidas pela revista e se encontra subdividido em dois itens, identidade e a reconciliação entre os cubanos da Ilha e do exílio, por caracterizarem em conjunto as principais expectativas retratadas nas cartas.

4.2.1. COMO A REVISTA *ENCUENTRO DE LA CULTURA CUBANA* É ADQUIRIDA PELOS CUBANOS

Em geral, a revista chega a Cuba através de amigos, como transparecem as cartas, e a fazem circular entre outros conhecidos. Supõe-se que sua aquisição venha a ser por meio de viagens de amigos que chegam da Espanha, Estados Unidos, México, ou outro país até Cuba e entregam a publicação para os que residem na Ilha. A *Encuentro de la Cultura Cubana* pode ser acessada à Internet, mas as cartas não mencionam esta forma de acesso, informando se há alguma dificuldade em navegar pela Internet, em função da publicação ser considerada dissidente. Uma das formas de controle em Cuba, não só direcionado à revista, mas de um modo geral, quanto à comunicação *on line*, é a que se exerce por meio da cobrança de altas tarifas em seu uso, dificultando à maioria da população recorrer às informações através do contato virtual. Portanto, o uso da Internet em Cuba é restrito e controlado pelas autoridades do governo.

Mas, conforme os dados citados no segundo capítulo do portal *cubaencuentro.com*, em Cuba são duas mil assinaturas gratuitas que chegam aos universitários, acadêmicos de diversas áreas, à Igreja, aos funcionários estatais, ou seja, um público “formador de opinião” e “prováveis protagonistas de uma transição política”. A recepção das cartas confirma a expectativa de uma nova reflexão para o contexto atual. Quando adquirem a publicação, a reação dos leitores é de interesse em acompanhar o que se escreve sobre a cultura e a política cubana, porque se sentem sujeitos desta circunstância histórica, na qual um outro imaginário possa vislumbrar uma condição diferente para seu país.

No volume dois, uma pequena carta de Havana escrita por Orlando Márquez Hidalgo, colaborador da revista, agradece a *Encuentro de la Cultura Cubana* por ter-lhe enviado o primeiro número. Como membro da Arquidiocese de Havana, certamente ele está

incluído no conjunto de assinaturas distribuídas gratuitamente. A carta de Orlando Márquez Hidalgo reflete um diálogo entre os discursos de transição veiculados pela revista e pela Igreja Católica dentro de Cuba. Ela retrata sua identificação com o que se apresenta na revista, uma discussão sintonizada com as necessidades “con los tiempos que vivimos”:

Sirva esta para manifestarles mi agradecimiento por haberme enviado el primer número de Encuentro, una buena publicación, a tono con los tiempos que vivimos. ORLANDO MÁRQUEZ HIDALGO (La Habana. vol.2, 1996, p.185)

Na carta de Flavio Garciandía, da cidade de Monterrey no México, mesmo que não esteja explicitada sua origem, deixa claro que foi em Cuba que adquiriu a revista e por meio de amigos:

Les envío un catálogo y con él una diapositiva para que la reproduzcan en Encuentro. La revista me parece más que buena; conseguí los dos primeros números en La Habana gracias a un amigo. Sólo me gustaría que me retribuyeran enviándome aquí los próximos números, que espero sean muchos. FLÁVIO GARCIA DÍA (México. vol. 4/5, 1997, p. 254)

O leitor Wilfredo Cancio, é colaborador da revista *Encuentro de la Cultura Cubana*, foi professor da Faculdade de Comunicação da Universidade de Havana. Atualmente ele reside em Miami onde leciona na Barry University. Por residir num território estigmatizado do exílio, Cancio revela por meio de sua carta o enfrentamento à dicotomia Cuba-Miami. Como leitor, Wilfredo Cancio escreve como os artigos da revista se tornam objeto de comunicação entre os cubanos e é criada a oportunidade de que se cruze o diálogo entre os amigos desta conexão Cuba – Miami e toda a simbologia que essa relação sugere sobre as polaridades ideológicas. A referida carta nos remete à reflexão do pequeno trecho onde o leitor aponta “los amigos de Miami y La Habana”, como um dado em que a condição de amigos se sobrepõe à barreira ideológica que tem separado Cuba e Miami. E as cartas cruzadas são indícios de uma vivência histórica que resiste à estereotomia política.

La gente la remite, conversa sobre los artículos aparecidos en ella y es tema de conversación entre los amigos de Miami y La Habana en sus cartas cruzadas. WILFREDO CANCIO (Miami. vol. 4/5, 1997, p.255)

Da mesma maneira a carta de Albertina Garcia, de Havana, afirma como a leitura da *Encuentro de la Cultura Cubana* se espalha entre os cubanos em Havana, repassando-a de “mano en mano”:

Puedo asegurarles con absoluta certeza y conocimiento de causa que lo que más se ha leído en esta Habana este verano es el libro de Eliseo Alberto, *Informe contra mi mismo*, y las revistas Encuentro. Y digo “las” revistas, porque no sólo el número 3, sino los números 1 e 2 andan circulando de mano en mano, como “pan caliente”. ALBERTINA GARCÍA (La Habana. vol. 6/7, 1997, p.266)

O volume 6/7 traz uma carta também de Cuba em que o leitor se refere novamente a um amigo a forma pela qual leu a revista e ressalta sua qualidade poética e cultural na homenagem que a revista prestou a dois grandes expoentes da poesia cubana, Eliseo Diego e Gastón Baquero:

He leído, gracias a un amigo, el N° 3 de este Encontronazo poético y cultural que representa su revista. Encontrar ese pequeño homenaje a Eliseo Diego (ese grandísimo poeta nuestro) y también a Gastón —precisamente ahora—, que hace tan poco lo hemos perdido, envuelto en la nostalgia de los amigos, es sin dudas un elemento revelador, cargado de eternidad poética. La revista viene siendo como decimos los cubanos por acá: Un ajiaco con una sustancia exquisita”. GEOVANIS MANSO (Santa Clara, Cuba, vol.6/7, 1997, pg. 269)

O leitor Juan Antonio Molina, cubano residente na cidade de Pachuca, México, também mostra o impacto da recepção da revista numa carta enviada ao volume 8/9 de 1998, em que valoriza a estética material e cultural da publicação, disponibiliza sua contribuição como crítico de arte que será confirmada com a publicação de seu artigo *El espejo y la máscara. Comentarios a la fotografía cubana postrevolucionaria* no volume 11 de 1998/1999 da *Encuentro de la Cultura Cubana*. Nesse artigo questiona a relação entre imagem, história e ideologia com o problema do *espelho* e da *máscara* na fotografia cubana pós-revolucionária. Ele analisa a interferência dos interesses ideológicos no processo de criação e codificação da imagem em Cuba.²²⁰ Em sua carta anterior ao artigo, Juan Antonio Molina traduz o interesse em somar a este encontro de reflexão sobre o momento atual de seu país.

²²⁰ MOLINA, Juan Antonio. El espejo y la máscara. Comentarios a la fotografía cubana posrevolucionaria. *Revista Encuentro...* Madrid. Invierno. 1.998/1.999. Vol.11. P.59-73

Por cortesía de Eduardo Muñoz Ordoqui y Marta María Pérez Bravo han llegado a mis manos un par de números de Encuentro. La excelencia del material ahí publicado y el indudable valor que posee la revista para promover, discutir y “encontrar” nuestra cultura, me han estimulado para enviarles algo de mi trabajo como crítico de artes visuales. JUAN ANTONIO MOLINA (Pachuca, México. vol.8/9,1998 p.270)

A carta abaixo do cubano Juan José Molina, de Havana, acrescenta uma informação a respeito da idade dos leitores, que se encontra entre 20 e 70 anos, mostrando uma extensão ampla de faixa etária no interesse estético pela publicação. Apesar das autoridades cubanas obstaculizarem o acesso à revista, ela tem atingido um público com diferentes experiências durante esse período revolucionário dos anos de 1990, mas guardam em comum uma atitude de renúncia à fidelidade forçosamente real ao poder, assumindo ser Outro real nessa circunstância histórica. Os círculos de estudos clandestinos, como estão relatados na carta, sinalizam uma condição de se colocar em contradição ao poder social, abrindo um canal para que esse Outro se transforme numa instância também real e aceita pelos círculos sociais oficialmente permitidos. Eles trazem para si a responsabilidade histórica de serem esse Outro pensar e se posicionar na ordem social.

Los números nuevos de la revista se esperan con verdadera avidez. Como muchos amigos saben que la recibo, comienzan a llamarme cuando se imaginan que ya la tengo. **La edad de los lectores oscila entre los 20 y los 70 años** (no es un juego). **Los jóvenes en su mayoría, son estudiantes de la Universidad que se la leen en una noche. ¡Hasta han llegado a realizar círculos de estudio! Claro, círculos de estudio caseros, por no decir clandestinos. Los más afortunados, los que “consiguen” (¡qué nos haríamos sin esta palabrita!) un ejemplar para ellos, quieren la colección completa.** La revista nos pone al día de cosas que sucedieron hace muchos años y que debíamos haber sabido; y también nos mantiene al día de lo que está pasando ahora mismo, de los libros que se publican, los premios, las conferencias. Creo que por eso gusta tanto y se nos ha hecho imprescindible. Algún día, públicamente, se reconocerá la importancia de la revista y seguro nos llevaremos algunas sorpresas de lectores insospechados. JUAN JOSÉ MOLINA (Lawton, La Habana. vol. 10, 1998, pp. 189-90) (Grifos meus)

Por outro lado, o leitor desperta para o problema de quem consegue em Cuba adquirir a revista, e que aqueles que a obtêm, segundo observa, são os mais afortunados. A dúvida está posta: quem são os mais afortunados em Cuba? Só é possível deduzir que se trata de um círculo clandestino politicamente, organizações ou movimentos de dissidentes, e restrito do ponto de vista social, devido às dificuldades ou limitações do poder aquisitivo da sociedade cubana frente ao custo da publicação. Mas como já foi mencionado anteriormente

que a revista é distribuída gratuitamente em Cuba, tal carta lança dúvida ao mencionar “los más afortunados, los que consiguen”. Porém, Juan José Molina confirma o meio social que mais se destaca no acesso à revista, o universitário, ou intelectuais de um modo geral, no qual a produção e a difusão estéticas circulam com mais frequência no seu cotidiano. É uma constatação extraída da leitura das cartas que revelam um público possuidor de uma linguagem acadêmica com senso estético elaborado.

Outra carta, proveniente de um leitor cubano, Luis Alberto González, reafirma o interesse pela revista e também a dificuldade em conseguí-la nos dois níveis anteriormente abordados, o cerco político das autoridades cubanas e questões financeiras. Solicita informações sobre assinatura que suplantem as dificuldades mencionadas:

Recientemente un amigo me prestó un ejemplar de la revista y así tuve conocimiento de su existencia. Me pareció maravillosa, y me gustaron todos los artículos, por lo cual les hago llegar mis más sinceras felicitaciones. Quisiera saber qué puedo hacer para poder leerla todos los meses, pues de seguro, aquí está prohibida y no debe conseguirse ni en bibliotecas. Veo que incluyen un cupón para la suscripción pero, como saben, para nosotros es imposible pagar ese precio. ¿Se puede conseguir en algún lugar en pesos cubanos? ¿Dónde? LUIS ALBERTO GONZÁLEZ (Cuba. Vol.10, 1998, pp. 190-191)

A carta de Jeanette Erfuth aponta outro grupo de leitores da revista, os membros da UPEC – União de Periodistas de Cuba – entidade fundada em 1963 representante dos jornalistas cubanos. A UPEC, desde sua fundação, tem em seu regulamento o princípio de afirmar a política que move a sociedade cubana, como consta no site da Internet. A UPEC tem como um de seus objetivos contribuir “a la formación de los periodistas en las mejores tradiciones del pensamiento político cubano, y en los elevados principios patrióticos, éticos y democráticos que inspiran a la sociedad cubana.”²²¹

Mas conforme o artigo de Wilfredo Cancio Isla, *El periodismo en Cuba: otra vuelta de tuerca*, na década de 1990 a direção da UPEC apresentou uma posição crítica ao jornalismo oficialista desta entidade e aponta a necessidade de seguir um caminho autônomo. Cita o dirigente da UPEC numa entrevista: “el modelo que podemos llamar oficialista, apologético o unanimista (había agotado) sus polibilidades.”²²² É uma polêmica que não está encerrada nos círculos dessa organização, mas a existência de uma postura crítica pode ser

²²¹ UPEC – Perfil. Disponível em: www.cubaperiodistas.cu/001_sobre-la-upec/perfil.htm

²²² “En una cuerda fina y tensa”, entrevista com Julio García Luis: Juventud Rebelde, 21 oct. 1990, p. 8-9. apud ISLA, Wilfredo Cancio *El periodismo en Cuba: otra vuelta de tuerca*. **Revista Encuentro...** Madrid. 1.996. Vol.2,p.33)

confirmada pela carta de Jeanette Erfuth da cidade de Colônia da Alemanha, quando esteve em Cuba. Pela data de sua publicação isto se deu por volta do ano de 1998, quando ela presenciou a circulação da revista *Encuentro de la Cultura Cubana* dentro da UPEC e o interesse de seus integrantes quanto à leitura da revista, conforme retrata a leitora:

Estimados “aventureros”:

Ayer llegué, regresé del “pueblo de las maravillas” y hoy enseguida llené la suscripción para Encuentro. (...) en la UPEC de La Habana circula la publicación de ustedes y hay bastantes personas que entonces leen los artículos con gran interés. Fui allí y gracias a estas personas descubrí Encuentro, que ya una vez (el primer número) había caído en mis manos, pero se me había perdido de vista. Realmente considero una buena señal que fue en Cuba misma, donde volví a tener un “encuentro” con esta impresionante publicación (...) entre las pocas publicaciones serias alrededor de la actualidad cultural cubana. JEANETTE ERFUTH (Colonia, Alemanha. vol.10, 1998, p. 193)

O artista plástico cubano Rafael López Ramos faz sua apresentação na carta, menciona como conseguiu a revista, doada por um amigo de Miami, e o efeito da recepção em sua memória de militância no início dos anos de 1990, como um dos artistas que permaneceu na Ilha nesse período, porém atualmente reside no Canadá. Suas tentativas de uma mudança pacífica dentro de Cuba, ao que parece, foram frustradas, mas lhe trouxeram a compreensão da realidade social de seu país e o que isto significou para “los nacidos en los años 60”. Sua reflexão é de que esses cubanos cresceriam juntos com a Revolução e formar-se-iam no projeto de educação revolucionária. Essa geração não traria nenhum resquício ou vício da era pré-revolucionária, portanto se encontrariam num estado de pureza apropriado às pretensões de formação do homem-novo, já que teriam não só uma educação dentro dos princípios revolucionários, mas seriam beneficiados pelo contexto histórico socialista, que abrigaria as condições ao pleno desenvolvimento de uma consciência “superior”, na perspectiva do poder revolucionário. Rafael López Ramos ressalta ainda a importância da revista como “puente intercontinental” da cultura cubana “dispersa por el mundo”:

Soy un pintor y crítico de arte cubano, que participó del movimiento plástico de la Isla a finales de los 80. Cuando la mayor parte de estos artistas se fueron al exilio, por diversas razones yo permanecí en la Isla, integrándome al movimiento de oposición pacífica, a principios de los 90; breve militancia que sólo me sirvió para entender un poco más ampliamente el llamado «problema cubano», y conocer el papel que le tocó a mi generación — **los nacidos en los años 60** — en esa tragicomedia que es nuestra Historia nacional quiero reconocer la importante función de puente intercontinental

que está cumpliendo Encuentro, uniendo trimestralmente, en un solo haz, todas las ramas y lianas de nuestra Cultura dispersas por el mundo. Recibir los dos primeros números —donados por un amigo de Miami— para mí fue como ser invitado a un Oxigen Bar de la cubanía — que sigue siendo amor, según sentenció un día el profesor Grau, con su voz nasal. RAFAEL LÓPEZ RAMOS (Canadá. vol.11, 1998-99, p.192)

Na carta em seguida, o leitor cubano residente em Miami relata sua colaboração com a divulgação da revista tanto em Miami quanto em Cuba, reitera o alcance “nacional y racional” dos cubanos de diversas partes do mundo por meio da *Encuentro de la Cultura Cubana*. Desta forma o leitor assume a tarefa de contribuir em suplantar as barreiras que apresentam no acesso à revista, procurando ampliar o universo de leitores e intérpretes de seu significado social e político.

Estamos divulgando la revista por todos los medios a nuestro alcance, inclusive dentro de Cuba, y promoviendo su venta aquí, y haciendo circular nuestros números entre otros que tal vez no lo adquirirían, pero que lo divulgarán de seguro...

Una vez más quiero que sepan que la labor de la revista por establecer un encuentro nacional y racional entre todos nosotros, cubanos dentro y por todos los rincones del mundo, está avanzando, y que estamos promoviéndolo con convicción y entusiasmo.

ROBERTO JIMÉNEZ (Miami. vol.21/22, 2001 p. 298)

O conjunto das cartas apresentadas até aqui, traduz sentimento de receptividade e empatia com a revista, que se aproxima da concepção de Jauss sobre “identificação primária” no processo de recepção, como foi analisado no início desse capítulo. As cartas mencionam não apenas uma leitura particular, mas o envolvimento de sentidos entre autores e leitores que torna real e significativo sua subjetividade no atual contexto histórico de cubano.

4.2.2. CARTAS QUE POLEMIZAM COM OS ARTIGOS DA REVISTA *ENCUENTRO DE LA CULTURA CUBANA*

Neste item foram selecionadas algumas cartas que apresentam pontos de vista críticos acerca de alguns artigos que chamaram atenção entre os leitores. Esta seleção foi feita para que se possa observar a existência de outras leituras e interpretações que polemizam e trazem a postura de leitores atentos ao que se publica.

Na carta de Rolando Sánchez Mejías, poeta cubano que reside em Havana e colaborador da revista, há um conteúdo crítico relativo ao primeiro número sobre os escassos e fragmentados artigos de ficção, e alerta para que a revista se dedique mais a este gênero e se preocupe com a qualidade sem se envolver tanto nas abordagens políticas dos acontecimentos em Cuba. No entanto, ele conclui que é a única revista cubana que se pode ler na atualidade. Segue abaixo um trecho da carta:

Voy a criticar “duramente” el primer número; grosso modo: (...) no es bueno ver dispersos esos corticos y escasos poemas en la revista; (...) incorporar un veinte por ciento de ficción, **pensar que la ficción no piensa es un error, y le daría un atractivo a la revista;** no moverse tanto a favor de los últimos acontecimientos políticos alrededor de Cuba (...) Pero en general creo que es la única revista cubana legible en la actualidad. (Rolando Sánchez Mejías. La Habana. 1996. Vol.2., p.185) (Grifo meu)

Mayda Royero²²³ em sua carta no volume 2 da revista discute o artigo de Eliseo Alberto *Los años grises* que trata de uma reflexão sobre a repressão intelectual nos anos de 1970. No seu ponto de vista, a intelectualidade cubana esteve subordinada a uma estratégia ideológica socialista na América Latina, vinculada ao modelo soviético. Para Eliseo Alberto o Conselho Nacional de Cultura passou a exercer um poder de controle sobre os órgãos de imprensa escrita, rádio, televisão, educação, universidade, instituições governamentais, organizações de massa que se tornaram instrumentos de difusão e institucionalização da concepção revolucionária. Eliseo Alberto considera que os chamados burocratas da cultura lograram sua eternidade na construção de uma verdade que preservasse as conquistas da Revolução. Desta forma, a idéia de tempo na história – passado, presente e futuro – é subestimada em função do que é considerado como uma grandeza maior, a do projeto socialista que transcende o tempo histórico:

...El regreso es un movimiento física y humanamente imposible. La historia y la política tampoco vuelven las hojas...
...Por mucho que se corra, el que corra con más suerte llegará si puede al punto de partida.... En Cuba el pasado nunca acaba de pasar; nos precede, nos atrapa y nos proyecta.²²⁴

²²³ Mayda Royero é escritora e diretora de cinema, dirigiu o filme *Hello, Hemingway*. Ela é também uma das colaboradoras da *Encuentro de la Cultura Cubana* e reside em Havana.

²²⁴ ALBERTO, Eliseo. *Los años grises*. **Revista Encuentro....** Madrid.1.996. Vol. 1. p. 41

Mayda Royero em sua carta polemiza com Eliseo Alberto quando ele questiona a que presente trouxe o passado cubano revolucionário, e responde a si mesmo: “a la mierda”. A leitora rebate essa posição de Eliseo Albert no sentido de que não se deve renegar o vivido, pois o passado serve de estímulo pelo que significou de conquista e não de arrependimento. Alguns trechos da carta ilustram essa representação muito presente em Cuba, o significado da Revolução no cotidiano das pessoas, sobretudo daquelas que de alguma forma lutaram juntas pelo fim do governo de Fulgêncio Batista e posteriormente pela construção do socialismo. Elas não pretendem sentir um passado inútil ou destruído, o qual ajudou construir, porque, em parte, a identificação com o projeto revolucionário ocorre numa dimensão pessoal e subjetiva tão intensa que não é somente um passado social revolucionário que está posto em questionamento, mas é sua própria vida entregue a uma causa.

¿Volver del revés todo lo vivido, todo lo aprendido? Camino empedrado de inutilidades. (El pasado) está ahí, sempiterno, querámoslo o no. Más saludable sería que nos sirviera la experiencia de estímulo que de remordimiento....

¿Que hay que hacer otras cosas? Pues a hacerlas. ¿Que se ha cambiado de pensamiento y de modo de interpretar el mundo y la vida? Cada cual tiene su derecho. Y también a vivir donde le plazca, a criticar lo que le disguste, a alabar lo que considere digno de alabanza y a ser rojo, amarillo o magenta. ¿Pero caer en el suicidio del yo que fuimos? ¿Renegar de lo que hicimos? ¿Que En todo ese pasado que Eliseo Alberto manda a la mierda no hubo nada bello? No lo creo.

De todos modos, felicito a Eliseo Alberto por las polémicas que ha causado su provocador artículo, que ha puesto a pensar a más de uno. Ya por eso solamente vale el haberlo leído, aunque no se esté de acuerdo con el (como es mi caso). MAYDA ROYERO (La Habana. Vol. 4/5, 1997, p.252)

Na carta de Mayda Royero pode ser observado o olhar de quem permanece em Cuba e sente que sua história de vida está vinculada à história de seu país, mas nem por isso pretende ser identificada com o que há de ser superado na Revolução. Mayda Royero pondera a posição de negação do passado, referindo-se ao artigo de Eliseo Alberto, porque talvez ela possa comprometer o discurso de reconciliação e de uma transição pacífica a que os de “dentro” e os “fora” defendem. Nessa carta, Mayda Royero a conclui, num tom cortês, felicitando Eliseo Alberto por proporcionar tal polêmica que faz pensar a muitos, mesmo que ela não concorde, reiterando o espaço discursivo aberto às diferenças de pensamento.

Semelhante à crítica expressa pela carta de Mayda Royero é apresentada pelo leitor Angel W. Padilla. Para ele, o passado cubano deve se constituir em um meio para se realizar experiências futuras, sem vasculhá-lo no sentido de apontar julgamentos que

condenem seus antecessores, a culpa é um sentimento pelo qual os cubanos devem superar para se verem livres dos maniqueísmos. O leitor não faz referência a um artigo em especial, mas pressupõe uma crítica à forma em geral que o passado é tratado pelos autores da *Encuentro de la Cultura Cubana*. Por outro lado, ele inicia sua carta destacando o enlace que a revista proporciona a todos os cubanos:

La revista *Encuentro* de la cultura cubana (...) es una publicación que hace un magnífico aporte al pueblo cubano, tiene corresponsales y escritores que hacen envíos de sus trabajos desde Cuba y otras partes del mundo. Esta revista es un medio de enlace entre todos nosotros.

Encuentro de la cultura cubana ha cometido un pequeño error al tratar de auscultar procesos pretéritos. El pasado debe ser un medio de donde se deriven experiencias constructivas para el futuro. Todos nosotros tenemos un pasado dentro del contexto cubano y quien esté libre de culpas, deberá arrojar la primera piedra. (...) A nuestro pueblo no le concierne cual ha sido el pasado del escritor Lisandro Otero. A nuestro pueblo no le concierne si Lisandro ha sido un santo o un diablillo. A nuestro pueblo le concierne la senda concreta hacia su propia libertad. ANGEL W. PADILLA PINA (Puerto Rico. vol.19. 2000-2001. p. 206)

Outra polêmica é levantada pela carta de Vicente Echerri – poeta, narrador, ensaísta, colaborador da *Encuentro de la Cultura Cubana* e reside em Nova York – acerca do artigo de René Vasquez Díaz que trata da relação entre os Estados Unidos e Cuba, após a aprovação da Lei Helms-Burton pelo Congresso norte-americano em 1996, durante o governo de Bill Clinton, que fere o princípio de extraterritorialidade das Nações Unidas. Essa lei se resume em quatro pontos básicos: na manutenção do embargo econômico; na ingerência do governo norte-americano no processo de transição política em Cuba; na proteção dos direitos de propriedade dos cidadãos norte-americanos; por último, na recusa de visto aos cubanos que comercializarem propriedades norte-americanas. Para René Vasquez Díaz, em seu artigo intitulado *La extraña situación de Cuba*, a “... obsessão do governo norte-americano em derrotar Fidel Castro ata, com força cada vez maior, as mãos dos democratas cubanos”.²²⁵ Isto significa, segundo René Vasquez Díaz, que a arbitrariedade da lei citada vem reforçar os mecanismos de defesa do governo cubano e recrudesce o nacionalismo revolucionário de Fidel Castro que dificulta a transição, difundindo o temor à ameaça de invasão norte-americana. A lei Helms-Burton vem a ser para o autor um obstáculo às perspectivas de abertura política para os intelectuais que defendem uma transição democrática e se vêem

²²⁵ DÍAZ, René Vasquez. *La extraña situación de Cuba*. **Revista Encuentro...** Madrid. 1.997. Vol.6/7. p.51

mais uma vez confundidos com as tentativas de cooptação dos cubanos pelo governo dos EUA.

Para o leitor Vicente Echerre, em sua interpretação do artigo de René Vasquez Díaz, a Lei Helms-Burton não é uma ação tão somente unilateral implementada pelos EUA, mas conta com a colaboração e interesse de setores da própria sociedade cubana para uma transição na qual não sejam contempladas as forças do atual regime. Isto significa que uma saída negociada para um processo de democratização da sociedade cubana se encontra obviamente fora de perspectiva para a visão intervencionista norte-americana, como também para setores da sociedade cubana, que segundo a carta de Vicente Echerre, não pretendem uma saída com o governo castrista. A carta transcrita abaixo sugere essa polêmica e ainda caracteriza o artigo como pretensioso e anti-histórico por não considerar este elemento interno da sociedade cubana como alimentador da reação ianque. Trata-se de uma questão complexa nas relações entre Cuba e EUA que define o discurso e a prática de manutenção das relações sociais internas da Ilha. Em síntese, o governo norte-americano utiliza a propaganda antiditatorial aplicada ao regime de Fidel Castro para justificar, em prol dos valores da democracia, sua ameaça de intervenção. Por outro lado, o governo de Fidel Castro lança mão desta ameaça para defender seu regime e reforçar a política nacionalista interna de salvaguardar a Revolução.

Encuentro es un gran logro que viene a llenar muchos vacíos, ¿qué falta le hacía a la cultura cubana esta revista!, aunque, como es de esperar, uno no tiene que estar de acuerdo con todas las opiniones. El artículo de René Vásquez Díaz me parece presuntuoso y antihistórico (ya es más que sabido que la intervención norteamericana en nuestros asuntos fue una carta que nuestros próceres jugaron una y otra vez). En la actualidad, no somos pocos los que vemos en la política del gobierno norteamericano (y en particular en la ley Helms-Burton) una fuerza que el gobierno norteamericano le presta a un segmento del pueblo cubano para poder exigir asiento en la mesa de negociaciones de mañana y no dejar que la transición inevitable la articulen – y la mediaticen – los que aún mandan. Sé que en este punto no estoy de acuerdo con Jesús Díaz – también leí su trabajo “Otra pelea cubana contra los demonios” – y acaso él lleve la razón, pero ver la política norteamericana hacia Cuba como un simple plan injerencista es lo mismo que negar que la intervención de 1898 fue apoyada y celebrada en los campos de Cuba libre. VICENTE ECHERRE GUTTENBERG (Nueva York. vol. 10. 1998 p. 191)

A carta em seguida reconhece a qualidade da revista quando a situa num espaço de ser porta-voz da cubanidade. Porém, ela ressalva a importância da presença que deve haver de outras reflexões como a marxista, a exemplo da revista *Pensamento Crítico* da década de

1960, e ainda adverte sobre o pensamento “débil” pós-moderno que desemboca num campo incerto e frágil da política e deseja que ele “não domine a revista”. A carta mencionada é interessante porque aborda a questão que reflete o posicionamento da revista, a que o leitor denomina de pós-moderna, e a rechaça reivindicando a presença do pensamento marxista, da esquerda para “que o encontro seja verdadeiramente amplo.”

Están ustedes haciendo una labor de primera por Cuba. Leyendo *Encuentro* nos damos cuenta de que Cuba no es sólo un país de jineteras y caudillos, sino también, y principalmente, de personas que buscan un sentido y que lo buscan bien, con profundidad y con forma. Una sinfonía de cubanidad de primer rango que no elude la angustia, el testimonio en carne viva o la zumba denunciadora. (...) Veo que se anuncia un homenaje a Moreno Fraginals. ¡Exacto! Que el marxismo de veras también esté en la revista, que esté la izquierda europea y norteamericana, como estuvo en Pensamiento Crítico. Que el encuentro sea verdaderamente amplio. Que el pensamiento postmoderno – débil, lo confiesan – no domine la revista. Que tampoco la abrume la politología. Que no falte la alegría. RAFAEL ALMANZA (Camagüey. vol. 10, 1998, p. 189)

O leitor Benigno Nieto reconhece a importância da *Encuentro de la Cultura Cubana* e a qualifica de “plaza pública, democrática y civilizada” por simbolizar a conexão entre os cubanos dispersos em diversos cantos do planeta. Tal qualificação soa como contraponto à ausência de uma relação aberta e democrática dentro de Cuba, mas pondera sobre o desconforto que lhe causam as “cartas de elogio”. O leitor lamenta as ausências e certas presenças na revista, mas não especifica quais. Mas de todo modo ele expressa a qualidade e importância da revista, e lembra os que a criticam por se encontrarem fechados em posturas de “rencor o la sospecha”:

Los felicito, están publicando una estupenda revista. Esa «plaza pública, democrática y civilizada», ha servido de conexión a la cubanía dispersa, esa cultura desmesurada que desborda ya la Isla y vive en los rincones más apartados del planeta. En lo personal, lamento algunas ausencias significativas y me irritan ciertas presencias, y «esas cartas de elogio» me parece que ya exceden el pudor; pero aplaudo la difícil selección donde predomina lo interesante y lo excelente sobre lo anodino y lo mediocre. Hay quienes los critican; yo, cada vez menos. Excepto los cegados por el rencor o la sospecha, todos reconocen la importancia de *Encuentro*. Los felicito. BENIGNO NIETO (Miami. 2001. vol.20. p.353)

Enfim, as cartas aqui apresentadas consideram o valor da revista como aglutinadora da dispersão cubana e não deixam de apontar sua relevância neste momento histórico em que os cubanos buscam uma mudança para o país. Por outro lado, elas refletem

questões essenciais e críticas que envolvem o complexo e delicado imaginário revolucionário cubano, sobretudo quando é remetido ao passado e a sua concepção filosófica marxista-leninista, em que seus princípios não são absolutamente contestados por todo o coletivo social de forma coesa e nem defendidos de um mesmo modo. Bronislaw Baczo demonstra como o imaginário social ganhou terreno no campo discursivo das ciências humanas em suas funções múltiplas que atuam no campo social como controle político ou como de enfrentamento ao poder, ao afirmar:

Os antropólogos e os sociólogos, os historiadores e os psicólogos começaram a reconhecer, senão a descobrir, as funções múltiplas e complexas que competem ao imaginário na vida coletiva, em especial, no exercício do poder. As ciências humanas punham em destaque o fato de qualquer poder, designadamente o poder político, se rodear de representações coletivas. Para tal poder, o domínio do imaginário e do simbólico é um importante lugar estratégico.²²⁶

Uma revolução produz esperanças, mitos e imaginários em que as expectativas e aspirações populares são colocadas. A sua consolidação no tempo cria um poder simbólico que, em contrapartida, legitima o poder, sofisticando cada vez mais a manipulação política, garantindo a obediência social. As cartas acima citadas contêm polêmicas que revelam os mecanismos múltiplos sobre os quais opera o imaginário social. Melhor dizendo, não há um imaginário harmônico, mas uma diversidade de significados própria do momento de crise política e social vivida pelos cubanos.

4.2.3. A REVISTA *ENCUENTRO DE LA CULTURA CUBANA* COMO FONTE DE ESTUDO NAS UNIVERSIDADES EM DIVERSOS PAÍSES

As cartas em seguida tratam de uma experiência pela qual os leitores assumem uma prática concreta de intervenção social por meio institucional. O que significa que sua participação além de uma leitura particular da revista e de uma comunicação espontânea entre um leitor e outro, transforma-se em um diálogo mais amplo e ao mesmo tempo definido, pois a publicação se volta para um trabalho direcionado ao conhecimento em nível científico e acadêmico por várias universidades do mundo. O espaço da universidade torna-se campo fértil para problematizações discursivas. É o lugar de uma discussão articulada, com a

²²⁶ BACZO, Bronislaw. *Imaginação Social*. Enciclopédia Einaudi. Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Porto. 1996. Vol.5. p.297

finalidade elaborada para interpretações textuais, recriação da pesquisa e de trânsito entre diferentes concepções teóricas e de mundo.

O contexto político e o conhecimento da cultura cubana têm despertado a curiosidade investigativa no campo das ciências humanas em diversas universidades. Em primeiro lugar, porque sua própria situação empírica suscita a discussão teórica sobre os vínculos entre ciência histórica e teoria literária que têm possibilitado o aprofundamento da compreensão do comportamento humano em sua dimensão individual e sócio-cultural. Em segundo lugar, a relação entre poder e sociedade e também as diferentes formas políticas de pensá-la em seus embates. Em terceiro lugar, e de maneira específica, a própria publicação da revista *Encuentro de la Cultura Cubana* tem sido um elemento narrativo e factual deste momento histórico de Cuba. Narrativo porque se constitui em fonte de conhecimento da literatura cubana, de sua cultura e de uma outra maneira de conceber sua experiência revolucionária. O elemento factual se justifica pelo que a revista tem configurado de espaço real de trabalho, de vivências, de conhecimento entre os cubanos que habitam territórios diversos, a possibilidade de que diferentes experiências possam ser conectadas por meio de publicações, além de suscitar um desconforto para as autoridades cubanas.

É um fato histórico a existência da revista *Encuentro de la Cultura Cubana* como pensamento e linguagem, que não se encerram em si mesmos, mas se materializam em ação narrativa e interpretativa, estabelecem relações com diversas formas de pensar, que de um modo ou de outro tem preenchido espaços históricos com novas percepções levantadas por muitos de seus colaboradores.

O uso da revista como fonte de pesquisa em algumas universidades traduzem o interesse de uma ampla comunidade pela cultura cubana, mas fundamentalmente elucida uma possibilidade de transcendência teórica acerca das estreitas relações entre política, sociedade e cultura a que se identificam diversas áreas do conhecimento científico. Quando uma discussão transcende a especificidade de um contexto histórico, move um universo de representações que fazem a reflexão repercutir na dimensão de outras esferas históricas. Há uma tradução de experiências em outras que permite estabelecer relações teóricas entre elas. Nesse sentido, as cartas selecionadas enfocam um nível de recepção da revista caracterizada pela presença de estudos e pesquisas acadêmicas em universidades de Cuba, Estados Unidos, Guatemala, Brasil, Espanha, Alemanha, Bélgica e França.

Uma observação relevante foi feita a partir da correspondência entre duas cartas que foram escritas, respectivamente por professor e seu aluno testemunhando a incorporação da revista no currículo do Departamento de Letras da Universidade de Sorbone, Paris. O

intervalo de tempo entre as cartas, de três anos, demonstra um acompanhamento e um estudo sistemático da publicação pelo departamento. Além de ser reconhecida pelo seu conteúdo histórico e literário, a leitura das cartas revela que a revista *Encuentro de la Cultura Cubana* foi objeto de pesquisa de Mestrado desta Universidade, cujo orientador foi o diretor Claude Fell²²⁷, o autor da primeira carta. O que se destaca é a revista despertar nesta instituição o interesse em transformá-la em objeto de dissertação de mestrado.²²⁸

Considero que Encuentro de la cultura cubana ha adquirido un excelente nivel de presentación y, sobre todo, de información. El dossier dominante de cada número ofrece muy interesantes bases de discusión, a partir de una documentación siempre rigurosa y explícita. La revista goza de un equilibrio admirable en el reparto de los artículos entre historia y literatura, y aprecio particularmente el tono mesurado del conjunto. CLAUDE FELL (Montrouge, Francia. 1999. Vol. 12/13. p. 261)

Claude Fell (mi director de tesis) y yo siempre hablamos de su revista con entusiasmo. Gracia a él la revista es bibliografía obligada para los estudiantes de letras de la Sorbonne. Incluso una alumna suya esta terminando su Maestría sobre Encuentro. En Cuba muchos amigos – como Amir Valle, por ejemplo – me han localizado gracias a Encuentro. ARMANDO VALDÉS (França.. 2002. vol. 23, p.267)

As cartas abaixo demonstram a utilidade da revista para os professores de nível superior que a incluem em seus programas acadêmicos, por apresentar uma variedade de temas sobre a literatura, sociologia, economia, história e a cultura cubana. Em geral, elas destacam a qualidade lingüística, sua fonte documental e de informação sobre a história de Cuba. Elas também foram citadas em bloco porque retratam a mesma finalidade com que são utilizadas. Na seqüência, a primeira é oriunda da Universidade de Sorbone, França. A segunda provém da Faculdade de Economia e Empresa de Santiago de Compostela, Espanha. A terceira foi escrita por um docente da Universidade de Leipzig, Alemanha. E a quarta é de autoria de um professor de Minas Gerais, Brasil.

Recibir la revista y leerla de un cabo a otro es para mí un placer cada vez más intenso. En el plano profesional, representa también para mí una fuente

²²⁷ Claude Fell é professor na Universidade de Sorbone e especialista em análise de discurso sobre revistas latino-americanas. Entre suas publicações encontram-se : *Le discours culturel dans les revues latino-américaines de 1940 a 1970* (1992) e *Le discours culturel dans les revues latino-américaines de 1970 a 1990* (1996).

²²⁸ A dissertação de Mestrado foi defendida por Corinne Satler em junho de 2002, pela Universidade de Sorbone, sob a orientação do professor Claude Fell, com o título *Representación de Cuba en la Revista Encuentro de la Cultura Cubana*. Sua dissertação se estrutura sobre três temas abordados pela revista: a sociedade cubana, sua cultura e literatura.

inmejorable de información y documentación sobre cultura cubana, y me ayuda considerablemente en mi labor de investigación y docencia, ya que me permite al mismo tiempo suministrar orientaciones bibliográficas y narratológicas muy útiles a los estudiantes de Doctorado que inician un trabajo de investigación y redacción sobre cultura y literatura cubanas contemporáneas en la Sorbone. CLAUDE FELL (Mountrouge, Francia. 1999. Vol. 12/13. p. 261)

Leyendo Le Monde me encontré un reportaje sobre su revista, donde se daba cuenta de la calidad de su publicación (...) Compré su revista en un quiosco y, efectivamente, pude comprobar su calidad. En la Facultad de Económicas y Empresariales de Santiago (en la que por cierto hay una «misión cubana» de becados del PCC), donde doy clases de «Sociología General», «Sociología de la Empresa» y «Socioeconomía de los movimientos sociales», la he incluido en el programa, dentro de la información relativa a Cuba. MIGUEL CANCIO (Santiago de Compostela. España. 1998/99. Vol. 11. p. 194)

Vengo por medio de ésta a agradecerles el envío de los números de su revista, la cual no sólo es muy interesante para mí ya que informa sobre asuntos cubanos, sino que me sirve también en mis actividades docentes como catedrático de Lingüística Hispánica en la Universidad de Leipzig. EBERHARD GÄTNER (Dresden. Alemania. 2000-2001. Vol.19. p. 207)

Quiero aprovechar estas líneas para felicitarles por su gran trabajo literario. No me cabe ni la menor duda de que su revista tiene futuro como lo dice la hoja de suscripción «un presente con futuro». Su revista le brinda al lector cultura, historia, literatura, religión, en fin, información sobre una gran variedad de temas. Me gustaron todos los artículos tanto por su equilibrio lingüístico como por su carácter informativo. Todos tienen una cierta utilidad para los profesores que tengan alumnos de nivel avanzado y superior. Los alumnos siempre muestran interés por conocer la historia, la literatura y la cultura de otros pueblos y los artículos de Encuentro ilustran perfectamente lo que está aconteciendo con el pueblo cubano en este momento en todos los campos. Llevando a clase uno de estos artículos, de vez en cuando, el profesor añade cultura y variedad a sus clases. DOMINGO IGLESIAS (Minas Gerais. Brasil. 1999-2000. Vol. 15. p. 246)

Tanto a carta anterior quanto a que se segue são provenientes do território brasileiro e ilustram o pensamento desses intelectuais acerca do que se passa com a experiência socialista em Cuba. Ainda que não esteja identificada a nacionalidade de ambos os leitores, eles retratam a circunstância em que a revista é difundida e o interesse de sua narrativa sobre o imaginário dos estudantes e intelectuais brasileiros. Como afirma a leitora Idalia M. Arnais, grande parte da intelectualidade brasileira “opera com os grandes mitos e relatos da esquerda dos anos 60”. O acompanhamento da história da Revolução Cubana e o contato com outra interpretação de sua condução têm suscitado a desconstrução do discurso e da simbologia do ideal socialista cubano, como demonstra a carta:

El imaginario de los intelectuales brasileños en su gran mayoría se ha adaptado (o acomodado) a operar con los grandes mitos e relatos de la izquierda de los años sesenta, por lo que continúan leyendo el momento presente con nociones que revistas como Encuentro se están encargando de desactivar. IDALIA MOREJÓN ARNAIS (Brasil. 2002. Vol.24. p.388)

O escritor cubano Ariel Ribeaux reside na Guatemala e conforme relata na carta abaixo tem se servido do material publicado na revista para sua pesquisa sobre a imagem do negro na arte cubana, principalmente em seu aspecto social. Ele tem acesso à revista por intercâmbio de amigos que são colaboradores da publicação e ainda pode consultá-la em bibliotecas que recebem ajuda de instituições espanholas de cooperação internacional.

Soy un escritor cubano que reside actualmente en Guatemala. He seguido desde hace unos años la revista a través de esas redes de intercambio que se producen entre los escritores en Cuba y tengo además varios amigos que han publicado en ella. Algunos artículos me han servido de referencia para una investigación sobre la imagen del negro en el arte cubano, sobre todo desde el punto de vista social, pues el que más se ha abordado es el religioso. Aquí en Guatemala la he encontrado en algunas bibliotecas que llevan instituciones españolas de cooperación internacional, lo cual me ha dado mucha alegría por los espacios que Encuentro ha ido ganando. ARIEL RIBEAUX (Antigua Guatemala. 2000. Vol. 16/17. p. 252)

María Luisa Ochoa Fernández relata sua investigação sobre a narrativa do exílio cubano (atualmente já concluída e publicada sua tese de doutoramento pela Universidade de Huelva, Espanha) e aponta a importância da *Encuentro de la Cultura Cubana* como consulta para aqueles que se dedicam aos estudos cubanos.

Creo que Encuentro es de un gran valor e interés para aquellos y aquellas que nos dedicamos a los estudios cubanos. Me llamo María Luisa Ochoa Fernández y actualmente me encuentro trabajando como investigadora en el Departamento de Filología Inglesa de la Universidad de Huelva gracias a una beca de 4 años de duración del Ministerio de Educación y Cultura que me permite llevar a cabo la redacción de mi proyecto de tesis que se basa en la narrativa del exilio cubano. MARÍA LUÍSA OCHOA FERNÁNDEZ (Huelva. Espanha. 2000. Vol. 18. p. 265)

As duas últimas cartas também testemunham o uso da revista como fonte de trabalho acadêmico e tese doutoral em Nova Jersey e Madrid:

Estoy interesado en completar mi colección de revistas de Encuentro. Cada día las uso más y más para mi trabajo académico. Aparte de útiles, son deliciosas. ENRIQUE DEL RISCO (New Jersey. Vol.20. 2001. p.355)

Encuentro ha resultado ser una publicación fundamental e imprescindible para mi tesis doctoral. ANA BELÉN (Madrid. Vol. 21/22. 2001. p.299)

Pode-se concluir dessas cartas que a recepção da revista se manifesta pela referência obtida como fonte de documentação, investigação rigorosa e pesquisas publicadas sobre a sociedade e a cultura cubana por diversas instituições superiores de ensino no mundo. Isto contribui para a reflexão de novos imaginários sociais a que Baczo teoriza a partir das percepções sobre cultura e política em Cuba narrada pela revista *Encuentro de la Cultura Cubana*.

4.2.4. A EXPECTATIVA DOS LEITORES DA REVISTA *ENCUENTRO DE LA CULTURA CUBANA*

As primeiras cartas dos leitores aparecem no segundo volume da *Encuentro de la Cultura Cubana* e expressam a identificação com os objetivos da revista no lançamento de seu primeiro volume – a relação que se propõe numa perspectiva de diálogo de uma cultura que precede ao projeto ideológico e político. Percebe-se a expectativa dos leitores em que a cultura seja a referência de uma redemocratização da sociedade cubana. Algumas opiniões se diferenciam quanto ao enfoque mais político ou cultural. No entanto, prevalece o ponto comum da relação entre esses enfoques, apresentando a diversidade cultural e política em Cuba, desde os que se encontram na Ilha até os que habitam fora.

Neste item que trata da expectativa dos leitores, foram incluídos os temas em que os leitores dialogam questões sobre identidade e reconciliação entre os cubanos, por apresentarem com muita frequência nas cartas. Foram classificados assim, porque também correspondem aos temas dos artigos selecionados nesta pesquisa e fazem interligação com o conteúdo dos demais capítulos.

O leitor Willy Rasmussen da Noruega se encontrava em Cuba, quando teve acesso ao primeiro volume da revista e pôde perceber o interesse despertado entre os cubanos ao terem contato com a publicação, apesar dos rumores de proibição das autoridades sobre a circulação da revista e argumentou acerca de sua leitura:

...me parece un hito histórico en las relaciones pancubanas. (...) parece haber cumplido cabalmente con su propósito de contribuir a que la cultura cubana aparezca en su diversidad, ya que incluye temas muy variados desde el ámbito político y religioso hasta el literario y artístico, y desde varios puntos de vista (...) WILLY RASMUSSEN. (Noruega. 1996. Vol.2. p.185)

O leitor reforça a pluralidade de temas abordados pela revista, mencionando-a como um marco histórico para as “relações pancubanas”. O termo utilizado pelo leitor contém uma preocupação com a necessidade da cultura cubana suplantando as marcas de uma separação histórica e recuperar o contato entre os cubanos de todas as tendências por meio da revista, que abriga a diversidade de uma nacionalidade transcontinental. Ainda que não esteja clara a origem do leitor, apenas de onde escreve, revela sua empatia com a cultura cubana e com o que se publica sobre ela. A contribuição do leitor em mencionar a expressão “relações pancubanas” demonstra sua participação dialógica na leitura das entrelinhas do propósito da revista e traduz o sentido da presença cultural dos cubanos em diversas localidades, que se interconecta pela escrita. Ele deixa explícito o marco histórico que caracteriza a revista, a diversidade de temas e a forma de sua abordagem, segundo vários pontos de vista, tornam-se atrativas para a comunidade de leitores, principalmente para os cubanos que necessitam de um espaço diferenciado de expressão.

O leitor Aramis Machado também de Havana centra na questão da possibilidade de ter este espaço para analisar a realidade política e cultural de Cuba sobre outro ponto de vista, “sem fanatismos e parcialidades”:

Les escribo porque hace poco tuve la posibilidad de leer un ejemplar de la revista Encuentro de la cultura cubana, la que encontré muy interesante pues se analiza la situación actual de Cuba sin fanatismos ni parcializaciones... Les hablo centrando mis ideas en la única revista de este tipo que ha llegado a mis manos, que data del 97, en la que Rafael Rojas tiene un artículo llamado «Políticas invisibles»... en realidad es una lástima que muchos más cubanos de dentro no tengamos acceso a una revista tan importante e interesante como lo es ésta que nos enseña otro punto de vista acerca de la realidad y la cultura cubana. ARAMÍS MACHADO (La Habana. 1999. Vol. 12/13. p.261)

A carta seguinte reforça a cultura como veículo de possibilidade de mudança, dirigindo-se mais especificamente ao campo da literatura, com toda a diversidade de seu universo, a forma pela qual os horizontes se ampliam e podem livrar-se da imposição de uma única tendência:

No dejen de publicar la verdad, no dejen de publicar *Encuentro*, pues en vuestra revista nos llega otra literatura que nos ensancha los horizontes y nos hace libres de la tiranía de otras, tal como apuntase nuestro apóstol: "...conocer diversas literaturas es el medio mejor de libertarse de la tiranía de alguna de ellas; así como no hay manera de salvarse del riesgo de obedecer ciegamente a un sistema filosófico, sino nutrirse de todos..." DOUGLAS MIGUEL ARIAS. (Centro Penitenciario Combinado del Este, Ciudad de La Habana. 2002. Vol. 24. p. 386)

O esgotamento da experiência revolucionária cubana é exteriorizado pelo mesmo leitor citado anteriormente, Angel W. Padilla Pina de São João de Porto Rico, numa carta crítica à revista. Na carta seguinte, entretanto, ele afirma que os quarenta anos de revolução levaram duas gerações a enfrentarem o simbólico e o real da instituição do paredão. Reivindica, então, o diálogo como meio de desconstruir o entrincheiramento ideológico:

Son 40 años de revolución, de confrontación y paredón; es demasiado. Los que nacieron con la revolución son padres y algunos abuelos, es hora de que todos comencemos a dismantelar nuestras propias trincheras y comencemos a dialogar. ÁNGEL W. PADILLA PIÑA (San Juan de Puerto Rico. 1999. Vol.12/13. p.264)

A abordagem aqui introduz o sentido que os leitores esperam da revista, sua contribuição ao projeto de desconstrução da imagem de uma sociedade dividida, que se vê na condição de viver sob a determinação de uma divisão da qual sua população não é autora. A expectativa de uma reconciliação é reforçada pelos leitores pela necessidade de que as suas diferenças sejam reconhecidas e livremente circuladas em território cubano. Em seguida serão apresentadas as cartas que discutem os temas sobre identidade e reconciliação como constitutivos das expectativas entre os cubanos de fora e dentro.

4.2.4.1. A TEMÁTICA DA IDENTIDADE NAS CARTAS À REVISTA *ENCUENTRO DE LA CULTURA CUBANA*

Uma das expectativas dos leitores frequentemente expressa nas cartas é a demanda de sentido de identidade cubana em um nível de resistência à totalização do sujeito imposto pelo exclusivismo ideológico revolucionário. Ela transpõe a imagem limite que usurpa a autonomia do sujeito cultural e político. A busca dessa identidade é posta na

estratégia de um espaço discursivo em que o signo da autonomia referencia um outro sentido de cultura e política, que supere a identidade nacional como fenômeno historicamente construído. A revista *Encuentro de la Cultura Cubana* assume a visão crítica de uma identidade nacional atrelada à reinvenção da nacionalidade cubana pós-revolucionária, conforme Eric Hobsbawn discute a reinvenção da nação, já citado no terceiro capítulo. Outra contribuição nesse sentido é de Bronislaw Baczo ao analisar como um novo poder se estrutura se apoderando da imaginação social e, para isso, forja novos símbolos e rituais:

...o poder deve apoderar-se do controlo dos meios que formam e guiam a imaginação coletiva. A fim de impregnar as mentalidades com novos valores e fortalecer a sua legitimidade, o poder tem designadamente de institucionalizar um simbolismo e um ritual novos.²²⁹

Não é a identidade homogênea que se reivindica, mas a relação entre sujeitos e valores heterogêneos, pois não há identidade absoluta e auto-suficiente que possa enquadrar a totalidade do ser na imagem pretensamente única. Homi Bhabha enfatiza, em sua concepção de identidade, a importância da heterogeneidade como discurso de emancipação das construções binárias que alimentam o que ele denomina de “ontologia negativa”²³⁰ – um ser concebido em uma essência pura negadora de outra que esteja fora de sua construção. O espaço cultural, em sua visão, se abre para novas formas de identificação que perturbam a tradição e “rasuram as políticas de oposição binária.”²³¹ Em sua perspectiva pós-colonial “...a identidade cultural e a identidade política são construídas através de um processo de alteridade.”²³²

Nessa perspectiva, a escrita define a representação de uma identidade em que a cultura seja o “intervalo” entre o que fazer (ação política) e o saber (conhecimento e a arte). O reconhecimento da identidade se dá na relação das diferenças culturais, no intervalo entre as polaridades políticas, no intercruzamento dos discursos de um e de outro. Para Bhabha “dissensão, alteridade e outridade” constituem o saber político no espaço da escrita da identificação do sujeito cultural e político “ambivalente”. Ele sugere com a ambivalência uma visão mais dialógica do político, um “acontecendo” nas práticas de negociação entre os discursos antagônicos, produzida por sujeitos culturalmente híbridos e levados a uma luta

²²⁹ BACZO, Bronislaw. *Imaginação Social*. Enciclopédia Einaudi. Vol.5. Imprensa Nacional-Casa da Moeda.. Porto. 1996. p. 302

²³⁰ BHABHA, Homi. *O Local da Cultura*. Ed. UFMG. Belo Horizonte. 1998. p. 257

²³¹ Ibidem. p. 249

²³² Ibidem. p. 254

contrária às polaridades negativas. A identidade que não aliena outras perspectivas inaugura a ultrapassagem das barreiras que separam as instâncias representativas das ações e concepções sócio-políticas distintas na sociedade. E, conforme Bhabha, abre espaço para uma linguagem teórico-prática em que o princípio da “negociação” se coloque no lugar da “negação”.²³³

É nesta linha discursiva que as cartas apresentam uma busca identitária. Uma escrita dialógica entre autores e leitores que absorvem o contexto das diferenças culturais e políticas, o ponto em que estas diferenças se encontram e são narradas não numa perspectiva de “negação” dos termos que simbolizam a Ilha e o exílio, mas de “negociação”.

Em uma série de cartas dos primeiros volumes pode ser observada a linguagem representativa da necessidade de uma identificação entre os cubanos que não seja polarizada entre a história dos exilados e a história dos que vivem em Cuba.

A leitora Lourdes Jiménez relata o significado de se ler a revista em Cuba, e conforme a concepção de “identificação primária” de Jauss em que a recepção inicialmente se move pelo prazer estético e conduz a uma reflexão, na carta está implícita sua identificação pela relação entre o prazer e a reflexão possível que permeia as questões identitárias:

(...) No se pueden imaginar lo que significa leerla aquí, en Cuba, cuando ya uno piensa que nadie se ocupa en serio de lo que nos pasa. Es, no sé, como una gran felicidad, así como una cura... LOURDES JIMÉNEZ. (La Habana. 1997. Vol. 3. p. 190)

A carta acima esboça um sentimento de quebra da barreira que se interpõe entre os que estão fora da Ilha e os que estão dentro. Para a leitora cubana e residente na cidade de Havana, a *Encuentro de la Cultura Cubana* lhe proporciona identificar-se com a reflexão com a qual a revista se ocupa e a festeja por imaginar que ninguém se encarregaria de aprofundar ou torná-la uma realidade a ser seriamente discutida entre os cubanos. E, sobretudo, “leerla aquí en Cuba”, como afirma, irrompe um sentimento de quem encontra outras vozes em sua própria, de maneira que um contato com a linguagem da revista lhe possibilita identificar vivências, pensamentos que se assemelham em contextos das diferenças e em um país em que essas possibilidades são reprimidas.

A proximidade se efetiva pela semelhança encontrada nas diferenças entre quem produz e quem observa, ou quem cria o texto e quem lê, e no interior de cada um desses sujeitos, pois eles emergem de uma mesma cultura e se vêem ligados mesmo em distintas

²³³ Ibidem. pp. 46-51

histórias e lugares. Michel Foucault expressa em sua formulação sobre os sentidos da “semelhança”, que é por meio dela que “os diferentes seres se ajustam uns aos outros”.²³⁴ Foucault afirma ainda que “...pelo encadeamento da semelhança e do espaço, pela força dessa conveniência que avizinha o semelhante e assimila os próximos, o mundo constitui cadeia consigo mesmo”.²³⁵ O sentido de cadeia é o do elo que atrai os seres do passado e do presente, de lugares distantes no tempo e no espaço assegurado pelo contínuo contato que retém a semelhança. A correspondência entre as diferenças aproxima a semelhança, o ser busca o seu semelhante, porque assim encontra uma maneira de buscar-se a si mesmo, conhecer-se a si mesmo.

A cubanidade, um conceito muito utilizado pelos colaboradores da *Encuentro de la Cultura Cubana*, busca situar a identidade cultural cubana desvinculada dos paradigmas revolucionários do modelo soviético e castrista, que procuram reduzi-la numa concepção universalizadora do ser. Dessa forma, quando um poder político-cultural é unilateralmente imposto, ele impede a convivência entre as diferenças identitárias.

Essa questão é alertada pelo leitor Andrés Jorge – escritor cubano, residente na Cidade de México e colaborador da *Encuentro* – em que associa a concepção de identidade à de democracia, porque à medida que a cultura cria espaços para manifestação de sua diversidade, pressiona o campo político para que a democracia permeie as estruturas de poder. A condição inversa também amplia as possibilidades da cultura se expressar, ou seja, quando o poder democrático se institui, favorece a produção cultural. Se essa relação não se estabelece por um impedimento político, tem-se uma democracia “maltratada” e o sentido de identidade também “maltratado”, como o leitor menciona “ya tan diseminada y maltrada cubanidad”. Entretanto, a cultura se refaz na dinâmica social, cria sua própria feição, afirma sua autonomia resistindo aos entraves políticos. A expectativa do leitor traduz essa relação e vislumbra na revista uma referência para a abertura de um processo cultural e democrático. Ele aborda os intelectuais como grupo que tem despertado expectativas em torno desses objetivos:

ENCUENTRO llena un espacio importante para la ya tan diseminada y maltratada cubanidad y puede llegar a convertirse en un punto de referencia cultural y de reunión de la intelectualidad cubana y puede, en fin, hacer mucho por nuestra cultura, tanto por el grupo de intelectuales que de inicio ha logrado aglutinar a su alrededor, como por las expectativas que despierta el fin mayor que se ha trazado: abrir un espacio democrático serio a la

²³⁴ FOUCAULT, Michel. As Palavras e as Coisas. Ed. Martins Fontes. São Paulo. 2002. pp.25-26

²³⁵ Ibidem.

expresión cultural cubana. ANDRÉS JORGE. (Ciudad de México. 1996. Vol. 2. p.185)

José Kozér, poeta cubano filho de judeus, mudou-se de Cuba em 1960 para os Estados Unidos, onde ainda reside.. Um dos fundadores e colaboradores da revista, aponta também em sua carta à revista, como leitor, que a *Encuentro de la Cultura Cubana* tem contemplado o encontro em sua multiplicidade e diversidade, a necessidade que os cubanos possuem de superar a marca da “improvisação” das disputas entre a Ilha e a diáspora, vivenciada pela história do exílio cubano. Ele escreve na condição de quem está fora de Cuba, pois desde os 20 anos passou a viver afastado de sua nacionalidade e traz uma cultura cubana mesclada de judaísmo. Com toda sua trajetória de desenraizamento, ainda assim, lança a voz reivindicativa de múltiplos encontros, e nessa multiplicidade está contida a idéia de um encontro da diversidade do qual necessita a cultura cubana, e não a barreira ou a disputa entre os diversos: “Una multiplicación de encuentros es lo que necesita Cuba, y no esa improvisación de encontronazos que nos viene marcando desde hace tiempo.” JOSÉ KOZER (Nova York. 1996. vol.2. p.185)

As duas cartas que se seguem, a de Teresa D. Page e do escritor camagueyano Kevin S. Guillén, ambos no exílio, mostram sua identidade resgatada pelo contato com a literatura cubana presente na *Encuentro de la Cultura Cubana* por meio de seus interlocutores literários. Suas raízes culturais são recolocadas num patamar de ligações pessoais e sociais a que o regime político não pode manobrar indefinidamente a possibilidade de sua existência autônoma. Quando a leitora Teresa D. Page assinala nomes da literatura cubana, como Heberto Padilla, Gastón Baquero, Raul Rivero, talvez esteja reforçando o pressuposto de que a literatura, e de um modo geral a cultura, seja o trilho a ser percorrido para que a identidade cubana se torne livre da exclusividade ou do atrelamento a uma única ideologia. Na mesma dimensão o escritor Kevin S. Guillén pontua a memória das leituras de sua adolescência e que o contato com a revista lhe devolve a lembrança da proximidade com as letras cubanas. Ele acrescenta ao encontro literário o sentido vital de uma dissidência ideológica e não tanto uma dissidência política.

Al venir a España lo hice pensando en lo que se conoce por el lugar común de «volver a las raíces». Mis abuelos paternos, sevillana la una y gallego el otro, me habían despertado desde tiempo atrás la curiosidad por lo que todavía llaman en Cuba, si bien a veces irónicamente, la Madre Patria. Ahora, en Sevilla, mientras disfruto de un verdadero encuentro con lo mejor que se ha producido en cultura cubana (en el exterior y dentro de la Isla),

desconocido para mí, que salí de La Habana hace casi tres años, me doy cuenta de que el reencuentro no ha sido solamente con mis raíces españolas, sino con mi propia identidad cubana actual. Los nombres de Heberto Padilla, Gastón Baquero, Raúl Rivero y tantos otros autores que aparecen en la revista *Encuentro* me revelan otra Cuba. La que viví y no conocí, la que las ligaduras invisibles del régimen se han encargado de escamotearle a mi generación a maravilla. TERESA DOVAL PAGE (San Diego, EUA. 1999. Vol.12/13. p.262)

Soy un escritor camagüeyano que reside ahora en Cartagena de Indias. Son muchas cosas las que he reencontrado en *Encuentro*. Primero que nada recordé mi lectura adolescente de *Las iniciales de la tierra* y mi temprano deslumbramiento ante esta novela diferente en las letras cubanas, deslumbramiento que me llevó a leer toda la obra de Jesús Díaz publicada en Cuba. Me reencontré también con el Luis Manuel García que en mi adolescencia más lejana aún escandalizara a mi generación con la publicación de «El caso Sandra» en la revista *Somos Jóvenes*, la cual nos llenó a todos de perplejidad y desconfianza. Más aún me sentí contento al saber que el pintor camagüeyano Rafael Zequeira, hacía parte de la revista. Encontrar a Rafael en *Encuentro* me confirmó el signo disidente de esta publicación y no hablo de una disidencia política sino de una disidencia ideológica y en última instancia vital. *Encuentro* es algo que se ha venido formando durante mucho tiempo, mucho antes de que ustedes salieran de Cuba, porque esta revista es bálsamo de muchos desencuentros. KEVIN SEDENO GUILLEN (Cartagena de Indias, Colombia. 1999-2000. Vol.15. p. 249)

Outra carta ressalta a identidade cubana, denominada de “cubanía”, como fator de transcendência aos estreitamentos da ordem institucional imposta:

Cada número de *Encuentro* es un verdadero encuentro de nuestra cubanía. Los cubanos somos unos, los de acá y los de allá, por encima de las contradicciones políticas que rigen hoy nuestra patria, algún día será que nos estrechemos las manos todos los cubanos y digamos adiós a la dictadura y al oscurantismo que nublan el cielo de la isla. FARA A. REY. (Miami. 2000-2001. Vol.19. p. 206)

A carta em seguida aborda o discurso de uma identidade cubana mais “caribenha e internacional” contrapondo-se ao isolamento da Ilha diante da tensão entre as forças antagônicas. O leitor ao reivindicar uma identidade caribenha busca esta tradução pela proximidade cultural que Cuba possui diante do Caribe. Está se referindo a uma região cultural pautada pela ambigüidade e por uma complexa diversidade, aonde os movimentos

migratórios conduzem a uma abertura e fluidez de culturas diversas.²³⁶ Ele vislumbra a possibilidade de que essa condensação de processos culturais diversos, típica do Caribe, reflita sobre a abertura e fluidez também nas relações políticas. Essa identidade aberta para o contato com o mundo busca sua alternativa e o caminho próprio que amenize os conflitos entre a cúpula política em Cuba e a cúpula do exílio cubano e absorva mais as diferenças do que tentar reprimi-las ou ignorá-las. Conforme expressa Joan Casanovas de Barcelona:

El último número de la revista Encuentro ha quedado magnífico. La calidad de los textos es excelente. Es muy necesaria la labor que lleváis a cabo: crear canales de debate intelectual serios y bien llevados. Pienso que la revista debe encontrar la manera de impulsar más el que Cuba se sienta más caribeña e internacional, de mitigar en lo posible el etnocentrismo al que se ha visto sumergida. La cúpula del exilio cubano más intransigente ha generado muchas tensiones con las otras comunidades no WASP de la órbita estadounidense, y por lo tanto con la mayoría de las comunidades hispanas. Insistir en la línea que propongo contribuiría a diluir estas tensiones, reforzaría posicionamientos como el vuestro, que considero muy positivo. JOAN CASANOVAS. BARCELONA. (2000. Vol. 16/17. p.251)

O leitor a seguir chama atenção para a necessidade da escrita da história dos exilados, fragmentados em sua trajetória e negados em sua representação, transformaram-se na “Geração N”, referida na carta como “N” de não, o não pertencimento aos signos da identidade cubana, da pessoa deslocada de suas raízes culturais, refugiados em outros espaços históricos. O exílio impõe uma alienação histórica e geográfica que subtrai do refugiado os vínculos sociais, culturais e afetivos com sua comunidade, retira-lhe a identidade. A carta de José Badué questiona precisamente o ponto de ruptura imposto pelo exílio, o da retórica do “menos cubano” construído ao longo do processo revolucionário, como se ele representasse uma condição inferior ao cubano presente em seu território nacional, e por isso mesmo considerado “mais cubano” ou mais “legítimo” que aquele que se encontra fora, do ponto de vista oficial. Porque estar “dentro” ou estar “fora” é a referência do imaginário de fidelidade à pátria e à política nacionalista.

...hace falta que *Encuentro* le preste más atención a la generación cubana que nació o se crió en el exilio. Conocida como la “Generación Ñ”, este grupo jugó y está jugando un papel muy importante en nuestro desarrollo como pueblo. Es interesante notar que ésta fue la generación que se crió no con cuentos de hadas, sino con cuentos de Cuba. Ésta es la generación que se

²³⁶ ROJO, Antonio Benítez. La cultura cubana hacia el nuevo milenio. **Revista Encuentro**... Madrid. Primavera de 2001. Vol.20. pp. 75-79

crió con sus familias divididas, con dos idiomas, con conflictos de identidad, y queriendo un lugar que conocían sólo por los cuentos de otros. ¿Acaso estas personas son menos cubanas por ser víctimas de un ridículo y miserable proceso histórico? La historia del exilio, sea en España, Miami o Nueva York, todavía está por escribir. Ojalá que algún día se reconozca la generación que fue forzada a desarrollarse fuera de la Cuba material, pero no de la Cuba eterna. JOSÉ BADUÉ (Nueva York. 1998. Vol. 8/9. p. 270)

Uma questão essencial é abordada nas entrelinhas da carta acima, a situação do exílio presente em diversas conjunturas históricas de opressão política em que é posta a relação entre o cotidiano, os novos vínculos que se criam no território de acolhida, e a produção material e cultural destes exilados. Viver no exílio requer a duplicidade de sobreviver ao desgaste da separação e recriar a identidade aos signos de outra cultura, é recuperar a dignidade na incerteza de um lugar fora de suas raízes, de seu passado, de sua história. Edward Said em *Reflexões sobre o Exílio* aborda como os escritores buscam em suas narrativas transcender à dura realidade do exílio, e diz haver uma diferença entre produzir literatura do exílio e viver nele. A literatura ganha em produção, mas nem por isso pode se considerar beneficiada, pois se trata de refugiados que vivem objetivamente a experiência da angústia “extraterritorial” e sua escrita emerge da busca por uma respeitabilidade em uma situação que a dignidade lhe foi tirada. “Ver um poeta no exílio – ao contrário de ler a poesia do exílio – é ver as antinomias do exílio encarnadas e suportadas com uma intensidade sem par.”²³⁷

Uma outra abordagem em que a cultura seja o registro da identidade pode ser lida pelo desabafo contido na carta de Tomás González, residente nas Ilhas Canárias:

Cuando toda esta pesadilla pase, y uno pueda cagarse en la madre del presidente y que por ello no te mande a matar, entonces la Revista será como la biblioteca de una cultura rescatada. Que Dios los bendiga por combatir al depravado silencio! TOMÁS GONZÁLEZ (Islas Canarias. 2001. Vol. 20. p. 353)

A referida carta vislumbra o momento em que o “pesadelo” desse momento da história de Cuba seja superado e a revista, então, representará uma fonte de conhecimento da cultura cubana para novas gerações que poderão reconhecer que o silêncio imposto foi combatido nas linhas de sua publicação e o acentua de forma contundente: “depravado silencio”. O leitor oferece um reconhecimento antecipado ao que a revista pode vir a

²³⁷ SAID, Edward. *Reflexões sobre o Exílio e Outros Ensaios*. Ed. Companhia das Letras. São Paulo. 2.003. p.47

representar para a história de Cuba e para sua produção historiográfica, a presença de uma narrativa de um contraponto à oficialmente determinante.

A última carta selecionada para a discussão sobre identidade é simples na forma e significativa em seu conteúdo. Ressalta a proximidade entre os cubanos por meio da revista por traduzir os elementos que simbolizam a cultura popular, o seu cotidiano como “la música, el béisbol, el himno, la bandera, el tamal, el lechón asado, el arroz con frijoles o la materva” como pode ser observada:

Unas líneas para felicitarlos por el gran trabajo que realizan en mantenernos cerca a todos los cubanos a través de la Revista Encuentro de la cultura cubana.

Creo que todos debemos buscar las cosas que nos unen como pueblo, ya sea la música, el béisbol, el himno, la bandera, el tamal, el lechón asado, el arroz con frijoles o la materva.... ÁNGEL W. PADILLA PIÑA. (San Juan de Puerto Rico. 1999. vol 12/13. p.264)

Novamente o leitor Ángel W. Padilla contribui com sua intervenção, deixando claro os elementos da cultura cubana que referenciam a proximidade identitária entre seus conterrâneos, e se vêem representados por estes elementos talvez mais do que por uma tendência política. Aqui também se expressa o sentido que une os cubanos correspondendo ao significado de “cultura una”, abordado no editorial do volume 1, e de “comunidade imaginada” de Benedict Anderson, analisados no terceiro capítulo desta dissertação.

4.2.4.2. A TEMÁTICA DA RECONCILIAÇÃO NAS CARTAS À REVISTA *ENCUENTRO DE LA CULTURA CUBANA*

O tema da reconciliação se reproduz nas cartas porque tem sido uma questão histórica a ser compreendido entre os cubanos, e mais que isto, trata-se de ser colocado como saída para uma mudança o menos trágica possível dentro da frágil relação delineada entre sociedade e suas estruturas de poder. A reconciliação é o signo que norteia o discurso enunciado pelas cartas em diálogo com os artigos da revista. A ruptura com o binarismo cultural e político narrado sobre diferentes códigos – como os de “dentro” e os de “fora”, “revolucionários” e “anexionistas”, os de “cá” e os de “lá”, “amigos” e “inimigos” da nação ou da revolução, e uma infinidade de dualismos que a história pós-revolução de 1959 construiu – apresenta-se como expectativa dessa comunidade de leitores que se junta a dos

autores em torno de uma narrativa que traduza a incorporação da imagem do Outro, continuamente negada, à identidade cultural cubana em sua diversidade. Reafirma-se a relação entre as diferenças de *Um* e *Outro* para que a cultura se mova, não pela negação que cristaliza todo obscurantismo de uma visão exclusivista ou essencialista.

No volume dois a carta de Daniele Capanelli da Università di Pisa demonstra como a reconciliação entre os cubanos de “dentro” e de “fora” pode percorrer um caminho diferente que garanta a existência de uma “sociedade plural”. É importante ressaltar nessa carta a condição esboçada de um diálogo que não seja produto de centro de poder e nem promovido por entidade política ou partido político, expressa uma linha de pensamento independente que aspira uma mudança pela presença e influência do debate de idéias. O desgaste das instituições de poder tem provocado a falta de confiança de parte do pensamento cubano, como se pode perceber da expressão da leitora, que não vê saída democrática no âmbito das estruturas oficiais e, da mesma forma das organizações de cunho partidário não oficiais. A carta aponta uma reconciliação que não seja manipulada por nenhuma destas esferas de atuação política e deixa entender que, para alcançá-la, é através do restabelecimento dos direitos sociais conjugados com a justiça, sem muito aprofundar de como isto se viabilizaria:

Creo que vuestra iniciativa es digna de todo aprecio, bien ensamblada gráficamente y de contenido lo suficientemente vario como para darle libre y respetuosamente cabida en sus páginas a opiniones y posturas incluso muy distintas. Está bien que los de “dentro” y los de “fuera” tengan a su alcance un medio que, precisamente por salirse de los cauces más acostumbrados y no estar manejado por entidades políticas ni centro de poder alguno, se encuentra en condiciones, fomentando un debate serio y civilizado, de prefigurar aquella venidera “sociedad plural” a la que hacéis referencia en la introducción (...) La revista no ignora que no podrá haber paz ni verdadera reconciliación (y tampoco, con anterioridad, diálogo fructífero) sin plantearse, desde hoy, la exigencia de conjugar la convivencia y el restablecimiento de los derechos con la justicia... En fin, muy bien y adelante! DANIELE CAPANELLI (Università di Pisa. Itália 1996. vol.2. p.185)

Carmelo Mesa-Lago²³⁸ além de colaborador da *Encuentro de la Cultura Cubana*, escreveu, como leitor, uma carta no final do ano de 1996 demonstrando apreciar a revista e

²³⁸ Carmelo Mesa-Lago é destacado economista cubano com formação em Direito e reside nos Estados Unidos. Publicou vários livros sobre economia e o socialismo em Cuba : (*Revolutionary Change in Cuba*,1971; *Cuba in the 1970's*, 1974; *The Economy of Socialist Cuba: A Two-Decade Appraisal*,1981; *Cuba After the Cold War*,1993; *Breve historia económica de la Cuba socialista: Políticas, resultados, y perspectivas*,1994; *Economía y bienestar social em Cuba a comienzos Del siglo XXI*, 2003, entre outros), editou revistas como

destacou a repercussão que esta tem alcançado ao que ele denomina de “Ilha oficiosa”:

He leído el número 1 y me ha gustado mucho, además parece tener fuerte influencia como indica la reacción de la Isla oficiosa.” CARMELO MESA-LAGO (Pittsburgh. 1997. Vol. 3. p.190)

Trata-se de uma carta breve, mas que contém uma observação característica do presente contexto simbólico expresso pela “reação da Ilha oficiosa”, referindo-se à parcela da população cubana que não compartilha com a ideologia oficial e à influência que a revista proporciona neste meio, o que nos faz pensar na existência do imaginário também de uma ‘Ilha oficial’ que, por sua vez, tem uma reação contrária quanto à abordagem da revista. A carta compartilha a compreensão de uma comunicação que circula no interior de uma situação oficial adversa, em que se busca o movimento de idéias entre os leitores. É o sinal de uma resistência que se constrói no debate das idéias ao que se impôs como divisão entre a chamada “Ilha oficial” e a “Ilha oficiosa”. São denominações que retratam a imagem invertida de um real forjado para justificar a fragmentação.

Essa fragmentação entre os cubanos se instituiu pelo discurso reproduzido para alimentar a continuidade da cultura oficial revolucionária, mas que, por outro lado, o contra-discurso está presente na linha editorial, em vários artigos como também nas cartas dos leitores da *Encuentro de la Cultura Cubana*, compondo uma outra representação ou outras representações no atual contexto histórico de Cuba. É também uma questão de sobrevivência para os cubanos, assim como morar, alimentar-se, vestir-se, trabalhar, estudar, enfim, é ver o fim desta classificação que vem separando famílias, amigos, revolucionários, religiosos, profissionais ao longo de quase cinco décadas.

Cubanos em outros cantos do mundo expressam o mesmo sentimento de identificação com o espaço criado pela revista para o diálogo internacional, como relata a carta de Cristina Piza em Londres:

Uno de los sentimientos sofocantes tanto de La Habana como de Miami es el constante separatismo que hay entre cubanos y extranjeros, entre non Cuban miamians, etc... Era necesario un espacio donde se intercambiaran

Estudos Cubanos pela Universidade de Pittsburgh em Miami, da qual foi diretor do Centro de Estudos sobre América Latina. Além disso tem publicado diversos ensaios na *Encuentro de la Cultura Cubana* acerca da situação econômica, política e do sistema de seguridade social em Cuba. Ele foi secretário geral do Banco de Seguridade Social de Cuba no primeiro ano da Revolução, e no início dos anos 1960 se estabeleceu em Miami, onde reside até os dias de hoje. Carmelo Mesa-Lago recebeu homenagem da revista no volume 34/35 no início do ano de 2005.

muchas cosas, que den aire y nuevas brisas a la cultura cubana, que a veces la siento tan centrípetas. CRISTINA PIZA. (Londres. 1997. vol.4/5. p. 255)

Por meio das cartas, pode-se perceber que a *Encuentro de la Cultura Cubana* tem propiciado a discussão entre cubanos em diferentes países sobre sua realidade nacional, configurando uma rede de ramificações do intercâmbio comunicativo de sua cultura. A leitora reforça um dado na relação entre cubanos e estrangeiros, e os cubanos que não são cubano-miamenses. Esta é uma questão historicamente solidificada pelos estereótipos pós-revolucionários, em que os carimbos ‘amigos’ e ‘inimigos’ da Revolução se generalizaram e serviram às explicações sobre os retrocessos ou avanços no processo histórico de Cuba pós-59. Toda dificuldade no desenvolvimento do socialismo em Cuba se atribuía externamente ao imperialismo ianque, ao seu embargo econômico respaldado pelos setores ligados à denominada direita cubana de Miami.²³⁹ E as conquistas eram tidas como glória do modelo de socialismo construído na Ilha. Todos aqueles fora de Cuba eram considerados alinhados à direita de Miami e que, por sua vez, não se aproximavam também daqueles cubanos que não fossem declarados anti-Fidel, onde quer que estivessem. Uma divisão era instituída, a dos cubanos miamenses, considerados historicamente, desde a Revolução, os mais radicais contra Fidel Castro, e os não-miamenses, como denomina a leitora Cristina Piza. Nessa conceituação a conotação é mais política que geográfica, pois se refere àqueles que estão fora de Cuba, mas não se alinham a uma posição da tradicional direita de Miami e, por isto, a barreira em serem aceitos pelos cubanos miamenses. Isto estabeleceu uma dificuldade de comunicação entre cubanos, fora destes paradigmas pré-fixados, que impuseram o silêncio ou o medo em ser inscrito em uma destas representações. Portanto, em geral, as cartas assumem o desejo de uma outra forma com que os cubanos possam ser reconhecidos, livres de qualquer que seja o cerco fronteiriço de ideologias separatistas e sufocantes à individualidade e à cultura.

O poeta cubano Yoel Mesa Falcón em sua carta à revista enfatiza o afastamento dos fanatismos como forma de enfrentamento da sociedade cubana para superar a ruptura pós-revolucionária. Ele situa a revista como sendo o ponto possível de “resgate da totalidade da cultura cubana”, sem prejuízo de nenhuma posição. O termo totalidade da cultura utilizado pelo poeta reflete a preocupação com o divisionismo que os cubanos estão submetidos e reforça a condição de reconciliação entre um e outro, do que propriamente uma pretensão holística de seu significado teórico-cultural:

²³⁹ PÉREZ-STABLE, Marifeli. Misión cumplida: de cómo el gobierno cubano liquidó la amenaza del diálogo. *Revista Encuentro...* Madrid. Verano de 1996. Vol. 1. pp. 25-31

Soy un poeta y ensayista cubano que vive en México desde 1992. He leído algunos números de *Encuentro* y me ha parecido una publicación que necesitábamos, que llena un vacío, al dar a conocer lo que unos ocultan y lo que otros desprecian. El punto en que se sitúa la revista es el justo e imprescindible para rescatar la totalidad de la cultura cubana, y no una parte preconcebida de ella por prejuicios de uno u otro tipo. Me parece meritorio haber realizado homenajes necesarios, equidistantes de los fanatismos de uno u otro color. No con otro espíritu podemos los cubanos enfrentar el futuro. YOEL MESA FALCON (México. 1999-2000. vol.15. p. 245)

Para quem a experiência socialista representou tanto quanto o mundo capitalista foi capaz de negar a cultura, a política e a economia adversária, de como a guerra fria alimentou no mundo a idéia de sua grande cisão em blocos impermeáveis, em constantes disputas, é exigir muito que essa pessoa com tal grau de compreensão, tendo vivido na condição de negação de uma cultura pela outra, continue sustentando indefinidamente as mesmas representações em conflito. Quando o mundo, objetivamente, clama pela ruptura das fronteiras territoriais, culturais e políticas, o esquecimento da experiência fracionada se insurge buscando situações de troca e vivências históricas que se somam e não se subtraíam uma da outra. O leitor Jorge Carrigan escreve na perspectiva de uma posição aonde a arte e a cultura ocupem o lugar na representação da sociedade e sejam o “centro” da governabilidade. É um discurso que mostra que as utopias políticas e ideológicas foram frustradas e uma nova utopia se apresenta, a relevância do fator cultural como representação sobre “qualquier tendencia política”:

La llegada a mis manos, aunque con un poco de retraso, de varios de los primeros números de la revista *Encuentro* de la cultura cubana fue una gran alegría además de la confirmación de que se puede hacer una revista profunda en su contenido y que, sin embargo, su lectura sea amena, por lo cual debo comenzar felicitando a los editores. Los felicito también porque esta publicación propicia el tendido de puentes que durante mucho tiempo ha venido reclamando la cultura cubana y que en tantas ocasiones se ha visto abortado por priorizar las posiciones políticas de un extremo u otro. Pero el tendido de puentes propuesto por *Encuentro* tiene la virtud de que no desemboca en uno de los lados sino en el centro, en ese territorio en el cual gobiernan el arte y la cultura cubanas y que nos representan mejor que cualquier tendencia política. He ahí, en mi opinión, el motivo del éxito de *Encuentro*. JORGE CARRIGAN (Montreal. 1999. vol.12/13. p.262)

A posição de “centro” também é proposta pela leitora Juana Lidia González de Havana. Ela afirma não celebrar posturas agressivas ou apologéticas de qualquer que seja a

concepção, tanto do governo de Cuba, quanto de publicações que possam expressar oposição. Não está muito clara qual publicação a leitora se refere, quando menciona a crítica às apologias de algumas publicações e estações de rádio, mas coloca-se até certo ponto como princípio o caminho do “meio”, do “centro” e do “equilíbrio” para uma saída não agressiva diante do impasse político:

La revista Encuentro llegó a mis manos prácticamente por casualidad y he leído dos de sus números del año 97. En primer lugar celebro su meridiana objetividad. No soy de los que celebran al gobierno actual de Cuba, pero tampoco me gusta caer en las ingenuas apologías que a menudo realizan otras publicaciones o estaciones radiales. (...) Creo que la confrontación agresiva no conduce a parte alguna y que no hay mejor camino que el del medio, el centro, el equilibrio y la armonía entre los seres humanos... JUANA LIDIA GONZÁLEZ. (La Habana. 1998. vol. 10. p. 190)

José Rivero García de Havana apresenta em sua carta no volume 2 o desejo da democracia em seu país, onde o contexto cultural seja preponderante no posicionamento neste terreno, pois pode atuar independente das disputas ideológicas:

En este número, donde hay un sancocho apetecible, nos damos cada vez (más) cuenta de que el contexto cultural, independientemente de los perfiles ideológicos, resulta apropiado para promover lo que todos, en definitiva, deseamos: un país democratizado. JOSÉ RIVERO GARCÍA. (Havana. 1996. vol.2. p.185)

Uma outra forma de expressão do mesmo sentimento de que a cultura cubana deverá encontrar o caminho entre “los de Aquí y los de Allá” é apontado pelo leitor Ezequiel Oviedo de Cuba. Ele aborda o ponto em que as controvérsias sejam absorvidas no âmbito da “democracia”, destacada em letras maiúsculas na carta. Talvez pretenda reforçar o discurso de que a democracia passa pela absorção das razões divergentes das posições políticas e se encontra no contato entre uma e outra. Não é subtraindo uma tendência ou outra em nome de uma suposta causa maior que se estabelece uma estrutura social democrática.

Referente a la Revista, ¿qué le podré decir que no me interese? A mí me interesan «los sí», pero también, ¿y por qué no? «los no». Considero que es una forma de entendernos y sacar provecho de cada uno. Aunque aquí en los medios oficiales, la han puesto en el INDEX revolucionario, no estoy de acuerdo, porque la razón es relativa y entre el blanco y el negro existe un matiz llamado DEMOCRACIA. Por suerte, he podido conseguir otros

números de Encuentro y como es lógico, mi visión se ha ampliado, no por la sabida controversia entre los de Aquí y los de Allá, sino porque todos, todos, tenemos derecho a opinar y reflexionar de acuerdo a nuestros principios. Continúen en sus empeños, que daño no hace. Al contrario. Sólo lamento que esta revista no pueda llegar a todos. EZEQUIEL OVIEDO (Matanzas, Cuba. 1999-2000. Vol. 15. p. 247)

O leitor elucida a troca de opiniões, o aproveitamento de uma e outra numa possível relação de igualdade entre os homens. Se pensar que, do ponto de vista social, o socialismo apresentou uma experiência com desigualdades não tão avassaladoras como no mundo capitalista, porque a propriedade privada foi eliminada, é de se supor que as relações políticas transcorreriam em situações que não precisassem privilegiar uma classe em detrimento de outra, as relações de troca na esfera do poder social seriam refletidas no poder político. Mas essa mesma experiência tem mostrado que as relações políticas não se encontram organicamente presas a uma condição de classe. Não dependem somente de uma posição sócio-econômica, mas também do campo do saber, do conhecimento, do pensamento convergindo para um raio de ações e reflexões múltiplas que produzem o efeito interativo ou de pressão sobre as representações do poder político.

Dessa forma, a carta suscita a reflexão a que Claude Lefort faz em sua referência ao pensamento de Hannah Arendt sobre a questão do político, a relação entre “igualdade e visibilidade”. Esta relação concebe o poder como um espaço político que dê visibilidade a todos os homens em cena pública com suas diferenças, “na qual os homens se definem, apreendem-se reciprocamente como iguais.”²⁴⁰ As decisões são tomadas por uma troca entre iguais do ponto de vista dos direitos políticos, não iguais em termos sócio-culturais. É uma diferença significativa porque pressupõe uma igualdade que viabilize a relação democrática entre os homens, não uma igualdade que estabeleça a unilateralidade de uma única representação cultural e política. Na interpretação de Lefort sobre o pensamento de Hannah Arendt questiona o sentido unilateral com que os discursos de democracia são veiculados, e afirma o seu oposto, o que é não ser “um”, mas um “mundo comum de múltiplos: A própria existência desse espaço é a condição de aparecimento de um “mundo comum”, um mundo que não é um, mas se mostra como o mesmo, porque se encontra dado à multiplicidade de perspectivas.”²⁴¹

²⁴⁰ LEFORT, Claude. Pensando o Político. Ensaios sobre democracia, revolução e liberdade. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1991. p. 69.

²⁴¹ Ibidem. p. 70.

O discurso anti-divisionista entre os leitores é frequentemente reiterado, buscando encontrar na narrativa da *Encuentro de la Cultura Cubana* esta identificação, como testemunha de maneira contundente a carta em seguida do cubano Alberto Alvarez, residente no Canadá:

Encuentro... logra varios encuentros, pero de por sí dos ya son suficientes. El primero: aunar los creadores de la isla y el exilio, rompiendo divisiones, en un clima de tolerancia y respeto difícil de lograr —si no imposible— en los medios culturales del país que ejecutan la des-orientación de que vanguardia política e intelectual convergen en la revolución, entendiendo por ésta la política oficial y «combatiendo» lo demás. En el VI Congreso de la UNEAC que acaba de concluir, Retamar, en lectura del documento Cultura y Sociedad, expresó «La cultura... es el rostro coherente, unitario, de una sociedad». Nosotros podemos rebatir — con certeza — que, por el contrario, la cultura es el reflejo; las imágenes y la obra coherente pero siempre diversa de la sociedad, de su entorno y de su época. Las percepciones que ambos conceptos encierran son muy distintas. La nuestra enfatiza lo que la primera deja a un lado — lo diverso —. Cuba y su cultura no podrán ser comprendidas vistas bajo la monofonía, el mito de la excepcionalidad cubana en tiempo y espacio, ni mediante el enlace forzado entre patria, socialismo y líder carismático. (...) Conformando una tolerancia verdadera (con los cubanos de todas partes) que respete el más amplio pluralismo, buscando en el debate y las libres ideas la solución de la grave crisis económica, social y de valores que padece Cuba, ustedes pueden aportar mucho al desarrollo de nuestra cultura y su multiplicidad de creaciones, enfoques y reflexiones. Como ustedes han afirmado «la cultura cubana es una». Así será gústele a quien le guste. Mis sinceras felicitaciones a todo el colectivo. ALBERTO ALVAREZ. (Canadá. 2000. Vol.16/17. p. 248)

Na carta de Alberto Alvarez, o discurso anti-divisionista assinalado menciona duas concepções de cultura. A primeira refere-se à visão da vanguarda oficial, que concebe cultura como manifestação “coherente” e “unitaria” da sociedade, citando o pronunciamento de Roberto Fernández Retamar no Congresso da União Nacional de Escritores e Artistas Cubanos (UNEAC). A outra concepção lida com a idéia de cultura abordada pela revista como imagem das diferenças, em que ressalta o “diverso” como essência da concepção de cultura. Deixa clara a distinção entre cultura unitária e cultura una, sendo que a primeira segue servindo à “monofonia”, segundo o leitor, de uma ordem sem tropeços entre pátria, poder e socialismo. A segunda, a idéia de cultura una, reafirma a representação da tolerância à multiplicidade de suas abordagens, de seus enfoques criativos e de sua diversidade. Esta concepção pretende em sua definição de “una” pactuar as divisões entre a Ilha e o exílio, entre “revolucionários” e “não-revolucionários”.

5. CONCLUSÃO

A conclusão de um trabalho demanda um esforço de síntese que, em geral, as dificuldades são as primeiras a serem pensadas. Primeiro a definição do objeto que inicialmente se apresenta de um modo, e no decorrer das leituras e dos fichamentos é quase inevitável sua redefinição. Em segundo, o cuidado com a correspondência entre a hipótese e o desenvolvimento da pesquisa.

Ao deparar-me com o estudo de revista, como curiosidade na apreensão do que se poderia extrair à investigação historiográfica, sua capacidade de extensão foi se avolumando de tal modo que o entusiasmo extrapolava o próprio campo da historiografia. Dessa forma, para não penetrar em áreas como, por exemplo, da comunicação e literatura, que sem dúvida trariam grande contribuição à pesquisa, mas exigiriam um conhecimento além do que se poderia alcançar num intervalo de tempo de viabilização da pesquisa, foi preciso reencontrar-me com o objeto, num diálogo estabelecido por meio da troca entre o que o objeto ofereceria e o que seria estudado.

A primeira dificuldade foi resolvida na definição de que a revista não seria trabalhada na totalidade de seus artigos, e nem na totalidade das temáticas abordadas, ainda que estimulassem a curiosidade e o interesse em trazê-las junto à pesquisa. A pesquisa culminou no desenvolvimento do tema cultura e política que se aproxima do debate estabelecido pelos autores da *Encuentro de la Cultura Cubana* sobre uma nova relação entre Cuba e exílio, dentro da variedade de seu conteúdo e de formas de linguagem apresentadas pela publicação.

E o resultado do diálogo veio, então, da indagação: dentro do universo de temas que uma revista de envergadura acadêmica possui, qual a modalidade que tanto a fonte do objeto me interessaria e ofereceria acréscimos em termos de conhecimento particular e social; quanto aquela em que meu esforço poderia oferecer e contribuir ao objeto investigado. As leituras dos editoriais e artigos apontaram o caminho desse diálogo. Fui percebendo como se tornavam visíveis as idéias sobre o sentido histórico que a cultura vislumbra sobre o real e de como é abordada na relação com as necessidades políticas de um determinado contexto. Durante o trabalho procurei demarcar a presença de um poder discursivo dessa relação. Isto é, como a cultura em sua heterogeneidade pode ser referência de uma nova maneira de pensar o processo político também fundamentado na heterogeneidade. Esse foi o ponto essencial do

pensamento da *Encuentro de la Cultura Cubana* que procurei investigar e retratar a partir de seus editoriais, artigos e cartas.

Como a hipótese centrou na questão de que maneira a cultura e a política são tratadas pela revista *Encuentro de la Cultura Cubana*, temas afins foram sendo incorporados e se tornavam imprescindíveis na tradução de uma representação específica do pensamento cubano atual. Na correspondência entre cultura e política, envolvia a discussão em torno da concepção teórica de identidade, nação, exílio, as relações e diversidades que cada categoria desta contém, assim como as relações entre elas.

Uma constatação importante do resultado desse estudo é de que, dentro da diversidade discursiva presente na revista, há um ponto em que convergem colaboradores (por meio dos editoriais e artigos) e leitores (por meio das cartas) em direção a uma nova maneira de conduzir a política que deverá contemplar as contradições, a diversidade cultural e as contribuições dos diferentes setores da sociedade dentro e fora de Cuba. Esse ponto de convergência é o que justifica o nome dado à revista – *Encuentro de la Cultura Cubana* – que busca representar a iniciativa do diálogo entre Cuba e o exílio a partir de uma nova percepção da cultura e política. Nesse sentido, há uma coerência discursiva entre editoriais, artigos e cartas em torno dos objetivos propostos pela revista.. Contudo, as diferenças se encontram abertas no espaço da revista e são evidenciadas, sobretudo, nas análises sobre as relações de poder em Cuba, para onde a visão crítica se direciona, se é ao governo de Fidel Castro ou se é a toda a Revolução e como se deve encaminhar uma transição política.

Durante a pesquisa, fui pontuando as idéias possíveis de relação que os autores da *Encuentro de la Cultura Cubana* desenvolvem. Pude situar neste estudo o discurso específico de uma visão de quem pertence a uma cultura, mas se encontra fora do território dela, e ainda busca um meio de encontrar-se com ela. Trata-se de um discurso de quem fala em nome de sua própria situação, em nome de sua cultura, do que pretendem para seu país e o que fazem pela sua cultura fora do país.

Os colaboradores da *Encuentro de la Cultura Cubana* são sujeitos que, de um modo geral, vivenciaram o esgotamento de duas visões holísticas de mundo (o Iluminismo e o Marxismo-leninismo), transformadas em experiências de totalização social e política e colocaram-nas no âmbito de seus estudos, reflexões e questionamentos. Diante da experiência das grandes narrativas políticas milagrosas que vêm, em geral, em forma de acirrados confrontos, impondo sacrifícios sociais incalculáveis, o discurso enfático em torno das idéias de diálogo emerge como força transgressora. A exposição a sucessivos confrontos trouxe a saturação de projetos transcendentais que não traduzem as reais contradições sociais, não

contempla as diferenças nas instituições de poder. Por isso, a característica do exílio cubano dos anos de 1990, boa parte representada na revista e com toda a sua diversidade, tenha se pautado pela postura de negociação entre Cuba e exílio, bem como as diferentes representações que atuam em cada um destes territórios.

Num mundo em que as grandes utopias frustraram novas iniciativas para o cotidiano, é relevante tal abordagem que, em princípio, pode estar surgindo como mais uma utopia. A utopia da cultura, em todas as suas formas de expressão, do cotidiano popular e intelectual. Ainda que utópica, a compreensão de que as diferenças culturais possam representar um veículo de enunciação das idéias de diálogo, negociação, reconciliação, e nortear as relações políticas, esse é um campo que não pode ser desconhecido e merece ser estudado. Pois a revista, como porta-voz dessa compreensão, tem deixado seu registro historiográfico não somente para a história de Cuba, mas sua reflexão incide sobre todo um contexto internacional e concepção de mundo.

A perspectiva de reconciliação entre os cubanos da Ilha e do exílio é narrada pela *Encuentro de la Cultura Cubana*, vinculando à desconstrução dos conceitos dualistas que envolvem essa relação, entre ser revolucionário e contra-revolucionário, os de “dentro” e os de “fora”, que tanto têm asfixiado a convivência entre os cubanos. Os indícios de uma transição são explicitados nos discursos em que esses imaginários dão lugar a uma representação de proximidade da relação Cuba e exílio.

De um modo geral, a seleção dos artigos correspondeu à hipótese formulada. Mas alguns pontos inconclusos me impeliaram a continuar investigando como, por exemplo, a diversidade da narrativa do exílio cubano, mas isso demandaria um estudo extensivo a outras formas de representação além da enunciada pela revista *Encuentro de la Cultura Cubana*, o que ultrapassaria o campo delimitado desta dissertação. A curiosidade também se voltou para o conhecimento do conjunto da obra produzida por Jesús Díaz, seus filmes e livros literários produzidos em Cuba e no exílio. Por outro lado, tive que suprimir outros itens que estavam previamente incorporados à pesquisa, como por exemplo, a presença da literatura cubana na revista, a discussão sobre as minorias – mulheres, negros, homossexuais – na perspectiva da revista. Essa contradição trazia o impulso de prosseguir na pesquisa, entretanto, foi reservada para um outro momento.

Outra questão para ser enfrentada era quanto à presença da empatia pelo que a revista sugeria de leitura e conhecimento. Quando a dificuldade de distanciamento se apresentou, procurei transformar a identificação com o objeto numa tentativa modesta em fazer da pesquisa tornar visível e conhecida a concepção de mundo esboçada pelos

colaboradores da *Encuentro de la Cultura Cubana*, que foge dos paradigmas convencionais e universais que nortearam as revoluções burguesas e socialistas. Paradigmas que perseguem boa parte do imaginário da intelectualidade mundial, apoiados nos discursos da concepção de um humanismo que iguala todos os homens dentro de um sistema político, mas que omite ou nega as diferenças. Procurei, então, com esta pesquisa, contribuir para que a diversidade da sociedade cubana e suas representações enunciadas na revista *Encuentro de la Cultura Cubana*, tornassem mais conhecidas e refletidos os estereótipos dualistas.

Outro aspecto conclusivo desta dissertação é quanto à recepção da revista observada nas cartas. Podendo ser percebido quem era o leitor, por meio da linguagem apresentada, grande parte de escritores, colaboradores da revista e intelectuais que não estão diretamente vinculados à publicação da *Encuentro de la Cultura Cubana*, mas atuam como leitores, intérpretes, divulgadores e formadores de opinião.

Do ponto de vista social, a *Encuentro de la Cultura Cubana* atinge leitores conhecedores da cultura cubana que se identificam com sua produção e a acompanham curiosamente, demonstrando preocupação com os desdobramentos do futuro político de Cuba. E nesse sentido, buscam um canal de atuação da reflexão além das convenções binárias pós-revolucionárias, colocam-se como divulgadores de uma representação cultural e política independente.

Torna-se claro o desejo dos leitores por uma nova história para Cuba e, alimentados pelo conhecimento de seu contexto histórico, direcionam-se nessa perspectiva de ação: persistir na produção de uma narrativa não-dualista. Vêm na linguagem da revista não um conteúdo propagandístico de uma ou outra tendência, como manifestam inúmeras cartas, mas uma possibilidade interdisciplinar entre cultura e política, com a qual se identificam nesse momento de uma resistência ao poder de estado. A questão cultural não pode ser mais relegada a segundo plano ou atrelada à Revolução, mas ela ganha relevância ao afirmar sua independência aos discursos dicotômicos pós-revolucionários.

É precisamente com sua expressão atuante que contam os colaboradores e leitores para um processo de transição política. As expectativas de mudança passam pelo reconhecimento de que a cultura é preponderante frente às oscilações e determinismos do poder político. É por intermédio dela que se acredita que um novo cenário histórico poderá se abrir. Cultura e política não caminham separadas, mas é imprescindível a reorientação de como essa relação trilha no percurso histórico sem que o poder usurpe a independência da linguagem, da produção cultural e da criatividade das relações sociais cotidianas.

O intercâmbio de idéias aproxima autores e leitores além da textualidade para um contato onde histórias de vida se interconectam entre os territórios da Ilha e os dispersos no exílio. Esse intercâmbio produz representações históricas pela vivência de uma linguagem, pensamento e desejo de uma nova condução de suas vidas. Relembrando Koselleck, são experiências que traduzem um sentido histórico, ressaltam a condição antropológica do ser no direcionamento de novas expectativas de sua realização e auto-afirmação individual e social.

O discurso de que a cultura atue na perspectiva autônoma frente à política revolucionária ou contra-revolucionária se apresenta inovador não somente entre os cubanos, mas também para boa parte da intelectualidade estrangeira. Pois conceber uma transição rumo à democracia política contemplando representantes da cultura, em suas diferentes formas políticas de inserção e concepção da sociedade como propõe Jesús Díaz²⁴², por exemplo, revela-se um discurso aberto e negociador. Ao mesmo tempo se mostra politicamente transgressor por buscar aproximar inclusive extremos que não se aceitam durante décadas, porque são inimigos históricos, e isto, por si só, já é o bastante para que os pólos extremos se indignem contra os discursos de reconciliação.

E sua inovação se relaciona ainda à questão de que não é colocada uma transição na perspectiva de uma tendência ou força política partidária alternativa, mas por uma política coordenada pelas diferenças culturais. Isto porque a cultura em seus contatos múltiplos, pressupõe fluidez e flexibilidade nas relações sociais. Ela quebra fronteiras partidárias. O partidarismo é típico dos conflitos políticos entre grupos ideologicamente fechados, em que têm como meta final a tomada do poder, considerando, de forma narcisista, como verdade social unicamente seu próprio discurso. Pensar a política em termos de diferença, na perspectiva cultural, é conceber uma nova cultura política, em que as vozes do cotidiano sejam traduzidas em poder de decisão sobre seu curso histórico.

Por último, pode se concluir que a revista *Encuentro de la Cultura Cubana* adquiriu uma prática discursiva e expansiva na influência de sua interpretação sobre as condições históricas contemporâneas de Cuba. Conforme os leitores relatam, sua linguagem tem produzido o efeito agregador de diferentes concepções e atuações nas relações sociais dentro e fora de Cuba, numa articulação do espaço, da comunicação, da interdisciplinaridade, da intersubjetividade e da identidade reunida na simbologia *Encuentro*, representativa de um conhecimento, pensamento e inserção histórica.

²⁴² Conferir a citação de Jesús Díaz que trata dos representantes da cultura cubana responsáveis pelo futuro político do país no capítulo três desta dissertação, p. 116.

6. REFERÊNCIAS

ACKERMAN, Holly. Protesta social en la Cuba actual: los balseros de 1994. **Revista Encuentro de la Cultura Cubana**. Madrid. Invierno. 1996/1997. Vol.3.

ALBERTO, Eliseo. Los años grises. **Revista Encuentro de la Cultura Cubana**. Madrid. Verano. 1996. Vol. 1.

ALMANZA, Rafael. Exterior, representación y juego en Eliseo Diego. **Revista Encuentro de la Cultura Cubana**. Madrid. Invierno. 1996/1997. Vol.3.

ANDERSON, Benedict. Nação e Consciência Nacional. Editora Ática. São Paulo. 1989.

BACZO, Bronislaw. Imaginação Social. Enciclopédia Einaudi. Porto. Imprensa Nacional-Casa da Moeda. 1996. Vol.5.

BAQUERO, Gastón. La poesía es como un viaje. Entrevista por Efraín Rodríguez Santana. **Revista Encuentro de la Cultura Cubana**. Madrid. Otoño. 1996. Vol. 2.

_____. La cultura nacional es un lugar de encuentro. **Revista Encuentro de la Cultura Cubana**. Madrid. Verano. 1996. Vol. 1.

BHABHA, Homi K. O Local da Cultura. Tradução de M. Ávila, E.L. de Lima Reis, G.R. Gonçalves. Belo Horizonte. Editora UFMG. 2001.

BURGOS, Elizabeth. La carta que nunca te envié. **Revista Encuentro de la Cultura Cubana**. Madrid. Verano. 2002. Vol.25

CÁMARA, Madeline. Hacia una utopía de la resistencia. **Revista Encuentro de la Cultura Cubana**. Madrid. Primavera/Verano. 1997. Vol. 4/5.

CHANAN, Michael. Tomás Gutiérrez Alea: Entrevisto. Estamos perdiendo todos los valores. **Revista Encuentro de la Cultura Cubana**. Madrid. Verano de 1996. Vol. 1

CHARTIER, Roger. A História Cultural – Entre práticas e representações. Lisboa. Difel. 1988.

cubaencuentro.com. Encuentro en la Red. Diario independiente de asuntos cubanos. Financiación, totalitarismo y democracia. 2004.

DÊS, Mihály. La Isla Continental. **Revista Encuentro de la Cultura Cubana**. Madrid. Otoño. 1996. Vol.2.

DÍAZ, Jesús. Cinco años de Encuentro. **Revista Encuentro de la Cultura Cubana**. Madrid. Primavera. 2001. Vol.20

_____. El fin de otra ilusión. **Revista Encuentro de la Cultura Cubana**. Madrid. Primavera/Verano. 2000. Vol. 16/17.

_____. El lugar imposible. Jesús Díaz: ilusión y desilusión. Gustavo Guerrero. **Revista Encuentro de la Cultura Cubana**. Madrid. 2002. Vol. 25.

_____. Introducción. **Revista Encuentro de la Cultura Cubana**. Madrid. Primavera/Verano.1999. Vol.12/13.

_____. Introducción. **Revista Encuentro de la Cultura Cubana**. Madrid. Otoño. 2000. Vol.18.

_____. Otra pelea contra los demonios. **Revista Encuentro de la Cultura Cubana**. Madrid. Otoño / Invierno de 1.997. vol. 6/7

_____. Un Año de Encuentro. **Revista Encuentro de la Cultura Cubana**. Madrid. Primavera/Verano. 1997. Vol.4/5

DÍAZ, René Vaquez. La extraña situación de Cuba. **Revista Encuentro de la Cultura Cubana**. Madrid. Otoño/Invierno. 1997. Vol. 6/7.

DOMÍNGUEZ, Jorge I. ¿Comienza una transición hacia el autoritarismo en Cuba? **Revista Encuentro de la Cultura Cubana**. Madrid. Otoño/Invierno. 1997. Vol.6/7.

ECHEVARÍA, Roberto González. Fiestas Cubanas: Villaverde, Ortiz, Carpentier. **Revista Encuentro de la Cultura Cubana**. Madrid. Primavera. 2001. Vol.20.

FOUCAULT, Michel. As Palavras e as Coisas. São Paulo. Ed. Martins Fontes. 2.002.

_____. Microfísica do Poder. Ed. Graal. Rio de Janeiro. 1979

GINZBURG, Carlo. Mitos, Emblemas e Sinais: Morfologia e História. Tradução de Frederico Carotti. Companhia das Letras. São Paulo. 1989.

GLISSANT, Édouard. Poetics of Relation. Michigan. The University of Michigan Press. 1997.

_____. Traité du Tout-Monde.Poétique IV. France. Gallimard.1997.

GONZALES, Viviana Togores. Cuba: Los Efectos Sociales de la Crisis y el Ajuste conómico de los Años 90. Centro de Estudos de la Economia Cubana. Universidad de la Habana.

GRAMSCI, Antonio. Cadernos do Cárcere. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 2001

GUERERO, Gustavo. Jesús Díaz: ilusión y desilusión. **Revista Encuentro de la Cultura Cubana**. Madrid. Verano. 2002. Vol. 25.

GUEVARA, Che. Texto dirigido a Carlos Quijano, del semanario "Marcha", Montevideo, marzo de 1965. Leopoldo Zea, Editor. "Ideas en torno de Latinoamérica". Vol. I. México: UNAM, 1986. Disponível em: <http://www.fmmeduacion.com.ar>

GUIBLAN, Marc. Approche de l'oeuvre de Jesús Díaz (Cuba). Disponível em: perso.club-internet.fr

HALL, Stuart. Da Diáspora, Identidades e Mediações Culturais. Editora UFMG. Belo Horizonte. 2003

_____. A Identidade Cultural na pós-modernidade. DP&A Editora. Rio de Janeiro. 2001

HIDALGO, Orlando Márquez. Del cubano y la sociedad. **Revista Encuentro de la Cultura Cubana**. Madrid. Otoño. 1996. Vol.2.

IGLESIA-CARUNCHO, Manuel. Ensayos sobre la Sociedad Civil Cubana. **Revista Encuentro de la Cultura Cubana**. Madrid. Invierno de 1996-97. Vol.3

ISLA, Wilfredo Cancio. El periodismo en Cuba: otra vuelta de tuerca. **Revista Encuentro de la Cultura Cubana**. Madrid. Otoño. 1.996. Vol.2.

JAUSS, Hans Robert. Experiencia Estética y Hermenéutica Literaria – Ensayos en el campo de la experiencia estética . Ed. Taurus, 1977.

KAMINSK, Amy K. “The presence in Absence of Exile”. Reading the Body Politic: Feminist Criticism and Latin American Women Writers. Minncapolis: Minnesota UP, 1993.

KOSELLECK, Reinhart. Futuro pasado. Para una semántica de los tiempos históricos. Madrid. Ed. Paidós Básica.1993.

LEFORT, Claude. Pensando o Político. Ensaios sobre democracia, revolução e liberdade. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1991.

LEÓN, Francisco. La negociación de la transición. **Revista Encuentro de la Cultura Cubana**. Madrid. Otoño/Invierno. 1997. Vol.6/7.

LOYNAZ, Dulce María. Isla Entera. **Revista Encuentro de la Cultura Cubana**. Madrid. Primavera/Verano. 1997. Vol.4/5.

MARTÍNEZ, Manuel Díaz. Jesús. **Revista Encuentro de la Cultura Cubana**. Madrid. Verano. 2002. Vol. 25.

_____. La carta de los diez. **Revista Encuentro de la Cultura Cubana**. Madrid. Otoño. 1996. Vol.2.

MESA-LAGO, Carmelo. ¿Cambio de régimen o cambio en el régimen? **Revista Encuentro de la Cultura Cubana**. Madrid. Otoño/Invierno.1997. Vol. 6/7.

MOLINA, Juan Antonio. El espejo y la máscara. Comentarios a la fotografía cubana postrevolucionaria. **Revista Encuentro de la Cultura Cubana**. Madrid. Invierno. 1.998/1.999. Vol.11.

MONREAL, Pedro. Las remesas familiares en la economía cubana. **Revista Encuentro de la Cultura Cubana**. Madrid. Otoño. 1999. Vol. 14.

MONSIVAIS, Carlos. La revolución cubana: los años del consenso. **Revista Encuentro de la Cultura Cubana**. Madrid. Primavera/Verano. 2000. Vol. 16/17.

MUJAL-LEÓN, Eusebio. SAAVEDRA, Jorge. El posttotalitarismo-carismático y el cambio de régimen: Cuba en perspectiva comparada. **Revista Encuentro de la Cultura Cubana**. Madrid. Otoño/Invierno. 1997. Vol.6/7.

NUEZ, Ivan de la. El destierro de Calibán. **Revista Encuentro de la Cultura Cubana**. Madrid. Primavera/Verano. 1997. Otoño/ Invierno. Vol.4/5.

ORTEGA, Julio. Concurrencias de Jesús Díaz. **Revista Encuentro de la Cultura Cubana**. Madrid. Verano. 2002. Vol. 25.

PARANAGUÁ, Paulo Antônio. Diálogo y contemporaneidad e el cine de Jesús Díaz. **Revista Encuentro de la Cultura Cubana**. Madrid. Verano. 2002. Vol. 25.

PARANAGUÁ, Paulo Antonio. Tomás Gutiérrez Alea (1928-1996) – Tensión y Reconciliación. **Revista Encuentro de la Cultura Cubana**. Madrid. Verano de 1996. Vol. 1

PÉREZ, Ricardo Alberto; MEJÍAS, Rolando Sánchez. Carta abierta: Ser intelectual en Cuba: ficción (o realidad). **Revista Encuentro de la Cultura Cubana**. Madrid. Otoño. 1996. Vol.2.

PÉREZ-STABLE, Mariféle. La Cuba posible. **Revista Encuentro de la Cultura Cubana**. Madrid. Primavera/Verano. 1997. Vol.4/5.

QUEVEDO, Radhis Curí. Destierros y exilios interiores. **Revista Encuentro de la Cultura Cubana**. Madrid. Otoño. 1999. Vol.14.

QUINTANA, Nicolás. Cuba en su arquitectura y urbanismo. **Revista Encuentro de la Cultura Cubana**. Madrid. Otoño. 2000. Vol. 18.

_____. El gran burgués. **Revista Encuentro de la Cultura Cubana**. Madrid. Otoño. 2000. Vol. 18.

RIVERO, Raúl. Irse es un desastre. **Revista Encuentro de la Cultura Cubana**. Madrid. Invierno. 1998. Vol. 11.

ROJAS, Rafael. ¿Qué es la literatura cubana? cubaencuentro.com. Encuentro en la red- Diario independiente de asuntos cubanos. Año IV. Edición 541. Vienes, 24 enero 2003

_____. Diáspora y literatura. **Revista Encuentro de la Cultura Cubana**. Madrid. Otoño. 1999. Vol.12/13.

_____. El vicio de la pureza. Encuentro en la Red. Diario independiente de asuntos cubanos. cuba.encuentro.com. 2004

_____. In memoriam. Jesús Díaz: el intelectual redimido. 2002. Disponível em: istor.cide.edu/archivos/num

_____. Políticas Invisibles. **Revista Encuentro de la Cultura Cubana**. Madrid. Otoño/Invierno. 1997. Vol. 6/7.

ROJO, Antonio Benítez. “La cultura cubana hacia el nuevo milenio”. **Revista Encuentro de la Cultura Cubana**. Madrid. Primavera. 2001. Vol. 20

SAID, Edward. Cultura e Imperialismo. Ed. Companhia das Letras. São Paulo. 2005

_____. Reflexões sobre o Exílio e Outros Ensaios. Cia. das Letras. São Paulo. 2003.

_____. Representações do Intelectual: as Conferências Reith de 1993. Companhia das Letras. São Paulo. 2005

SANTANA, Efraín Rodrigues. Virgilio Piñera: la vida vive. **Revista Encuentro de la Cultura Cubana**. Verano. 1996. Vol. I.

_____. La primera mirada – Apuntes de un lector deslumbrado. **Revista Encuentro de la Cultura Cubana**. Madrid. Otoño. 1996. Vol.2.

SERRANO, Pío E. Cinco reflexiones sobre la realidad cubana poscastrista. **Revista Encuentro de la Cultura Cubana**. Madrid. Otoño/Invierno.1997. Vol.6/7.

SILVA-HERZOG, Jesús. “El Encuentro de Jesús Díaz cubaencuentro.com. Encuentro en la red. Diario independiente de asuntos cubanos. 2002

STAVANS, Ilan. Crónica de una amistad. **Revista Encuentro de la Cultura Cubana**. Madrid. Invierno. 2001-2002. Vol.23.

TRIANA, José. Entrevisto por Christilla Vasserot. Siempre fui y seré un exiliado. **Revista Encuentro de la Cultura Cubana**. Madrid. Primavera/Verano. 1997. Vol.4/5.

UPEC- Perfil, Disponível em: www.cubaperiodistas.cu/001_sobre-la-upec/perfil.htm

WEST, Alan. Los paradigmas perdidos: la manigua del significado. **Revista Encuentro de la Cultura Cubana**. Madrid. Primavera/Verano. 1997. Vol.4/5.

WHITE, Hayden. Meta-História. A Imaginação Histórica do Século XIX. São Paulo. 1995

YÁÑEZ-BARNUEVO, Luis. Cuba en la década de los noventa. **Revista Encuentro de la Cultura Cubana**. Madrid. Otoño/Invierno. 1997. Vol.6/7.